

OSHO

# MEU CAMINHO

O CAMINHO DAS NUVENS BRANCAS



 **icone**  
editora

3ª EDIÇÃO

# Meu Caminho:

## O Caminho das Nuvens Brancas

*Os místicos tibetanos, os mestres zen ou os dervixes sufis, eles todos têm falado sobre as nuvens brancas. As nuvens brancas têm atraído o ser interno de muitas pessoas. Parece que uma afinidade é obtida com as nuvens brancas. Faça disso uma meditação e então muitas coisas virão a você.*

*Osho escolheu o símbolo das nuvens brancas para representar a forma como se move um buscador no caminho, e este livro aborda todos os estados - tempestades, ventos, sol, chuva e arco-íris - que fazem parte do mistério da existência.*

*Uma nuvem branca não tem para onde ir. Ela se move, move-se em toda parte. Todas as dimensões pertencem a ela, todas as direções pertencem a ela. Nada é rejeitado. Tudo é, existe. Daí a chamar o meu caminho, "O Caminho das Nuvens Brancas"*

Bhagwan Shree Rajneesh

# **O Caminho das Nuvens Brancas**

Cone Editora



# Índice

<b><i>Prefácio</i></b> – Meu caminho até Rajneesh.....	9
<b><i>Primeira Manhã:</i></b> .....	14
O Caminho das Nuvens Brancas.....	14
A vida não é um problema, mas sim um mistério.....	18
Chega de Relacionamento!.....	21
Não force o Rio.....	25
<b><i>Segunda manhã</i></b> .....	28
O Mistério Além da Mente. ....	28
Individualidade é ficção.....	31
Não podemos estar em outro lugar.....	33
Você não pode perder novamente. ....	35
Que o vento o leve seja onde for.....	38
O tempo é sempre bom.....	40
<b><i>Terceira manhã</i></b> .....	43
Ser Miserável ou Estático?.....	43
O êxtase é a grande revolução.....	46
Crie o efeito e a causa virá.....	49
A energia torna qualquer coisa real.....	51
O ganso está fora!.....	53
Você não terá cabeça.....	55

<b>Quarta manhã</b> .....	58
Todas as esperanças são falsas.....	58
O sonho realidade.....	60
Você é o problema.....	63
O centro do ciclone.....	66
Meditação dinâmica.....	69
O equilíbrio é tudo.....	72
<b>Quinta manhã</b> .....	74
Abandone o ego... Já!.....	74
Basta querer.....	78
Você não é necessário.....	80
A compreensão é a chave.....	82
Ambas estão certas.....	85
Sexo: a porta para o divino.....	87
Consciência: a ponte dourada.....	90
<b>Sexta manhã</b> .....	91
Você ainda a está carregando?.....	92
Sexo é energia.....	96
A natureza e Deus encontram-se em você.....	98
A mente do velho monge.....	102
Esteja alerta!.....	104
<b>Sétima manhã</b> .....	107
O mistério do relacionamento.....	107
Vivendo aqui e agora.....	109
O que você tem a perder?.....	111
Apaixone-se!.....	114
Você é sempre responsável.....	117
O presente é suficiente.....	118
A verdade é o florescimento do silêncio.....	121

<b>Oitava manhã</b> .....	124
Só o fruto maduro pode cair.....	124
A agonia do ego.....	128
Um sonho necessário.....	131
Faça o jogo.....	133
Uma onda no oceano infinito.....	134
Seja oceânico.....	138
<b>Nona manhã</b> .....	139
Renda-se e eu farei o resto.....	139
O mestre não existe.....	141
Entrega e iluminação: a mesma porta.....	145
A lógica é suicida.....	147
Só após milhares de anos.....	150
Então estarei sorrindo continuamente.....	151
<b>Décima manhã</b> .....	153
Você é o caminho.....	153
Aquele momento de hesitação.....	155
Consciência torturada.....	159
Você não pode atacar o céu.....	161
Auxilie sem envenenar.....	163
Que pergunta.....	164
<b>Décima primeira manhã</b> .....	168
Você é o ponto de encontro.....	168
O jeito.....	171
Ame os seus inimigos.....	172
Os opostos já estão encontrando-se.....	177
Tudo parece possível.....	179
A renúncia é contra Deus.....	182
Fique aí onde você está.....	184

<b><i>Décima segunda manhã</i></b> .....	187
Em tudo o que fizer, seja total.....	187
Pare!.....	190
Leste e oeste: apenas superfícies.....	192
Este sujeito também não tem barba.....	194
Tudo o que se vê é bufonaria.....	197
O que se pode dizer a ele?.....	199
<b><i>Décima terceira manhã</i></b> .....	203
Deus está à sua procura.....	203
A mente é um distúrbio.....	205
Brinquedos de adultos.....	208
Busque e você perderá.....	210
Existe apenas uma resposta.....	212
Meu corpo pode desaparecer a qualquer momento.....	213
Homem e mulher: meditação e amor.....	214
O supremo orgasmo.....	218
<b><i>Décima quarta manhã</i></b> .....	221
Ambos são necessários.....	221
Violência em nome do amor.....	225
Aceite o outro como ele é.....	229
Não faça o mesmo com seus filhos.....	232
Belos faladores do não.....	235
Amor mais meditação: este é o meu lema.....	236
Estou criando uma síntese.....	239
<b><i>Décima quinta manhã</i></b> .....	242
Compartilhe o seu ser.....	242
O agora está além do tempo.....	244
Vida em abundância.....	247
O amor sempre compartilha.....	249
Um Saniasin é como um pássaro no céu.....	253
Inocente você se torna Deus.....	257



# Prefácio

## Meu Caminho Até Rajneesh

"Goze e Celebre!"

"Esqueça tudo o que os padres, políticos, educadores, militares e parentes lhe puseram na cabeça e seja você o que é ser religioso."

"Deus não existe, o divino existe... Dê o pulo no desconhecido e arrisque-se sempre."

De repente, encontro-me em Poona, cidade perto de Bombaim, Índia, sentado no cimento frio, num final de agosto, 1978.

Centenas de pessoas, quase todas vestidas de laranja: japoneses, alemães, ingleses, americanos... (até de Madagascar encontrei...). Silêncio quase total, pois o cuco pespontava o que aquele cara, todo de branco, barbudo e careca, sentado num pedestal, dizia. Sua voz impressionou-me: era suave e tinha uma vibração sonora diferente — vinha lá do fundo...

Cada dia me espantava mais: a demolição era terrível! O tal Rajneesh martelava em todas as direções: as religiões que perderam o contato com as suas origens místicas (levei tempo pra aceitar a palavra místico — Wilhelm Reich havia-me vacinado contra ela. A palavra deus ainda levou mais tempo a ser usada naturalmente — materialista, ateu, tinha profundo preconceito contra uma simples palavra!); os sistemas educativos que deformam, esmagam toda a naturalidade, espontaneidade da criança (e eu quase virei um robô...) enfim, todas as sociedades que esmagam o indivíduo através do medo, oculto ou aparente.

Eu estava perplexo! Era demais pra quem havia recém-saído do Brasil, onde a censura, o medo de falar claramente era o cotidiano.

Durante três dias vaguei pelo *ashram* (comuna) tenso, perdido: meu inglês era quase nenhum, ninguém que falasse espanhol pelo menos... Consegui uma pequena entrevista com Laxmi, uma hindu, pequenina, olhão, secretária geral da Fundação Rajneesh. Expliquei mais ou menos o que me levava lá — um curso chamado "consellour training", para psicoterapeutas (eu era um deles...). Ela falou-me num inglês hindu ininteligível, saí desesperado.

Parecia um complô! Ninguém me dava bola. Eu insistia sobre o curso, ficava na sala de espera, e sempre que podia perguntava por uma tal de Karuna, que era o responsável pelos cursos. Ela nunca estava à vista...

Todas as manhãs eu ia ouvir o tal Guru, pelo menos ele dizia coisas interessantes, eu concordava com a quase maioria delas (só em política eu fazia restrições...)

No terceiro dia, afinal, encontrei no bar um pintor italiano que falava espanhol. Disse-lhe sobre minhas suspeitas paranóicas. Ele apontou para o seu "*mala*" (*mala* é o colar que tem o retrato de Rajneesh): "Aqui quem decide é só ele. Escreva para ele".

Finalmente uma porta se entreabria. Escrevi em português mesmo (descobri que havia uns brasileiros lá — uma era tradutora). Quatro folhas! Anexei um retratinho, botei numa caixinha.

Enquanto esperava a resposta ia ouvindo as palestras, participando das meditações públicas: dança-sufi — um montão de gente brincando, dançando (que diabo de meditação era aquela? Sempre achei meditação babaquice, alienação, pois no Brasil os "meditadores" pareciam zumbis, mortos-vivos), de tarde deitava no cimento e ouvia uma gravação antiga do Rajneesh, depois uma outra meditação que me surpreendeu — *Nadabhrama*: senti com as mãos minha própria energia. À tardinha, outra: *Kundalini*. Esta ainda mais surpreendente: começava com o corpo todo sendo sacudido, depois dançar adoidado...

Sempre havia ouvido falar que meditar era ficar parado. (Pratiquei *Kundalini* vários meses até que um dia, por segundos, tornei-me o sacudir — sem querer, involuntariamente, todo o meu corpo tremia, parecia que eu ia sair voando...) e à noite o grupo de música. Para mim era a glória, pois sempre gostei de dançar. Também era meditação!!!

"Meditar é estar aqui-agora. Ser total. Não importa o esteja fazendo — faça-o totalmente."

Esse Rajneesh até que tem uns "saques" bons, pensei. "Assim até eu entro na onda da meditação!". E dançava adoidado. Ficava só de calção (o calor era bárbaro) e quase entrava em transe.

A resposta do Rajneesh era: faça todas as meditações e uns grupos (descobri que naquela comuna funcionavam quase 80 grupos de crescimento diferentes — mil técnicas eram utilizadas: Gestalt, Bioenergética, Psicossíntese, Psicodrama, Massagens de tudo o que era tipo, Hipnoterapia, Zen, Sufi, Gurdjieff...).

E lá fui eu pro primeiro grupo: Centering, baseado em técnicas gurdjieffianas. Muita brincadeira que me levou à seguinte conclusão: "Você tá ruim mesmo, cara!".

A seguir outro grupo: Urja (energia). A coordenadora do grupo (que escreveu um livro famoso: "Massagem Psíquica") quase não coordenava nada... Foi duramente criticada por quase todos. E ela chorava, lamentando que o Bhagwan havia sugerido que ela e o companheiro vivessem um tempo sem se ver... etc. e tal... E chorava, chorava... "Porra!" que raios de terapia e terapeuta são estes? Ora, eu paguei pra ser terapeutizado e nada acontece.

Levei umas fitas de chorinho e dançava. Terminado o grupo, fui para casa e dormi 12 horas direto.

Ah! Malandro, tá sacando? A técnica não importa, o não-fazer é uma terapia fortíssima.

E o velho dizia: "Sentar-se quieto, ficar em silêncio, a primavera chega e a grama cresce sozinha". Levei tempo pra compreender isto: o Wei Wu Wei dos taoístas — "ação através da não-ação". Não opor nenhuma resistência à vida. Fluir.

Havia conhecido os brasileiros. Um deles me dizia: "Torne-se *sannyasin*" (ou seja, discípulo do Rajneesh). Eu, hein! Velho batalhador de esquerda, marxista, ateu convicto, reichiano, etc. e tal! Andar todo de laranja, com este colar dependurado? Vade retro!

Mas, ia fazendo os grupos, dançando, observando o que se movimentava ao meu redor. Muitos jovens. Belas mulheres, homens idem. Os mais antigos sem nenhuma ruga, vinco, contração no rosto. Gente abraçando-se minutos a fio. (Estão tirando um sarro, pensava. Já

no fim de minha estadia senti o que se passava realmente, com os que ficavam perdidos no abraço: amor, êxtase, o coração querendo explodir). Cada um na sua, mas sentia-se algo diferente no ar (descobri que era simplesmente amor, energia amorosa) que ligava uns aos outros até nas plantas, pedras...

Agora estou no grupo Intensive Enlightenment (Iluminação Intensiva). Loucura total: 18 horas de trabalho! Você escolhe um parceiro, sentam-se um em frente ao outro e ele pergunta: "Quem é você?" E lá vem coisa: sou isto, aquilo, etc., etc.... Depois troca e repete, e troca... repete. Troca-se de parceiro e repete, repete... Lá pelas tantas...

"Sei lá quem sou eu? Quero ir embora!". No segundo dia descobri que a vida era um jogo, uma brincadeira. Pra que se aporrinhar? Tou aqui pra ser feliz e felicidade é incompatível com seriedade, tensão, preocupação (em 1981, em Florianópolis, alguém me perguntou, após eu ter falado sobre esta visão das coisas: "O que é que você acha que é ser alienado?" Senti logo a barra e soltei meus antigos conhecimentos marxistas-hegelianos sobre o conceito de alienação... e terminei dizendo: "Quem vive em função de conceitos é alienado". Quer dizer: você pra não ser considerado alienado vive se policiando — já se alienou...).

No dia seguinte, ao fazer a meditação dinâmica (outra invenção do Rajneesh pros loucos inconscientes ficarem conscientes de sua loucura. Equivale a um grupo de ginástica respiratória, um grupo de Gestalt, um grupo de bioenergética, um grupo de meditação, e uma discoteca da pesada). Na fase da meditação (você fica totalmente imóvel — menos a mente é claro...) pensei: ora se a vida é uma brincadeira, um jogo, porque você tá levando a sério ser ou não ser *sannyasin*?

Xeque Mate!

Esse Bhagwan é mesmo das arábias!

O suor corria pelo meu corpo, enquanto pensava (o suor não era frio, não era devido ao esforço da meditação dinâmica...): "Por que não brincar de ser *sannyasin*"? Você é livre ou não? Pendura este *mala* e se não gostar, joga fora!

Saí dali fui direto: "Quero ser *sannyasin*" (era dia do meu aniversário).

Dois dias depois, Aron Abend começou a morrer e Sw Deva Prashanto a nascer.

Foi assim: sentei-me diante dele. Disse-me "Feche os olhos e ouça o cuco cantar... Abra os olhos." Mirei-o: seus olhos estavam quase me tocando fisicamente. Pôs o polegar entre as sobrancelhas e me pôs o *mala*. "Seu novo nome: Swami Deva Prashanto..."

Eu quase não pude ouvir nada, uma luz amarelada envolvia o seu rosto. "Ser *sannyasin* é renascer."

A partir daí muita coisa mudou e estou de *mala* até hoje...

O que aconteceu? O que está acontecendo? Só experimentando. Dizer não dá pra entender.

Últimas palavras: "Não acredite em nada do que este velho louco diz aqui neste livro..."

Experimente tudo você mesmo. Acho até que você nem devia acreditar que ele existe só porque este livro existe...

Se puder e quiser procure-o, de qualquer maneira, onde for...

... e quando o encontrar, aí você saberá porque todas as palavras são inúteis...

***Sw Deva Prashanto***

---

**Primeira manhã**  
10 de maio de 1974.

---

## O Caminho das Nuvens Brancas.

**Bhagwan,**

**Por que o seu caminho é chamado de "O Caminho das Nuvens Brancas"?**

**P**ouco antes de Buda morrer, alguém lhe perguntou: Quando um Buda morre, para onde vai? Ele sobrevive ou simplesmente desaparece no nada? Esta pergunta não é nova; é uma das mais antigas; muitas e muitas vezes repetida. Dizem que Buda respondeu: É exatamente como uma nuvem branca desaparecendo...

Justamente nesta manhã havia nuvens brancas no céu. Agora elas não estão mais lá. Para onde foram? De onde vieram? Como surgiram, e como se dissolveram novamente?

A nuvem branca é um mistério, o vir, o ir, o próprio ser dela.

Esta é a primeira razão pela qual chamo o meu caminho de "O Caminho das Nuvens Brancas". Mas existem outras razões e é bom ponderar, meditar sobre elas.

Uma nuvem branca existe sem nenhuma raiz — é um fenômeno desenraizado, sem qualquer retenção, ou retido no nada. Mas ainda assim existente.

A existência inteira é como uma nuvem branca — sem qualquer raiz, sem qualquer causalidade, sem qualquer causa última — ela existe. Existe como um mistério.

Na realidade, uma nuvem branca não tem nenhum caminho próprio. Vagueia. Não tem aonde chegar, não tem objetivo, não tem destino a ser cumprido, não tem fim. Você não pode deixar uma nuvem branca frustrada, porque onde quer que ela chegue, é a meta.

Se você tem uma meta, está destinado a ficar frustrado. Quanto mais a mente é orientada para uma meta, mais angústia, ansiedade e frustração possui — porque quando você tem uma meta começa a se mover com um objetivo fixo.

E a existência inteira existe sem qualquer destino. O todo não está indo para lugar algum; não possui nenhuma meta, nenhuma finalidade.

Se você tem uma finalidade, está indo contra o todo — lembre-se disto — você ficará frustrado. É impossível vencer o todo. Sua existência é tão frágil — você não pode lutar, não pode conquistar. É impossível conceber um indivíduo sozinho conquistando o todo. Se o todo não tem finalidade e você tem, você acaba sendo derrotado.

Uma nuvem branca deixa-se levar para onde quer que o vento a dirija — não resiste, não luta. Uma nuvem branca não é um conquistador, e mesmo assim flutua acima de tudo. Você não pode conquistá-la, não pode vencê-la. Ela não tem nenhuma mente para ser conquistada — eis porque não se pode derrotá-la.

Quando você está fixado numa meta, propósito, destino ou significado, quando adquire essa loucura de chegar a algum lugar, os problemas começam a surgir. E você acaba sendo derrotado — isto é certo. Sua derrota está na própria natureza da existência.

Uma nuvem branca não tem para onde ir. Movimenta-se, vai para todos os lugares. Todas as dimensões lhe pertencem, todas as direções lhe pertencem. Não rejeita nada. Tudo é, existe, em total aceitação.

Por isto, chamo o meu caminho de "O Caminho das Nuvens Brancas".

As nuvens brancas não têm caminho próprio — vagueiam. Caminho significa chegar a algum lugar. "O Caminho das Nuvens Brancas" é um caminho sem caminho, uma trilha sem trilha. Movimentando-se, mas sem uma mente fixa — movimentando-se sem a mente.

Isto tem de ser compreendido, porque objetivo é sinônimo de mente. Eis porque você não pode conceber uma vida sem objetivo; a mente não pode existir sem objetivo.

E as pessoas são tão absurdas — elas ainda vêm a mim e perguntam: qual a finalidade da meditação? A meditação não pode ter nenhuma finalidade, porque a meditação é basicamente um estado de não-mente — no qual você está, mas não vai a lugar algum; no qual simplesmente estar, ser, é a meta.

A meta está aqui e agora. Quando a meta está em algum outro lugar, a mente inicia sua jornada. A mente começa a pensar, inicia um processo. Se o futuro existe, então a mente pode fluir, pode ter seu curso, tem espaço para mover-se. Com o objetivo vem o futuro, e com o futuro vem o tempo.

Uma nuvem branca flutua no céu, atemporal — porque não há futuro nem mente para ela. Ela está aqui e agora. Cada momento é uma eternidade total.

Mas a mente não pode existir sem finalidade, assim, ela continua criando propósitos. Se os propósitos chamados de mundanos são perdidos, ela cria propósitos religiosos, propósitos extraterrenos. Se o dinheiro tornou-se inútil, então meditar passa a ser muito útil. Se o chamado mundo das competições, da política, tornou-se sem sentido, então um mundo de religião, de realização, com uma nova competição, torna-se significativo. A mente sempre almeja algum significado, algum propósito.

E para mim, apenas uma mente sem propósitos é religiosa. Mas então a mente já não é mais uma mente. Pense em si mesmo como uma nuvem branca, sem nenhuma mente.

No Tibé, os monges meditam — sentados nas colinas, solitários, absolutamente sós, meditam sobre as nuvens brancas perambulando pelo



céu, contemplam-nas continuamente, e pouco a pouco são incorporados, tornam-se nuvens brancas — ficam empoleirados nas colinas como uma nuvem branca. Sem mente, apenas existindo. Sem resistência, sem luta, sem nada para ser alcançado nem para ser perdido. Apenas sentindo o prazer do existir, celebrando o momento — o gozo, o êxtase do existir.

Por isto, chamo o meu caminho de "O Caminho das Nuvens Brancas". Gostaria que vocês também se tornassem nuvens brancas, vagueando pelo céu. Eu digo vagueando, não caminhando, não dirigindo-se para um ponto — apenas vagueando para onde quer que o vento os leve.

Esteja onde estiver, esse lugar é a meta. A meta não é algo que termina em algum ponto, um fim de linha. A meta é o próprio momento.

Aqui, para mim, você é um *siddha*, um ser iluminado. Aqui, você já se realizou. Aqui já é tão perfeito quanto pode ser, é como um Buda, um Mahavir, ou um Krishna. Não tem mais nada para alcançar. Neste exato momento, tudo está presente — apenas você não percebe.

E você não percebe porque sua mente está no futuro. Não está aqui. Você não está consciente do que está lhe acontecendo neste exato momento.

E tem sido sempre assim. Por milhões e milhões de vidas tem sido assim. Você tem sido um Buda o tempo todo. Nem por um único momento isto foi perdido. Isto não pode ser perdido — porque é assim que a natureza, as coisas são. É impossível perder isso!

Mas você não percebe e não pode perceber porque sua meta está em algum outro lugar, em algo que tem de ser conseguido. Assim, cria uma barreira e perde o que já é.

Uma vez que esse estado é revelado, uma vez que é compreendido, uma vez que você se torna consciente dele, o maior mistério do ser é revelado — todo o mundo é perfeito — Isto é o que queremos dizer quando falamos que todo mundo é Brahma — que todo mundo é a alma, a alma suprema, o Divino. Isto é o que queremos dizer quando falamos *Tattwamasi* — você já é.

Não precisa se tornar, porque se tivesse que se tornar, então não seria. E se você já não fosse, como poderia vir a ser? A semente torna-se árvore porque a semente já é isso. Uma pedra não pode transformar-se numa árvore. A semente torna-se árvore porque a semente já é isso!

Assim, a questão não é de transformação, a questão é apenas de revelação. A semente revela-se neste momento como uma semente; no momento seguinte, como uma árvore. Portanto, esta é apenas uma questão de revelação. E se você puder penetrar nisto profundamente, verá que a semente já é a árvore neste exato momento.

## A vida não é um problema, mas sim um mistério.

**O**s místicos tibetanos, os Mestres zen ou os dervixes sufis, eles todos têm falado sobre as nuvens brancas. As nuvens brancas têm atraído o ser interno de muitas pessoas. Parece que uma afinidade é obtida com as nuvens brancas.

Faça disso uma meditação e então muitas coisas virão a você.

A vida não deve ser tomada como um problema. Quando você começa por esse caminho, fica perdido. Quando pensa que a vida é um problema, nunca consegue solucioná-la.

É desse modo que a filosofia se desenvolve — e é por isso que está sempre errada. Não existem filosofias certas: não pode haver. Todas as filosofias estão erradas. Filosofar é errado, porque a filosofia parte de uma base falsa: pensa na vida como um problema. Quando a vida é um problema, não existe solução para ela.

A vida não é um problema, mas um mistério — é assim que a religião a recebe.

E uma nuvem branca é o que há de mais misterioso, aparece de repente e, de repente, desaparece. Alguma vez você já pensou que as nuvens não têm nenhum nome, nenhuma forma? Que nem mesmo por um único momento a forma é a mesma? Ele está sempre mudando, sempre se tornando; é como o fluir de um rio.

Você pode dar uma forma às nuvens, mas isto é uma projeção sua. Uma nuvem não tem forma; é amorfa, ou está continuamente se

formando — é um fluxo. E assim é a vida. Todas as formas são projetadas.

Nesta vida, você chama a si mesmo de homem, e justamente na vida anterior pode ter sido uma mulher. Nesta vida você é branco, e na próxima pode ser preto. Neste momento você é inteligente, e no próximo pode se tornar louco, inflamado, agressivo.

Você obteve uma forma? Ou está continuamente mudando? Você é um fluxo, uma nuvem. Você obteve um nome, alguma identidade? Pode chamar a si mesmo disto ou daquilo? No momento em que você diz que é isto, neste exato momento conscientiza-se de que também é o oposto.

Você diz a alguém: eu te amo — e neste mesmo momento a raiva aparece. Você diz que é amigo de alguém — e neste mesmo momento o inimigo está rindo em seu interior, esperando por este momento. Num momento, você diz que está feliz, e no mesmo instante a felicidade é perdida e você se sente infeliz.

Você não tem identidade. Se compreender isto, tornar-se-á uma nuvem, sem forma, sem nome. E começará a vaguear. Para mim, a vida de uma nuvem branca é a vida de um *sannyasin* — de um homem que renunciou.

A vida de um chefe de família é uma rotina fixa. É uma coisa morta, um padrão. Ele tem um nome, uma forma. Move-se numa determinada seqüência — é como as linhas de trem. Os trens movem-se nos trilhos; têm uma meta, têm de chegar a algum lugar.

Mas um *sannyasin* é como uma nuvem vagueando pelo céu — nenhum trilho de ferro existe para ele, nenhuma rota, nenhuma identidade. Ele é ninguém e vive a vida de um não-ser — vive como se não existisse.

Se você puder viver sem existir, estará no meu caminho.

Quanto mais você existir, mais doença terá. Quanto menos você existir, mais saudável será. Quanto menos existir, mais leve será. Quanto menos existir, mais divino e abençoado será.

Quando digo que a vida não é um problema, mas um mistério, isto significa que você não pode solucioná-la — mas pode transformar-se nela.

Um problema é algo para ser solucionado intelectualmente; mas mesmo quando você o soluciona, nada é ganho. Apenas acumula um pouco mais de conhecimento, mas nenhum êxtase a partir disso.

Um mistério é algo no qual você pode se transformar. Pode tornar-se um com ele, imerso. Então o êxtase, a felicidade surge — você sente a supremacia que pode acontecer a um ser, o prazer supremo.

A religião recebe a vida como um mistério. O que você pode fazer a respeito de um mistério? Não pode fazer nada, mas pode tornar-se mais misterioso. E então o similar encontra o similar, o igual pode encontrar-se com o igual.

Olhe para o que é misterioso na vida. Onde quer que olhe — para as nuvens brancas, para as estrelas na noite, para as flores, para um rio fluindo — onde quer que olhe, procure pelo mistério. E sempre que encontrar um mistério, medite sobre ele.

Meditação significa: dissolver-se diante do mistério, anular-se diante do mistério, dispersar-se diante do mistério. Deixar de ser, e permitir que o mistério seja tão total que você seja absorvido por ele.

E, de repente, uma nova porta se abrirá, uma nova percepção será alcançada. De repente, o mundo terreno da divisão, da separação, desaparecerá, e um mundo diferente, totalmente diferente, de unicidade chegará a você. Todas as coisas perderão seus limites; todas as coisas estarão unidas — não serão mais divididas, mas unas.

Entretanto, isto só poderá ser obtido se você fizer algo consigo mesmo. Quando você soluciona um problema, está fazendo algo com o problema. Encontrando uma chave, uma pista. Trabalhando no problema — movendo-se em um laboratório. Quando você encontra um mistério, tem de fazer algo consigo mesmo, não com o mistério — com ele nada pode ser feito.

Somos impotentes diante de um mistério: Eis porque continuamos a transformar os mistérios em problemas — porque com os problemas somos potentes, com os problemas, sentimos que estamos no controle. Com os mistérios, somos impotentes, não podemos fazer nada. Com os mistérios, encaramos a morte e não podemos manipulá-la.

Eis porque quanto mais o intelecto humano cresce, matemática, logicamente, menor é a possibilidade de êxtase aberta à mente humana.

Cada vez menos a poesia é possível. O romance se perde. A vida torna-se factual, nada simbólica.

Quando eu digo que o meu caminho é "O Caminho das Nuvens Brancas", isto é apenas simbólico. A nuvem branca não está sendo usada como um fato, está sendo usada como um símbolo, um símbolo poético; como uma indicação de um profundo mergulho no misterioso, no miraculoso.

## Chega de Relacionamento!

**Bhagwan,**

**Poderia nos dizer qual é o seu relacionamento com as nuvens brancas?**

**S**ou uma nuvem branca. Nenhum relacionamento existe, nem pode existir.

O relacionamento só existe quando se é dual, dividido. E, nesse caso, o relacionamento não é, de fato, um relacionamento. Sempre que há relacionamento, há separação.

Sou uma nuvem branca. É impossível relacionar-se com uma nuvem branca. A única possibilidade é unir-se a ela e permitir que ela se una a você, mas relacionar-se é impossível. No relacionamento, você permanece à parte, no relacionamento, você continua manipulando.

E esta é uma das misérias da vida humana — que mesmo no amor criemos relacionamento. E percamos o amor.

O amor não deve ser um relacionamento. É preciso tornar-se o amante ou o amado. Você deve tornar-se o outro e permitir que o outro torne-se você. Deve haver uma fusão — só então os conflitos cessam. Do contrário, o amor torna-se um conflito, uma luta.

Quando você é, tenta manipular, quer possuir, quer ser o mestre — então a exploração acontece. E o outro é usado como um meio, não como um fim.

Com as nuvens brancas, você não pode fazer isso — não pode transformá-las em esposas ou maridos. Não pode acorrentá-las ou persuadi-las num relacionamento. Elas não permitirão isso, não o ouvirão. Já passaram o suficiente por isso — eis porque agora se tornaram nuvens brancas.

É possível ser um com elas, e neste momento o coração delas abre-se.

Mas a mente humana não pode pensar além do relacionamento, porque não podemos pensar em nós mesmos como se não existíssemos.

Nós somos. Por mais que escondamos isto, nós existimos. No íntimo, o ego permanece, no íntimo, o ego continua a manipular.

Com uma nuvem branca, isto é impossível. Com seu ego, você pode olhar para a nuvem branca, pensar sobre ela, mas os mistérios não lhe são abertos. As portas permanecem fechadas. Você continua na noite escura.

Quando seu ego desaparece, você se transforma na nuvem branca.

Existe no Zen uma das mais antigas tradições de pintura. Um Mestre Zen tinha um discípulo que estava aprendendo a pintar, e através da pintura, a meditar, é claro. O discípulo era obcecado por bambus, e ficava o tempo todo desenhando-os e pintando-os. Dizem que o Mestre falou a seu discípulo: a menos que você se torne um bambu, nada irá acontecer.

Por dez anos o discípulo esteve desenhando bambus, e tornou-se tão eficiente que mesmo de olhos fechados, numa noite escura, sem luz, ele conseguia desenhar bambus. E seus bambus eram perfeitos e vivos.

Mas o Mestre não os aprovava e dizia: não, a menos que se transforme num bambu, como poderá desenhá-lo? Você continua separado, permanece como um observador, continua sendo um espectador. Você pode conhecer o bambu exteriormente, mas essa é a periferia — não a alma do bambu. A menos que você se torne um, a menos que você se transforme num bambu, como poderá conhecê-lo por dentro?

Por dez anos o discípulo lutou, mas o Mestre nunca emitia um juízo favorável. Então, o discípulo desapareceu na floresta, numa floresta de bambus.

Por três anos nada se ouviu a seu respeito. Após esse tempo, notícias começaram a chegar de que ele havia se transformado num bambu.

Ele não desenhava mais, ficava de pé como os bambus. O vento soprava, os bambus dançavam — e ele também dançava.

O Mestre foi encontrá-lo. E, de fato, o discípulo havia se transformado num bambu. O Mestre disse: Agora, esqueça tudo sobre os bambus e você. O discípulo disse: mas você falou para eu me transformar num bambu e eu me transformei.

O Mestre disse: esqueça isso também, porque agora esta é a única barreira. No fundo, em algum lugar, você ainda continua separado, lembrando-se de que se tornou um bambu. Você ainda não é um bambu perfeito, porque um bambu nunca se lembra disso. Esqueça.

Por dez anos os bambus não foram mencionados. Um dia, o Mestre chamou o discípulo e disse: agora, você pode desenhá-los. Primeiro, é preciso tornar-se um bambu, depois, esquecer-se disso — só assim é possível tornar-se um bambu tão perfeito que o desenho não seja mais um desenho e sim um crescimento.

Não estou relacionado com as nuvens brancas de modo algum — eu sou uma nuvem branca. E gostaria que vocês também fossem nuvens brancas, sem relacionamentos.

Chega de relacionamentos — você já sofreu o suficiente. Por muitas e muitas vidas, tem se relacionado com isto ou aquilo. E já sofreu o suficiente, mais do que suficiente. Já sofreu mais do que merece. E o sofrimento tem sido centrado nesse falso conceito de relacionamento. Este conceito está errado: você tem que ser você mesmo e estar relacionado. Com ele, há tensão, conflito, violência, agressão, e o inferno todo vem.

Sartre disse em algum lugar: o inferno é o outro. Mas, na verdade, o outro não é o inferno — o outro só é o outro porque você é o ego. Quando você não é mais, o outro desaparece.

E sempre que isto acontece — entre um homem e uma árvore, entre um homem e uma nuvem, entre um homem e uma mulher, ou entre um homem e uma pedra — sempre que acontece de você não ser, o inferno desaparece. De repente, você é transfigurado — entra no paraíso.

A velha estória bíblica é bela: Adão e Eva foram expulsos do Jardim do Éden porque comeram o fruto proibido — o fruto da Árvore do Conhecimento. Esta é uma das parábolas mais maravilhosas já inventadas.

Por que era o fruto da Árvore do Conhecimento proibido? Porque no momento em que o conhecimento aparece, o ego surge. No momento em que você sabe que é, você cai.

Este é o pecado original. Ninguém expulsou Adão e Eva do céu. No momento em que eles se conscientizaram de que eram, o Jardim do Éden desapareceu.

Para tais olhos, repletos de ego, o Jardim não podia existir.

Não que eles tivessem sido expulsos do Jardim — o Jardim está aqui e agora. Está justamente ao seu redor. Sempre o segue, onde quer que vá — mas você não pode vê-lo. Quando o ego não existe, você entra nele novamente; o Jardim é revelado. Você nunca esteve fora dele.

Tente isto: sente-se sob uma árvore, esqueça-se de si mesmo. Deixe que apenas a árvore exista. Isto aconteceu a Buda sob a árvore Bodhi. Ele não era: nesse momento, tudo aconteceu. Apenas a árvore Bodhi estava lá.

É possível que você não saiba que durante quinhentos anos após sua morte, a estátua de Buda não foi criada, sua figura não foi pintada. Durante quinhentos anos, quando um templo budista era construído, apenas a pintura da árvore Bodhi estava lá. Isto era belo — porque no momento em que Gautama Sidarta tornou-se Buda, ele não estava lá, havia apenas a árvore. Ele desapareceu por um momento — apenas a árvore estava lá.

Encontre momentos em que você não seja. E estes serão os momentos em que será pela primeira vez de fato.

Assim, sou uma nuvem branca, e todo o meu esforço é para torná-los nuvens brancas também, vagueando pelo céu. Sem lugar para onde ir, sem lugar de onde vir. Apenas presentes no momento — perfeitos.

Não lhes ensino qualquer ideal. Não lhes ensino qualquer dever. Não lhes digo para serem isto ou aquilo. Todo meu ensinamento resume-se nisto: haja o que houver, aceite tudo tão totalmente que nada sobre para ser obtido. E vocês se transformarão em nuvens brancas.



# Não force o Rio.

**Bhagwan,**

**É verdade que para salvar-se, para tornar-se totalmente presente, para tornar-se uma nuvem branca, temos de viver nossos sonhos e fantasias?**

**E como essa realidade correspondente ao "Hare Krishna, Hare Ram" pode ser tão verdadeira aqui em Poona quanto seria no Jardim do Éden, no coração da natureza?**

**A** questão não é se vocês devem viver seus sonhos e fantasias ou não. Vocês vivem neles. Vocês já estão neles. Não é uma questão de escolha. Vocês não podem escolher.

Você pode escolher? Pode abandonar seus sonhos? Pode abandonar suas fantasias? Se tentar abandonar seus sonhos terá de substituí-los por outros sonhos. Se tentar mudar suas fantasias terá de trocá-las por outros tipos de fantasia — que continuarão sendo sonhos e fantasias.

Assim, o que deve ser feito? — aceite-os. Por que ser contra eles? Esta árvore tem flores vermelhas. Aquela tem flores amarelas. Está certo. Você tem um tipo de sonho — sonhos amarelos. Outra pessoa tem outro tipo de sonhos — sonhos azuis, sonhos vermelhos. Está certo.

Por que lutar contra os sonhos, por que tentar mudá-los? Quando você tenta mudá-los, acredita demais neles. Não pensa que são sonhos, pensa que são reais, e que mudá-los será significativo. Se os sonhos são sonhos, por que não aceitá-los?

No momento em que você os aceita, eles desaparecem. Este é o segredo. No momento em que os aceita, eles desaparecem — porque a mente sonhadora vive pela rejeição. O próprio fenômeno da mente sonhadora é a rejeição.

Você tem rejeitado muitas coisas — eis porque elas surgem súbita e inesperadamente em seus sonhos. Você está andando por uma rua. Olha para uma bela mulher ou homem. O desejo surge. E, de repente,

you o abandona: isto está errado! Você o rejeita. Tradição, cultura, sociedade, moralismo: isto não é bom.

Você pode olhar para uma bela flor, não há nada de mau nisso. Mas quando olha um belo rosto algo imediatamente fica errado — você o rejeita. A partir desse momento, essa face tornar-se-á um sonho. O que é rejeitado torna-se um sonho. Agora, esse rosto ficará rondando-o. Agora, durante a noite, esse rosto surgirá. Agora, esse corpo estará pairando. O desejo que você reprimiu tornar-se-á um sonho. Os desejos que você rejeitou tornar-se-ão sonhos e fantasias.

Então, como criar um sonho? — o segredo é este: rejeite-o. Quanto mais você os rejeita, mais eles existem.

Assim, aqueles que vão para as montanhas, aqueles que rejeitam a vida, ficam repletos de sonhos. E seus sonhos tornam-se tão reais, tão alucinatórios, que se torna impossível fazer qualquer distinção entre o que é sonho e o que é realidade.

Não rejeite, do contrário criará sonhos. Aceite. Seja lá o que for que lhe aconteça, aceite como uma parte do seu ser. Não condene.

Quando você se torna mais receptivo, os sonhos se dissolvem. Uma pessoa que aceita sua vida totalmente deixa de ter sonhos, porque a própria base é cortada. Isto é um fato.

Um segundo fato: o todo é natural — eu digo, o todo. Não apenas as árvores, não apenas as nuvens — tudo. Tudo o que acontece, acontece por causa da natureza. Não existe nada anormal — não pode existir. Do contrário, como poderia acontecer? Tudo é natural.

Assim, não crie uma divisão: isto é natural e aquilo é anormal. Tudo o que existe é natural. Mas a mente vive de distinções, de divisões. Não aceite as divisões, aceite tudo o que acontece e aceite sem qualquer análise.

Se você está no mercado ou nas montanhas, a natureza é a mesma. Num lugar, a natureza tornou-se montanhas e árvores; noutro, tornou-se lojas num mercado. E uma vez que você conhece o segredo da aceitação, até o mercado tem sua própria beleza, há vida nele, há atividade, uma bela loucura ao seu redor. O mercado tem sua própria beleza! E as montanhas não seriam tão belas se não houvessem mercados, lembre-se. As montanhas são tão belas e silenciosas porque os mercados existem. O mercado dá silêncio às montanhas.

Assim, em todo lugar — se você estiver no mercado, ou fazendo "Hare Krishna, Hare Ram", ou sentado sob uma árvore silenciosa, tome tudo como uma extensão, não divida nada. E quando estiver dançando, cantando "Hare Krishna, Hare Ram", desfrute disso! Este é o caminho no qual você está fluindo nesse momento.

"Hare Krishna, Hare Ram" pode tornar-se um florescimento em você; tornou-se um florescimento para muitos. Quando Mahaprabhu Chaitanya estava dançando nas cidades de Bengala e fazendo seu *kirtan* "Hare Krishna, Hare Ram", houve um florescimento.

Foi uma das mais belas coisas que já aconteceram — não apenas Buda sentado sob a árvore Bodhi é bonito; um Chaitanya Mahaprabhu dançando nas ruas cantando "Hare Krishna, Hare Ram" também é belo — é igual... no outro extremo.

Você pode sentar-se sob uma árvore e esquecer-se de si mesmo tão completamente que desaparecerá. Você pode dançar numa rua e ser absorvido pelo seu *kirtan*, pelo seu canto, pela sua dança, tão totalmente que desaparecerá. O segredo é a total absorção — sempre que ela acontece.

E ela acontece para diferentes pessoas de diferentes modos. Não podemos imaginar Buda dançando. Ele não era desse tipo, não era um tipo dançante. Mas é possível que você seja um tipo dançante — portanto, não force a si mesmo; do contrário, estará em apuros sob uma árvore Bodhi. Forçar a si mesmo, paralisar a si mesmo, será violento. E seu rosto não será o de um Buda. Ele ficará desfigurado, isto será uma auto tortura. Talvez você seja como Chaitanya, ou como Meera.

Descubra o modo pelo qual sua nuvem se move, por onde ela vagueia — e permita-lhe total liberdade para mover-se e vaguear. Vá onde for, ela encontrará o Divino. Não lute — flua. Não force o rio — flua com ele.

A dança é bela. Mas você deve estar totalmente nela — este é o ponto.

Não rejeite nada — rejeitar não é religioso. Aceite tudo — aceitar é orar.

---

**Segunda manhã**  
11 de maio de 1974.

---

## O Mistério Além da Mente.

**Bhagwan,**

**Por que somos tão afortunados em tê-lo conosco e por que estamos com você?**

**O**s porquês são sempre irrespondíveis. Parece, à mente, que toda vez que se pergunta um porquê, ele pode ser respondido. Esta é uma das mais falaciosas suposições. Nenhum porquê pode ser respondido. A existência é, não existe porquê.

Se você perguntar e insistir, poderá criar uma resposta; mas será uma resposta criada e não uma resposta real. O questionamento é basicamente absurdo.

As árvores são, não há porquê. O céu é, não há porquê. A existência é, o rio flui e as nuvens flutuam, não se pode perguntar porquê.

A mente pergunta por quê, eu sei disso. A mente é curiosa, quer saber o porquê de todas as coisas. Mas isto é um mal próprio dela, e algo que não pode ser satisfeito. Se você responde um porquê, surge imediatamente outro. Uma resposta apenas cria mais perguntas. E a mente não ficará satisfeita, a menos que a resposta suprema seja dada a você — e não pode haver nenhuma resposta suprema. Por "resposta suprema" entende-se que você não pode mais fazer nenhuma pergunta. Mas este estado é impossível para a mente. O que quer que seja dito, o porquê torna-se outra vez relevante.

Este tem sido todo o absurdo das filosofias: Por que este mundo existe? Então eles pensam e criam uma teoria a respeito disso: Deus o criou — mas por que o fez? Novamente surgem outras teorias... até que finalmente perguntam: Por que existe Deus?

A primeira coisa que se deve conhecer é esta qualidade da mente que sempre pergunta os porquês. Assim como as folhas surgem das plantas, os porquês brotam da mente; corta-se um, mas outros crescem. E você pode ficar colecionando muitas respostas, mas a resposta não existirá. E, a menos que ela exista, a mente continuará na sua incansável busca.

A primeira coisa que quero lhe dizer é: não insista demais nos porquês.

Por que insistimos? Por que queremos saber as causas? Por que queremos nos aprofundar em alguma coisa e chegar às suas próprias bases? Por quê? É porque quando você conhece todos os porquês, quando conhece todas as respostas sobre alguma coisa, torna-se dono dela. Então, a coisa pode ser manipulada. Deixa de ser um mistério e não há mais nada para se temer ou encantar. Você a desvendou — e matou o seu mistério.

A mente é criminosa, é assassina; é assassina de todos os mistérios. E ela sente-se sempre à vontade diante de algo morto.

Com algo vivo, a mente fica inquieta, pois você não pode ser o senhor absoluto. O vivo está sempre presente — imprevisível. Não se pode fixar o futuro de algo vivo, não se sabe para onde irá, aonde chegará. Com uma coisa morta, tudo está certo e fixado. Você se sente à vontade, não tem com que se preocupar. Pode ter certeza.

Uma das maiores necessidades da mente é ter certeza de tudo, porque a mente teme a vida. Ela criou a ciência justamente para matar todas as possibilidades de vida. Ela tenta encontrar explicações, e quando encontra uma, o mistério é dissolvido.

Você faz uma pergunta, e ela é respondida, então a mente fica à vontade. O que você tem alcançado através disso? Não tem alcançado nada, só tem perdido — Os mistérios têm sido perdidos.

O mistério o deixa inquieto porque é algo maior que você, algo que não pode ser manipulado, algo que não pode ser usado como um objeto, algo que domina, que é poderoso, algo diante do qual você está nu e impotente. É algo diante do qual você simplesmente se dissolve. O mistério provoca uma sensação de morte. Por isso pergunta-se tanto por quê; por que isto? Por que aquilo? Esta é a primeira coisa que deve ser lembrada.

Mas não pense que estou evitando a sua pergunta. Eu não a estou evitando. Estou lhe dizendo algo sobre a mente — porque ela pergunta. E se você conseguir reter a sensação de mistério eu a responderei. Se a sensação de mistério permanecer, a resposta não será perigosa e sim útil. Neste caso, todas as respostas o levarão a um mistério profundo. E tudo tornar-se-á qualitativamente diferente. Você perguntará, não porque quer uma explicação, mas para penetrar mais profundamente no mistério. A curiosidade deixará de ser mental para tornar-se uma busca, uma profunda busca do ser.

Vê a diferença? Prender-se a uma explicação é um mau e eu serei o último a satisfazê-lo. Se o fizesse, tornar-me-ia seu inimigo, mataria as coisas ao seu redor. Os teólogos fizeram de Deus uma coisa morta, explicaram demais, responderam muito à respeito, eis porque Deus está morto. Não foi a humanidade que O matou e sim os sacerdotes. Explicaram tanto que não restou nenhum mistério.

E o que é Deus se não há nenhum mistério? Se é só uma teoria que se discute, uma doutrina que se analisa, uma crença que se nega ou se aceita, então você é muito maior e esse Deus só faz parte da mobília da sua mente, é uma coisa morta.

Toda vez que eu estiver falando com você, lembre-se: tudo o que digo é para destruir a sua busca e não para lhe dar explicações. Não

estou interessado em dar respostas, pelo contrário: quero torná-lo ainda mais inquisitivo, fazendo-o penetrar profundamente nos mistérios.

Minhas respostas provocarão perguntas mais profundas até chegar ao ponto em que todo o questionamento desaparecerá. Não porque você tenha recebido todas as respostas, mas porque todas elas serão fúteis. E então o mistério será total. Estará em tudo, por dentro e por fora. Você se tornará parte desse mistério. Você flutuará nele. Você também será um ser misterioso e então as portas se abrirão.

## Individualidade é ficção.

**A**gora posso responder por que estou com você e por que você está aqui comigo.

Primeiro: Não é só agora, neste momento, que você está comigo. Já estive antes. A vida está profundamente interrelacionada, é como um rio fluindo. Nós a dividimos em presente, passado e futuro, mas esta divisão é apenas utilitária. A vida não é dividida. O fluxo da vida é contemporâneo.

O rio Ganges na sua própria fonte, o rio Ganges passando pelas montanhas dos Himalaias, o rio Ganges das planícies, o rio Ganges desaguando no oceano — é um só! É contemporâneo. Na sua origem ou no final, quando começa ou termina, não são duas coisas separadas — é um fluxo. Não é passado e futuro, mas o presente eterno. Isto terá que ser profundamente entendido.

Você esteve comigo e está comigo. Não é uma questão de passado. Se ficar em silêncio, se deixar a sua mente um pouco de lado, se puder tornar-se uma nuvem branca que paira sobre as montanhas, sem nenhum pensamento, apenas sendo, sentirá isso.

Você esteve comigo, está comigo e estará comigo. Estar comigo não é uma questão de tempo.

Alguém perguntou a Jesus: Você fala sobre Abraão — como sabe? Há um longo espaço de tempo entre Abraão e Jesus — milhares de anos. E Jesus disse uma frase muito misteriosa, a mais misteriosa que já formulou: Ele disse: Antes que Abraão fosse, eu sou. Antes que Abraão fosse, eu sou...

O tempo dissolveu-se. A vida é eterno presente. Sempre estivemos aqui e agora — sempre, sempre. É claro que com formas diferentes, aspectos diferentes, em situações diferentes — mas sempre e sempre estivemos aqui.

Os indivíduos são fictícios. A vida não está dividida. Não somos ilhas, somos um. A unidade tem que ser sentida. E quando você a sente, o tempo desaparece e o espaço não tem mais sentido. De repente, você é transportado tanto de tempo quanto do espaço, e então é — simplesmente é.

Alguém perguntou a Buda: Quem é você? E Buda disse: Não pertencço a nenhuma casta, apenas sou. Sou, mas não pertencço a nenhuma casta.

Neste exato momento, você pode ter um vislumbre. Se não estiver pensando, então quem é você? Onde está o tempo? Existe algum passado? Haverá algum futuro? Este momento transforma-se na eternidade. Todo o processo do tempo é só uma longa extensão agora. Todo o espaço é só um aqui expandindo.

Portanto, quando me pergunta por que estou aqui ou por que você está aqui, é porque esta é a única maneira de ser. Eu não posso estar em nenhum outro lugar. Você não pode estar em nenhum outro lugar. É assim que nós nos juntamos.

Talvez você não consiga ver isso agora. Os elos não estão tão claros para você, porque o seu inconsciente não está claro, porque você não se conhece na sua totalidade. Só um décimo de seu ser é conhecido e nove décimos estão na escuridão.

Você é como uma floresta com uma pequena clareira. As árvores foram cortadas, e o pequeno espaço no qual vive foi criado. Mas, imediatamente após a clareira está a floresta. Você desconhece os limites dela. E teme tanto a sua escuridão e seus animais selvagens que jamais se afasta da clareira. Mas sua clareira é apenas uma parte da floresta escura — você só conhece uma parte do seu ser.

Eu vejo a totalidade da sua escuridão, toda a sua floresta. E quando vejo um único indivíduo na sua totalidade, todos os demais estão envolvidos, porque a floresta não está dividida. Na escuridão, as fronteiras encontram-se, dissolvem-se e a floresta torna-se uma.



Você está aqui. Se presto atenção a um único indivíduo, estou focando a mim mesmo. Mas mesmo assim, mesmo focando, estou sempre sentindo que as suas fronteiras estão se fundindo com as outras. Então, para certas coisas, posso considerá-lo como um indivíduo, mas na realidade não é assim. Quando não estou focando, apenas olhando para você sem vê-lo — apenas olhando, você não existe mais. Suas fronteiras diluem-se com as de todos os outros. E não só com as de outros seres humanos, mas com as das plantas, das pedras, do céu... de tudo. Fronteiras são ficções e por isso os indivíduos são fictícios.

## Não podemos estar em outro lugar.

**E**stou aqui porque não posso estar em nenhum lugar. Foi assim que a vida me aconteceu. Você está aqui porque não pode estar em nenhum outro lugar. Foi assim que a vida lhe aconteceu.

Mas é difícil aceitar isto. E por que é tão difícil? Porque, neste caso, você não pode manipulá-la. Ela torna-se maior que você.

Se eu lhe disser, está aqui porque é um grande buscador da verdade, você ficará tranquilo. Se está aqui porque busca a verdade, seu ego fica satisfeito. E neste caso, se quiser, poderá partir; neste caso é você quem escolhe. Então, você está controlando a vida e não sendo controlado por ela.

Mas eu não digo isso. Digo que está aqui porque foi assim que a vida aconteceu. Você não tem escolha, a escolha não é sua. Mesmo que parta, a escolha não será sua. Da mesma maneira, será como a vida lhe aconteceu. E se escolher ficar, a escolha também não será sua. A escolha não é possível. Só é possível escolher com o ego.

Sempre que o ego está insatisfeito, inquieto e desconfortável, você o sente. Há portanto, duas maneiras de sentir-se à vontade: uma, é estar sempre satisfazendo o ego; a outra, é simplesmente abandoná-lo. E lembre-se: a primeira é temporária. Quanto mais alimentar o ego, mais ele exigirá. E não existe fim para isso.

Portanto eu lhe digo: foi assim que a vida aconteceu. Você está aqui e eu estou aqui. Isto já aconteceu muitas vezes antes e continuará acontecendo do mesmo modo.

Se puder realizar isto, imediatamente muito mais será possível. Se realizar, estará mais aberto, menos fechado, mais vulnerável e receptivo. E não sentirá medo. A vida passará através de você. Tornar-se-á uma brisa e você será uma sala vazia: a vida entra e sai... e você permite. O segredo é permitir. Este é o segredo de todos os segredos.

Por isso insisto e enfatizo: você não está aqui por escolha sua, e eu não estou aqui por minha escolha. Quanto a mim, não há escolha nenhuma, porque eu não sou. Quanto a você, pode haver a ilusão de que está aqui por escolha sua — mas a verdade não é essa.

Eu não vou alimentar o seu ego, pois ele tem que ser destruído. E esse é todo o meu esforço: como destruir você — E quando suas fronteiras forem destruídas, você será infinito. Pode acontecer neste exato momento, não há nada que impeça — há apenas o seu apego.

Muitos vêm a mim e perguntam: Já estivemos com você antes? Eu digo sim, sentem-se bem; Se digo não, sentem-se deprimidos e rejeitados. Por quê? Nós vivemos em ficções. Você está aqui comigo — isto não é muito significativo; você esteve comigo no passado — isto é que parece ser muito importante; e você fica perdendo este momento no qual pode estar realmente comigo. Estar junto a mim não é um fenômeno físico. Você pode estar ao meu lado e não estar aqui. Pode prender-se a mim durante anos e não estar comigo nem por um único momento. Porque estar comigo significa apenas não estar.

Eu não estou, e se por um único momento você também não estiver, haverá um encontro: dois vazios encontrando-se. Lembre-se: só dois vazios podem encontrar-se. Não há outro encontro possível. Sempre que você tem um encontro, isto significa que dois vazios se fundiram.

O ego é muito sólido, substancial demais para dissolver-se. Você pode lutar, colidir, mas não se encontrar. Pode até achar que a colisão de dois egos seja um encontro. É uma espécie de encontro: ambos aproximam-se, mas nunca estão juntos. Encontram-se, mas mesmo assim não se encontram. Tocam um ao outro, mas permanecem intocados. O seu vazio interior continua uma terra virgem, que ainda não foi penetrada.

Mas quando não há ego, quando o seu eu não está sendo sentido em demasia, quando você não está pensando em si, quando não há nenhum eu, é o que Buda chama *anatta* — o estado do não-eu. Buda foi muito incompreendido. Na Índia, as pessoas falavam de *atma*, — do eu, do eu supremo. Todo mundo estava buscando pelo eu supremo — como tornar-se o eu supremo. Então chega Buda dizendo: não há nenhum eu a ser alcançado; ou melhor, sinta prazer no não-eu. O que ele estava ensinando não podia ser aceito. Buda foi rejeitado por este país. Não foi aceito em nenhum lugar. Um Buda é sempre rejeitado. Onde quer que ele vá, é rejeitado, porque atinge as pessoas tão profundamente, que elas não podem suportar. Buda diz que você não existe.

Quando você está vazio, quando só há um vácuo, o encontro acontece. Qualquer um que consiga estar vazio se fundirá. Esta é a única maneira de unificar-se com a existência. Pode chamar isto de amor, de prece ou de meditação. Chame como quiser.

## Você não pode perder novamente.

**V**ocê está aqui porque a vida aconteceu assim. E eu estou aqui porque é como a vida aconteceu a mim.

A possibilidade de estar perto de mim pode ser aproveitada ou não, ela pode ser completamente perdida. Se você a perder, também não será a primeira vez. Já estive comigo muitas vezes; talvez não tenha sido exatamente comigo. Já estive muitas vezes com um Buda e isso era estar comigo. Estive muitas vezes com um Jaina, com um Mahavir, e isso era estar comigo. Estive muitas vezes com Jesus, Moisés e Lao Tzu, e isso era estar comigo. Porque de modo algum se pode definir um Lao Tzu ou um Buda; eles são dois vazios, e dois vazios não possuem qualidades que possam diferenciá-los.

Você esteve com um Lao Tzu e eu digo que estive comigo, porque não há nada para ser distinguido. Um Lao Tzu é um vazio. Dois vazios são exatamente iguais — não há nenhuma diferença.

Mas você perdeu. Tem perdido muitas vezes e pode acontecer outra vez.

E lembre-se: você é esperto, sabido e calculista. Mesmo que perca, será com esperteza. Racionalizará, dirá que não tinha nada a ganhar e por isso aconteceu. Ou então encontrará argumentos para justificar a perda e ocultar o fato.

Se você se tornar alerta para a possibilidade de perder, o encontro será possível imediatamente. E repito: **imediatamente**, não há porque adiar.

Isto é importante: a vida aconteceu de tal maneira, que você está aqui. Para milhares de pessoas isso não aconteceu. Você é uma pessoa afortunada, mas não deve fazer disso um alimento para o ego — porque se o ego tirar algum proveito desse fato e se fortalecer, você terá perdido essa sorte. Você é afortunado, mas permanece aberta a possibilidade. Você pode crescer dentro dela ou fugir. E isto é algo raro — raro por muitas razões.

Primeiro: é muito difícil sentir-se atraído por uma pessoa vazia; é muito difícil. O vazio não é uma força magnética. Você se sente atraído por alguém que conseguiu alguma coisa. Por que somos atraídos por um homem que conseguiu alguma coisa? Porque temos desejos, também queremos conseguir coisas.

Você se sente atraído por um político poderoso, porque está orientado para o poder, quer o poder para si. Então, seja lá quem for que o tenha, torna-se seu ídolo, seu herói. Você se sente atraído por alguém que tem uma fortuna fabulosa. Você é pobre, mas no fundo almeja riquezas. Então, seja lá quem for que as tenha, torna-se seu modelo. Mas por que sentir-se atraído por alguém que não tem nada?

Isto é uma sorte, uma rara possibilidade. Às vezes, a vida acontece de tal maneira que você sente-se atraído por alguém que conseguiu não ter nada, que está vazio. Você não ganhará nada com essa pessoa, pelo contrário, perderá tudo. É um jogo. E você é um jogador, por isso está aqui.

A menos que arrisque tudo, você perderá. Este lance não pode ser parcial, não se aceitam partes. Não é essa a regra do jogo. Portanto, não esconda nada, arrisque tudo o que tem. É perigoso e arriscado. Eis porque eu digo que é raro sentir-se atraído por um Buda ou um Jesus. Isso acontece a bem poucos.

Sobre Jesus, você já sabe — foram poucos, só doze discípulos. Eram homens bastante comuns, pescadores, lenhadores e agricultores. Nenhum muito importante, apenas gente comum. Por que pessoas comuns são atraídas por um Buda ou por um Jesus?

Ser comum é uma qualidade rara. Aqueles que não são comuns estão sempre numa viagem de ego. Buscam riquezas, poder ou posição. Mas um agricultor, um pescador ou um lenhador, são pessoas insignificantes, absolutamente comuns, que não buscam aquisições e por isso são atraídas por Jesus.

É raro ser comum; ser absolutamente comum é realmente extraordinário. Conta-se que os Mestres Zen diziam sempre: seja comum e você será extraordinário. Porque todo ser comum está tentando ser extraordinário e isto é uma coisa comum. Permaneça comum. Isto significa não buscar nada, não tentar adquirir nada, não estar orientado para nenhum objetivo, vivendo cada momento, flutuando. É o que estou lhe dizendo: flutue como uma nuvem branca.

É raro você estar aqui por uma outra razão também. A mente humana está sempre temendo a morte. Ela se apega à vida, tem luxúria pela vida. Mesmo miserável, a mente prende-se à vida... tem grande medo da morte. E quando alguém vem a mim, está vindo, na realidade, para morrer, para se dissolver.

Eu serei um abismo para essa pessoa, um abismo infinito no qual ela estará sempre caindo, caindo, sem chegar a nenhum lugar...! Se você puder olhar dentro de mim, sentirá vertigem. Se fixar em meus olhos, verá o abismo e será dominado pelo medo. A queda...

Imagine uma folha caindo num abismo... e o abismo é infinito, não há fundo onde ela possa chegar. A folha só pode desaparecer; caindo, caindo, caindo, desaparecerá.

A jornada religiosa tem início, mas não acaba nunca. Você vem a mim, cai dentro de mim — desaparece e não chega a lugar nenhum. Mas este desaparecimento é um prazer. Nenhum outro prazer jamais foi conhecido, nenhum outro prazer existe. O prazer de desaparecer totalmente! Assim como uma gota de orvalho na manhã que desaparece quando o sol surge; ou assim como uma chama que arde durante a noite, o vento vem e a chama apaga-se e a escuridão... a chama desapareceu e

você não pode encontrá-la em nenhum lugar — da mesma maneira, você também desaparece.

Buscar o suicídio também é raro, e isto é um suicídio — o verdadeiro suicídio! Pode-se matar o corpo em qualquer lugar, mas não se pode matar o eu em qualquer lugar. Aqui você está pronto para o suicídio final: para matar o eu.

Mas não pense que tudo o que estou dizendo são explicações, não são. Eu sempre sou anti-explicações.

Se tudo isto o tornar mais misterioso, se o tornar mais vago, quanto mais, melhor. Se sua mente virar fumaça e você não souber o que é o quê... este é o melhor estado.

## Que o vento o leve seja onde for.

**Bhagwan,**

**Assim como todas as outras, as nuvens brancas são conduzidas pelo vento. Qual é a direção do vento atualmente? Existem potencialidades especiais na era em que vivemos?**

**A**s nuvens brancas não são conduzidas pelo vento. O fenômeno da direção só existe quando há resistência.

Se as nuvens brancas quiserem ir para o norte e o vento soprar para o leste, então haverá direção — porque a resistência estará presente. Mas se as nuvens não estão indo a lugar nenhum, leste ou oeste significam a mesma coisa, não há nenhuma resistência. Se não houver nenhuma intenção por parte da nuvem, o vento não poderá direcioná-la.

Só se pode dirigir quando alguém não está pronto para flutuar, para deixar acontecer. O fenômeno das nuvens é o que significa exatamente deixar acontecer. Se o vento diz leste, a nuvem está pronta, já está se movendo para o leste. Não há um único pensamento negativo, não há uma única recusa. Se a nuvem está se movendo para o oeste e o vento começa a soprar para o leste, a nuvem vai para o leste. O vento não a está dirigindo. A direção só é necessária quando alguém está contra.

As pessoas vêm a mim e dizem: dirige-nos. Eu sei o que elas estão querendo dizer: guie-nos. Eu sei o que elas estão querendo dizer — que não estão prontas. Do contrário, que necessidade teriam de ser guiadas ou dirigidas?

É suficiente estar aqui comigo, pois tudo acontecerá — o vento sopra para o leste e você flutuará para o leste. Mas se disser: guie-me, dirija-me, isto significará que está contra, que está negando, que está rejeitando. Você lutará. Uma coisa: se a nuvem não tem nenhum desejo, como pode haver distinção? Qual é a nuvem e qual é o vento? As distinções existem por causa do desejo.

Lembre-se disso, e deixe que se torne uma percepção fundamental: as distinções que existem entre eu e você são causadas pelos seus desejos. Você está aí, circundado por desejos. Então eu chego e os conflitos surgem.

Uma nuvem não tem desejos. Assim, onde estão as distinções? Onde termina a nuvem e começa o vento? O vento e a nuvem são um só. A nuvem faz parte do vento; o vento faz parte da nuvem. O fenômeno é único, é indivisível.

O vento sopra em todas as direções. O problema não é a direção da nuvem, mas sim, como tornar-se uma nuvem. O vento sopra em todas as direções. Ele se move, se modifica. Está sempre correndo de um lado para o outro. Na verdade, não há nenhuma direção, nenhum mapa; é tudo desconhecido. Não há ninguém que o guie dizendo: agora, vá para o oeste, agora, vá para o leste. A existência toda o faz ondear. É uma existência ondulante, todas as direções lhe pertencem.

E quando digo todas as direções, estou me referindo tanto ao bem quanto ao mal. Estou me referindo tanto ao moral quanto ao imoral. Quando digo todas as direções, estou me referindo a tudo. O vento está soprando em todas as direções e tem sido sempre assim.

Portanto, lembre-se: não existe uma era especificamente religiosa ou anti-religiosa; não pode existir. As pessoas pensam assim porque isto também é uma viagem de ego.

Na Índia, pensa-se que antigamente, em épocas anteriores, existiu na Terra uma fase religiosa — agora, tudo ruiu e vivemos numa era de escuridão. É um absurdo! Nenhuma era é religiosa ou anti-religiosa. A

religiosidade não tem nenhuma relação com o tempo, mas sim com a qualidade da mente.

Portanto, a questão não é se a nuvem está indo para o oriente e nesse caso será religiosa, ou indo para o ocidente e então será anti-religiosa. Não. Se a nuvem não tiver desejos, será religiosa aonde quer que vá. Se a nuvem tiver desejos, onde quer que vá será anti-religiosa.

Existem os dois tipos de nuvens — bem poucas não têm desejos; a grande maioria tem vontades, projeções, desejos e idéias. Elas lutam contra o vento. E quanto mais lutam, mais angústia criam. Lutar não leva a lugar nenhum, porque nada pode ser feito. Lutando ou não, o vento soprará para o oriente e você terá que ir para o oriente. No máximo, poderá levar consigo a idéia de que lutou e que foi um grande guerreiro. Só isso.

Mas aquele que compreende, pára de lutar. Nem mesmo tenta nadar, simplesmente vai com a corrente. A própria corrente é usada como veículo; ele se unifica à corrente e move-se com ela. É a isso que chamo de rendição, e isto é o que todas as escrituras chamaram de atitude do devoto. Quando você se rende, não está. Onde quer que o vento o conduza, você vai. Não tem vontade própria.

E tem sido sempre assim. No passado, existiram Budas, nuvens brancas flutuando. No presente, existem Budas, nuvens brancas flutuando. No passado, existiram as loucas nuvens negras cheias de desejos, vontades e futuros. Hoje também é assim.

Com vontades e desejos, você é uma nuvem negra — é pesado. Sem desejos, você é uma nuvem branca — é leve. E para ambas a possibilidade está sempre aberta. Depende de você permitir que aconteça... ou não.

## O tempo é sempre bom.

**E** não pense em tempos ou eras. Tempos e eras são coisas indiferentes. Não fazem com que ninguém se torne um Buda e também não impedem ninguém de se tornar um Buda. Tempos e eras são indiferentes.



Permita-se estar vazio — e esta será a sua era dourada. Permita-se estar cheio de desejos — e esta será a sua era mais obscura possível, a *kali yuga*. Você cria seus próprios tempos e eras. Vive nos tempos e nas eras que cria para si.

E lembre-se: deste modo, nós somos contemporâneos. Alguém como Jesus é clássico! Mesmo que ele esteja aqui neste momento, é clássico. Vive tão eternamente que não se pode dizer que seja moderno. Vive tão totalmente, que não se pode dizer que pertença a algum fragmento de tempo. Não faz parte do mundo dos modismos, das coisas que vêm e vão. Vivendo com o absoluto, você se torna absoluto. Vivendo com o eterno, você se torna eterno. Vivendo com o atemporal, você se torna atemporal.

Mas a questão continua pertinente também num outro sentido. No mundo todo, têm-se a sensação de que uma certa era, um certo tempo, um clímax, um crescendo, está se aproximando — algo está para explodir. É como se estivéssemos atingindo um determinado ponto da evolução humana. Mas eu quero dizer que isto também é uma viagem de ego. Em todas as épocas pensou-se dessa maneira: algo atingirá o seu clímax e nós estaremos aqui, algo especial acontecerá na Terra. Sempre foi assim!

Conta-se que quando Adão e Eva foram expulsos do Jardim do Éden, assim que cruzaram o portão, Adão disse a Eva: Estamos passando pela maior transformação que já houve na história. O primeiro homem já pensava e dizia: é a maior transformação...

E em todas as eras pensa-se que as coisas caminham num crescendo, para um ponto supremo, para um ponto ômega onde tudo explodirá e um novo ser nascerá. Mas estas são esperanças, viagens de ego, sem muita importância. Durante alguns anos você estará aqui. Depois, outros virão e pensarão da mesma maneira.

O clímax é alcançado — não pela era, mas pelo ser individual. O clímax é alcançado, mas ele sempre é alcançado por uma consciência, e não pelo inconsciente coletivo.

Você pode se tornar uma pessoa religiosa. O tempo é bom, o tempo é sempre bom. E não pense muito nos outros, porque isto só pode ser uma fuga de si mesmo. Não pense em eras ou em humanidade —

porque a mente humana é ladina, a mente humana é tão ladina, que você nem pode imaginar...

Li outro dia, uma carta que recebi de um amigo. Ele dizia que se sentia frustrado com todos os seus casos amorosos. Sofria tanto toda vez que se apaixonava, que resolveu parar de amar uma só pessoa e começar a amar toda a humanidade. É fácil amar a humanidade. Os que não conseguem amar, sempre amam a humanidade. Não há nenhum problema. Amar um único indivíduo é muito difícil, pode ser o próprio inferno. E pode ser o inferno porque pode tornar-se o paraíso.

Nós continuamos evitando. As pessoas começam a pensar nos outros, apenas para não pensar em si mesmas. Começam a pensar em eras, em tempos, em planetas, no que acontecerá à consciência humana, só para evitar um encontro com o problema básico: o que acontecerá à minha consciência?

A sua consciência deve ser a meta. E, para isso, todos os tempos são propícios, todos os tempos são bons.

---

**Terceira manhã**  
12 de maio de 1974.

---

## Ser Miserável ou Estático...?

**Bhagwan,**

**Certa vez, você nos contou uma estória sobre um velho que estava fazendo cem anos. No dia do seu aniversário, perguntaram-lhe por que ele estava sempre feliz. Ele respondeu: toda manhã, quando levanto, posso escolher se serei feliz ou infeliz e eu escolho ser feliz.**

**Por que costumamos escolher a infelicidade? Por que nunca estamos conscientes da escolha?**

**E**ste é um dos mais complexos problemas humanos. Ele tem de ser profundamente analisado. Ele não é teórico — diz respeito a você.

É assim que todo mundo está agindo — sempre escolhendo o errado, sempre escolhendo a tristeza, a depressão, a miséria. Deve haver razões profundas para isso — e há.

Primeira coisa: o modo como os seres humanos são criados representa um papel muito preciso nesse estado. Se você está infeliz, ganha alguma coisa com isso, sempre ganha. Se está feliz, sempre perde.

Desde o nascimento, uma criança perceptiva começa a sentir a distinção. Se ela está infeliz, todo mundo fica simpático; ela sempre ganha simpatia. Todo mundo tenta ser amável; ela ganha amor. E até mais do que isso; se está infeliz, todo mundo fica atencioso, ela ganha atenção.

E a atenção funciona como um alimento para o ego; como um estimulante alcoólico. Ela lhe dá energia; você sente que é alguém. Daí tanta necessidade, tanto desejo de obter atenção.

Se todos o estão olhando, você se torna importante. Se ninguém o está olhando, você sente como se não existisse, você não existe mais, é um não-ser. Quando as pessoas olham para você, quando se preocupam com você, elas lhe dão energia.

O ego existe no relacionamento. Quanto mais as pessoas lhe dão atenção, mais ego você obtém. Se ninguém o olhar, o ego se dissolverá. Se todo mundo esquecer completamente de você, como o ego poderá existir? Como você poderá sentir que existe? Daí a necessidade de sociedades, associações, clubes. Os clubes existem no mundo inteiro, — Rotary, Lions, Lojas Maçônicas — milhões de clubes e sociedades. Estas sociedades e clubes existem apenas para dar atenção às pessoas que não conseguem obter atenção de outro modo.

É difícil tornar-se presidente de um país. É difícil tornar-se dirigente de uma corporação. É mais fácil tornar-se presidente de um Lions Clube — assim, um determinado grupo lhe dará atenção. Você será muito importante — sem fazer nada! Os Lions Clubes, os Rotarys Clubes, não fazem absolutamente nada, mas mesmo assim as pessoas sentem que são importantes. Além disso, os presidentes estão sempre mudando —

um neste ano, outro no ano seguinte. Todo mundo pode obter atenção. É um acordo mútuo para que todos se sintam importantes.

Desde o nascimento, a criança aprende a ser política. A política é: pareça miserável — assim obterá simpatia, todos serão atenciosos. Pareça doente — você se tornará importante. As crianças doentes ficam ditatoriais; toda a família tem de obedecê-las — seja lá o que for que digam é lei.

Quando a criança está feliz, ninguém a ouve. Quando está saudável, ninguém se importa com ela. Quando está bem, ninguém lhe dá atenção. Desde o nascimento, começamos a escolher a miséria, a tristeza, o pessimismo, o lado mais escuro da vida. Isto é um fato.

Outro fato relacionado a este é: sempre que você está feliz, sempre que está alegre, sempre que se sente em êxtase e abençoado, todo mundo o inveja. Inveja significa antagonismo; ninguém fica amigável, todos são inimigos. Assim, você aprendeu a não ficar em êxtase para que os outros não se tornem seus inimigos — aprendeu a não demonstrar sua felicidade, a não rir.

Olhe para as pessoas quando riem. Elas riem muito calculadamente. Não é uma gargalhada. Não vem de dentro do ser. As pessoas primeiro olham para você, depois julgam... e então elas riem. Mas riem só até um certo ponto — até o ponto que você pode tolerar, até o ponto em que não serão levadas a mal, até o ponto em que ninguém ficará com inveja.

Até mesmo nossos sorrisos são políticos. A risada desapareceu, a felicidade tornou-se completamente desconhecida, e estar em êxtase é quase impossível, porque isso não é permitido. Se você estiver miserável, ninguém pensará que é louco. Se estiver dançando, em êxtase, todos pensarão que é louco. A dança é reprimida, o canto não é aceito. Um homem está feliz — e nós pensamos que algo está errado.

Que tipo de sociedade é esta? Se uma pessoa se sente miserável, tudo bem; ela está ajustada, porque a sociedade inteira é mais ou menos miserável. Ela nos pertence. Se alguém entra em êxtase, pensamos que está ficando louco, insano. Ele não nos pertence — e sentimos inveja.

Por causa da inveja, nós o condenamos. Por causa da inveja, tentamos de todas as maneiras trazê-lo de volta a seu velho estado — e

chamamos esse velho estado de 'normal'. Os psicanalistas começam a ajudar, os psiquiatras ajudam a trazer esse homem para a miséria normal.

No Ocidente, toda a sociedade está contra os psicodélicos. A lei, o estado, o governo, as autoridades legais, as altas cortes, os legisladores, os padres, o papa — todos estão contra. Eles não são, na verdade, contra os psicodélicos — estão contra as pessoas que estão em êxtase. Não são contra o álcool, não são contra as drogas, mas são contra os psicodélicos, porque os psicodélicos podem criar uma mudança química em você. E a velha crosta que a sociedade criou ao seu redor, o aprisionamento na miséria, pode ser rompido, pode haver uma abertura de caminho. Você pode sair disso, mesmo que por apenas uns poucos minutos, e ficar em êxtase.

## O êxtase é a grande revolução.

**A** sociedade não pode permitir o êxtase. O êxtase é a maior revolução. Eu repito: o êxtase é a maior revolução! Se as pessoas ficarem em êxtase, toda a sociedade terá de mudar — porque a sociedade está baseada na miséria.

Se as pessoas forem felizes, será impossível levá-las à guerra — ao Vietnã, ao Egito ou a Israel. Não. Alguém que é feliz apenas rirá e dirá: Que absurdo!

Se as pessoas forem felizes, você não poderá torná-las obcecadas por dinheiro. Elas não desperdiçarão suas vidas acumulando dinheiro. Isto parecerá a elas uma loucura, trocar suas vidas por dinheiro morto, ficar morrendo e acumulando dinheiro, sendo que o dinheiro ainda existirá quando elas estiverem mortas. Isto é uma loucura total! Mas esta loucura não pode ser vista, a menos que você esteja em êxtase.

Se as pessoas estiverem em êxtase, todo o padrão desta sociedade terá de mudar. Esta sociedade vive na miséria. A miséria é o maior investimento desta sociedade. Assim, nós criamos as crianças — desde o nascimento — criamos um aprendizado através da miséria. Eis porque elas escolhem a miséria.

Pela manhã, todo o mundo pode escolher. E não apenas ao amanhecer; na verdade, a todo o momento há uma escolha entre ser miserável ou feliz. Mas você sempre escolhe ser miserável porque há um investimento. Você sempre escolhe ser miserável porque isto tornou-se um hábito, um padrão. Você sempre agiu assim. Tornou-se eficiente nisso. Esta é a sua trilha. No momento em que a sua mente tem de escolher, imediatamente flui em direção à miséria.

A miséria assemelha-se a um declive, o êxtase assemelha-se a uma subida. O êxtase parece muito difícil de ser alcançado — mas não o é. Na realidade, acontece exatamente o posto: o êxtase é um declive e a miséria uma escalada. A miséria é uma coisa muito difícil de ser alcançada, mas você a alcança, você faz o impossível para obtê-la — porque a miséria é antinatural. Ninguém quer ser miserável e todos são miseráveis.

A sociedade fez uma grande obra. A educação, a cultura e os agentes culturais, os pais, os professores — fizeram uma grande obra. Transformaram criadores extasiados em criaturas miseráveis. Toda criança nasce em êxtase. Toda criança é um deus ao nascer. E todo homem morre como um louco.

A menos que você descubra, a menos que recupere sua infância, não será capaz de tornar-se como as nuvens brancas sobre as quais estou falando. Este é todo o seu trabalho, o *sadhana* — recobrar sua infância, recuperá-la. Se vocês puderem se tornar crianças novamente então... então não haverá nenhuma miséria.

Isto não significa que para uma criança não existam momentos de miséria — existem. Mas mesmo assim não existe nenhuma miséria. Tente compreender isto.

Uma criança pode sentir-se miserável, pode ficar infeliz, intensamente infeliz em um momento, mas ela é tão total nessa infelicidade, ela é tão inteira nessa infelicidade, que não existe nenhuma divisão. A criança separada da infelicidade não existe. A criança não olha para sua infelicidade dividida, à parte. Quando a criança está infeliz, fica totalmente envolvida. E quando você se torna inteiro na infelicidade, a infelicidade não é infelicidade. Se você se torna unido a ela, então ela tem sua própria beleza.

Olhe para uma criança — uma criança não mimada, eu quero dizer. Se ela estiver com raiva, toda a sua energia se transformará em

raiva: nada será deixado para trás, nada será retido. Ela avançou e ficou com raiva; não há ninguém manipulando e controlando isso. Não há nenhuma mente. A criança tornou-se a raiva — ela não está com raiva, transformou-se na raiva. E então veja a beleza, o florescimento da raiva. A criança nunca fica feia — mesmo na raiva é bela. Fica apenas mais intensa, mais vital, mais viva — um vulcão prestes entrar em erupção. Uma criança tão pequena, uma energia tão grande, um ser tão atômico — com o universo inteiro a explodir.

E após a raiva, a criança fica silenciosa. Após a raiva, a criança fica em paz. Após a raiva, a criança relaxa.

Podemos pensar que é uma miséria estar com raiva, mas a criança não fica miserável — ela tem prazer nisso.

Se você se tornar inteiro em alguma coisa, ficará feliz. Se separar a si mesmo de qualquer coisa, mesmo da felicidade, tornar-se-á miserável.

Portanto, esta é a chave: Fique dividido com o ego e esta será a base de toda a miséria. Fique inteiro, fluindo com tudo o que a vida traz, fique nisso intensamente, totalmente, de modo a não ser mais, a se perder... e tudo será felicidade.

A escolha existe, mas você se tornou inconsciente dela. Escolheu o errado tão continuamente, fez disso um hábito tão morto, que escolhe automaticamente. Nenhuma escolha lhe resta.

Torne-se alerta. Em todos os momentos em que estiver escolhendo ser miserável, lembre-se: a escolha é sua. Essa conscientização o auxiliará — essa percepção de que a escolha é minha, de que eu sou responsável, e de que isto é o que estou escolhendo para mim mesmo, de que sou eu que estou fazendo isto. Imediatamente você sentirá a diferença. A qualidade da mente será mudada. Será mais fácil caminhar para a felicidade.

E uma vez que você sabe que a escolha é sua, a coisa toda se torna um jogo. Então, se você ama ser miserável, seja miserável. Mas lembre-se: a escolha é sua. E não reclame. Não existe ninguém que seja responsável por isso. Esse drama é seu. Se você gosta desse caminho, se gosta de estar num caminho miserável, se quer passar pela vida na miséria, essa escolha é sua, o jogo é seu. Você o está jogando. Jogue-o bem!

Mas então não vá perguntar às pessoas como não ser miserável. Isto é absurdo. Não vá perguntar aos Mestres e gurus como ser feliz. As



peessoas chamadas de gurus existem porque vocês são tolos. Vocês criam a miséria, e depois vão perguntar aos outros como livrar-se dela. E continuam criando miséria, porque não estão conscientes do que estão fazendo.

A partir desse momento, tentem, experimentem ser felizes e alegres.

## Crie o efeito e a causa virá

**E**u lhes contarei uma das mais profundas leis da vida. É possível que não tenham pensado sobre isto até hoje. Vocês já ouviram — toda ciência depende disso — que o efeito depende da causa. Você cria a causa e o efeito acontece.

A vida é um elo causal. Você coloca a semente no solo e ela germina. Se a causa existe, a árvore germinará. O fogo existe — coloque sua mão no fogo e ele a queimará. A causa está presente e o efeito virá. Você toma o veneno e morre. Você prepara a causa e o efeito surge.

Esta é uma das leis científicas mais fundamentais, que a causa e o efeito têm o mais profundo elo de todo o processo da vida. A religião conhece uma segunda lei que é ainda mais profunda do que esta. Mas se você não a tiver conhecido e experimentado, esta segunda lei, que é mais profunda, lhe parecerá absurda.

A religião diz: produza o efeito e a causa virá. Isto é totalmente absurdo em termos científicos. A ciência diz: se a causa estiver presente, o efeito surgirá.

A religião diz que o inverso também é verdadeiro. Crie o efeito e veja... a causa virá.

Uma situação aconteceu na qual você se sentiu feliz. Um amigo chegou ou seu amado o chamou. A situação é a causa — você se sente feliz. A felicidade é o efeito. A vinda do amado é a causa.

A religião diz: seja feliz e o amado virá. Crie o efeito e a causa o seguirá. E esta é a minha própria experiência, que a segunda lei é mais fundamental do que a primeira. Eu tenho feito isso e o resultado tem

surgido. Seja feliz, e o amado virá. Seja feliz, e os amigos estarão presentes. Seja feliz, e tudo virá.

Jesus disse a mesma coisa com outras palavras: primeiro, busque o Reino de Deus, e tudo o mais advirá. Mas o Reino de Deus é o fim, o efeito. Busque primeiro o fim — 'fim' significa efeito, resultado — e a causa o seguirá. E é assim que deve ser.

Não existe apenas a possibilidade de colocar uma semente no solo e a árvore aparecer — permita que uma árvore exista e haverá milhões de sementes. Se a causa é seguida pelo efeito, o efeito é novamente seguido pela causa. Esta é a corrente! Ela se torna um círculo — começa em algum lugar, criando a causa ou criando o efeito...

E eu lhe digo que é mais fácil criar o efeito — porque o efeito depende totalmente de você; a causa talvez não dependa tanto. Se eu digo que só poderei ser feliz quando um certo amigo estiver presente, então a felicidade depende desse amigo, dele estar presente ou não. Se digo que não poderei ser feliz a menos que obtenha muita riqueza, então minha felicidade depende do mundo inteiro, das situações econômicas, de tudo. É possível que isto não aconteça, então não serei feliz.

A causa não está nas minhas mãos. O efeito está dentro de mim. A causa está nos arredores, nas situações — a causa está do lado de fora. **O efeito está em mim!** Se eu criar o efeito, a causa virá.

Escolha a felicidade — isto significa que você está escolhendo o efeito — e veja o que acontece. Escolha o êxtase e veja o que acontece. Escolha ser feliz e veja o que acontece. Toda sua vida mudará imediatamente e você verá milagres acontecendo ao seu redor — porque criou o efeito e a causa terá que vir.

Isto parece magia; você pode até chamá-la de 'a lei da magia'. A primeira lei é a da ciência e a segunda é a lei da magia. Religião é magia — e você pode ser o mágico. E é isto o que eu lhe ensino: a ser mágico, a conhecer o segredo da magia.

Experimente! Você tem experimentado a outra lei sua vida inteira — não apenas nesta, mas em muitas outras vidas também. Agora, ouça-me! Experimente esta fórmula mágica; eu lhe dou este mantra: crie o efeito e veja o que acontece... as causas imediatamente o circundarão, o seguirão. Não espere pelas causas; você já esperou demais. Escolha a felicidade e será feliz.

# A energia torna qualquer coisa real.

**Q**ual é o problema? Por que você não pode escolher? Por que não pode trabalhar com esta lei? É porque sua mente, toda a sua mente, que foi treinada pelo pensamento científico, lhe diz que se você não estiver feliz e tentar ser feliz, essa felicidade será artificial. Se você não estiver feliz e tentar ser feliz, isto será apenas uma representação, não será verdadeiro. Isto é o que o pensamento científico diz, que não será real, que será apenas representação.

Mas você não sabe. A energia da vida tem seus próprios meios de trabalhar — se você puder representar totalmente, isto tornar-se-á verdadeiro. O único ponto é: o ator não deve estar lá. Mova-se totalmente nisso, então não haverá nenhuma diferença. Se você estiver representando timidamente, permanecerá artificial.

Se eu lhe disser para dançar, cantar e ser feliz, e você tentar medrosamente, apenas para ver o que acontece, e permanecer na retaguarda... e continuar pensando: isto é artificial. Estou tentando, mas nada está acontecendo, isto não é espontâneo — então permanecerá na representação, será uma perda de tempo.

Se quiser tentar, então tente por inteiro. Não permaneça na retaguarda, entre nisso, torne-se a ação — dissolva o ator na ação e veja o que acontece. Ela tornar-se-á verdadeira e você a sentirá espontânea. Você não será o agente — e saberá que isto simplesmente aconteceu. Mas a menos que você seja total, não acontecerá. Crie o efeito, esteja nisso completamente, e veja, observe os resultados.

Posso torná-los reis sem reinos — basta que ajam como reis, e ajam tão totalmente que, diante de vocês, até mesmo um rei verdadeiro pareça estar apenas representando. E quando a energia inteira entrar nisso — tornar-se-á realidade! A energia torna qualquer coisa real. Se você ficar esperando pelos reinos, eles nunca virão.

Até mesmo para um Napoleão, para um Alexandre, que tiveram grandes reinos. Eles nunca virão. Napoleão e Alexandre permaneceram miseráveis porque não chegaram a compreender a segunda, a mais fundamental e primária lei da vida. Alexandre tentou criar um reino

maior para tornar-se um rei maior. Toda sua vida foi gasta em criar esse reino, mas ele não teve tempo para ser rei. Morreu antes do reino estar completo.

Isto aconteceu a muitos. O reino não pode nunca estar completo. O mundo é infinito — seu reino está destinado a permanecer parcial. E com um reino parcial, como você poderá ser um rei total? Seu reino está destinado a ser limitado. E com um reino limitado, como você poderá ser o imperador? É impossível. Mas você pode ser o imperador... basta criar o efeito.

Swami Ram, um dos místicos deste século, foi para a América. Ele costumava chamar a si mesmo de Badshah Ram — Imperador Ram. E ele era um mendigo! Alguém lhe disse: você é apenas um mendigo, mas continua a denominar-se imperador. Ram respondeu: não olhe para as minhas coisas — olhe para mim. E ele estava certo, porque se você olhar para as coisas, todo o mundo é mendigo — até um imperador. Pode ser que ele seja um mendigo maior, mas é só isso. Quando Ram disse: olhe para mim! Nesse momento, Ram era o imperador. Era possível ver — o imperador estava lá.

Crie o efeito, torne-se o imperador, seja um mágico — e a partir deste exato momento —, porque não há necessidade de esperar. Seria preciso esperar se o reino tivesse de vir primeiro. Se a causa tivesse de ser criada primeiro, então seria preciso esperar, esperar e adiar. Mas não há necessidade de esperar para criar o efeito. Você pode ser o imperador neste exato momento.

Quando eu digo: Seja! Seja o imperador e veja — o reino virá. Sei disso pela minha própria experiência. Não estou falando sobre uma teoria ou uma doutrina. Seja feliz, e nesse auge de felicidade verá que o mundo todo está feliz com você.

Existe um antigo dito: Chore e chorará sozinho, ria e o mundo todo rirá com você. Até as árvores, as pedras, a areia, as nuvens, se você puder criar o efeito e estar em êxtase, todos dançarão com você; a existência inteira tornar-se-á uma dança, uma celebração.

Mas isto depende de você — de conseguir criar o efeito. E eu lhe digo: você pode criá-lo. É a coisa mais fácil que existe. Parece difícil porque você ainda não tentou. Faça uma tentativa!

# O ganso está fora!

**Bhagwan,**

**Nós ouvimos o que você diz, mas estamos no Ocidente e guardamos tudo como informação em nossas cabeças.**

**Como podemos sair de nossas cabeças? Quais métodos podemos usar? E a força de vontade pode nos auxiliar?**

**N**ão. A força de vontade não os auxiliará. Na verdade, a força de vontade não tem nenhuma força, porque depende do ego — é um fenômeno muito frágil, não pode criar muito poder. Quando você está sem vontade, é poderoso — porque então é um com o todo.

No fundo, a força de vontade é um tipo de impotência. Para esconder o fato de que somos impotentes, criamos a vontade. Criamos o oposto para iludir a nós mesmos e aos outros.

As pessoas que se sentem tolas tentam mostrar que são sábias. Estão constantemente conscientes de que são tolas, então fazem tudo para parecerem sábias. As pessoas feias, ou que se sentem feias, sempre tentam embelezar-se — mesmo que seja só uma beleza pintada, apenas uma aparência, uma máscara. As pessoas fracas sempre tentam parecer fortes. O oposto é criado, este é o único meio de esconder a realidade interior.

Um Hitler é um fraco. Eis porque cria tanta força de vontade ao seu redor — apenas para esconder esse fato. Uma pessoa realmente forte não tem consciência da sua força. A força flui, existe, mas a pessoa nem percebe isso.

Laos Tzu diz: um homem de real virtude nunca sabe que é virtuoso. Um homem realmente moral nunca está consciente de que é moral. Entretanto, um homem que está consciente de que é moral tem a imoralidade escondida no fundo. Um homem que pensa ser bom, santo, sábio, é um pecador — e ele sabe disso! É apenas para esconder o fato que ele cria o oposto.

A força de vontade, na realidade, não é uma força, mas uma fraqueza. Um homem realmente forte não tem nenhuma vontade própria

— o todo é sua vontade. Ele flutua como uma nuvem branca, unido à existência, em harmonia com ela.

Sua vontade cria conflito. Ela o retrai, faz de você uma ilha, e então uma luta se inicia.

Uma pessoa sem vontade é naturalmente acéfala. E lembre-se, você não pode sair da sua cabeça. Pode cortá-la — isto é fácil. Mas sair dela é quase impossível, porque até mesmo esse conceito de sair faz parte dela.

A cabeça é uma confusão, um caos. Você pensa, e pensa também contra o pensamento. O pensamento que está contra o pensamento também é pensamento. Você não sai dele. Pode condenar seus pensamentos, mas essa condenação é novamente um pensamento. E não alcança nada, fica se movendo num círculo vicioso. Você pode continuar se movendo, mas não ficará fora.

Assim, o que fazer? Como sair da cabeça?

Apenas uma coisa é possível: não crie nenhuma luta interior, não crie nenhum esforço para sair, porque todo esforço será suicida. O que se pode fazer então? Simplesmente observe.

Esteja dentro e observe. Não tente sair — esteja dentro e observe.

E, se você puder observar, nesses momentos de vigilância não haverá nenhuma cabeça. De repente, você estará além. Não fora — além. De repente, você estará pairando além de si mesmo.

Existe uma estória Zen — muito absurda, como todas as estórias Zen. Mas elas têm de ser absurdas porque a vida é assim, elas retratam a vida como ela é.

Um Mestre Zen costumava dizer a seus discípulos: Há algum tempo, coloquei um ganso em uma garrafa. Agora, o ganso cresceu e o gargalo da garrafa é muito estreito para que ele possa sair. A garrafa é muito preciosa e não quero quebrá-la, por isso estou agora num impasse. Se o ganso não puder sair, ele morrerá. Posso quebrar a garrafa e o ganso sairá, mas não quero quebrá-la — ela é preciosa. E não quero matar o ganso também. Assim, o que devo fazer?

Este é o problema! O ganso está na cabeça e o pescoço é muito estreito. Você pode quebrar a cabeça, mas ela é preciosa. Ou pode deixar o ganso morrer, mas isto também não deve acontecer — porque o ganso é **você**.

Esse velho Mestre Zen continuava perguntando a seus discípulos, e, batendo neles, lhes dizia: Encontrem um jeito! — porque não há tempo. Apenas uma vez ele aceitou uma resposta. Um discípulo disse: 'O ganso está fora!'

Muitos tentaram responder, mas ele sempre batia na pessoa e dizia: não. Alguém sugeria fazer alguma coisa com a garrafa, mas novamente o Mestre dizia: a garrafa quebrará, ou alguma coisa sairá errada, e isto não pode acontecer. Outro alguém dizia: se a garrafa é tão preciosa, deixe o ganso morrer. Estes eram os únicos dois jeitos; não havia nenhum outro. E o Mestre não dava qualquer outra chave.

Mas para aquele discípulo, ele se inclinou, tocou seus pés e disse: Está certo — o ganso está fora! Ele nunca esteve dentro.

**Você está fora!** Nunca esteve dentro. A sensação de que está dentro é apenas um conceito falso.

Na realidade, o problema não está em trazê-lo para fora da sua cabeça. Observe apenas. Enquanto observa, o que acontece? — o fenômeno da observação. Simplesmente feche seus olhos e observe os pensamentos. O que acontece? Os pensamentos estão aí dentro, mas você não está. O observador sempre está além. O observador sempre está no alto da montanha. Todas as coisas se movem ao redor, mas o observador está além.

O observador nunca está dentro, não pode nunca ser o de dentro — ele está sempre fora. Observar significa estar fora. Pode chamar esse fenômeno de testemunho, de percepção, de consciência, ou seja lá do que quiser, mas o segredo é: observe!

## Você não terá cabeça.

**A**ssim, sempre que sentir que sua cabeça está demais, sente-se sob uma árvore e observe, não tente sair. Quem sairá? — não há ninguém dentro. Como você pode sair? Pode continuar tentando e tentando, e ir se envolvendo cada vez mais. Pode até ficar louco, mas nunca sairá.

Uma vez que sabe que num estado de vigilância está além, transcendendo — já está fora. A partir desse momento, está sem cabeça. A cabeça pertence ao corpo não a você.

A cabeça faz parte do corpo, pertence ao corpo, tem uma função no corpo. Ela é bela, é boa. A garrafa é preciosa, e se você conhecer seu jeito, seu segredo, poderá usá-la. Quando estou falando com vocês, o que estou fazendo? — usando a garrafa. Quando Buda está pregando, o que ele está fazendo? — usando a garrafa. A garrafa é realmente preciosa, uma valiosa compota. Mas este não é o jeito de preservá-la: inserir-se nela, e depois de conseguir estar preso, fazer esforços para sair. Isto transforma a vida num caos.

Uma vez que você sabe que, observando, está fora, fica acéfalo. Anda por esta terra sem nenhuma cabeça. Que beleza de fenômeno! Um homem andando sem cabeça. É este o significado quando digo: torne-se uma nuvem branca — um fenômeno acéfalo.

Você não pode imaginar quanto silêncio pode descer ao seu encontro quando a cabeça não está presente. Sua cabeça física estará presente, mas o envolvimento, a obsessão não estará.

A cabeça não é o problema! Ela é bela, uma criação maravilhosa, o maior computador já inventado — algo tão complexo, um mecanismo tão eficiente. Ela é linda. Deve ser usada, e você pode alegrar-se em usá-la. Mas de onde tirou a idéia de que está dentro dela? Isto parece ser um falso ensinamento.

É possível que vocês não saibam, mas no Japão antigo, e mesmo hoje em dia entre os mais velhos, se você lhes perguntasse: de onde vem seu pensamento? Eles apontavam para a barriga, porque, no Japão, pensava-se que a barriga era o centro do pensamento. Assim, quando pela primeira vez os europeus chegaram lá, não podiam acreditar que um país inteiro pensasse que a mente estava na barriga e não na cabeça.

Isto de que você está na barriga é apenas uma atitude Ocidental. No antigo Japão, achar que o pensamento vinha da barriga, realmente funcionava. Mas agora eles estão transferindo-o da barriga para a cabeça.

Existiram outras tradições que achavam que o pensamento vinha de outras partes do corpo. Lao Tzu diz que o pensamento vem da sola dos pés. Assim, existem técnicas na yoga taoísta para sair da sola dos pés — porque o pensamento ainda continua lá.



Qual é a realidade? A realidade é: você está além. Mas pode estar apegado a qualquer parte do corpo — a cabeça é uma obsessão Ocidental, a barriga era uma obsessão Oriental. Você deve ter ouvido falar sobre D.H. Lawrence. Ele costumava dizer que a pessoa pensa a partir do centro sexual, que este é o verdadeiro centro do pensamento, e não qualquer outro.

Todos são iguais — igualmente errados ou igualmente certos. Não há nada a escolher, porque a testemunha está além. Ela está por todo o corpo e além do corpo. Você pode estar apegado a qualquer parte do corpo e começar a pensar que esta é a parte.

Não há necessidade de sair, porque você nunca esteve dentro. O ganso está fora — já estava fora!

Observe... E quando observar, lembre-se de que enquanto estiver observando, não deve julgar. Se julgar, a observação será perdida. Enquanto observar, não avalie. Se avaliar, a observação será perdida. Enquanto observar, não condene. Se condenar, perderá o ponto.

Enquanto observar, apenas observe... seja um rio fluindo, deixe a corrente da consciência fluir, permita que os pensamentos atômicos flutuem como bolhas e fique sentado na margem observando. O curso continuará e continuará. Não diga isto é bom, não diga isto é mau, não diga que isto não deveria ter acontecido, não diga que aquilo deveria ter acontecido. Não diga nada — simplesmente observe. Não queira criticar. Você não é um juiz — é apenas um observador. E veja o que acontecerá.

Observando o rio, de repente, você estará além... e o ganso estará fora. E uma vez que saiba que está fora, pode permanecer fora. Pode mover-se nesta terra, sem a cabeça.

Este é o jeito de cortar a cabeça. Todo o mundo está interessado em cortar a cabeça dos outros — isto não auxilia em nada. Você já fez isso demais. Corte a sua mesma.

Seja acéfalo, e estará em profunda meditação.

---

**Quarta manhã**  
13 de maio de 1974.

---

Todas as esperanças são falsas.

**Bhagwan,**

**Você nos tem dito o quanto é fácil abandonar nossos egos e nos unificarmos à nuvem branca. Tem dito também que tivemos milhões de vidas e que muitas delas foram junto a Budas, Krishnas e Cristos. Mesmo assim, ainda não desistimos de nossos egos. Você estaria criando em nós falsas esperanças?**

**T**odas as esperanças são falsas. Esperar é viver na falsidade. Portanto, a questão não é criar falsas esperanças: seja o que for que se espere, será falso.

A esperança brota da sua falsidade de ser. Se você é real, não tem necessidade de ter esperança. Não há porque pensar no futuro, no que acontecerá. Você é tão real e autêntico que o futuro desaparece.

Quando não se é real o futuro torna-se importante — e passa-se a viver nele. A realidade deixa de ser aqui e agora para estar em algum lugar nos seus sonhos. Você faz com que esses sonhos pareçam reais, porque através deles você ganha a sua realidade.

Assim como está, você é irreal. É por isso que há tanta esperança.

Todas as esperanças são falsas... você é real. E todo o meu esforço está em jogá-lo para si mesmo.

O ego são todas as esperanças combinadas entre si. O ego não é uma realidade — é o coletivo de todos os seus sonhos, de tudo o que é irreal, de tudo o que é falso.

O ego não pode existir no presente. Observe este fenômeno: o ego sempre está no passado ou no futuro, jamais aqui e agora, jamais. É impossível. Sempre que se pensa no passado, o ego, o eu, está presente. Sempre que se pensa no futuro, o eu surge. Mas quando se está aqui, não há pensamento passado ou futuro. Onde está o eu?

Sentado sob uma árvore, sem pensar no passado ou no futuro, apenas aí sentado, onde está você? onde está o eu? Não se pode senti-lo. Ele não está presente. O ego nunca existe no presente.

O passado não existe mais. O futuro ainda não existe. Ambos não estão. O passado já desapareceu. O futuro ainda não apareceu. Ambos não estão — só o presente existe. E, no presente, não se pode encontrar nada que se assemelhe ao ego.

Então, o que significa quando digo abandone o ego? Não estou lhe dando nenhuma esperança, mas fazendo com que perca todas elas. A dificuldade é esta: se você viver de esperanças e sentir que todas desapareceram, morrerá.

Virá então uma pergunta: Por que viver?... Para quê? Por que se mover de um momento para outro?... Para quê? O objetivo desapareceu com o desaparecimento da esperança. Por que continuar, se não há nada a alcançar? Você não pode viver sem esperanças: eis porque se tornou difícil abandonar o ego. A esperança tornou-se sinônimo de vida.

Toda vez que um homem tem esperanças parece estar mais vital, parece estar mais vivo, mais forte. Quando não tem esperanças parece fraco, deprimido, jogado de volta a si mesmo, sem saber o que fazer, para onde ir.

E quando não há esperanças, parece que tudo perdeu o significado. Imediatamente você cria novas esperanças, cria substitutos. Quando uma esperança é frustrada é imediatamente substituída por outra, porque você não consegue viver num espaço vazio. Não consegue viver sem esperar alguma coisa.

E eu lhe digo que este é o único modo de se viver. Sem nenhuma esperança, a vida é real; pela primeira vez, a vida é autêntica.

## O sonho realidade.

**P**ortanto, a segunda coisa que se deve entender é: quando digo que é fácil abandonar o ego, não estou dizendo que seja fácil para você abandoná-lo. Quero dizer que é fácil, porque o próprio fenômeno do ego é irreal.

Se o ego é falso, Se o sonho é apenas um sonho, como pode ser difícil sair dele? Se ele fosse real, então haveria uma dificuldade. Se o sonho é apenas um sonho, como pode ser difícil abandoná-lo? Você pode sair dele! O sonho não pode agarrá-lo. O sonho não pode impedi-lo. O sonho não pode ser uma barreira. O sonho não tem força para isso — é por isso que o chamamos de sonho. É fácil sair de um sonho; e este é o significado quando digo que é fácil abandonar o ego.

Não que seja fácil para você — porque, para você, o sonho ainda é uma realidade, não é um sonho. Para você, o ego não é falso, é a sua única realidade. Tudo o mais é falso.

Nós vivemos em torno do ego. Buscamos jornadas cada vez mais egocêntricas. Alguns buscam através da saúde, outros através do "status", do poder, do prestígio, outros através da política, outros através da religião, dos conventos e mosteiros. São milhares os caminhos. Mas no fim, o resultado, o objetivo, é o mesmo: cada vez mais buscar o eu, cada vez mais buscar o ego.

Para você, ele é uma realidade. E eu digo que para você é a única realidade. O falso tornou-se real, a sombra tornou-se substancial. É por isso que é difícil. Não porque o ego seja poderoso, não. Mas porque você ainda acredita nele, acredita em seu poder.

Se você acreditar no ego, será difícil, porque, de um lado, quererá abandoná-lo; do outro, continuará apegado a ele. Será difícil. Quando digo que o ego é um sonho, você quer acreditar, porque já sofreu demais com ele — mas não sente a verdade do que estou dizendo. Se sentisse a verdade do que estou dizendo, você o abandonaria imediatamente. Nem mesmo perguntaria como fazê-lo. Não existe como. Você percebe o ponto e abandona o ego.

Você não vê a verdade do que estou dizendo. Se digo que ainda não percebeu que o ego é falso e pode ser abandonado, se digo que o ego pode ser abandonado, você faz disso uma esperança.

Já sofreu tanto com ele, que tem esperança de poder abandoná-lo para que todo o sofrimento desapareça. Você se sente feliz por ter essa esperança.

Eu não estou lhe dando esperanças, você as está criando. Estou simplesmente afirmando um fato: é assim que o ego é construído, é assim que o ego está estruturado, é assim que ele é criado — e é assim que pode ser abandonado! E por ser falso, não será necessário nenhum esforço. Se você perceber este ponto, o ego desaparecerá.

Um homem corre assustado, teme morrer, corre de sua própria sombra. Você o faz parar e diz: Não seja tolo! Não há ninguém o perseguindo — é a sua própria sombra. Ninguém quer assassiná-lo. Não há mais ninguém aqui além de você. Assustou-se com a sua própria sombra.

Mas quando você começa a correr, a sombra também corre — mais depressa ainda. Quanto mais você corre, mais a sombra o persegue. A mente lógica dirá que você está em perigo. A mente lógica dirá: se quiser escapar, terá que correr ainda mais. Mas tudo que você fizer a sombra também fará. E, se não conseguir se livrar dela, ficará cada vez mais assustado. Tudo isso que você está criando parte de você mesmo.

Mas se eu lhe disser: é só a sua sombra, ninguém o está perseguindo — e você compreender este ponto, olhará para a sombra e perceberá o que está acontecendo. Você perguntará como abandoná-la? Pedirá técnicas, métodos e yogas para abandoná-la? Simplesmente rirá. Você já a abandonou! No momento em que vê que é só uma sombra, que não está sendo seguido, ela já foi abandonada. Não precisa perguntar como. Você dá uma boa gargalhada, porque tudo era tão absurdo.

O mesmo acontece com o ego. Se você puder ver a verdade do que digo a coisa já aconteceu. Tudo aconteceu no próprio ato de perceber, Não existe mais "como" fazer.

Se você pergunta "como", ainda não aconteceu, ainda não percebeu o ponto — mas fez disso uma esperança. Por ter sofrido tanto pelo ego sempre quis abandoná-lo — mas esse querer sempre foi pela metade.

Todo o seu sofrimento surgiu por causa do ego, mas todos os seus prazeres também surgiram através do ego.

Você se sente bem quando é aplaudido por uma multidão Esta é a única graça que conhece. Seu ego eleva-se, atinge um pico, transforma-se num Everest. Você gosta disso! Mas se a multidão o condena, você sente-se ferido. Então ela deixa de ter significado; você é massacrado por ela. Cai num vale, numa depressão.

Através do ego, você tem conseguido prazeres e também sofrimentos. Quer abandoná-lo pelos sofrimentos, mas não pode abandoná-lo por causa dos prazeres.

Então, quando digo que o ego pode ser abandonado facilmente, cria-se em você uma esperança. Não sou eu que a estou criando — e sim a sua avareza. Ela não se torna uma compreensão, torna-se uma avareza, uma nova busca por gratificação. E você sente que há um jeito, que há um homem que pode ajudá-lo a abandonar o ego e toda a miséria criada por ele. Mas está pronto para abandonar também todos os prazeres que o ego lhe proporciona?

Se estiver pronto, será muito fácil — será como abandonar uma sombra. Mas não pode ser pela metade, não pode ser só uma parte. Ou desaparece tudo, ou tudo fica preso a você. É este o problema, é esta a dificuldade.

Todos os seus prazeres e todos os seus sofrimentos estão relacionados a um único fenômeno: você quer preservar os prazeres e abandonar os sofrimentos. Está pedindo o impossível. Então será difícil. Não apenas difícil — será impossível. Não acontecerá. Tudo o que você fizer será inútil — não conseguirá nenhum resultado.

Você faz disso uma esperança, um paraíso, a intensa graça de um Buda. Ouvindo a mim, a Jesus ou a Buda, uma esperança é criada. Mas

não sou eu que a estou criando, é você quem a cria. É você quem projeta esperanças nisso.

E este é o problema, a complexidade: todas as esperanças são novamente alimentos para o ego. Mesmo a esperança de alcançar o paraíso, o céu, de tornar-se iluminado, é uma esperança. E a esperança em si é um alimento para o ego.

Quem está querendo tornar-se iluminado? Aquele que está tentando iluminar-se é que é o problema. Jamais alguém se tornou iluminado. A iluminação acontece, mas nunca alguém se torna iluminado. Quando a sala está vazia, a iluminação acontece. Quando não há ninguém para tornar-se iluminado, a iluminação acontece.

## Você é o problema.

**P**or causa da nossa linguagem, devido à ambigüidade da língua, tudo o que se diz sobre coisas tão profundas torna-se falso. Dizemos: Gautama Buda tornou-se iluminado. Isto é falso. Gautama Buda jamais se tornou iluminado. Gautama Buda era a não-iluminação. Só quando não estava mais, quando se ausentou, a iluminação aconteceu. Quando, de repente, um dia ele compreendeu que estava seguindo um padrão absurdo, quando compreendeu que ele era o problema e tudo o que fizesse criaria mais problemas... Não é uma questão de certo ou errado, disto ou daquilo. Tudo o que você fizer fortalecerá o seu ego.

Quando Buda compreendeu isto — mas esta compreensão precisou de muitos anos de esforço — quando compreendeu que tudo que fizesse estaria fortalecendo ainda mais seu ego, simplesmente parou de fazer. Naquele momento de compreensão, transformou-se num não fazer, completamente inativo.

Lembre-se, este é o problema: você pode criar atividade até mesmo a partir da sua inatividade, ou pode criar atividade apenas para fazer com que aconteça a inatividade. Mas então você perde.

Você pode ficar em silêncio, em pé ou sentado. Mas se fizer qualquer esforço, será falso. Não estará parado, estará se movendo. Se

você se sentar em silêncio e esforçar-se para isso, se estiver querendo ficar em silêncio, esse silêncio será falso. Você não estará em silêncio.

Quando Buda compreendeu que ele era o problema e que qualquer atividade de sua parte daria mais substância ao ego, simplesmente parou. Não fez mais nenhum esforço para criar um estado de inatividade. Não fez absolutamente nada. Tudo o que acontecia, estava acontecendo por si.

O vento soprava e as árvores deviam estar dançando. Depois veio a lua cheia e toda a existência estava celebrando. A respiração entrava e saía, o sangue circulava nas veias, o coração pulsava, tudo estava acontecendo! Mas ele não fazia nada. E nesse não fazer Gautam Siddharta desapareceu.

Pela manhã, não havia ninguém ali para receber a iluminação, mas a iluminação estava presente. Sob a árvore Bodhi, estava sentado um veículo vazio. Respirando, é claro, com o coração batendo, é claro, melhor do que nunca. Tudo funcionava perfeitamente sem que ninguém fizesse qualquer coisa. O sangue circulava, e, ao redor, toda a existência vivia e dançava. Cada átomo do corpo de Buda estava vivo e dançando. Nunca estivera tão vivo — mas agora a energia movia-se por si mesma. Não havia ninguém para forçá-la, ninguém para manipulá-la.

Buda transformou-se numa nuvem branca. A Iluminação aconteceu.

E ela pode acontecer a você também. Mas não faça disso uma esperança. Pelo contrário: percebendo o ponto, abandone todas as esperanças. Perca as esperanças, perca totalmente as esperanças.

É difícil perder as esperanças. Muitas vezes você alcança esse estado, mas nunca é perfeito. Quando você perde uma esperança, sente-se desesperado. E imediatamente, para encobrir o desespero, cria novas esperanças e o desespero desaparece.

As pessoas vão de um Mestre a outro, movem-se de uma esperança a outra. Procuram um Mestre com esperança de que ele distribua a sua graça, de que, através da sua energia, algo aconteça. Tentam, esperam com a mente tensa — porque a mente esperançosa nunca está relaxada — com a mente impaciente — porque a mente esperançosa não pode ser paciente.



Começam então a ficar inquietas, porque nada está acontecendo. O Mestre deve estar errado, é preciso buscar outra pessoa. Elas não se movem de um Mestre a outro, mas de uma esperança a outra. As pessoas mudam de uma religião para outra, convertem-se. Mas só por causa da esperança. E você pode continuar fazendo isso durante muitas vidas. É o que tem feito.

Agora, tente perceber o ponto! Não é uma questão de Mestres e nem de métodos adequados. Trata-se de uma percepção direta, de uma penetração direta no fenômeno, naquilo que está acontecendo, no porquê da esperança, no porquê de não poder viver sem ela. E o que você ganhou com todas as suas esperanças?

Veja o fenômeno. E ele desaparecerá por si mesmo. Nem será preciso abandoná-lo. É por isso que digo que é fácil, e sei perfeitamente que é muito difícil. É difícil por sua causa, é fácil pelo fenômeno. O fenômeno é fácil — você é que é difícil.

Pode acontecer a qualquer momento, E quando digo que pode acontecer a qualquer momento, isto significa que o fenômeno da iluminação, a ausência do ego, não é causado por nada. Não é necessária nenhuma causa. Não é o resultado de muitas causas, não é um subproduto. É uma simples percepção. Pode acontecer a um pecador e não acontecer a um santo.

Portanto, nenhuma condição é realmente necessária. Se ele puder ver, acontecerá até mesmo a um pecador. Se ele perder as esperanças, se sentir que não há nada a adquirir, se puder ver que tudo não passa de um jogo absurdo, poderá acontecer a ele.

E pode não acontecer a um santo, porque os santos estão sempre querendo conseguir. Ainda não perderam as esperanças. O mundo tornou-se fútil, mas um outro mundo passou a ter importância. Eles entendem que têm que deixar esta Terra, mas existem paraísos além onde terão que chegar.

Mesmo as pessoas que estão próximas de um Jesus ou de um Buda continuam pedindo coisas como essas. Exatamente na noite anterior à sua morte, quando Jesus estava para ser preso, seus discípulos perguntaram: Mestre, responda: no Reino de Deus, quando você estiver sentado ao lado direito do Pai em seu trono, qual será a nossa posição? Onde e em que ordem nos sentaremos? Deus sentado em seu trono,

Jesus, o Filho Unigênito, ao seu lado direito, e depois os doze discípulos: onde se sentarão e em que ordem?

Pessoas que conviveram com Jesus e fazendo perguntas tão tolas! Mas a mente humana é assim. Elas não pedem nada deste mundo, tornam-se mendigas, mas pedem pelo outro mundo. Na verdade, não são mendigas, são esperançosas. Arriscaram este mundo, mas isto é uma barganha — Onde estaremos no outro? Quem se sentará ao lado de Jesus?

Provavelmente houve uma competição entre os doze discípulos. Deve ter havido política e ambição. Uns caíram, outros subiram, e outros ainda tornaram-se chefes. Devem ter surgido conflitos, políticas internas, violência e agressão dissimuladas.

Mesmo diante de Jesus as pessoas têm esperanças. A esperança tem raízes profundas em você. Tudo o que diz, você converte em esperança. Você é um mecanismo criador de esperança, e esse mecanismo criador é o ego.

Então, o que fazer? Na verdade, não há nada a fazer. Você só precisa clarear os olhos, torná-los mais perceptivos e penetrantes. Só precisa olhar-se com novos olhos, olhar o seu ser, ver tudo o que tem feito e esperado. É preciso um novo olhar.

E eu lhe digo: com esse novo olhar, com esse olhar inocente, o ego desaparecerá por si mesmo. Este é o fenômeno mais fácil e, ao mesmo tempo, o mais difícil. Mas lembre-se bem: eu não estou lhe dando nenhuma esperança.

## O centro do ciclone.

**Relacionado ao que você acabou de dizer, o Zen diz: esforce-se sem esforço. Você poderia nos falar a esse respeito? E como isso se aplica à sua meditação dinâmica?**

**M**editação é um fenômeno de energia. Uma coisa básica tem de ser entendida sobre todos os tipos de energia e essa lei básica a ser entendida é: a energia move-se numa polaridade dual. Move-se somente desta maneira, não há outro jeito de se movimentar. Move-se numa polaridade dual.

Para que a energia possa tornar-se dinâmica, é necessário que haja um anti-polo. É como a eletricidade, que se move com polaridades positivas e negativas. Se houver apenas a polaridade positiva, não haverá eletricidade; ou se houver apenas a polaridade negativa, também não haverá eletricidade. Os dois pólos são necessários e quando ambos se encontram, criam eletricidade e surge a fagulha.

Isto é válido para todos os tipos de fenômenos. A polaridade homem/mulher dá continuidade à vida. A mulher é a energia vital negativa e o homem é o pólo positivo. Ambos são atraídos porque são elétricos. A vida desapareceria se houvesse só o homem. Se só houvesse a mulher, não haveria vida, apenas morte. Entre ambos existe um equilíbrio. Entre ambos, entre os dois pólos, as duas margens, flui o rio da vida.

Onde quer que você olhe verá a mesma energia movendo-se entre duas polaridades, equilibrando-se.

Esta polaridade é muito significativa para a meditação, porque a mente é lógica e a vida é dialética. Quando digo que a mente é lógica, isto significa que ela se move linearmente. Quando digo que a vida é dialética, isto significa que se move de um pólo ao outro e não linearmente. Faz um zig-zag, do negativo para o positivo — do positivo para o negativo, do negativo para o positivo. É um zig-zag. Ela usa os opostos.

A mente move-se numa linha simples e direta. Nunca se move para os opostos. A mente nega os opostos. Ela crê no um e a vida crê no dois.

Portanto, seja o que for que a mente crie, sempre escolhe o um. Se escolhe o silêncio, se a mente se cansa do barulho criado pela vida e decide-se pelo silêncio, refugia-se nos Himalaias. Quer ficar quieta. Não quer nada com qualquer espécie de ruído. Até o canto dos pássaros a perturba. Até a brisa soprando nas árvores a perturba. A mente quer o silêncio. Ela escolheu a linha. Agora o oposto tem que ser completamente negado.

Mas este homem que vive nos Himalaias em busca do silêncio, que evita o oposto, o outro, certamente tornar-se-á morto, insípido. E quanto mais escolher o silêncio, mais insensível ficará, porque a vida necessita do oposto, do desafio do oposto.

Existe um tipo diferente de silêncio que acontece entre dois opostos.

O primeiro, é um silêncio morto, é o silêncio dos cemitérios. Um homem morto é silencioso, mas ninguém quer ser um cadáver. Um homem morto é totalmente silencioso, ninguém pode perturbá-lo. Sua concentração é perfeita. Não se pode fazer nada capaz de distrair sua mente. Ela está completamente parada. Mesmo que o mundo todo enlouqueça à sua volta, ela permanecerá em sua concentração. Mas mesmo assim, ninguém quer ser um cadáver. Silêncio, concentração, ou seja qual for o nome, ninguém quer estar morto — se você está silencioso porque morreu, seu silêncio não significa nada.

O silêncio deve acontecer quando você está completamente vivo, vital, pulsando de vida e energia. Então, o silêncio é muito significativo. Mas será diferente, terá uma qualidade completamente diferente. Você não será insípido, estará vivo. Será um equilíbrio sutil entre duas polaridades.

O homem que busca um equilíbrio vivo; um silêncio vivo, quer estar tanto nos Himalaias quanto numa feira. Ele quer ir à feira para desfrutar do barulho, e quer ir aos Himalaias também para desfrutar do silêncio. E cria um equilíbrio entre essas duas polaridades e permanece nesse equilíbrio. Este equilíbrio não pode ser alcançado através de esforços lineares.

É este o significado da técnica Zen do esforço sem esforço. Ela usa termos contraditórios: o esforço sem esforço, ou porta sem porta, ou caminho sem caminho. Os Zen sempre usam termos imediatamente contraditórios, apenas para insinuar que o processo será dialético e não linear. O oposto não deve ser negado, mas sim absorvido. O oposto não deve ser deixado de lado — ele tem de ser usado. Se o deixar de lado, será sempre uma carga para você, ficará enganchado em você. Sem usá-lo, você perderá muito.

A energia pode ser convertida e utilizada. Quando você a usa, torna-se mais vital, mais vivo. O oposto tem que ser absorvido para que o processo seja dialético.

O não esforço significa não fazer nada, inatividade — *akarma*. O esforço significa fazer muito, atividade — *karma*. Ambos devem estar presentes.

Faça muito, mas não seja um agente — então conseguirá ambos. Mova-se no mundo, mas não seja parte dele. Viva no mundo, mas não deixe que o mundo viva em você. Então a contradição será absorvida e você não estará rejeitando nada, não estará negando nada. Deus foi aceito em sua totalidade.

## Meditação dinâmica.

**É** isso o que eu estou fazendo. A meditação dinâmica é uma contradição. Dinâmica significa esforço, muito esforço, esforço absoluto. E meditação significa silêncio, passividade, inatividade. Você pode chamá-la de meditação dialética.

Seja tão ativo a ponto de toda a energia tornar-se movimento, a ponto de não restar em você nenhuma energia estática. A energia toda deve ser provocada, nada deve ser deixado para trás. Todas as partes congeladas da energia devem se diluir, fluir. Agora, você já não é uma coisa congelada, tornou-se dinâmico. Já não é uma substância, tornou-se uma energia. Você não é material, tornou-se elétrico. Faça com que a energia seja totalmente trabalhada. Seja ativo, mova-se.

Quando tudo estiver se movendo e você tiver se tornado um ciclone, então fique atento.

Lembre-se: fique atento — e neste ciclone, de repente, você descobrirá um centro que é absolutamente silencioso. Este é o centro do ciclone, é você. Você em sua divindade, como um deus.

Tudo à sua volta é atividade. Seu corpo tornou-se um ciclone ativo; tudo se move cada vez mais rápido. Todas as partes congeladas estão diluídas e você flui. Transformou-se num vulcão, num fogo, numa eletricidade. Mas bem no centro, no meio de todo esse movimento, há um ponto imóvel, um ponto silencioso.

Este ponto silencioso não é criado. Ele está aí! Não há nada para se fazer com ele, sempre esteve aí. É seu próprio ser, a própria base do seu ser. É o que os hindus chamam de *atma*, de alma. Está aí, mas se a sua existência material, o seu corpo, não estiver totalmente ativo, você não terá consciência dele. O totalmente inativo aparece com a atividade total.

A atividade proporciona um contraste, funciona como um quadro negro. E no quadro negro o giz branco aparece.

Não se enxerga o giz branco numa parede branca, mas ele pode ser visto sobre um quadro negro. Então, quando seu corpo está ativo, dinâmico, em movimento, de repente você tem a consciência de um ponto quieto, absolutamente silencioso — o centro imóvel de todo um mundo em movimento.

Isto é não esforço. Nenhum esforço é feito. Nenhum esforço é necessário, é simplesmente revelado.

O esforço, na periferia; o não esforço, no centro. O movimento, na periferia; o silêncio no centro. A atividade, na periferia; a inatividade absoluta no centro. E entre os dois...

Isto será um pouco difícil, porque você pode se identificar com o centro que os hindus chamam de *atma*, de alma. Se você se identificar com esse centro que é silencioso, terá escolhido novamente uma dentre duas coisas. Novamente terá escolhido uma e rejeitado a outra.

Há uma descoberta muito sutil feita pelo Oriente: se você se identificar com o ponto silencioso jamais conhecerá Deus. Conhecerá o eu, mas não a Deus. Existem milhares de tradições particularmente as jainistas, que se identificaram com o eu. Dizem que não há nenhum Deus; o eu é o único Deus.

Os hindus, que penetram muito mais profundamente, dizem sobre este ponto silencioso e esta atividade periférica, que ou você é ambos ou é nenhum. Ou você é ambos ou é nenhum! Os dois significam o mesmo. São os dois pólos, os dois pólos dialéticos, a tese e a antítese. São as duas margens e você está em algum lugar entre elas — nem em movimento, nem em imobilidade. Esta é a transcendência suprema, é o que os hindus chamam de *Brahma*.

Esforço e não esforço, movimento e imobilidade, atividade e inatividade, matéria e alma — estas são as margens. E entre elas flui o invisível. Ambas são visíveis. Entre elas, flui o invisível — que é você.

*Tattwamasi Swetketu*, dizem os Upanishads. É aquilo que flui entre as duas margens, o que não pode ser visto, o que é só um equilíbrio sutil e nada mais. Entre as duas, está você. Isto pode ser chamado de *Brahma*, de eu supremo.

Um equilíbrio tem que ser alcançado. E só alcança o equilíbrio quando se usa as duas polaridades. Usando só uma, você morre. Muitos fizeram isso e sociedades inteiras estão mortas. Foi o que aconteceu na Índia. Se você escolher uma, haverá desequilíbrio, será unilateral.

Aconteceu na Índia, no Oriente. Escolheu-se o ponto silencioso, a parte quieta e negou-se a parte ativa. E todo o Oriente tornou-se insípido. Perdeu o brilho, a vivacidade, o brilho da inteligência, do vigor físico, perdeu tudo. O oriente ficou mais feio e mais insensível, como se a vida fosse apenas uma carga que se suporta e depois se abandona. Como se fosse uma dívida que se tem que pagar, um *karma* a ser cumprido e não uma alegria, uma dança vigorosa. Transformou-se num movimento letárgico e enfadonho.

E isto tem conseqüências. O Oriente enfraqueceu, porque não se pode permanecer forte para sempre no ponto silencioso. A força exige atividade, necessita de movimento. Se você nega a atividade, a força desaparece. O Oriente perdeu completamente os músculos, o corpo tornou-se flácido. Qualquer um que o desejasse, poderia conquistá-lo. Durante milhares de anos, a escravidão foi o seu destino. Qualquer um que quisesse escravizar uma nação logo se voltava para o Oriente.

O Oriente sempre esteve pronto para ser conquistado, porque a mente oriental escolheu um ponto contra o pólo oposto. Tornou-se silenciosa, mas também estúpida e morta. Este tipo de silêncio não tem nenhum valor.

No Ocidente, está acontecendo o oposto. Isto aconteceu a outras sociedades também. Escolheram a parte ativa, a periferia e esqueceram-se da alma. Pensaram que a atividade fosse tudo e que ser ativo, desfrutar dessa atividade, adquirir coisas, ser ambicioso e conquistar era tudo na vida.

O resultado final será uma loucura cada vez maior, porque, sem um ponto silencioso, você não pode permanecer são. Acaba ficando insano. Só no ponto silencioso, você não vive e acaba morrendo. Só na atividade você enlouquece, torna-se insano. O que acontece às pessoas insanas? Perdem todo o contato com os seus pontos silenciosos. Isto é que é insanidade.

O Ocidente está se tornando um grande hospício. Cada vez mais pessoas vão sendo psicanalisadas, recebendo tratamento psiquiátrico.

Cada vez mais pessoas são internadas nos hospícios. E as outras, não estão fora porque estão sãs, mas porque não se pode pôr todas elas em sanatórios para loucos. Se fosse possível, toda a sociedade teria que ser posta numa prisão. As pessoas são normais, trabalham normalmente. Mas a psicologia ocidental diz que atualmente é difícil dizer quem é normal. E está certa. Nenhum homem é normal — foi o que aconteceu no Ocidente. Somente atividade, gera a loucura. O equilíbrio é impossível.

No final, as civilizações ativas enlouquecem e as civilizações inativas morrem. Isto é o que acontece às sociedades, e também aos indivíduos.

## O equilíbrio é tudo.

**P**ara mim, o equilíbrio é tudo. Não escolha, não rejeite. Aceite as duas coisas e crie um equilíbrio interior. A meditação dinâmica é um esforço em direção ao equilíbrio. Ative: desfrute, extasie-se, fique pleno de atividade e depois silencie: desfrute, extasie-se com o silêncio.

Mova-se entre os dois o mais livremente possível e não escolha. Não diga: sou isto ou aquilo. Não se identifique. Diga: sou ambos, e não tema contradizer-se. Contradiga-se, seja ambos e mova-se mais facilmente.

E quando digo isto, estou dizendo incondicionalmente. Não me refiro só a atividade e à inatividade. Refiro-me a tudo o que é chamado de bom e mau, tudo está incluído. Tudo o que é chamado de divino ou de demônio também está incluído.

Lembre-se sempre: as margens existem em todo lugar e, se você quiser ser um rio, use as duas, incondicionalmente. Não diga: se sou ativo, como serei inativo? Não diga: se sou inativo como serei ativo? Não diga: se sou isto, como serei aquilo?

Você é ambos e não há necessidade de escolher. A única coisa que deve lembrar é de estar equilibrado entre ambos. E então transcenderá a ambos. Transcenderá o demônio e o divino. E quando isto acontecer, será *Brahma*. *Brahma* não tem nenhuma polaridade contra si, porque é exatamente o equilíbrio entre dois pólos. Não existem anti-pólos.



Mova-se na vida o mais livremente possível e use ambos os opostos, ambas as margens, o mais que puder. Não crie contradições. Os pólos não são contraditórios, apenas parecem ser. No fundo, são um só.

São assim como as pernas direita e esquerda. Você usa as duas. Quando ergue uma, a outra espera no chão, auxiliando. Não seja tendencioso, não tenda para a direita nem para a esquerda. As duas pernas lhe pertencem e nas duas sua energia flui — indivisível! Alguma vez você já sentiu que é a perna direita que tem a energia. Você está fluindo nas duas. Feche os olhos: a direita desaparece e a esquerda desaparece. Ambas são você, e enquanto se move pode usá-las.

Use as duas! Se você se acostumar a usar a direita, como a maioria das pessoas, acabará aleijado, não saberá usar a esquerda. Ficaré em pé, mas aleijado, e aos poucos acabará morrendo.

Mova-se e lembre-se constantemente do centro imóvel. Faça e lembre-se constantemente do não fazer. Esforce-se e permaneça sem esforço.

Uma vez conhecida esta alquimia secreta da utilização dos opostos, do contraditório, você estará livre. Se não, estará criando prisões interiores.

As pessoas me procuram e dizem: Como posso fazer isso! Eu nunca fiz. Outro dia mesmo alguém perguntou: Como posso fazer meditação ativa se durante anos sentei-me em silêncio?

Era alguém que havia escolhido e não chegou a lugar algum. Se não, não teria necessidade de me procurar. Ele não conseguia fazer meditação ativa, porque havia se identificado com uma postura inativa — isto é congelar.

Seja mais movimento. Mova-se e permita que a vida flua.

E quando você souber que o equilíbrio entre os opostos é possível, quando puder perceber isto, então terá conhecido a arte. Em todas as dimensões, em todas as posições da vida, facilmente você alcançará o equilíbrio.

Na verdade, não é bom dizer que se pode alcançar. Quando você souber o que é, tudo o que fizer será seguido como uma sombra pelo equilíbrio.

Este equilíbrio interno entre os opostos é o que há de mais significativo na vida de um homem.

---

**Quinta manhã**  
14 de maio de 1974.

---

Abandone o ego... já!

**Bhagwan,**

**Você disse que o ego pode cair de um momento para o outro. O ego pode ser abandonado progressivamente também?**

**A** queda sempre acontece num só momento, e sempre neste momento. Para ela não há progressão nem processo gradual. Não pode haver. O acontecimento é momentâneo.

Você não pode se aprontar para ele, não pode se preparar, porque qualquer coisa que faça — e eu digo qualquer coisa — fortalecerá o ego.

Qualquer processo gradual será um esforço, alguma coisa feita por você. Assim, você será fortalecido cada vez mais por ele. Tornar-se-á mais forte. Todas as coisas auxiliam o ego.

Apenas algo absolutamente não-gradual, algo como um salto, não como um processo, algo descontínuo com o passado, e não em continuidade a ele — faz o ego cair.

O problema surge porque não podemos compreender o que este ego é.

O ego é o passado, a continuidade, tudo o que você fez, tudo o que acumulou, todos os *karmas*, todos os condicionamentos, todos os desejos, todos os sonhos do passado. Todo esse passado é o ego. E se você pensar em termos de processo gradual, trará o passado junto.

A queda não é gradual, é repentina. É uma descontinuidade — o passado não existe mais, o futuro também não. Você é deixado sozinho aqui e agora. Então, o ego não pode existir.

O ego só pode existir através da memória: quem é você, de onde veio, a família, a tradição, e todas as mágoas, feridas, prazeres — tudo o que aconteceu no passado. Tudo o que aconteceu é o ego. E você é aquele para quem tudo isso aconteceu.

Esta distinção tem de ser compreendida: você é aquele para quem tudo aconteceu, e o ego é o que aconteceu. O ego está ao seu redor. E você está no centro, sem ego.

Uma criança nasce completamente nova e virgem — sem passado, sem ego. Eis porque as crianças são tão belas. Elas não têm nenhum passado. São novas e virgens. Não podem dizer 'eu', porque de onde trarão o eu? O eu tem de desenvolver-se gradualmente. As crianças serão educadas, recompensadas, punidas, serão apreciadas, condenadas — e o eu virá.

A criança é bela porque não tem ego. Um homem velho fica feio, não por causa da velhice, mas porque tem muito passado, ego demais. Um homem velho também pode tornar-se belo novamente, e até mais bonito do que uma criança, se conseguir abandonar o ego. Então terá uma segunda infância, um renascimento.

Este é o significado da ressurreição de Jesus. Não é um fato histórico, é uma parábola. Jesus é crucificado e ressuscita. O homem que foi crucificado não existe mais — aquele era Jesus, o filho do carpinteiro.

Agora, Jesus está morto, crucificado. Uma nova entidade surge a partir desse momento. A partir dessa morte, uma nova vida nasce. Este é o Cristo — não o filho de um certo carpinteiro de Belém, não o judeu, não o homem. Este é Cristo — algo novo, sem ego.

E o mesmo acontecerá a você quando seu ego for crucificado. Quando seu ego for crucificado, haverá uma ressurreição, um renascimento. Você renascerá. E esta infância será eterna, porque este é um renascimento do espírito, não do corpo.

Depois disso, nunca mais será velho. Será sempre e sempre novo, virgem — tão virgem quanto a gota de orvalho da manhã, tão virgem quanto a primeira estrela da noite. Permanecerá sempre virgem, novo, uma criança inocente — porque esta será uma ressurreição do espírito.

Isto sempre acontece num só momento.

Ego é tempo — quanto mais tempo, mais ego. O ego necessita de tempo. Se você penetrar profundamente nisto poderá ser até capaz de perceber que o tempo existe apenas por causa do ego.

O tempo não faz parte do mundo físico ao seu redor, faz parte do seu mundo psíquico, do mundo-mente. O tempo existe apenas como um espaço para o ego desenvolver-se e crescer. Espaço é necessário — e o tempo dá espaço. Se alguém lhe disser que este é o último momento da sua vida, que no próximo momento receberá um tiro mortal, de repente, o tempo desaparecerá. Você se sentirá inquieto. Ainda estará vivo, mas, de repente, sentirá como se estivesse morrendo. E não poderá pensar no que fazer. Até pensar será difícil, porque até para pensar o tempo é necessário, o futuro é necessário.

O amanhã não existirá, assim, sobre onde pensar, como desejar, como esperar? Não haverá tempo. O tempo terá acabado.

A maior agonia que um homem pode sentir acontece quando sua morte é fixada e ele não pode impedi-la; ela é certa. Alguém sentenciado, aprisionado, esperando pela morte, não pode fazer nada — a morte está fixada, após um determinado período ele morrerá. Além desse tempo, não haverá nenhum amanhã para ele. Assim, não pode desejar, não pode pensar, não pode planejar, não pode nem sonhar. A barreira está sempre lá.

Muita agonia acontece. Essa agonia é pelo ego, porque o ego não pode existir sem o tempo. O ego respira tempo. O tempo é a respiração do ego. Portanto, quanto mais tempo, mais possibilidade para o ego.

No Oriente, muito tem sido elaborado, muito tem sido feito para a compreensão do que é o ego, muitas investigações têm sido feitas. E um dos achados foi que, a não ser que o tempo desapareça para você, o ego não cairá.

Se o amanhã existir, o ego existirá. Se não houver amanhã, como você poderá vestir o ego? Será exatamente como remar numa canoa fora do rio. Será pesado. Um rio é necessário para que a canoa possa funcionar.

O rio do tempo é necessário para o ego. Eis porque o ego sempre pensa em termos de graduação, em termos de degraus. O ego diz: Está bem, a iluminação é possível — mas é necessário tempo porque você terá de trabalhar, de preparar-se, de estar pronto.

E isto é uma coisa lógica! Para tudo é necessário tempo. Quando você planta uma semente, tempo é necessário para que a árvore cresça. Para uma criança nascer, para ser criada, tempo é necessário. O útero precisa de tempo. A criança tem de crescer. Tudo cresce ao seu redor. E, para crescer, o tempo é necessário. Assim, parece lógico que o crescimento espiritual precise de tempo também.

Contudo, este é o ponto a ser compreendido: o crescimento espiritual não é, na realidade, igual ao de uma semente. A semente tem de crescer para tornar-se uma árvore. Entre a semente e a árvore, existe um intervalo. Este intervalo tem de ser percorrido, há uma distância. Mas você não cresce como uma semente. Você já é o crescimento. Basta uma revelação. Não existe nenhuma distância entre o que você é e o que será. Não existe nenhuma distância! O ideal, o perfeito, já está aí.

Portanto, esta não é, de fato, uma questão de crescimento, mas apenas de revelação. É uma descoberta. Algo está oculto — você afasta a cortina, a aí está. É como se você estivesse sentado com os olhos fechados, o sol está lá no horizonte, mas você está no escuro. De repente, abre os olhos e é dia, há luz.

O crescimento espiritual não é um crescimento de fato. A palavra é errônea. O crescimento espiritual é uma revelação. Algo que estava oculto torna-se visível. Algo que já existia é percebido, está aí. Algo que

você nunca perdeu, simplesmente esqueceu, é lembrado. Eis porque os místicos continuam usando a palavra 'recordação'. Eles dizem que o divino não é um achado, é simplesmente uma recordação. Algo que estava esquecido é lembrado.

Na realidade, nenhum tempo é necessário. Mas a mente diz, o ego diz que para tudo é necessário tempo, que para crescer o tempo é necessário. Mas se você se tornar uma vítima desse pensamento lógico, nunca chegará. Continuará adiando. Dirá amanhã, amanhã, sempre amanhã. E nunca chegará, porque o amanhã nunca vem.

## Basta querer.

**S**e você puder entender o que estou dizendo, que o ego pode ser abandonado neste exato momento, e se isto for verdade, então uma pergunta surgirá: Por que o ego não está caindo? Por que você não consegue abandoná-lo? Se não é uma questão de crescimento gradual, então por que você não o está abandonando? É porque você não quer abandoná-lo.

Isto o choca, porque você continua pensando que quer abandoná-lo. Reconsidere isto. Pense novamente. Você não quer abandoná-lo, é por isso que ele continua. Não é uma questão de tempo. Por você não querer abandoná-lo é que nada pode ser feito!

E misteriosos são os caminhos da mente. Você pensa que quer abandoná-lo, e, no fundo, sabe que não quer abandoná-lo. É possível que queira poli-lo um pouco mais, que queira deixá-lo mais refinado, mas não quer abandoná-lo realmente.

Se você quiser abandoná-lo, não haverá ninguém que o impeça. Nenhuma barreira existe. Apenas pelo querer ele pode ser abandonado. Mas se você não quiser, nada poderá ser feito. Mesmo um milhão de Budas tentando convencê-lo não resolverá, porque nada pode ser feito pelo lado de fora.

Você já pensou realmente sobre isso, já meditou a respeito, se quer abandoná-lo mesmo? Você quer realmente tornar-se um não-ser, um nada? Mesmo em seus projetos religiosos você quer ser algo, quer

encontrar algo, chegar a um lugar, ser alguma coisa. Até quando pensa em ser humilde, sua humildade, sua modéstia, é apenas um esconderijo secreto para o ego e nada mais.

Olhe para as pessoas chamadas de humildes. Elas dizem que são humildes e tentam provar que são as mais humildes da sua vila, da sua cidade, do seu lugar — a mais humilde. E se você argumentar e disser: Não, existe outra pessoa que é mais humilde do que você, elas ficarão magoadas. Quem sente a mágoa?

Eu estava lendo justamente sobre um santo cristão. Ele dizia diariamente para seu Deus, em sua oração: Eu sou a pessoa mais perversa da terra, o maior pecador. Aparentemente, ele era um homem muito humilde, mas não era. Ele dizia: o maior pecador sobre a Terra, e se Deus discordasse, era capaz de argumentar até com Ele. O interesse, o interesse mais profundo, está em ser o maior, não em ser o pecador.

Você pode até ser um pecador se lhe for permitido ser o maior. Conseguirá sentir prazer nisso. O maior pecador — e você está no pico. A virtude ou o pecador São imateriais. Você precisa ser alguém. Seja qual for o pretexto para isso, seu ego precisa estar no cume.

Contam que Bernard Shaw disse: É melhor ser o primeiro no inferno do que o segundo no céu. O inferno não será um lugar ruim se você for o primeiro. Até o céu parecerá insípido se você estiver em algum lugar da fila, sendo ninguém. E Bernard Shaw está certo. É assim que a mente humana funciona.

Ninguém quer abandonar o ego. Do contrário, não haveria problema. É possível abandoná-lo simplesmente, neste exato momento. E se você sente que tempo é necessário, então o tempo é necessário apenas para você compreender que está apegado ao ego. No momento em que compreender que ele é apenas um apego seu, a coisa acontecerá.

É possível que leve muitas vidas para compreender este fato. Você já passou por muitas vidas, e ainda não compreendeu. Isto parece muito estranho. Algo existe que é um fardo, que o inferniza, que é um contínuo inferno, mas você continua apegado. Deve haver alguma razão profunda para isso, alguma causa profundamente enraizada. Gostaria de falar um pouco sobre isso. Você deve ficar consciente.

# Você não é necessário.

O caminho da mente humana é e será sempre escolher a ocupação ao invés da desocupação. Mesmo que a ocupação seja dolorosa, mesmo que seja um sofrimento, a mente prefere estar ocupada ao invés de desocupada — porque desocupado, você começa a sentir que está se dissolvendo.

Os psicólogos dizem que quando as pessoas se retiram de seus trabalhos, de suas ocupações, de seus serviços ou negócios, morrem cedo. A vida delas é reduzida quase dez anos imediatamente. Antes de morrer, já começam a morrer. Não há mais ocupação, elas estão desocupadas.

Quando você está desocupado, começa a se sentir inútil, frívolo. Começa a sentir que não é necessário, que sem você o mundo pode continuar com toda facilidade. Quando está ocupado, sente que o mundo não pode continuar sem você, que você é uma parte muito essencial dele, muito significativa — sem você, tudo irá parar.

Se está desocupado, de repente torna-se consciente de que sem você o mundo continuará maravilhosamente. Nada mudará. Você se sente descartado. Jogado num monte de lixo. Não é necessário.

No momento em que sente que não é necessário, o ego fica agitado — porque ele existe apenas quando você é necessário. Assim, a toda sua volta, o ego continua forçando essa atitude em todo o mundo: você é uma necessidade, você é necessário, sem você, nada pode acontecer, sem você, o mundo se dissolverá.

Desocupado, você vem a compreender que o jogo continua, que não é uma parte essencial. Você pode ser facilmente descartado. Ninguém se preocupará com você, ninguém pensará em você. Ou melhor, poderão até se sentirem aliviados. Isto despedaça o ego. Assim, as pessoas querem estar ocupadas. Com isto ou com aquilo, elas têm de permanecer ocupadas. Devem prosseguir na ilusão de que são necessárias.

A meditação é um estado de desocupação da mente. É um profundo retiro. Não apenas um retiro superficial como ir para os Himalaias. Isto pode não ser um retiro em absoluto, porque, lá, você



poderá se ocupar novamente. Poderá criar fantasias de que está salvando o mundo. Sentado nos Himalaias, meditando, você está salvando o mundo da terceira guerra; ou, por estar criando muitas vibrações, o mundo chegará, através de uma utopia, a um estado pacífico de sociedade.

Você sentirá prazer com essa ocupação. Ninguém irá discordar, porque você estará sozinho. Ninguém irá discutir o fato de que você está numa ilusão ou num estado alucinatório. Você poderá ficar totalmente envolvido nisso. O ego afirmará novamente a si mesmo de um modo mais sutil.

A meditação não é retiro superficial. É um retiro profundo, íntimo, verdadeiro, um abandono — um abandono da ocupação. Não que você estará desocupado, você poderá continuar fazendo seja lá o que for, mas retirará de si mesmo o investimento na ocupação.

Então, começará a sentir que esse anseio por ser necessário é tolo, estúpido. O mundo poderá continuar muito bem sem você. Mas isto não o deprimirá. Será bom. Tanto melhor que o mundo possa continuar sem você.

Isto tornar-se-á uma libertação, se você compreender. Se não compreender, sentirá que está sendo despedaçado. Assim, as pessoas continuam ocupadas, e o ego lhes dá a maior ocupação possível. O ego lhes dá ocupação vinte e quatro horas por dia. Elas ficam pensando em como tornar-se um vice-ministro, ministro ou primeiro-ministro, em como tornar-se um presidente. O ego continua e continua. Ele lhe dá uma ocupação constante — como conseguir mais riqueza, como criar um reino. O ego lhes dá sonhos, uma ocupação interna constante. E você sente que está acontecendo muita coisa.

Desocupado, de repente, você percebe um vazio. Esses sonhos preenchem o vazio interno.

Atualmente, os psicólogos dizem que o homem pode viver sem se alimentar pelo menos por noventa dias, mas não pode viver sem sonhar por noventa dias. Ele ficará louco. Se sonhar não for permitido, em três semanas você enlouquecerá. Sem alimento, três semanas não o prejudicarão — poderão até ser boas para a saúde. Três semanas sem comida é um bom jejum, rejuvenesce todo seu sistema. Deixa-o mais vivo e jovem. Mas três semanas sem sonhar... e você ficará louco.

Os sonhos devem preencher alguma necessidade profundamente enraizada. E esta é a necessidade: eles lhe dão ocupação; sem que se ocupe verdadeiramente, eles lhe dão ocupação. Você pode ficar sentado, sonhando, e fazer seja lá o quiser; o mundo todo se moverá de acordo com você — em seus sonhos, pelo menos. Ninguém criará problemas. Você poderá matar, poderá assassinar. Poderá mudar o que quiser. Você é o mestre aí.

O ego sente-se mais vital enquanto sonha, porque não há ninguém que possa antagonizá-lo, quem possa dizer: não, isto está errado. Você é total e único. Pode criar seja lá o que for. Pode destruir o que quiser. Você é totalmente poderoso. É onipotente em seus sonhos.

Os sonhos param quando o ego cai. Este é o verdadeiro sinal. Nas velhas escrituras yogas, este é o sinal de um homem que se iluminou: ele não sonha. O sonho pára porque não é mais necessário. Era uma necessidade do ego.

## A compreensão é a chave.

**V**ocê quer estar ocupado. Eis porque não pode abandonar o ego. A menos que esteja pronto para ficar vazio, desocupado, a menos que esteja pronto para ser ninguém, a menos que esteja pronto para gozar e celebrar a vida, mesmo não sendo necessário, o ego não poderá ser abandonado.

Você tem necessidade de ser necessário. De que alguém necessite de você — então se sente bem. Se as pessoas precisarem de você cada vez mais, melhor e melhor se sentirá. Eis porque a posição de líder é tão apreciada, é porque muitas pessoas precisam dele.

Um líder pode tornar-se muito humilde. Não tem necessidade de afirmar seu ego. Seu ego já está profundamente preenchido, porque muitas pessoas precisam dele, muitas pessoas dependem dele. Ele tornou-se a vida de muitas pessoas — pode ser humilde, pode permitir-se ser humilde.

Você deve lembrar-se deste fato: as pessoas que afirmam muito seu ego são sempre as que não conseguem influenciar os outros. Então, tornam-se assertivas, porque este é o único meio delas dizerem: eu sou

alguém. Se elas pudessem influenciar as pessoas, se pudessem persuadir, nunca seriam assertivas. Seriam muito humildes — aparentemente, pelo menos. Não pareceriam egoístas, porque, de um modo sutil, muitas pessoas dependeriam delas — tornar-se-iam significativas, a vida mostrar-se-ia expressiva para elas.

Se o seu ego é a sua expressão, se o seu ego é o seu significado, como você pode abandoná-lo? Ouvindo-me, você começa a pensar em abandoná-lo. Mas, só pelo pensamento, não poderá abandoná-lo. Você tem de compreender as raízes — onde elas estão, onde existem, por que existem.

Elas são as forças inconscientes que trabalham em seu interior, sem o seu conhecimento. Elas têm que se tornarem conscientes. Você tem que trazer todas as raízes do seu ego para fora do solo e da terra para poder olhá-las e ver.

Se puder permanecer desocupado, se puder permanecer satisfeito sem ser necessário, O ego poderá cair neste exato momento, mas a compreensão levará tempo. É exatamente como quando você esquentar a água. Ela fica cada vez mais quente; então, num determinado grau, cem graus, começa a evaporar. A evaporação acontece em um único momento. Ela não é gradual, é repentina. Da água para o vapor, há um salto. De repente, a água desaparece, mas o tempo é envolvido, porque a água tem de ser esquentada até o ponto de ebulição. A evaporação acontece de repente, mas o aquecimento leva tempo.

A compreensão é assim como o aquecimento. Leva tempo. A queda do ego é como a evaporação. Acontece de repente.

Portanto, não tente abandonar o ego. Pelo contrário, tente aprofundar-se em seu entendimento. Não tente fazer com que a água se transforme em vapor. Aqueça-a. A segunda coisa acontecerá automaticamente, ela acontecerá.

Cresça em entendimento. Torne-o mais intenso, mais focado. Traga toda sua energia para compreender o fenômeno do seu ser, do seu ego, da sua mente, da sua consciência. Torne-se cada vez mais alerta. E seja lá o que for que aconteça, faça disso um ponto a ser compreendido também.

Alguém o insulta e você sente raiva. Não perca essa oportunidade; tente compreender por que, por que essa raiva. E não faça

disso algo filosófico. Não vá às livrarias consultar sobre a raiva. A raiva está acontecendo a você — ela é uma experiência, uma experiência viva. Focalize toda a sua atenção nisso e tente compreender por que está acontecendo a você. Não é um problema filosófico. Nenhum Freud deve ser consultado a respeito. Não há necessidade! É tolice consultar alguém enquanto a raiva está lhe acontecendo. Você pode tocá-la. Pode experimentá-la. Está incendiado por ela.

Tente entender por que está acontecendo, de onde está vindo, onde estão as raízes, como ela acontece, como funciona, como se apodera de você, como o torna louco. A raiva aconteceu antes, e está acontecendo agora, mas neste momento um novo elemento foi adicionado a ela, o elemento da compreensão — e a qualidade mudará.

Pouco a pouco você verá que quanto mais compreender a raiva, menos ela acontecerá. E quando você a compreender perfeitamente, ela desaparecerá. A compreensão é como o aquecimento. Quando o aquecimento chega a um determinado ponto — cem graus — a água desaparece.

O sexo está aí — tente compreendê-lo. Quanto mais compreensão houver, menos você será sexual. E chegará um momento em que a compreensão será perfeita — e o sexo desaparecerá.

E este é o meu critério: Qualquer que seja o fenômeno de energia interna, se ele desaparecer pela compreensão, é pecado; se pela compreensão ele se aprofundar, é virtude. Quanto mais você compreender, mais o errado desaparecerá e o certo tornar-se-á enraizado. O sexo desaparecerá e o amor se aprofundará. A raiva desaparecerá e a compaixão se aprofundará. A avareza desaparecerá e a comunhão se aprofundará. Portanto, tudo o que desaparece pela compreensão está errado; tudo o que se torna mais enraizado, está certo. É assim que eu defino o que é bom ou demoníaco, virtude ou pecado — *punya* ou *paap*. Um homem santo é um homem compreensivo, só isso. Um pecador é um homem sem nenhuma compreensão, apenas isto. Entre um homem santo e um pecador a distinção não é de pecado ou santidade, é de compreensão.

A compreensão funciona como um processo de aquecimento. Um momento vem, um certo momento, em que o aquecimento chega ao ponto de ebulição. De repente, o ego cai. É impossível fazê-lo cair

diretamente — Mas é possível preparar a situação para que caia. Essa situação leva tempo.

## Ambas estão certas.

**S**empre existiram duas escolas. Uma escola é a da iluminação repentina, a qual diz que a iluminação acontece de repente, que é atemporal. A outra escola, a qual contradiz a primeira, é a da iluminação gradual; ela diz que a iluminação vem gradualmente, nada acontece de repente. E ambas estão certas, porque ambas escolheram uma parte do fenômeno.

A escola gradual escolheu a primeira parte, a parte da compreensão. Ela diz que tem de acontecer através do tempo, a compreensão virá com o tempo. E eles estão certos! Eles dizem que não é preciso se preocupar com repentino. Basta seguir o processo, e se a água for aquecida corretamente, evaporará. Não é preciso se preocupar com a evaporação. Esqueça-se completamente dela. Simplesmente aqueça a água.

A outra escola, totalmente oposta, diz que a iluminação é repentina; ela tomou a parte final. Diz que a primeira fase não é muito essencial: o que importa é que essa explosão aconteça num intervalo atemporal. A primeira fase é apenas a periferia. A verdadeira, a segunda fase, é o centro.

Mas eu lhe digo que ambas estão certas. A iluminação acontece de repente. Ela sempre aconteceu de repente. Mas a compreensão leva tempo.

Ambas estão certas e ambas podem ser interpretadas erroneamente também. Você pode fazer truques consigo mesmo. Pode enganar a si mesmo. Se você não quer fazer nada, é bonito acreditar na iluminação repentina. Então, você diz: não há necessidade de fazer nada. Se ele acontece de repente, acontecerá de repente. O que eu posso fazer? Só esperar. Isto pode ser uma auto trapaça.

Por causa dessa atitude, particularmente no Japão, a religião simplesmente desapareceu. O Japão tem uma longa tradição de iluminações repentinas. O Zen diz que a iluminação é súbita. Por causa

disso, o país inteiro tornou-se irreligioso. Pouco a pouco, o povo ficou acreditando que a iluminação súbita é a única possibilidade: Nada pode ser feito a respeito — quando ela tiver de acontecer, acontecerá. Se tiver de acontecer, acontecerá. Se não tiver de acontecer, não acontecerá. E não podemos fazer nada, então por que se preocupar?

No Oriente, o Japão existe como uma parte do Ocidente. Isto é estranho, porque o Japão tem uma das mais belas tradições de *dhyāna*, *chan* — Zen.

Por que ela desapareceu? Desapareceu por causa deste conceito de iluminação repentina. As pessoas começaram a enganar a si mesmas.

Na Índia, outro fenômeno aconteceu... e é por isso que eu continuo dizendo sempre e sempre que a mente humana é muito trapaceira e esperta. Você tem de estar constantemente alerta: do contrário, iludirá a si mesmo.

Na Índia, temos outra tradição, a da iluminação gradual. Este é o significado de 'yoga'. Você tem que trabalhar pela iluminação arduamente, por muitas vidas. A disciplina é necessária, o trabalho é necessário, e, a menos que você trabalhe duro, não a alcançará.

Portanto, este é um longo processo, um processo muito demorado — tão demorado que a Índia diz que uma vida não é o suficiente, são necessárias muitas vidas. Não há nada de errado nisso. No que diz respeito à compreensão, é verdade.

Mas então a Índia passou a acreditar que, se este é um longo processo, não há pressa. Para que ficar com tanta pressa? Goze o mundo... não há pressa. Existe tempo suficiente. Este processo é tão longo que você não pode concluí-lo hoje. E se não é possível concluí-lo hoje, o interesse é perdido. Ninguém está tão interessado que possa esperar por muitas vidas. Assim, as pessoas simplesmente se esquecem disso.

O conceito gradual destruiu a Índia; o conceito do repentino destruiu o Japão. Para mim, ambos são verdadeiros, porque ambos são metades de um processo total. E você tem que estar constantemente alerta para que não se iluda a si mesmo.

Isto parecerá contraditório, mas eu gostaria de lhe dizer: Pode acontecer neste exato momento, mas este momento pode demorar vidas

para chegar. Pode acontecer neste exato momento, mas você pode ter de esperar muitas vidas para que este momento chegue.

Portanto, trabalhe duro, como se estivesse para acontecer neste momento. E espere pacientemente... porque ele é imprevisível. Ninguém pode dizer quando acontecerá — pode não acontecer por muitas vidas.

Portanto, espere pacientemente, Como se o processo todo fosse um longo e gradual desenvolvimento. E trabalhe duro, tão arduamente quanto possível, como se ele estivesse para acontecer neste exato momento.

## Sexo: a porta para o divino.

**Bhagwan,**

**Você poderia nos falar sobre como usar nossa energia sexual para crescer, uma vez que ela parece ser uma das nossas principais preocupações no Ocidente?**

**O** sexo é a energia. Portanto, não direi energia sexual — porque não existe nenhuma outra energia.

O sexo é a única energia que recebi. A energia pode ser transformada — pode tornar-se a energia mais alta. Quanto mais alto se move, menos a sexualidade permanece nela. E há um pico final, onde ela se torna simplesmente amor e compaixão. Podemos chamar o florescimento de energia divina, mas a base, a sede, permanece no sexo.

Portanto, o sexo é a primeira, a mais fundamental camada de energia — e Deus é a camada mais alta. Mas a energia que se move é a mesma.

A primeira coisa a ser compreendida é que eu não divido a energia. Uma vez dividida, uma dualidade é criada. Uma vez dividida, conflitos e lutas são criados. Uma vez dividida a energia, você fica dividido — então, está a favor ou contra o sexo.

Não sou a favor nem contra, porque não divido. Eu digo que o sexo é a energia, o nome da energia, chamo essa energia de X.

Sexo é o nome dessa energia X, da energia desconhecida, quando você a está usando apenas como uma força de reprodução biológica. Ela é divina quando libertada de um limite biológico, quando se torna não física — então, ela é o amor de Jesus ou a compaixão de Buda.

O Ocidente está muito obcecado atualmente por causa do cristianismo. Dois mil anos de repressão cristã da energia sexual fez com que a mente ocidental ficasse muito obcecada por ela.

Primeiro, durante dois mil anos, a obsessão foi achar um modo de matá-la. Você não pode matá-la. Nenhuma energia pode ser morta — a energia só pode ser transformada. Não existe nenhum meio de destruir a energia. Nada pode ser destruído neste mundo, apenas ser transformado, mudado, instalado em um novo setor e dimensão. Destruir é impossível.

É impossível criar uma nova energia, ou destruir uma energia antiga. A criação e a destruição estão ambas além de você. Não podem ser feitas. Atualmente, os cientistas concordam com isto — nem mesmo um único átomo pode ser destruído.

Por dois mil anos, o cristianismo esteve tentando destruir a energia sexual. A religião consistiu em tornar-se absolutamente sem sexo. Isto criou uma loucura. Quanto mais você luta, quanto mais reprime, mais sexual se torna. E então o sexo move-se mais fundo no inconsciente. Envenena todo o seu ser.

Portanto, se você ler a vida dos santos cristãos, verá que eles eram obcecados pelo sexo. Não podiam orar, não podiam meditar. O sexo entrava em qualquer coisa que fizessem. E eles pensavam que era o demônio que estava fazendo truques. Ninguém está fazendo truques. Quando você reprime, você é o demônio.

Após dois mil anos de contínua repressão sexual, o Ocidente tornou-se farto disso. Foi demais.

A roda inteira virou. Agora, no lugar da repressão, há indulgência; entregar-se ao sexo tornou-se a nova obsessão. De um pólo, a mente foi para o outro pólo. A doença continuou a mesma. Antes, o sexo foi reprimido. Agora, a obsessão é: como satisfazer-se cada vez mais com o sexo. Ambas as atitudes são doentias.

O sexo tem de ser transformado — nem reprimido, nem loucamente satisfeito. E o único meio possível para transformar o sexo é ser sexual com profunda consciência meditativa.



É exatamente igual ao que eu estava falando a respeito da raiva. Mova-se no sexo, mas alerta, consciente, atento. Não permita que ele se torne uma força inconsciente. Não seja puxado nem empurrado por ele. Mova-se sabiamente, compreensivamente, amavelmente. Mas faça da experiência sexual uma experiência meditativa. Medite nela. Isto é o que o Oriente tem feito através do Tantra.

E uma vez que você se torne meditativo na experiência sexual, a qualidade dela começa a mudar. A mesma energia que estava se movendo na experiência sexual começa a mover-se para a consciência.

Num pico de orgasmo sexual, você pode tornar-se tão alerta quanto nunca seria de outro modo — porque nenhuma outra experiência é tão profunda, nenhuma outra experiência é tão absorvente, nenhuma outra experiência é tão total. Num orgasmo sexual, você fica totalmente absorvido, completamente enraizado — todo seu ser vibra, todo seu ser entra nisso. Corpo, mente — ambos entram. E o pensamento pára completamente. Mesmo que por um único segundo, quando o orgasmo chega a seu pico, o pensamento pára completamente, porque você fica tão total que não pode pensar.

Num orgasmo sexual, você é. O ser está lá, sem qualquer pensamento. Nesse instante, se você puder tornar-se alerta, consciente, o sexo tornar-se-á a porta para o divino. E, se nesse momento, você puder ficar alerta, essa atenção poderá ser mantida em outros momentos, em outras experiências também.

Ela poderá tornar-se parte de você. Então comendo, caminhando, fazendo algum trabalho, você poderá manter essa atenção. Através do sexo, a percepção toca seu âmago mais profundo. Ela o penetra. E você pode mantê-la.

Se você se tornar meditativo, virá a perceber um novo fato: que não é o sexo que lhe dá felicidade, que não é o sexo que lhe dá êxtase. Ou melhor, que é o estado da mente sem pensamento e o total envolvimento no ato que lhe dão sentimento da felicidade.

Quando compreender isto, então o sexo será cada vez menos necessário, porque esse estado da mente sem pensamento pode ser criado sem ele — é isto o que significa meditação. E essa totalidade do ser pode ser criada sem o sexo. Uma vez que você saiba que o mesmo fenômeno pode acontecer sem o sexo, ele será cada vez menos

necessário. E um momento virá em que o sexo não será necessário de modo algum.

## Consciência: a ponte dourada.

**E** lembre-se, no sexo, você está sempre dependendo do outro. Portanto, uma barreira, uma escravidão permanece. Uma vez que você consegue criar o fenômeno orgânico total sem qualquer dependência de ninguém, uma vez que isto se tornou uma fonte interna, você é independente, livre.

É este o significado quando dizemos, na Índia, que apenas um *brahmachari*, uma pessoa absolutamente celibatária, pode ser livre — porque ela não é dependente de ninguém, o êxtase é dela mesma.

O sexo desaparece através da meditação, mas não pela destruição da energia. A energia nunca é destruída; apenas a forma da energia muda. A partir desse momento, ela não é mais sexual, e, quando a forma não é mais sexual, você se torna amoroso.

Uma pessoa que é sexual não pode amar realmente. Seu amor é apenas uma demonstração. Seu amor é apenas um trampolim para o sexo. É um meio. Uma pessoa sexual não pode amar realmente, pode apenas explorar o outro, seu amor é apenas um meio de abordar o outro.

Uma pessoa que se tornou não-sexual, tem a energia movendo-se em seu interior, torna-se auto-extasiada. Seu êxtase não depende de ninguém. Uma pessoa assim começa a amar pela primeira vez. Seu amor é uma ducha constante, uma comunhão contínua, um sempre dar.

Mas para chegar a isto, não é preciso ser contra o sexo. Para chegar a isto, você tem de aceitar o sexo como parte da vida, da vida natural. Mova-se nele — apenas mova-se com mais consciência.

A consciência é a ponte, a ponte preciosa entre este mundo e o outro, entre o inferno e o céu, entre o ego e o divino.

---

## **Sexta manhã**

**15 de maio de 1974.**

---

**Bhagwan,**

**Há uma estória Zen sobre dois monges que estavam retornando ao mosteiro deles.**

**Enquanto caminhavam, o monge mais velho chegou a um rio. Na margem, havia uma bela jovem que temia atravessar o rio sozinha. O monge afastou rapidamente os olhos da moça e atravessou o rio.**

**Quando chegou ao outro lado, olhou para trás e ficou horrorizado ao ver o monge mais jovem carregando a moça nos ombros através do rio. Os dois monges continuaram a viagem lado a lado.**

**Quando estavam diante da porta do mosteiro, o mais velho disse ao outro: Aquilo não foi bom, é contra as regras. Sabemos que os monges não devem tocar numa mulher.**

**O mais jovem respondeu: Eu a deixei na margem do rio. Você ainda a está carregando?**

# Você ainda a está carregando?

**Bhagwan,**

**Você poderia nos falar sobre a alternativa de reprimir ou expressar nossas emoções ?**

**O** homem é o único ser capaz de reprimir suas energias ou capaz de transformá-las. Nenhum outro ser é capaz disso.

A repressão e a transformação existem como dois aspectos de um fenômeno. E o fenômeno é este: o homem pode fazer as coisas por si mesmo.

As árvores existem, os animais existem, os pássaros existem, mas não podem fazer nada por suas existências — fazem parte delas. Não podem sair para fora, não podem ser os agentes. Estão de tal forma diluídos em suas energias que não podem separar-se delas.

O homem pode agir. Pode fazer alguma coisa por si mesmo. Pode observar-se à distância — pode olhar para sua própria energia como se estivesse separado dela. E então pode reprimi-la ou transformá-la. Reprimir significa apenas tentar ocultar certas energias que existem, impedindo-as de ser, impedindo-as de se manifestar. Transformar significa mudar as energias para uma outra dimensão.

Por exemplo, o sexo existe. Há alguma coisa no sexo que faz com que você se sinta embaraçado em relação a ele. Este embaraço não é causado apenas pelo que a sociedade lhe ensinou. No mundo todo existiram e existem muitos tipos de sociedade, mas nenhuma, nenhuma sociedade humana, considerou o sexo com tranquilidade.

Há algo no próprio fenômeno do sexo, que o faz sentir-se embaraçado, culpado e constrangido. O que é isso? Mesmo que ninguém lhe ensine nada sobre sexo, ninguém o moralize, ninguém crie qualquer conceito sobre ele, assim mesmo, há algo no próprio fenômeno que não o deixa ficar à vontade. O que é?

Primeiro: o sexo mostra a sua profunda dependência — mostra que é preciso uma outra pessoa para o seu prazer. Não é possível o

prazer sem o outro. Por isso, você depende, perde a sua independência e isto fere o ego. Portanto, quanto mais egoísta for uma pessoa, mais ela será contra o sexo.

Aqueles que vocês chamam de santos são contra o sexo, não porque o sexo seja mau, mas por seus egos. Eles não podem se imaginar dependendo de alguém, pedindo alguma coisa a alguém. Sexo é o que mais lhes fere o ego.

Segundo: No próprio fenômeno do sexo existe a possibilidade da rejeição — você pode ser rejeitado pelo outro. Não há certeza de que o outro o aceitará ou o rejeitará, o outro pode dizer não. E esta é a maior rejeição que pode haver — você se aproximar do outro por amor e ser rejeitado. Esta rejeição cria o medo. O ego diz que é melhor não tentar do que ser rejeitado.

Dependência e rejeição; a possibilidade de ser rejeitado. Há ainda outra coisa mais profunda: no sexo, você se assemelha aos animais.

Isto fere demais o ego humano, porque então não há nenhuma diferença entre um cachorro fazendo amor e você. Qual é a diferença? De repente, você é igual aos animais e todos os moralistas e sacerdotes sempre lhe disseram: não seja um animal! Não faça como eles! Esta é a maior condenação possível.

Em nada você é tão semelhante aos animais como no sexo, porque em nada você é mais natural — em tudo o mais você pode ser artificial.

Comemos. Criamos tanta sofisticação para comer que não nos assemelhamos mais aos animais. A coisa básica é semelhante, mas à mesa, as boas maneiras à mesa, a cultura, a etiqueta, tudo o que se criou em torno da comida é para nos distinguir dos animais.

Os animais gostam de comer a sós. Todas as sociedades então, criam na mente de cada indivíduo que não é bom comer só.

Compartilhe, coma com a família, com os amigos, convide pessoas. Nenhum animal quer saber de convidados, amigos ou família. Sempre que um animal está comendo, não quer que ninguém se aproxime; ele entra na sua solidão.

Se um homem quer comer só, dirão que é um animal, que não compartilha. Sua maneira de comer é natural, não tem sofisticação.

Criamos tanta sofisticação em torno da comida, que a fome tornou-se o menos importante. Nenhum animal importa-se com o sabor.

A fome é uma necessidade básica — quando acaba o animal sente-se satisfeito. Mas o homem não; é como se a fome não contasse; o que importa é alguma outra coisa. O que importa é o sabor. O que importa são as boas maneiras. O que importa é como se come e não o que se come.

O homem criou um mundo próprio artificial ao seu redor com todas as outras coisas. Os animais são nus — e é por isso que não queremos ficar nus. Se alguém está nu, de repente, choca toda a nossa civilização, rompe suas próprias raízes. É por isso que há tanto antagonismo contra pessoas nuas. Isto acontece no mundo inteiro.

Se você sai na rua sem roupa não está ferindo ninguém em particular, não está praticando violência contra ninguém, está completamente inocente. Mas imediatamente virá a polícia e tudo ficará agitado. Ela o agarrará, o machucará e o porá numa cela. E você não fez absolutamente nada!

Um crime só acontece quando se faz alguma coisa. Você não está fazendo nada, apenas está nu! Mas por que a sociedade fica tão zangada? Ela não se zanga tanto nem com um assassino. Isto é estranho. Mas fica completamente zangada se um homem está nu.

É porque um assassinato ainda é humano. Nenhum animal comete assassinato. Mata para comer, mas não assassina. E nenhum animal assassina os que são da sua espécie, só o homem. Portanto, a sociedade aceita um assassinato porque é algo humano.

Mas a nudez, a sociedade não pode aceitar — porque uma pessoa nua nos faz cientes de que somos animais. Por mais que queiramos nos ocultar sob as roupas o animal está lá; nu, o animal nu existe, o macaco nu está presente.

Você se volta contra um homem nu, não pela nudez, mas porque fica ciente da sua própria nudez — e o ego sente-se ferido.

Vestido, o homem não é animal. Com boas maneiras à mesa, o homem não é animal. Com linguagem, moral, filosofia e religião, o homem não é animal.

O que há de mais religioso é ir a uma igreja ou a um templo para rezar. Por que isso é tão religioso? Porque nenhum animal vai à igreja e nenhum animal reza.

Rezar é absolutamente humano. Rezar num templo é a diferença máxima de que você não é um animal.

Mas o sexo é uma atividade animal. Faça como fizer, oculte o quanto quiser, crie seja lá o que for em torno do sexo; o fato básico permanece animal. E quando você entra no sexo, torna-se semelhante aos animais.

Por isso, muitas pessoas não gostam do sexo. Não conseguem ser totalmente animais, porque seus egos não permitem.

Portanto, este é o conflito: sexo versus ego. Quanto mais egoísta for uma pessoa, mais estará contra o sexo. Quanto menos egoísta for, mais ela se envolverá com o sexo. Mesmo as menos egoístas sentem — menos, é claro, mas mesmo assim sentem que há algo errado, e sentem-se culpadas.

E, quando alguém se entrega totalmente ao sexo, o ego se perde. À medida que vai se aproximando do momento do ego desaparecer, um grande medo apodera-se de você.

As pessoas fazem amor, mas não entram intimamente no sexo, não entram profundamente, realmente. Apenas representam superficialmente que estão fazendo amor — porque para fazer amor realmente, você tem que abandonar toda a civilização. Sua mente tem que ser posta de lado — junto com sua religião, sua filosofia, com tudo. E, de repente, você percebe que brotou de seu interior um animal selvagem. De dentro, sai um rugido. Você começa a rugir de verdade como um animal selvagem — começa a rosnar e a gritar. E se permitir, a linguagem desaparecerá. Surgirão sons, exatamente como os dos pássaros e dos outros animais. De repente, toda uma civilização de milhões de anos desaparece. Você é outra vez um animal num mundo selvagem.

Existe medo. E por causa desse medo, o amor é quase impossível. O medo é real — porque quando você perde o ego, torna-se quase insano, selvagem, e tudo pode acontecer. Você sabe que alguma coisa pode acontecer. É possível até matar, assassinar a pessoa que se ama, é possível começar a comer o corpo do outro, pois todos os controles são removidos.

A repressão parece a maneira mais fácil de evitar tudo isso. Reprimir ou permitir só o suficiente para que não se corra perigo,

permitir só um tanto que possa ser controlado. Você permanece no controle, manipulando. Permite até um ponto e depois não permite mais. Nesse momento, você se fecha e reprime.

A repressão existe como proteção, como salvaguarda, como medida de segurança. E as religiões sempre usaram essa medida de segurança. Exploram esse medo do sexo e o tornam ainda mais medroso. Criam um tremor interno. Fazem do sexo o pecado básico e dizem: você não entrará no Reino de Deus a menos que o sexo desapareça. Num certo sentido, estão certas, mas também estão erradas.

Eu também digo que a menos que o sexo desapareça você não conseguirá entrar no Reino de Deus. Mas o sexo só desaparece quando é totalmente aceito — não reprimido, mas sim transformado.

As religiões exploram o medo e a tendência humana para o egoísmo. Criam muitas técnicas de repressão. Não é difícil reprimir, mas custa muito — porque toda a sua energia fica dividida em si mesma, lutando, e então toda a vida é dissipada.

## Sexo é energia.

O sexo é a energia mais vital. Digo até que é a única energia que você tem. Não lute contra ela. Será um desperdício de tempo e de vida. Em vez disso, transforme-a. Mas como fazer isso? Como transformá-la? O que se pode fazer? Se você compreender o medo terá compreendido a chave — o que pode ser feito.

Há medo, porque você sente que perderá o controle. E quando isto acontece, você não pode fazer nada. Eu lhe ensino um novo controle: o controle do eu observador. Não é o controle da mente manipuladora, mas do eu observador. E eu lhe digo que este é o controle mais alto possível; e é tão natural, que você não sente que está controlando. Com a observação, o controle acontece espontaneamente.

Entre no sexo, mas seja um observador. Lembre-se apenas de uma coisa: é preciso ir de encontro ao processo como um todo, é preciso ver



através dele, é preciso permanecer um observador. Não deve ficar inconsciente — só isso.

Torne-se selvagem, mas não inconsciente, então a selvageria não será perigosa e sim muito bela. Na verdade, só um selvagem pode ser belo. A mulher que não é selvagem não pode ser bela; quanto mais selvagem for, mais viva estará. Você se transforma num tigre, num cervo selvagem correndo pela floresta — quanta beleza!

Mas o problema é não estar inconsciente. Se você estiver inconsciente, estará sob forças inconscientes, sob as forças do *Karma*. Tudo o que fez no passado está armazenado aí e esses condicionamentos acumulados podem apoderar-se de você e movê-lo em certas direções que serão perigosas para você e para os outros. Mas se permanecer um observador, o condicionamento passado não interferirá.

Então, o método ou o processo de tornar-se um observador é o processo de transformação da energia sexual. Entre no sexo e fique atento. Seja o que for que esteja acontecendo, observe, veja, não perca nada. Tudo o que acontece em seu corpo, em sua mente, em sua energia interior; um novo círculo está sendo criado, a eletricidade do corpo move-se de uma nova maneira, circula de uma nova maneira; agora, a eletricidade do corpo uniu-se à do parceiro, à da esposa, a do companheiro. Um novo circuito é criado e você pode senti-lo. Se estiver atento, poderá senti-lo. Sentirá que se transformou no veículo de uma energia vital em movimento.

Fique atento. E logo perceberá que quanto mais se cria esse circuito, mais os pensamentos desaparecem — desaparecem como as folhas secas de uma árvore. Os pensamentos desaparecem. A mente vai ficando cada vez mais vazia.

Fique atento e logo verá que você está presente, mas nenhum ego existe. Não pode dizer "eu". Algo maior que você aconteceu — você e seu parceiro, ambos dissolveram-se numa energia maior.

Mas essa dissolução não pode ser inconsciente ou então você terá perdido o ponto. Será um belo ato sexual, mas não será uma transformação. É belo, não há nada de errado nele — mas não é uma transformação. E se for inconsciente, você entrará num círculo vicioso. Vai querer experimentá-lo outra vez e outra vez.

Enquanto experiência é muito belo, mas acabará virando rotina. E cada vez que o experimentar, mais desejo será criado. Quanto mais o tiver, mais o desejará e entrará num círculo vicioso. Você não crescerá — estará apenas girando.

E essa rotação é ruim, porque o crescimento não acontece. A energia é simplesmente desperdiçada. Mesmo que a experiência seja boa, a energia é desperdiçada, porque era possível muito mais. E você esteve tão perto, bastava uma volta, e muito mais seria possível. Com a mesma energia, o divino poderia ter sido alcançado. Com a mesma energia, é possível alcançar o êxtase supremo — e você a desperdiça com experiências momentâneas. Aos poucos, essas experiências vão se tornando aborrecidas, porque são repetitivas, e tudo se torna enfadonho. Quando a novidade acaba, vem o tédio.

Se você estiver atento, verá: primeiro, a energia do corpo muda; segundo, os pensamentos desaparecem da mente; e terceiro, o ego desaparece do coração.

Estas três coisas precisam ser observadas, vistas com cuidado. E quando tiver acontecido a terceira, a energia sexual terá se transformado em energia meditativa. Agora, você não estará mais no sexo. Mesmo que esteja deitado ao lado do parceiro, mesmo que os corpos estejam juntos, você não estará mais. Foi transplantado para um mundo novo.

É sobre isto que Shiva está sempre falando no *Vigyan Bhairav Tantra* e em outros livros tântricos. Fala sobre este fenômeno: você é transmutado, uma mutação aconteceu. Isto acontece através da observação.

## A natureza e Deus encontram-se em você.

**S**e você continuar se reprimindo, poderá se tornar o que chamam de ser humano superficial, interiormente vazio, falsificado; apenas um boneco, sem autenticidade, sem realidade. E se não reprimir, mas for indulgente, será como um animal; belo, mais belo que o chamado homem civilizado, mas apenas um animal

— desatento, não alerta, sem consciência da possibilidade de crescer, do potencial humano.

Se você transforma a energia, torna-se divino. E lembre-se, quando digo divino, estão implícitas as duas coisas: o animal selvagem com toda a sua beleza de ser — esse animal selvagem não é negado e nem rejeitado; está presente, muito mais rico porque está mais alerta. E também tudo o que a civilização tem tentado impor a você — mas de maneira espontânea, sem esforço.

E quando a energia é transformada a natureza e Deus encontram-se em você. A natureza com a sua beleza e Deus com toda a graça.

É isto o que significa um sábio. Um sábio é o encontro da natureza com o divino, o encontro da criatura com o criador, o encontro do corpo com a alma, o encontro daquilo que está embaixo com o que está no alto, o encontro da terra com o céu.

Diz Lao Tzu: O Tao acontece quando a terra encontra o céu — este é o encontro.

A observação é a fonte básica. Mas será difícil ser um observador no ato sexual se você não tentar ser um observador nos outros atos de sua vida. Portanto, tente o dia inteiro ou estará enganando a si mesmo. Se você não puder ser um observador enquanto anda pela rua não tente enganar-se: não conseguirá ser um observador enquanto faz amor. Porque se você não consegue ser um observador de um processo tão simples como andar pela rua, se faz essa ação inconscientemente, como pode ser um observador enquanto faz amor? É um processo muito mais profundo... cairá na inconsciência.

Você fica inconsciente enquanto anda pela rua. Tente isto: não conseguirá se lembrar nem por alguns segundos. Mas enquanto estiver andando, procure tentar: vou me lembrar que estou andando, estou andando, estou andando. Em poucos segundos, terá esquecido; qualquer outra coisa terá passado pela sua mente, e você seguirá qualquer outra direção, esquecendo-se completamente.

Logo em seguida se lembrará: eu me esqueci. Portanto, se um ato tão simples não pode ser feito conscientemente, será difícil fazer do amor uma meditação consciente.

Tente com coisas mais simples, com atividades simples. Tente quando estiver comendo. Tente quando estiver andando. Tente quando

estiver falando ou escutando. Tente o tempo todo. Faça com que isso martele o tempo todo dentro de você; faça com que seu corpo e sua mente saibam que você está fazendo um esforço para estar alerta.

Só então, algum dia, a observação acontecerá no amor. E quando acontecer, você sentirá um êxtase. O primeiro vislumbre do divino terá descido sobre você. Desse momento em diante, o sexo não será mais sexo. E mais cedo ou mais tarde desaparecerá. Este desaparecimento lhe traz o *brahmacharya*, você se torna celibatário.

Os monges dos conventos católicos, os monges que seguem o jainismo tradicional, ou qualquer outro tipo de monge, só são celibatários no nome, porque suas mentes continuam fazendo amor — muito mais do que a mente de vocês. Para eles, o sexo tornou-se uma coisa cerebral e é o pior que pode acontecer, porque isto é perversão. Se você pensa sobre sexo, isto é uma perversão. Fazer amor é natural; pensar sobre, tê-lo o tempo todo dentro da mente, é perversão. Os chamados monges são seres pervertidos, não por serem monges, mas porque escolheram o caminho da repressão. É um caminho errado que não leva a lugar algum.

Jesus, Mahavir ou Buda, seguiram o caminho da observação. Então o *brahmacharya* aconteceu.

A palavra "*brahmacharya*" é muito bela. Significa: como o divino comporta-se. Como o divino comporta-se — *brahmacharya*. Não diz nada contra o sexo; não tem nada contra o sexo. A própria palavra diz apenas que é assim que o divino age, comporta-se, move-se, caminha.

Quando você conhecer o *satori* que é possível pela observação do ato sexual, toda a sua vida será transformada. Você começará a comportar-se como um deus. Como se caracteriza o comportamento de um deus? Como se comporta o divino?

Primeira coisa: ele não é dependente; é absolutamente independente. Dá o seu amor a você, mas não por necessidade. Ele dá por ter em abundância, ele tem demais. Se você recebe, apenas o está descarregando, mas não é uma necessidade. E o deus é um criador. Sempre que o sexo se torna uma força transformadora, sua vida torna-se criativa. O sexo é uma força criativa. Assim como é, ele age biologicamente, cria novos seres, novos nascimentos. Quando não há

mais sexo e a energia é transformada, ele penetra num mundo novo de criatividade. E novas dimensões de criatividade abrem-se para você.

Não que de repente você comece a pintar, a fazer poesias ou coisas assim, não é isso. Pode acontecer como pode não acontecer. Mas tudo o que você fizer será criativo, tudo será artístico.

Buda sentado sob a sua árvore Bodhi, apenas sentado, sem fazer nada, é criativo. O modo como se senta, a própria maneira como se senta cria uma força, uma energia, cria vibrações em torno dele.

Recentemente, muitas pesquisas têm sido feitas nas pirâmides do Egito e muitos fatos misteriosos tornaram-se conhecidos. Um deles, é que a forma das pirâmides, a própria forma é misteriosa. Os cientistas constataram que quando se põe um corpo morto numa pirâmide ele é preservado sem nenhuma química. A própria forma auxilia a preservação.

Um cientista alemão pensou: se a forma pode fazer tanto, a ponto de preservar naturalmente um corpo — só a forma, só a pressão da forma... Então, ele fez experiências com lâminas de barbear. Fez uma pequena pirâmide de papelão e colocou dentro dela uma lâmina usada. Em poucas horas a lâmina estava pronta para ser usada outra vez. A forma devolveu o gume. Ele patenteou a descoberta.

Não é preciso fazer nada; uma lâmina de barbear pode ser usada durante a vida toda, basta colocá-la na pirâmide. A forma devolverá o gume sempre que for preciso. Atualmente, os cientistas concordam que todas as formas criam um ambiente próprio.

Um Buda sentado sob sua árvore Bodhi: o modo como se senta, a postura, o gesto, o próprio fenômeno de estar presente sem nenhum ego, cria milhares de vibrações ao redor. E essas vibrações vão se espalhando. Mesmo quando, este Buda não estiver mais sob a árvore, as vibrações continuarão. Atingirão outras estrelas e outros planetas. E tudo que for atingido por uma vibração de Buda será criativo, provocará um estremeamento em você, trará uma nova brisa.

Quando a energia sexual é transformada, toda a sua vida torna-se criativa. Independente, livre e criativa. Tudo o que você fizer estará criando. Mesmo que não faça nada, esse não fazer será criativo. É seu próprio ser criando tanta beleza, tanta verdade, tanta coisa boa.

## A mente do velho monge.

**A**gora, a estória. O velho monge disse ao mais jovem: isto é contra o regulamento, você não podia ter tocado na moça. Ele não disse isso apenas por causa das regras, outras coisas estavam implícitas. Ele racionalizou, sentiu ciúmes. É assim que a mente humana funciona: ninguém diz diretamente que sente ciúmes.

A jovem, uma bela jovem parada na margem do rio. O sol está se pondo e ela sente medo. Chega então o velho monge que ia para o mosteiro, olha para a moça, — é sempre difícil para um monge não perceber uma jovem e não olhar para ela. Para um monge, é muito difícil. Eles são obcecados por mulheres! Estão sempre lutando, sempre cientes de que a mulher é o inimigo.

Talvez você não perceba um amigo, mas não deixa de ver um inimigo — você tem de vê-lo. Se andando pela rua, você passa por um inimigo, é impossível não vê-lo. Pode passar pelos amigos sem nem mesmo perceber que estão ali. Mas os inimigos não, porque eles provocam medo.

Uma bela moça, sozinha, ninguém por perto! A moça precisava de alguém para ajudá-la — o rio era desconhecido e ela sentia medo.

O monge deve ter tentado fechar os olhos, fechar o coração, fechar seu centro sexual — porque contra o inimigo, esta é a única proteção. Deve ter se apressado, evitado olhar para trás. Mas quando você evita, você olha; quando não quer olhar, está olhando.

A moça ocupava toda a sua mente, todo seu ser girava em torno dela. Ele tinha que atravessar o rio, mas não o via, não podia vê-lo. Ia para o mosteiro, mas naquele momento não estava interessado nisso. Todo o seu interesse havia sido deixado para trás.

Lembrou-se então que seu companheiro, outro monge mais jovem, vinha atrás — pouco antes haviam estado numa peregrinação. Olhou para trás e viu que o outro não estava só; carregava a moça em seus ombros!

Isto deve ter provocado um profundo ciúme no velho. É o que ele gostaria de ter feito, e não fez por causa das regras. Mas ele se vingaria!

Caminharam em silêncio durante milhas e já no portão do mosteiro, de repente, o velho disse: Aquilo não foi bom; é contra o regulamento.

O silêncio era falso. Durante toda a caminhada, o monge pensou em como se vingar, em como condenar o outro. Esteve obcecado o tempo todo ou a vingança não aconteceria assim tão de repente. A mente é uma continuidade. Durante três milhas, ele ficou pensando no que fazer — e só então falou.

Não foi de repente. Por dentro, havia um fluxo constante, uma corrente. Ele disse: aquilo não foi bom, é contra o regulamento. Devo contar ao superior, ao chefe do mosteiro, ao mestre. Você desobedeceu uma das regras básicas: um monge não deve tocar numa mulher. E não só a tocou como a carregou nos ombros.

O jovem monge ficou espantado. Tão de repente! Já não havia mais nenhuma moça, nem rio e nem alguém carregando. Tudo havia acontecido no passado. Andaram três milhas em silêncio. O jovem então disse: Deixei aquela jovem na margem do rio, mas você ainda a está carregando.

Esta é uma profunda percepção. Você pode carregar coisas que não está carregando, pode estar sobrecarregado de coisas que não existem, pode estar sendo massacrado por coisas que não existem.

O velho monge escolheu o caminho da repressão. O jovem é apenas um símbolo do esforço para a transformação — porque a transformação aceita o outro, a mulher, o homem, o outro; porque a transformação tem que acontecer através do outro, o outro participa dela.

Suprimir, rejeitar, reprimir o outro é estar contra ele. O outro tem que ser destruído.

É uma bela estória. O jovem monge é o caminho. Não sejam monges velhos, sejam jovens. Aceitem a vida como ela é e procurem estar alertas.

O jovem monge deve ter permanecido alerta enquanto carregava a moça nos ombros. E se você está alerta, o que a moça pode fazer?

Existe uma pequena estória: um monge estava saindo para divulgar a mensagem, foi despedir-se de Buda. Ele perguntou: O que faço em relação às mulheres? — este é sempre o problema dos monges.

Buda respondeu: Não olhe para elas — é muito simples, basta se fechar. Não olhar significa fechar-se, esqueça que elas existem.

Mas o problema não é tão simples. Se fosse fácil, todos os que sabem como se fechar já estariam transformados.

Ananda, um dos discípulos de Buda, sabendo que o problema não era tão simples... Para Buda, ele deve parecer tão simples! Este é o problema: quando você me traz um problema, para mim é muito fácil, mas isto não ajuda nada. Ananda sabia que a resposta de Buda era casual: não olhe para elas. E Ananda disse: Não é tão fácil. Ele perguntou: se houver uma situação em que tivermos que olhar, se não pudermos evitar, o que devemos fazer?

Buda respondeu: Não toque. Um olhar também é um toque através dos olhos — você alcança com os olhos e toca. É por isso que quando você encara uma mulher por mais de três segundos, ela começa a ficar inquieta. Três segundos é o limite máximo — é o permitido. Ele é permitido porque normalmente temos de olhar uns para os outros.

Entretanto, mais do que três segundos fará com que a mulher fique inquieta, porque você a está tocando. Agora, seus olhos são como mãos.

Então Buda respondeu: Não toque. Mas Ananda insistiu. O trabalho que Ananda fez pela humanidade foi muito grande, porque ele sempre foi insistente. Ele disse: E se houver situação em que temos que tocá-las? O que você diz? Se uma mulher estiver doente, ou se cair na rua e não houver ninguém para ajudar, temos que tocá-la. O que devemos fazer então?

Buda riu e respondeu: Então, esteja alerta!

## Esteja alerta!

**A** última coisa que Buda disse é a primeira. Não adianta fechar os olhos ou não tocar, porque você pode tocar com a imaginação, ver com a imaginação. Não é preciso que tenha uma mulher real ou um homem real. Basta fechar os olhos... e você terá um mundo imaginário de mulheres e homens aos quais poderá tocar e ver. No fim, só uma coisa resolve: estar alerta.

O velho monge não devia conhecer esta estória completa, não deve ter ouvido as três respostas de Buda. Ficou só nas duas primeiras. O



jovem compreendeu: esteja alerta. Aproximou-se da jovem... sentiu desejos... e ficou alerta para os desejos que surgiram.

O problema não é a moça, como pode ela ser seu problema? — Ela é problema dela, não seu. O desejo surge em você; o desejo pela mulher — este é o problema. A questão não é a moça. Qualquer uma, qualquer mulher teria provocado a mesma coisa. Ela é só um ponto de referência. Vendo a moça, o desejo surgiu.

Estar alerta significa estar alerta para este desejo, para o fato de que você está sentindo desejos.

Um homem que está no caminho da repressão suprimirá seus desejos; fechará os olhos para o objeto e fugirá. Este é um método de fugir. Mas para onde você pode correr se está fugindo de si mesmo?

Você pode correr de uma mulher que está na margem do rio, mas não pode correr dos desejos que está sentindo. Onde quer que vá, o desejo estará presente. Fique alerta para esses desejos que surgem.

Não faça nada com a mulher. Se ela pedir: Ajude-me! — ajude-a. Se disser: Tenho medo de atravessar o rio, leve-me em seus ombros — leve-a! Ela está lhe proporcionando uma grande oportunidade de estar alerta. E sinta-se grato por isso. Apenas fique alerta e sinta o que está surgindo dentro de você. O que está acontecendo em seu interior? Você está carregando a moça: o que está lhe acontecendo?

Se estiver alerta, não haverá nenhuma mulher; apenas uma leve pressão sobre seus ombros, só isso. Mas se não estiver alerta, então haverá uma mulher.

Se estiver alerta, serão apenas ossos, uma pressão, um peso. Se não estiver alerta, então ela será tudo o que esse desejo puder inventar: a fantasia, *maya*, a ilusão.

As duas coisas são possíveis quando se leva uma moça nos ombros: se por um único momento você não estiver alerta, de repente *maya* estará sentada em seus ombros. Mas se estiver alerta, será só um pequeno peso, só isso; você estará carregando um peso. Enquanto o jovem atravessava o rio, estava passando por uma grande disciplina. Sem evitar uma situação da vida, sem evitar a vida, ele passou por ela com a mente alerta. Muitas vezes, ele deve ter perdido. Muitas vezes, deve ter se esquecido completamente, e, nesses momentos, *maya*, toda a ilusão instalava-se. Muitas vezes, deve ter recobrado o estado de alerta; nesses

momentos, havia luz e a escuridão desaparecia. Mas deve ter sido uma bela experiência passar por esse estado de alerta.

Deixou a moça na outra margem e começou a andar em direção ao mosteiro, ainda alerta — porque a questão não é a mulher estar ou não; a memória pode continuar.

Mesmo que ele não tivesse gostado da mulher, do seu toque, enquanto atravessavam o rio, poderia estar gostando agora, na memória.

Ele deve ter ficado alerta. Estava em silêncio e seu silêncio era verdadeiro. O verdadeiro silêncio sempre vem por um estado de alerta. E por isso ele disse: Deixei a moça lá atrás, na margem do rio. Não a estou carregando mais, mas você ainda está. Na mente do velho monge, as coisas eram contínuas. E ele não fez nada, nem mesmo tocou a moça.

Portanto a questão não é fazer — é a mente, como a sua mente funciona. Fique alerta, e aos poucos a energia irá se transformando. O velho morrerá e o novo nascerá.

---

**Sétima manhã**  
16 de maio de 1974.

---

## O mistério do relacionamento.

**Bhagwan,**

**Gostaríamos que você falasse a respeito de nossos parceiros conjugais — esposas, maridos e amantes. Quando devemos continuar com uma companheira, e quando devemos abandonar a relação como algo sem esperança — ou mesmo destrutivo? E, são nossos relacionamentos influenciados por vidas anteriores?**

**O** Relacionamento é um mistério. E, por existir entre duas pessoas, depende de ambas. Sempre que duas pessoas se encontram, um novo mundo é criado. Justamente pelo encontro, um novo fenômeno vem à existência — o qual não existia antes, o qual nunca existiu. E através desse fenômeno, as duas pessoas são mudadas e transformadas.

Não-relacionado, você é de um jeito; ao se relacionar, imediatamente fica diferente. Uma coisa nova aconteceu.

Uma mulher, quando se torna uma amante, não é mais a mesma. Um homem, quando se torna um pai, não é mais o mesmo.

Uma criança nasceu, mas não compreendemos um dos ângulos, de modo algum — no momento em que a criança nasce, a mãe também nasce. Ela não existia antes. A mulher existia, mas a mãe, nunca. E uma mãe é algo totalmente novo.

O relacionamento é criado por você, mas, por sua vez, ele também o cria.

Duas pessoas encontram-se, isto significa que dois mundos se encontraram. Não é algo simples — é muito complexo, é o que há de mais complexo. Cada pessoa é um mundo em si mesma — um complexo mistério com um longo passado e um futuro eterno.

No começo, apenas as periferias se encontram. Mas, se o relacionamento cresce intimamente, se fica mais próximo, mais profundo, então, pouco a pouco, os centros se encontram. Quando os centros se encontram, isto é chamado de amor.

Quando apenas as periferias se encontram, há uma familiaridade. Você toca a pessoa pelo lado de fora, só no contorno, então, fica familiarizado. Muitas vezes, você começa a chamar essa familiaridade de amor. Então, entra numa ilusão. Familiaridade não é amor.

O amor é muito raro. Encontrar uma pessoa em seu centro é passar por uma revolução em si mesmo, porque se você quiser encontrar o centro do outro, terá de permitir que o outro também chegue ao seu centro, Terá de tornar-se vulnerável, absolutamente vulnerável, aberto.

É arriscado. Permitir que alguém chegue ao seu centro é arriscado, perigoso, porque nunca se sabe o que essa pessoa fará. E quando todos os seus segredos forem conhecidos, quando o que está oculto tornar-se visível, quando você tiver se exposto completamente, o que essa pessoa fará, nunca se sabe.

O medo surge. Eis porque nunca nos abrimos.

Basta uma familiaridade, e pensamos que o amor aconteceu. As periferias encontram-se, e pensamos que nós é que nos encontramos. Você não é a sua periferia. Na verdade, a periferia é o limite onde você termina, apenas a cerca ao seu redor. Não é você!

Até mesmo os maridos e esposas, que viveram juntos por muitos anos, podem ser apenas familiares. É possível que não tenham conhecido um ao outro. E quanto mais você vive com alguém mais se esquece de que os centros continuam desconhecidos.

Portanto, a primeira coisa a ser compreendida é: Não tome a familiaridade por amor. Você pode fazer amor, pode estar sexualmente relacionado, mas o sexo também é periférico. A menos que os centros se encontrem, o sexo é apenas um encontro entre dois corpos. E um encontro entre dois corpos não é um encontro. O sexo também permanece na familiaridade — física, corporal, mas ainda familiar.

Você só permite que alguém entre em você, em seu centro, quando não está com medo, quando não está temeroso.

## Vivendo aqui e agora.

**P**ortanto, eu lhe digo que existem dois tipos de vida. Uma: orientada pelo medo; e a outra: orientada pelo amor.

A vida orientada pelo medo não pode nunca levá-lo a um relacionamento mais profundo. Você permanece no medo e não aceita o outro — Não pode aceitar que penetrem em seu âmago mais profundo. Até um determinado ponto, você aceita o outro; além desse ponto, o muro vem e tudo estaciona.

A pessoa orientada pelo amor é uma pessoa religiosa. A pessoa orientada pelo amor é aquela que não tem medo do futuro, aquela que não tem medo dos resultados e conseqüências — aquela que vive aqui e agora.

Isto é o que Krishna diz a Arjuna no Gita: Não se preocupe com os resultados. A mente orientada pelo medo é que é assim. Não pense sobre o que acontecerá depois. Apenas esteja aqui, e aja totalmente. Não planeje. Um homem orientado pelo medo está sempre calculando, planejando, manipulando, salvaguardando-se. Toda sua vida é perdida dessa maneira.

Ouvi falar sobre um velho monge Zen. Ele estava em seu leito de morte. Seu último dia chegou, e ele declarou que depois dessa noite não estaria mais vivo. Assim, seus seguidores, discípulos e amigos

começaram a chegar. Ele tinha muitos amantes. Todos eles vieram. Chegaram pessoas de todas as partes.

Um de seus antigos discípulos, quando ouviu que o Mestre estava morrendo, correu para o mercado. Alguém lhe perguntou: O Mestre está morrendo em sua cabana — por que você está indo para o mercado? O discípulo respondeu: Sei que meu Mestre adora um tipo especial de bolo, por isso estou indo comprá-lo.

Era difícil encontrar esse bolo, porque estava fora estação, mas, de algum modo, à noite, ele o conseguiu e voltou correndo com o bolo.

Todo mundo estava preocupado — era como se o Mestre estivesse esperando por alguém. Ele abria os olhos, olhava e fechava-os novamente. Quando o discípulo chegou, ele disse: Que bom, você veio. Onde está o bolo?

O discípulo lhe entregou o bolo — e ficou muito feliz do Mestre ter perguntado a respeito.

Já morrendo, o Mestre pegou o bolo em suas mãos, mas elas não estavam tremendo. Ele era muito velho, mas suas mãos não tremiam. Então, alguém falou: Você é tão velho e está quase na hora da morte. Sua última respiração está se aproximando, mas suas mãos não tremem!

O Mestre disse: Eu nunca tremo — porque não tenho nenhum medo. Meu corpo ficou velho, mas ainda sou jovem, e continuarei jovem mesmo quando este corpo se for. Então, ele pegou um pedaço de bolo.

Alguém perguntou: Qual é a sua última mensagem, Mestre? Você nos deixará logo. O que deseja que nós nos lembremos?

O Mestre sorriu e disse: Ah, que bolo delicioso!

Esse é um homem que vive aqui e agora: Que bolo delicioso! Até a morte é irrelevante. O próximo momento não significa nada. Este momento, este bolo é delicioso.

Quando você puder estar neste momento, no momento presente, na presença — na plenitude, só então poderá amar.

O amor é um florescimento raro. Acontece apenas algumas vezes. Milhões e milhões de pessoas vivem com uma atitude falsa, pensando que são amantes. Acreditam que amam, mas isto é apenas uma crença.

O amor é um florescimento raro. Algumas vezes, ele acontece. É raro, porque só acontece quando não há nenhum medo; antes disso, nunca. Esse amor significativo só acontece para uma pessoa

profundamente espiritual, religiosa. O sexo é possível para todos. A familiaridade é possível para todos. O amor não.

Quando você não tem medo, não tem nada para esconder, pode estar aberto, pode retirar todos os limites. E, então, convidar o outro para penetrá-lo — na sua própria essência.

Lembre-se: se você permitir que alguém o penetre profundamente, o outro também permitirá que você o penetre, porque quando você permite que alguém o penetre, a verdade é criada. Quando você não está com medo, o outro fica corajoso.

Em seu amor, o medo está sempre presente. O marido tem medo da esposa, a esposa tem medo do marido. Os amantes são sempre medrosos. Então não há amor. Há apenas um arranjo — de duas pessoas medrosas dependendo uma da outra, brigando, explorando, manipulando, controlando, dominando, possuindo — isto não é amor.

Se você puder permitir que o amor aconteça, não haverá necessidade de oração, não haverá necessidade de meditação, não haverá necessidade de qualquer igreja ou templo. Se amar, poderá esquecer-se de Deus completamente, porque através do amor tudo acontecerá: a meditação, a oração, Deus. Tudo acontecerá. Isto é o que Jesus quer dizer quando fala: Deus é amor.

## O que você tem a perder?

**M**as amar é difícil. O medo tem de ser abandonado. E isto é uma coisa estranha — você ser tão medroso, não tendo nada para perder.

Kabir disse em algum lugar: Olho para dentro das pessoas. Elas são tão medrosas, mas não consigo ver por que — elas não têm nada a perder. Kabir disse: Elas são como alguém que está nu, mas nunca vai tomar banho no rio porque fica com medo de não ter onde secar suas roupas.

Esta é a situação na qual você se encontra — nu, sem nenhuma roupa, mas sempre receoso de perder suas roupas.

O que você tem a perder? Nada. Seu corpo será levado pela morte. Antes que isto aconteça, dê-o ao amor. Tudo o que você tem lhe será tirado. Antes que tirem, por que não compartilhar?

Este é o único meio de possuir. Se você puder compartilhar, dar, será o mestre. Tudo acaba sendo tomado. Não há nada que você possa reter para sempre. A morte destruirá tudo.

Portanto, se você está me acompanhando corretamente, a luta é entre a morte e o amor. Se você puder dar, não haverá nenhuma morte. Antes que qualquer coisa possa lhe ser tirada, já a terá dado, já terá feito dela um presente. E não haverá nenhuma morte.

Para um amante, não existe morte. Para um não-amante, todo momento é uma morte, porque a cada momento alguma coisa lhe é arrebatada. O corpo está desaparecendo — ele está se perdendo a cada momento. E, qualquer hora, a morte chegará, e tudo será aniquilado.

Qual é o medo? Por que você tem tanto medo? Mesmo que tudo seja conhecido a seu respeito e você se torne um livro aberto, por que temer? Como isto o prejudicará? Esses conceitos são falsos, são apenas condicionamentos dados pela sociedade, de que é preciso se esconder, de que é preciso se proteger, de que é preciso estar constantemente em posição de ataque, de que todo o mundo é seu inimigo, de que todo o mundo está contra você.

Ninguém está contra você! Mesmo que você sinta que alguém está, essa pessoa também não está contra você — porque todo o mundo está preocupado apenas consigo mesmo, não com você. Não há o que temer. Isto tem de ser compreendido antes que um relacionamento verdadeiro possa acontecer: não há o que temer.

Medite sobre isso. E então permita que o outro o penetre, convide o outro para penetrá-lo. E não crie nenhuma barreira em nenhum lugar; torne-se uma passagem — sempre aberta, sem fechaduras, sem portas, sem nenhuma porta fechada. E o amor será possível.

Quando dois centros se encontram, há amor. E o amor é um fenômeno alquímico — exatamente como quando o hidrogênio e o oxigênio se encontram e uma coisa nova, a água, é criada. Você pode ter hidrogênio, pode ter oxigênio, mas se estiver sedento, eles serão inúteis. Você pode ter tanto oxigênio quanto queira, tanto oxigênio quanto gostaria, mas a sede não será aplacada.



Quando os dois centros se encontram, algo novo é criado — essa coisa nova é o amor. E é exatamente como a água — a sede de muitas e muitas vidas é satisfeita. De repente, você se satisfaz.

Esse é o sinal visível do amor, você fica satisfeito, como se estivesse alcançado tudo. Não há mais nada para alcançar. Você encontrou a meta — não existe mais nenhuma outra meta, o destino se preencheu. A semente tornou-se uma flor, chegou ao seu florescimento total.

A satisfação profunda é o sinal visível do amor. Sempre que uma pessoa está amando, fica profundamente satisfeita. O amor não pode ser visto, mas a satisfação, a profunda satisfação ao redor da pessoa, sim. Toda sua respiração, todo seu movimento, seu próprio ser está satisfeito.

É possível que você se surpreenda quando eu digo que o amor faz com que a pessoa fique sem desejos — porque o desejo existe com a insatisfação. Você deseja porque não tem. Deseja porque pensa que se tiver algo, isto lhe dará satisfação. O desejo vem da insatisfação.

Quando há amor e dois centros se encontram, se dissolvem, se fundem, uma nova qualidade alquímica nasce, a satisfação surge. É como se toda a existência parasse — não há movimento algum. O momento presente é único. E você pode dizer: Ah, que bolo delicioso! Até mesmo a morte não significa nada para um homem que está amando.

Portanto eu lhe digo, o amor o deixará sem desejos.

Seja corajoso, abandone o medo, seja aberto. Permita que algum centro encontre o seu centro interior, você renascerá através disso, uma nova qualidade de ser será criada.

Essa qualidade de ser dirá: Deus existe. Deus não é um argumento, é um preenchimento, um sentimento de totalidade.

Você já deve ter observado que sempre que está descontente, quer negar a Deus. Sempre que está insatisfeito, todo seu ser quer dizer: Não existe nenhum Deus.

O ateísmo não vem da lógica, vem do descontentamento. Você pode racionalizá-lo — isto é outra coisa. Talvez não diga que está descontente e que é por isso que é ateu. Você dirá: Não existe nenhum Deus e tenho provas disso. Mas esta não será a verdade.

Se você estiver satisfeito, de repente, todo seu ser dirá: Deus existe. De repente, sentirá isso! Toda a existência tornar-se-á divina.

Quando o amor existe, você vive realmente pela primeira vez com o sentimento de que a existência é divina e tudo é uma bênção.

Mas muito tem de ser feito antes que isto possa acontecer. Muito tem de ser destruído antes que isto possa acontecer. Você tem de destruir tudo o que cria barreiras em você.

Faça do amor um *sadhana*. Não permita que ele seja apenas uma coisa frívola. Não permita que ele seja apenas uma ocupação da mente. Não permita que ele seja apenas uma satisfação corporal. Faça dele uma busca interna. E faça do outro um ajudante, um amigo.

Se você ouviu algo sobre o Tantra, sabe que o Tantra diz: Se você puder encontrar uma companheira, uma amiga, mulher ou homem, que esteja pronto para mover-se com você em direção ao centro interior, que esteja pronto para mover-se com você para o mais alto pico de relacionamento, então este relacionamento tornar-se-á meditativo. Através desse relacionamento, você chegará ao relacionamento supremo. O outro será apenas a porta.

## Apaixone-se!

**D**eixe-me explicar isto: se você ama uma pessoa, pouco a pouco, a periferia dela desaparece, a forma desaparece. Você fica cada vez mais em contato com a não forma, com o interior. A forma torna-se, pouco a pouco, vaga e desaparece. E se você vai mais fundo, até mesmo essa não-forma individual começa a desaparecer e fundir-se. Então, o além se abre. Esse indivíduo particular era apenas uma porta, uma abertura. E através do ser amado, você encontra o divino.

Por não conseguirmos amar é que precisamos de tantos rituais religiosos. Eles são substitutos, e substitutos muito pobres.

Uma Meera não precisa de templo para ir. A existência inteira é seu templo. Ela pode dançar diante de uma árvore e a árvore torna-se Krishna. Pode cantar diante de um pássaro e o pássaro torna-se Krishna. Pode criar Krishna ao seu redor em qualquer lugar. Seu amor é tamanho que para qualquer lugar aonde olhe a porta abre-se, E Krishna é revelado, o amado revela-se.

Mas o primeiro vislumbre sempre vem através de um indivíduo. É difícil estar em contato com o universal. Ele é tão grande, tão imenso, tão sem começo nem fim. De onde começar? De onde mover-se para ele? O indivíduo é a porta. Ame.

E não faça disso um combate. Faça com que seja uma profunda aceitação do outro, um convite. Permita que o outro o penetre sem qualquer condição. E, de repente, o outro desaparecerá e Deus estará presente. Se o seu amado ou amada não puder tornar-se divino, então nada neste mundo poderá tornar-se divino. Toda sua conversa religiosa será simplesmente absurda.

Esse estado pode acontecer em relação a uma criança. Pode acontecer em relação a um animal, a um cachorro. Se você puder estar num relacionamento profundo com um cachorro, poderá acontecer — o cachorro tornar-se-á divino! Portanto, não é uma questão de relacionar-se apenas com um homem ou uma mulher. Esta é uma das mais profundas fontes do divino, que vem até você naturalmente, mas ela pode acontecer a partir de qualquer ponto. A chave básica é esta — permita que o outro penetre em você, na sua essência mais profunda, no próprio âmago do seu ser.

Mas continuamos iludindo a nós mesmos. Pensamos que amamos. E se você pensa que ama, não há nenhuma possibilidade do amor acontecer — porque se isto for amor, então tudo estará fechado.

Faça novos esforços. Tente encontrar no outro o ser que está oculto. Não espere nada de ninguém. Cada indivíduo já está numa tal miséria que se você continuar esperando isto não terá fim.

Ficamos aborrecidos com o outro — porque estamos sempre e sempre na periferia.

Eu li esta estória: Um homem estava muito doente e tentou fazer todos os tipos de tratamentos, mas nada adiantava. Então, ele foi a um hipnotizador que lhe deu um mantra, uma sugestão, para repetir continuamente: 'eu não estou doente'. Durante pelo menos quinze minutos ao amanhecer e à noite, ele dizia: eu não estou doente — estou curado. E o dia todo, sempre que se lembrava, repetia a mesma coisa.

Após poucos dias, ele começou a se sentir melhor. E, dentro de semanas, estava completamente bom.

Ele disse à sua mulher: Isto foi um milagre! O que você acha de eu ir novamente ao hipnotizador para um outro milagre? É que ultimamente não estou sentindo nenhum apetite sexual, nenhuma vontade de ter relações. Não sinto nenhum desejo.

A esposa ficou feliz. Ela disse: Vá — porque já estava se sentindo frustrada.

O homem foi ao hipnotizador. Ao voltar, sua mulher perguntou: Qual foi o mantra, qual a sugestão que ele lhe deu agora? Mas o homem não pôde contar a ela. Em poucas semanas, seu apetite sexual começou a voltar. Ele começou a sentir desejo novamente. Sua esposa ficou muito intrigada. E sempre insistia em perguntar, mas o homem ria e nunca dizia nada. Um dia, pela manhã, quando ele estava no banheiro, fazendo sua meditação, seus quinze minutos de mantra, ela procurou ouvir o que ele estava dizendo. Ele estava dizendo: Ela não é minha esposa. Ela não é minha esposa. Ela não é minha esposa.

Sempre contamos com a outra pessoa. Alguém se torna sua esposa — e a relação está liquidada. Alguém se torna seu marido — e a relação está acabada. Agora, não há mais nenhuma aventura — o outro tornou-se uma coisa, um objeto. O outro não é mais um mistério a ser buscado. O outro não é mais uma novidade.

E lembre-se, tudo acaba morrendo com a idade. A periferia é sempre velha, e o centro é sempre novo. A periferia não pode permanecer nova, porque envelhece, desgasta-se, a cada momento. O centro é sempre fresco e jovem.

Sua alma não é uma criança, não é jovem, nem velha. Sua alma é eternamente virgem. Ela não tem idade.

Você pode fazer uma experiência, ver se ela é jovem ou velha: feche seus olhos e procure. Tente sentir como seu centro é — velho? Jovem? Sentirá que o centro não é nenhum dos dois. Ele é sempre novo, nunca envelhece. Por que? Porque o centro não pertence ao tempo.

No processo do tempo, tudo envelhece. Um homem nasce — e o corpo já começa a envelhecer! Quando dizemos que uma criança tem uma semana, isto significa que uma semana de velhice entrou na criança. A criança já caminhou sete dias em direção à morte; completou sete dias de agonia. Está se movendo para a morte — cedo ou tarde, morrerá.

Qualquer coisa que esteja no tempo envelhece. No instante em que entra no tempo, já começa a envelhecer. Seu corpo é velho, sua periferia é velha. Com a periferia, não se pode amar eternamente. Mas o centro é sempre virgem. É eternamente novo. Uma vez que você entra em contato com ele, o amor é uma descoberta a cada momento. Então, a lua de mel nunca termina. Se ela terminar, é porque não era uma lua de mel em absoluto — era apenas um relacionamento familiar.

## Você é sempre responsável.

**A** última coisa a ser lembrada é: no relacionamento amoroso, você sempre culpa o outro quando algo sai errado. Se algo não está acontecendo como deveria, o outro é o responsável. Isto destrói qualquer possibilidade de crescimento futuro.

Lembre-se: você é sempre o responsável; mude a si mesmo. E abandone todas as qualidades que criam distúrbios. Faça do amor uma auto transformação.

Como eles dizem nos cursos para vendedores: O freguês está sempre certo. Eu gostaria de lhe dizer: No mundo do relacionamento e do amor, você está sempre errado — o outro está sempre certo.

E é assim que os amantes sempre sentem. Quando existe amor, eles sempre sentem: Se as coisas não estão acontecendo como deveriam, é porque alguma coisa está errada comigo. E ambos sentem o mesmo! Então, as coisas crescem, os centros abrem-se, os limites fundem-se.

Mas se você pensar que o outro está errado, estará fechando a si mesmo e ao outro. E o outro também pensará que você está errado, mesmo que você não diga isto, mesmo que esteja sorrindo, e mostrando que não pensa que o outro está errado — o outro perceberá... através dos olhos, dos gestos, do seu rosto. Mesmo que você seja um ator, um grande ator, e possa manipular sua face, seus gestos, de algum modo, o inconsciente estará continuamente enviando sinais: Você está errado. E quando você diz que o outro está errado, o outro começa a sentir que você é que está errado.

O relacionamento é destruído nesse abalo. E as pessoas tornam-se fechadas. Quando você diz que uma pessoa está errada, ela começa a se proteger, a se salvaguardar. Então, o fechamento acontece.

Lembre-se sempre: no amor, você está sempre errado. E a possibilidade abrir-se-á. O outro também sentirá o mesmo. Nós criamos o sentimento no outro. Quando os amantes estão próximos, imediatamente os pensamentos saltam de um para o outro. Mesmo que eles não digam nada, e fiquem silenciosos, eles comunicam-se.

A linguagem é para os desamantes, para aqueles que não estão amando. Para os amantes, o silêncio é linguagem suficiente. Sem dizer nada, eles continuam falando.

Quando você sente o amor como *sadhana*, como disciplina interna, não diz que o outro está errado. Procura descobrir: em algum lugar, alguma coisa deve estar errada comigo — e abandona o erro.

Isto é difícil, porque vai contra o ego. Isto é difícil, porque machuca seu orgulho. Isto é difícil, porque não é um domínio, uma possessão. Você não será mais poderoso pela possessão do outro. Isto destrói o ego — eis porque acaba sendo difícil.

Mas a destruição do ego é o ponto, a meta. Seja de onde for que você aborde o mundo interior — do amor, da meditação, da yoga, da oração — seja qual for o caminho escolhido, a meta é a mesma: a destruição do ego, o abandono do ego.

Através do amor, isto pode ser facilmente feito. E de um modo tão natural! O amor é a religião natural. Qualquer outra coisa será cada vez menos natural. E se você não puder trabalhar através do amor, será difícil trabalhar através de qualquer outra coisa.

## O presente é suficiente.

**E** não pense muito sobre as vidas anteriores, nem pense muito sobre o futuro. O presente já é suficiente. Não pense que o relacionamento está vindo do passado, ele está vindo do passado, mas não pense sobre isto, porque então ficará mais complicado. Torne as coisas mais fáceis.

Ele é uma continuidade — as coisas têm uma continuidade com as vidas passadas. Portanto, não negue o fato, mas não se sinta carregado por isto. Ele continuará no futuro, mas não pense sobre isto. O presente já é demais para ser solucionado.

Coma o bolo e diga: Que bolo delicioso! Não pense sobre o passado ou o futuro — eles tomarão conta de si mesmos.

Não é descontínuo. Você teve relacionamentos no passado. Você amou, odiou; fez amizades e inimizades. E isso continua, de um modo conhecido ou desconhecido para você, está sempre aí. Mas, se você começar a remoer a respeito, perderá o momento presente.

Portanto, comporte-se como se não houvesse nenhum passado, e como se não houvesse nenhum futuro. Este momento é tudo o que lhe é dado. Trabalhe a partir dele — como se este momento fosse tudo. Aja como se este momento fosse tudo e trabalhe a partir dele: transforme suas energias em um fenômeno amoroso — neste exato momento.

As pessoas vêm a mim e fazem perguntas; elas querem saber sobre suas vidas passadas. Elas tiveram outras vidas, mas isto é irrelevante. Por que perguntar? O que você irá fazer com o passado? Nada pode ser feito agora. O passado é o passado e não pode ser desfeito. Você não pode mudá-lo. Não pode voltar atrás. Eis porque a natureza, em sua sabedoria, não permite que você se lembre das vidas passadas. Do contrário, você ficaria louco.

Você pode estar amando uma moça. Se, de repente, ficar sabendo que essa moça foi sua mãe em uma vida anterior, as coisas tornar-se-ão muito complicadas. Então o que fazer? Se essa moça foi sua mãe numa vida passada, fazer amor com ela criará sentimento de culpa. Não fazer amor com ela também criará sentimento de culpa, porque você a ama.

É por isso que eu digo que a natureza, em sua sabedoria, nunca lhe permite lembrar-se das suas vidas passadas — a menos que você chegue a um ponto em que isto possa ser permitido. Quando a pessoa se torna tão meditativa que nada a perturba, as portas se abrem e todas as suas vidas passadas surgem diante dela. Este é um mecanismo automático. Algumas vezes, esse mecanismo não funciona. Através de acidentes, algumas crianças nascem capazes de lembrar. Mas suas vidas são destruídas.

Uma moça foi trazida até a mim alguns anos atrás. Ela lembrava-se de suas duas vidas anteriores. Tinha apenas treze anos nessa época, mas se você olhasse em seus olhos parecia ter quase setenta — porque ela se lembrava de setenta anos, de duas vidas passadas.

Seu corpo era de treze anos, mas sua mente tinha setenta. Ela não podia brincar com as outras crianças, porque como pode uma mulher de setenta anos brincar com crianças? Ela falava e agia como uma velha. Estava carregada — havia preocupações de todos esses anos em sua mente.

Ela lembrava-se tão perfeitamente que suas duas famílias passadas puderam ser encontradas. Uma estava em Assam; a outra em Madhya Pradesh. E quando ela entrou em contato com as antigas famílias, apegou-se muito a elas e isto se tornou um problema — onde deveria viver?

Eu disse a seus pais: Deixem a menina comigo por três semanas, pelo menos. Farei um esforço para ajudá-la a esquecer-se, porque senão a vida desta garota será uma perversão. Ela não poderá apaixonar-se por ninguém — é tão velha! Sua velhice está ligada à sua memória. Se a extensão da memória é setenta anos, você se sente como se tivesse setenta anos. E ela parecia tão torturada — sua face, seus traços, tudo demonstrava tortura. Ela parecia estar doente em seu centro — inquieta, desconfortável. Tudo parecia estar errado.

Mas os pais tinham prazer com a coisa toda, porque as pessoas se interessavam e os jornais começaram a fazer reportagens. Eles estavam alegres com a coisa toda. Não podiam me ouvir e eu lhes disse: A menina ficará louca. Eles disseram: Faça alguma coisa. Eu lhes disse: Agora, é impossível fazer qualquer coisa. Agora, só a morte a auxiliará.

Você não se lembra, porque seria difícil manejar isso. Mesmo com esta vida, você está fazendo uma confusão tão grande — se muitas vidas fossem lembradas, você ficaria simplesmente louco. Não pense sobre isto. É irrelevante.

O que importa é: esteja aqui e agora, e trabalhe no seu caminho. Se puder trabalhá-lo através do relacionamento, ótimo. Se não puder trabalhar através do relacionamento, trabalhe em sua solidão. Estes são os dois caminhos. Amar significa trabalhar seu caminho através do



relacionamento. E meditação: trabalhar em sua solidão. Amor e meditação — estes são os dois caminhos.

Sinta qual é o mais apropriado. Então, coloque toda sua energia nisso, e mova-se nesse caminho.

## A verdade é o florescimento do silêncio

**Bhagwan,**

**Suas palavras são muito belas. Entretanto, sentimos que existe também uma outra comunicação acontecendo enquanto você está conosco.**

**Você poderia nos falar a respeito da comunicação silenciosa, e em como nos tornamos mais abertos a ela?**

**A** comunicação silenciosa está sempre presente. Enquanto falo com vocês, estou com vocês também. Ao falar, relaciono-me com vocês pelo intelecto. E estando, relaciono-me com vocês através da minha totalidade.

Enquanto estão me ouvindo, se estiverem ouvindo de fato, não ouvem apenas as palavras. Ouvindo-me, sua mente pára. Ouvindo-me, vocês não pensam. E quando não estão pensando, ficam abertos. Quando não estão pensando, quando a mente não está funcionando — começam a sentir. Então, posso desarmá-los, posso mover-me e senti-los.

As palavras são usadas apenas como uma estratégia. Eu mesmo não estou muito interessado em palavras. Mas tenho de falar, porque isto é o que eu tenho sentido: que enquanto estou falando, vocês se tornam silenciosos. Quando não estou falando, vocês começam a falar interiormente e não ficam silenciosos.

Quando estiverem silenciosos sem a minha fala, então não haverá necessidade de falar. Estou esperando por esse momento no qual poderão sentar-se ao meu lado, apenas sentar-se perto de mim, e não pensar. Então, não haverá necessidade de falar — porque a fala é parcial. Poderei chegar a vocês com minha totalidade, diretamente, não haverá necessidade de quaisquer palavras mediadoras.

Mas se eu lhes disser para ficarem sentados silenciosamente perto de mim, não serão capazes de se sentar silenciosamente. Continuarão tagarelando, continuarão falando interiormente. Uma fala interna continuará. A fim de paralisar sua fala interna, tenho de falar. Assim, enquanto estou falando, vocês ficam ocupados.

Meu falar é exatamente como dar brinquedos a uma criança. Ela começa a brincar com eles e fica silenciosa, absorta. Eu lhes dou minhas palavras como um brinquedo. Vocês brincam com elas, e enquanto estão brincando, ficam tão absortos que se tornam silenciosos. E sempre que o silêncio acontece, posso fluir para dentro de vocês.

As palavras podem ser belas, mas nunca conseguem ser verdadeiras. A beleza é um valor estético. É possível gozá-la, assim como a um belo quadro, mas nada acontece a partir desse prazer. Ele é bom, na medida em que surte efeito, mas as palavras nunca são verdadeiras. Não podem ser, pela sua própria natureza. A verdade só pode ser comunicada no silêncio.

Mas este é o paradoxo: todos aqueles que insistiram em que a verdade só pode ser comunicada no silêncio, todos eles usaram palavras. Isto é uma lástima, mas nada pode ser feito a respeito.

As palavras têm de ser usadas para torná-los silenciosos. Enquanto me ouvem, ficam silenciosos. Este silêncio é significativo, este silêncio lhes dá vislumbres da verdade.

Mesmo que tenham vislumbres da verdade através das minhas palavras, estes vislumbres vêm através do silêncio — não pelas minhas palavras. Mesmo que se sintam absolutamente certos de que tudo o que estou dizendo é verdade, esse sentimento de absoluta certeza vem através do silêncio, não pelas minhas palavras.

Sempre que estão silenciosos, a verdade está presente. Sempre que estão tagarelando interiormente, sempre que o macaco-tagarela continua por dentro, vocês perdem a verdade que está sempre presente.

Tudo o que eu faço — falar com vocês, ajudá-los a meditar comigo, forcé-los a uma catarse, ou persuadi-los a dançar, a celebrar — tudo o que eu faço tem apenas uma intenção: auxiliá-los, de algum modo, a tornarem-se silenciosos, porque sempre que estão silenciosos, as portas se abrem — e vocês estão no templo.

O modo pelo qual se tornam silenciosos não importa. Tornem-se silenciosos e então eu estarei dentro de vocês, e vocês estarão dentro de mim. O silêncio não conhece limites.

No silêncio, o amor acontece. Eu me torno um amante para vocês; vocês se tornam amantes para mim. No silêncio, tudo o que é significativo acontece. Mas trazer o silêncio é um problema árduo.

Assim, não estou muito interessado no que digo. Estou interessado no que lhes acontece enquanto estou falando — x, y ou z. Algumas vezes, fico contradizendo a mim mesmo. Hoje, digo uma coisa, amanhã, direi outra — porque o que eu digo não é o ponto. O meu falar é assim como uma poesia. Não sou um filósofo. Posso ser um poeta, mas não um filósofo.

Amanhã, direi alguma coisa; depois amanhã, alguma outra. Este não é o ponto. Meus dizeres podem se contradizer, mas eu não sou contraditório — porque, hoje, digo uma coisa e vocês ficam silenciosos. Amanhã, direi outra completamente contraditória, e vocês ficarão silenciosos. Depois de amanhã, direi novamente algo totalmente diferente, mas vocês ficarão silenciosos. O silêncio de vocês é a minha consistência.

Eu sou consistente, continuamente consistente; contradigo na superfície, mas a corrente interna permanece a mesma.

E lembrem-se: se eu disser a mesma coisa todos os dias, vocês não ficarão silenciosos. Começarão a se entediar e a fala interna começará. Se eu continuar dizendo a mesma coisa, isto envelhecerá. E quando algo é velho, vocês não precisam ouvir, pois mesmo sem me ouvir, sabem o que estou dizendo, e então continuam com a fala interna.

Preciso ser inventivo — dizendo coisas, chocando-os algumas vezes. Mas uma consistência interna permanece para criar o silêncio em vocês, a fim de que eu possa estar com vocês e vocês comigo. Para que o amor e verdade possam fluir.

Sempre que há silêncio, a verdade floresce. A verdade é um florescimento do silêncio.

---

**Oitava manhã**  
17 de maio de 1974.

---

Só o fruto maduro pode cair.

**Bhagwan,**

**Sinto que por estar desenvolvendo uma atitude de tolerância em relação às dificuldades, tornei-me por demais resignado à vida.**

**Sinto esta resignação como um peso contrário a todo o meu esforço para tornar-me mais vivo na meditação.**

**Isto significa que tenho reprimido meu ego e que devo encontrá-lo novamente antes de perdê-lo realmente?**

**E**ste é um dos maiores problemas: Pode parecer paradoxal, mas é verdadeiro. Antes de perder o ego você tem que obtê-lo. Só a fruta madura cai no chão.

A maturidade é tudo. Um ego imaturo não pode ser abandonado nem destruído. E se você lutar contra um ego imaturo, tentando dissolvê-lo ou destruí-lo, todo o seu esforço resultará num fracasso. E em vez de destruir você acabará descobrindo que o está fortalecendo de uma nova maneira mais sutil.

Isto é básico e deve ser entendido. O ego tem que alcançar um pico, tem que ser forte, tem que atingir uma integridade — só então você pode dissolvê-lo. Um ego fraco não pode ser dissolvido. E este é o problema.

No Oriente, todas as religiões pregam a ausência do ego. Por princípio, todos são contra o ego e por causa desta anti-atitude, o ego nunca se fortalece. Nunca alcança um ponto de integração em que possa ser jogado fora. Nunca amadurece. Portanto, no Oriente é muito difícil, quase impossível, dissolver o ego.

No Ocidente, toda a tradição psicológica e religiosa, propõe, prega, persuade as pessoas a terem um ego forte. Se não tiverem, como poderão sobreviver? A vida é uma luta — e se você não tiver ego, será destruído. Então, quem resistirá? Quem lutará? Quem competirá? E a vida é uma constante competição. Os psicólogos ocidentais dizem: obtenha um ego — fortaleça-se nele.

Entretanto, é muito fácil dissolver um ego no Ocidente. Sempre que um ocidental consegue entender que o ego é o problema, pode dissolvê-lo com facilidade — muito mais facilmente que um oriental.

Este é o paradoxo. No Ocidente, ensina-se o ego. No Oriente, ensina-se o não ego. Mas no Ocidente é fácil destruir um ego, e no Oriente é muito difícil.

Será uma tarefa difícil para você. Primeiro, terá que obter um ego e depois perdê-lo. Só se pode perder algo que se tem. Se você não tiver ego, como poderá perdê-lo.

Só se pode ficar pobre quando se é rico. Se você não for rico, sua pobreza não terá a beleza que Jesus pregava: Seja pobre em espírito. Sua pobreza não será tão significativa quanto a de Gautama Buda quando se tornou um mendigo.

Só um homem rico pode tornar-se pobre, porque só se pode perder aquilo que se tem! Se você nunca foi rico, como poderá ficar pobre? Será uma pobreza superficial, nunca chegará ao espírito. Na superfície, você será pobre, mas no fundo, estará correndo atrás de riquezas. Seu espírito estará preso às riquezas, terá uma ambição, haverá um desejo constante de adquirir bens. Você só será pobre na superfície. E poderá até se consolar dizendo que a pobreza é boa.

Mas você não pode ficar pobre — só um homem rico, realmente rico, pode ficar pobre. Somente possuir bens não é o suficiente para ser realmente rico. Você ainda é pobre. Se ainda tem ambição, você é pobre.

A questão não é o que se tem. Quando se tem o suficiente, o desejo desaparece. Quando se tem bens suficientes, não se deseja. O critério para a satisfação é o desaparecimento dos desejos. Então, você é rico — pode abandonar tudo, pode tornar-se pobre, pode tornar-se um mendigo como Buda. E sua pobreza será rica, terá um reino em si mesma.

O mesmo acontece com todas as coisas. Sejam os Upanishads, seja Lao Tzu, Jesus ou Buda, todos eles ensinam que o conhecimento é inútil. Ficar apenas acumulando conhecimentos, não adianta nada. E não só não adianta como pode tornar-se uma barreira.

O conhecimento é desnecessário, mas isto não significa que se deva ser ignorante. Esta ignorância não é real. Quando você tem conhecimentos suficientes e os joga fora então a ignorância é alcançada, você se torna realmente ignorante — como Sócrates que dizia: Só sei de uma coisa: que não sei nada.

Este conhecimento ou esta ignorância — chame como preferir — é totalmente diferente, tem uma qualidade diferente, muda de dimensão.

Se você é apenas ignorante por nunca ter tido nenhum conhecimento, sua ignorância não pode ser sábia, não pode ter sabedoria. É só ausência de conhecimento. Por dentro, ainda há algo pendente: Como terei mais conhecimento? Como obterei mais informações?

Se você sabe demais — conhece as escrituras, conhece o passado e as tradições, conhece tudo o que há para ser conhecido — e então, de repente, percebe a futilidade de tudo isso, vê que isso não é conhecimento, que é tudo emprestado! Não é a sua própria experiência

existencial, não é o que você conheceu. Outros podem ter conhecido e você simplesmente juntou-se a eles.

Sua junção é mecânica. Não é nada que tenha surgido de você, não é um crescimento. É só um lixo coletado em outras portas, um lixo emprestado e morto.

Lembre-se: conhecer só é algo vivo quando você conhece, quando é sua a experiência direta e imediata. Mas quando você conhece pelos outros, isto é apenas memória e não conhecimento. E memória é uma coisa morta.

Quando você junta muita coisa, — riquezas de conhecimentos, de escrituras, de tudo o que o cerca, bibliotecas condensadas em sua mente, e, de repente, percebe que está carregando o peso dos outros, que nada lhe pertence, que você não conheceu nada daquilo, então você pode abandonar; pode abandonar todo esse conhecimento.

Nesse abandono, surge em você um novo tipo de ignorância. Esta ignorância não é a mesma de um ignorante — assim é um sábio, assim é a sabedoria.

Só um sábio pode dizer: eu não sei. Mas dizendo "eu não sei", ele não está correndo atrás de conhecimento, está simplesmente afirmando um fato. E quando você puder dizer de todo coração: "eu não sei", neste exato momento seus olhos se abrirão, abrir-se-ão as portas do conhecimento. Nesse exato momento em que você diz, com todo o seu ser, "eu não sei", torne-se capaz de conhecer.

Esta ignorância é bela, mas só pode ser alcançada através do conhecimento. É a pobreza alcançada através da riqueza. O mesmo acontece ao ego: só se pode perdê-lo quando se tem.

Quando Buda desceu de seu trono, e tornou-se um mendigo... Por que ele precisou disso? Era um rei, entronado, no pico do seu ego, por que chegar a tal extremo? Descer de seu palácio para as ruas e tornar-se um mendigo? Mas Buda é belo em sua mendicância. A Terra jamais conheceu mendigo tão belo, tão rico, com tanta realeza, jamais conheceu maior imperador.

O que aconteceu a ele ao descer do seu trono? Desceu do seu ego. Os tronos nada mais são do que símbolos do ego, do poder, do "status" e do prestígio. Buda desceu do seu trono e o não ego aconteceu.

Este não ego não é humildade, este não ego não é humilhação. Pode-se encontrar muitas pessoas humildes e sob essa humildade funcionam egos sutis.

Conta-se que uma vez Diógenes visitou Sócrates. Diógenes vivia como um mendigo. Usava sempre roupas imundas, remendadas e esburacadas. Mesmo que ganhasse roupas novas, não as usava; antes, deixava-as sujas, envelhecidas e rasgadas e depois as vestia.

Na sua visita à Sócrates começou a falar do não ego. Mas os olhos penetrantes de Sócrates compreenderam que aquele homem não era alguém sem ego. O modo como falava sobre a humildade era muito egoísta.

Conta-se que Sócrates lhe disse: através dessas veste sujas, através desses buracos, nada mais vejo além de ego. Você fala em humildade, mas sua fala vem de um profundo centro do ego.

É o que acontece. — é assim que acontece a hipocrisia. Você tem ego e o oculta através do oposto: torna-se humilde na superfície.

Essa superfície humilde não pode enganar a ninguém. Talvez engane a você, mas a ninguém mais. O seu ego desponta pelos buracos das vestes sujas. Está sempre presente. Isto é enganar a si mesmo e nada mais. Ninguém mais é enganado. E é o que acontecerá se você começar a derrubar um ego imaturo.

## A agonia do ego.

**O** que eu ensino, meu ensinamento, pode parecer contraditório, mas quanto à vida, é verdadeiro. A contradição é inerente à vida. Por isso, eu lhe ensino a ser egoísta para que você possa tornar-se um não ego. Ensino-lhe a ser egoísta perfeito. Não esconda o ego ou então a hipocrisia nascerá. E não tente lutar contra um fenômeno imaturo. Permita que amadureça e auxilie. Faça com que alcance um pico.

Não tenha medo, não há nada a temer. É assim que chegaremos a realizar a agonia do ego. Quando ele alcança um pico, você não precisa de mim ou de um Buda para lhe dizer que o inferno é o ego. Você sabe disso. O pico do ego será o pico de experiências terríveis, será um



pesadelo. E então não será preciso que ninguém lhe diga: Abandone-o! Difícil será carregá-lo.

E só se alcança o conhecimento através do sofrimento. Você não pode livrar-se de uma coisa só por argumentos lógicos. Só pode livrar-se de algo quando se torna tão penoso que você não suporta mais.

O seu ego ainda não se tornou tão penoso e por isso você o suporta. É natural! Não posso persuadi-lo a livrar-se dele. E mesmo que você seja persuadido, vai querer escondê-lo e nada mais.

Não se pode abandonar nada que seja imaturo. As frutas verdes prendem-se às árvores e as árvores a elas. E se você as separar pela força, provocará uma ferida. Essa cicatriz permanecerá, a ferida ficará sempre verde e você ficará sempre machucado.

Lembre-se: tudo tem seu tempo para crescer, para amadurecer, para cair na terra e desmanchar-se. O seu ego tem um tempo. Precisa estar maduro.

Portanto, não tenha medo de ser egoísta. Você é. Se não, teria desaparecido a muito tempo. Não poderia existir... este é o mecanismo da vida: você tem que ser egoísta, tem que lutar pelo caminho, tem que lutar com milhares de desejos que o circundam, tem que sobreviver.

O ego é uma medida de segurança. Se uma criança crescer sem ego, morrerá. É impossível, não poderá sobreviver. Quando a criança sente fome, não sente que é ela quem está com fome. Sente que há fome — mas não relacionada a si mesma. No momento em que a fome é sentida, a criança sente: tenho fome, e começa logo a chorar, fazendo um esforço para ser alimentada. A criança cresce através do crescimento do seu ego.

Também para mim, o ego faz parte do crescimento natural. Mas isto não significa que se tenha que ficar como ele para sempre. É um crescimento natural e há então um segundo passo no qual ele deve ser abandonado. Isto também é natural. Mas o segundo passo só pode ser dado quando o primeiro alcançou um clímax, quando o primeiro chegou ao pico.

Por isso ensino as duas coisas: ensino o "egoísmo" e ensino a "ausência do ego".

Primeiro, seja egoísta, perfeitamente egoísta, absolutamente egoísta, como se tudo existisse só para você e você fosse o centro. Todas

as estrelas giram ao seu redor, o sol brilha para você, tudo existe para você, para auxiliá-lo a estar aqui. Não tenha medo, torne-se o centro. Se sentir medo, não amadurecerá. Aceite isso! — faz parte do crescimento. E desfrute do ego, faça com que alcance um pico.

Quando ele chega ao pico, de repente, você percebe que não é o centro. Aquilo foi um engano, uma atitude infantil. Mas então você era uma criança e não há nada de errado nisso. Agora que tem maturidade pode ver que não é o centro.

Na verdade, quando você vê que não é o centro, vê também que não há nenhum centro na existência, ou, que o centro está em toda parte. Ou não há centro e a existência existe como uma totalidade, é um todo sem um centro como ponto de controle; ou, cada átomo é um centro.

Jakob Boehme disse que o mundo está cheio de centros; cada átomo é um centro e não existe circunferência. Há centros em todos os lugares e não existem circunferências.

Estas são as duas possibilidades. Ambas querem dizer a mesma coisa, apenas as palavras são diferentes e contraditórias. Mas primeiro seja um centro.

É como se fosse assim: Você está sonhando: quando o sonho atinge um pico, é interrompido; é o que sempre acontece. Sempre que um sonho alcança um clímax, é interrompido. O que é o clímax de um sonho? É a sensação de que é real. Você sente que é real, que não é um sonho, e continua até chegar ao pico mais alto onde ele se torna quase real. Nunca chega a ser real, mas quase real. Chega tão próximo à realidade que você já não pode ir adiante — mais um passo e ele será real, mas não pode ser real porque é um sonho! E quando se aproxima muito da realidade, o sono é interrompido, o sonho é estilhaçado e você desperta completamente.

O mesmo acontece a todos os tipos de enganos. O ego é o maior sonho: tem sua beleza e sua agonia, tem seu êxtase e sua agonia, tem céus e infernos — ambos estão presentes. Algumas vezes, os sonhos são belos; outras, são pesadelos, mas ambos são sonhos.

Por isso, não digo para você sair de seu sonho antes que chegue a hora. Não, nunca faça nada antes da hora. Permita que as coisas cresçam, que tenham seu tempo, para que tudo aconteça naturalmente.

O ego vai desaparecer. Pode desaparecer por si mesmo. Se você simplesmente permitir que ele cresça e o ajudar a crescer, não haverá nenhuma necessidade de abandoná-lo.

## Um sonho necessário.

Isto é muito profundo. Se você abandonar o ego, isto significa que ele permaneceu dentro de você. Quem o abandonou? Se achar que você o abandonou, você é o ego — e assim tudo o que você abandonar não será a coisa real. O real será preservado e qualquer outra coisa terá sido jogada fora.

Você não pode fazer de si mesmo um não ego. Quem o fará? O abandono acontece, mas não é nada que se faça. Você cresce em seu ego até chegar ao ponto em que a coisa toda se torna tão infernal que o sonho é interrompido. De repente, você vê que o ganso está fora — nunca esteve dentro da garrafa.

Você nunca foi um ego. Isto foi só um sonho no qual você estava envolvido — um sonho necessário. Por isso não o condeno: é uma parte necessária do crescimento.

Tudo na vida é necessário. Nada é desnecessário e nem pode ser. Seja o que for que tenha acontecido, tinha que acontecer. Tudo o que está acontecendo, acontece por causas muito profundas. Você precisa do ego e por isso pode permanecer no engano. Ele é só um casulo que o protege, que o ajuda a sobreviver. Mas você não precisa ficar no casulo por toda a vida. Quando estiver pronto, rompa o casulo e saia.

O ego é a casca do ovo, proteja-o. Mas quando estiver pronto, quebre a casca e saia do ovo. O ego é a casca.

Mas espere. Ter pressa não adianta nada; não adianta precipitar-se, pode até atrapalhar. Dê o tempo necessário e não condene, porque então, quem estará condenando?

Vá aos chamados santos — aqueles que falam da humildade, da submissão — e olhe dentro de seus olhos: não se pode encontrar egos mais refinados em nenhum outro lugar. Agora esses egos estão vestidos com o manto da religiosidade, da Yoga, da santidade, mas ainda estão

presentes. Mesmo que não colecionem riquezas, estão colecionando seguidores — a moeda mudou; agora, eles contam seguidores...

Se não estão atrás das coisas deste mundo, buscam as coisas do outro mundo — seja deste ou daquele, ambos são mundos. E talvez sejam ainda mais avaros, porque dizem: Estas coisas temporárias, momentâneas... Este mundo consiste de prazeres momentâneos — e eles querem os prazeres eternos. Têm uma avareza suprema. Não podem satisfazer-se com prazeres momentâneos. Querem os prazeres eternos. Só se sentem gratificados se for alguma coisa eterna. Têm uma profunda avareza, uma avareza absoluta, e a avareza pertence ao ego. É a fome do ego.

Portanto, acontece muitas vezes dos santos serem mais egoístas do que os pecadores e por isso, estão muito distanciados do divino. Às vezes, os pecadores chegam a Deus mais facilmente do que os chamados santos, porque o ego é a barreira.

E esta tem sido a minha experiência: os pecadores podem abandonar seus egos mais facilmente do que os santos, porque nunca estiveram contra o ego. Eles o têm alimentado, o têm desfrutado, o têm vivido em sua totalidade. Os santos estão sempre lutando contra o ego e assim nunca permitem que ele amadureça.

Esta é a minha atitude: o ego tem que ser abandonado, mas pode levar muito tempo. Você só poderá abandoná-lo se o cultivar.

Esta é a maior dificuldade de todo o fenômeno. A mente diz: se temos que abandonar, para que cultivá-lo? A mente diz: se temos que destruir, para que criá-lo? Se você der ouvidos à mente, terá problemas. Ela é sempre lógica e a vida é sempre ilógica. Por isso as duas nunca se encontram.

Isto é lógico simples, é matemática comum: se você tem que destruir uma casa, para que construí-la? Para que tanto trabalho? E por que tanto esforço e desperdício de energia? Se a casa ainda não existe, por que construí-la para depois derrubá-la?

A casa não é realmente o ponto — o ponto é você. Construindo a casa, haverá uma mudança em você. Destruindo-a depois, a mudança será completa; você não será mais o mesmo. Todo o processo da criação da casa será uma prova de que você cresceu.

E então, quando a casa estiver pronta, você a derrubará. Isto será uma mutação.

A mente é lógica e a vida é dialética. A mente move-se numa linha simples e a vida salta de um pólo para outro, de uma coisa para seu oposto.

A vida é dialética.

Crie e a vida diz: destrua. Nasça e a vida diz: morra. Adquiria e a vida diz: perca! Enriqueça e a vida diz: empobreça! Seja um pico, um Everest do ego e então seja um abismo — um não ego. Então, você conhecerá as duas coisas — o ilusório e o real, *maya* e *Brahma*.

## Faça o jogo.

Isto acontece quase diariamente: alguém chega para ser iniciado no *sannyas*; sua mente começa então a funcionar e a pessoa diz: Usar a cor laranja tornar-me-á ainda mais egoísta porque sentirei que sou diferente, que estou distinguindo-me. Eu sou um *saniasin*, alguém que renunciou. Assim, usando a cor laranja, eu me tornarei mais egoísta. E eu respondo: Seja egoísta, mas um egoísta consciente.

O ego é um mal, mas só quando você não tem consciência dele, quando o oculta no inconsciente.

O ego é um jogo, quando você tem consciência dele, você pode desfrutá-lo, pode brincar com ele. Esteja consciente, atento e brinque com ele! Não há nada de mau num jogo, mas quando você se esquece de que está jogando e o leva demais a sério, então os problemas surgem.

Por isso digo que o *sannyas* não é sério; é uma brincadeira; uma brincadeira religiosa, é claro. Tem regras próprias, como todos os jogos têm suas regras; sem regras não se pode jogar. A vida não precisa ter regras, mas os jogos precisam.

Se alguém disser: Não quero seguir essas regras, não poderá jogar. Você joga cartas e obedece as regras. Nunca diz: Essas regras são arbitrárias, são superficiais, por que não as mudamos? Você pode mudá-las, mas então o jogo fica mais difícil. E se cada indivíduo seguir suas próprias regras, o jogo será impossível.

A vida é possível! Você pode jogar como quiser porque a vida não crê em regras — está além delas. Mas os jogos têm regras.

Lembre-se: seja onde for que você encontre regras, saiba que é um jogo — este é o critério: seja onde for que houver regras, saiba logo que é um jogo, porque os jogos existem através das regras.

Portanto, quando eu digo: Use laranja, tenha um *mala* — obviamente isto é um jogo. Jogue-o o melhor que puder e não o leve muito a sério. Caso contrário, perderá o ponto.

Seja um egoísta perfeito, cultivado, refinado. Continue trabalhando o seu ego e faça dele uma bela estátua, porque antes de devolvê-lo a Deus, ele tem que ser de valor, tem que ser um presente.

## Uma onda no oceano infinito.

**Bhagwan,**

**Você disse que é necessário muita energia para realizar uma alquimia interior.**

**Fale-nos a respeito da energia; como podemos fazê-la crescer e como podemos retê-la? De que maneira a perdemos? Podemos consegui-la de fontes externas?**

**P** primeira coisa: você faz parte de uma energia infinita, é uma onda num oceano infinito. Se puder lembrar-se disso nunca perderá energia, pois uma fonte inesgotável estará sempre disponível. Você é só uma onda e no fundo está oculto o oceano.

Você nasce. Quem o faz nascer? Quem lhe dá energia para entrar no corpo? Quem dá energia ao corpo para que seja um mecanismo automático e delicado, um organismo? O corpo permanece vivo por setenta, oitenta ou cem anos. E, atualmente, os cientistas dizem que a morte é um acidente e que o corpo pode continuar infinitamente. Eles dizem que a existência da morte é desnecessária. Existe porque não temos sido capazes de usar a energia infinita que nos circunda.

Portanto, esta é a primeira coisa que se deve lembrar: você faz parte de uma energia infinita. Lembre-se e sinta isto constantemente.

Movendo-se, andando, comendo ou dormindo, sinta que você é infinito. É o que dizem os Upanishads: sinta sempre que você é *Brahma*, o Eterno.

Sentindo cada vez mais, você terá consciência de que não está perdendo energia. A fonte torna-se disponível e você se transforma num veículo.

Então, faça tudo o que você quiser fazer — só por fazer, ninguém perde energia. Este é um dos enganos da mente humana: quando se faz alguma coisa, perde-se energia. Não. Se você pensa assim, está perdendo. Não por fazer, mas por pensar assim. Mas se pensar diferente, ganhará energia quando fizer alguma coisa. E se não pensar nada, também não estará perdendo.

Quando as pessoas se aposentam começam a pensar que agora têm menos energia e por isso precisam repousar mais e relaxar; não devem fazer nada ou estarão perdendo energia. E assim elas morrem mais cedo do que deveriam. As estatísticas mostram que o tempo de vida diminui dez anos: uma pessoa que trabalhando, pode viver setenta anos, aposentada, vive sessenta.

O seu corpo é dínamo. Quanto mais é usado mais energia é gerada pelas fontes internas. Se você não a usa, não há necessidade de ser suprida. E aos poucos o suprimento cessa.

Seja mais ativo e terá mais energia. Seja menos ativo e perderá muita energia. A energia não se perde através da atividade; através da atividade, ela é renovada. Quanto mais energia você usar maior será a disponibilidade da fonte.

Veja as árvores. O sol nasce e a água começa a evaporar de suas folhas. No momento que as folhas evaporam a água, começa a circular uma nova água vinda das raízes, pois o processo é longo. A folha libera água e cria uma secura. Essa secura começa imediatamente a sugar água do galho; aí o galho seca e começa a sugar água do tronco. E assim por diante até chegar à raiz, que suga a água da terra.

Se as folhas pensassem: se evaporarmos a água morreremos, sentiremos sede — a planta morreria. Porque então as novas fontes não estariam disponíveis e as raízes não poderiam funcionar.

Você também tem raízes no infinito. Quando usa a energia está sugando a energia do infinito. As suas raízes começam a trabalhar.

É um grande engano da mente humana achar que perdemos energia através da atividade. Não. Quanto mais ativos, mais energia temos. E isto vale para qualquer atividade em qualquer direção da vida. Ame mais e terá mais amor para dar. Seja um miserável e pense: se eu amar, estarei dissipando o meu amor; mais cedo ou mais tarde não terei mais amor, por isso é melhor preservá-lo. Aí seu amor morrerá e você não será capaz de amar.

Ame e mais amor estará disponível. Quanto mais você usa, mais tem — esta é a lei da vida. Você pode comer o doce, e, ao mesmo tempo, tê-lo. Seja em que direção for, compaixão, amor ou atividade, a regra é a mesma. Se você quiser ser uma fonte infinita de amor, dê o amor o mais que puder. Não seja miserável, pois só os miseráveis perdem energia. E nos sentimos sempre tão dissipados porque somos todos miseráveis.

Mas pensar assim pode ser perigoso, pode ser venenoso. Se você pensar assim, a idéia começará a trabalhar — e a mente trabalha através da hipnose.

Por exemplo, há poucas décadas pensava-se em todo o mundo que cada indivíduo possuía uma quota limitada de energia sexual. Esta idéia criou misérias sexuais em toda a gente. A idéia em si é um engano. E se você a tiver em sua mente, sempre que estiver fazendo amor, estará se auto-hipnotizando — achará que está perdendo energia. E aí a energia será perdida.

Esta idéia fica impressa em sua mente, e ao fazer amor você está tão vulnerável, tão receptivo, tão suave, tão expressivo, que tudo o que estiver pensando, penetrará profundamente. E virão então as conseqüências: você se sentirá dissipado, sentirá que perdeu energia.

E sentindo-se assim a idéia ficará ainda mais fortalecida — isto se torna um círculo vicioso.

Atualmente, os cientistas, os biólogos, dizem que o sexo é uma energia infinita. Você não a perde, porque está sendo criada diariamente pela alimentação, pela respiração, pela atividade. É criada; não é uma coisa comprada que se você usar uma certa quantidade, essa quantidade estará perdida e você terá menos. Não é assim.

Ela não é nada que se compre. Está sendo criada a todo momento. Se você não a usar, ela envelhecerá e morrerá. Se não a usar, você



envelhecerá e morrerá. O fluxo cessará. Mas se você estiver sempre fluindo, cada vez mais essa energia estará disponível.

Em algum lugar, Jesus diz: — uma das coisas mais fundamentais — se você se prender à vida, perdê-la-á; se estiver pronto para perdê-la, tê-la-á em abundância.

Até há pouco tempo, as crianças aprendiam que qualquer perda de sêmen, seja como for, é muito destrutiva. Pode-se enlouquecer, ficar aleijado e, no mínimo, perder a inteligência. E a probabilidade de ficar louco, excêntrico e fraco será muito maior.

Isto é absolutamente falso! Mas fez com que muitos enlouquecessem, que muitos enfraquecessem, ficassem estúpidos e medíocres, por causa da idéia...

E é uma idéia tão perigosa, que aos catorze ou quinze anos quando a criança começa a crescer e ficar mais madura... começa a perder sêmen! Ela não pode fazer nada para evitar. Começa a se masturbar, e se a moralidade for exagerada, não se masturbará. Mas as ejaculações noturnas acontecerão; e à noite, ela perderá sêmen. E em volta, a propaganda não pára: se você perder sêmen, tudo estará perdido.

Na Índia, costumava-se dizer — os velhos santos e seus seguidores continuam dizendo isso — que uma gota de sêmen significa quarenta dias de trabalho para o corpo. Durante quarenta dias, o corpo tem que trabalhar para produzir uma gota de sêmen. Portanto, se uma gota se perde, são desperdiçados quarenta dias de vida.

As crianças pequenas não sabem nada. E elas são muito receptivas. Se toda a sociedade ensina isso, elas acabam sendo hipnotizadas. E não há nada que possam fazer — o sêmen flui; se o corpo está pronto, fatalmente o sêmen tem que sair. O ensinamento está em toda parte e elas não podem dizer a ninguém que o sêmen está saindo. Ocultam o fato. Sofrem por dentro. São constantemente torturadas e pensam que agora... Começam a achar que são exceções porque não podem saber que todos passaram pela mesma coisa. Ninguém falou nada, ninguém comentou. E tudo o que se fala sobre isso, fala-se contra.

Assim, cada menino acha que é uma exceção, que só ele está passando por isso. Logo começa a sentir-se atordoado, começa a sentir que sua inteligência está diminuindo, que está enlouquecendo e que sua vida está sendo desperdiçada. Muitas pessoas escrevem-me cartas

dizendo que suas vidas estão sendo desperdiçadas, porque estão perdendo muito sêmen, estão perdendo muita energia sexual.

Mas a idéia é muito perigosa. E se a idéia existe, a coisa acontece. Acontece através da hipnose.

## Seja oceânico!

Qualquer idéia pode tornar-se um auxílio ou um obstáculo. E é difícil viver sem idéias. Portanto, antes que você alcance um estado de mente em que não haja pensamentos — e aí tudo se torna disponível espontaneamente — antes disso, é melhor ter essa idéia em sua mente: você faz parte de uma energia infinita. E, portanto está ganhando e não perdendo. Por estar dando, você está repondo e não perdendo.

Amor, sexo ou atividade — seja o que for, lembre-se e tenha sempre a idéia de que se você der alguma coisa as raízes poderão dispor de muito mais, muito mais lhe será dado. Deus dá; dá incondicionalmente.

Se você também der, suas mãos estarão sempre vazias E Deus poderá lhe dar muito mais. Se você for miserável, romperá o seu relacionamento com Deus. Viverá então como uma pequena onda, sempre temendo perder.

Viva como um oceano. Seja oceânico!

Nunca pense em perdas com relação a nada. Nada se perde, nada pode ser perdido. E você não é individual, apenas parece ser. O todo está unido a você e você é só uma face do todo, é o modo como o todo aconteceu. Não se preocupe, porque o todo não acaba nunca. A existência não tem começo nem fim.

Alegre-se, celebre, seja ativo e seja alguém que dá. Seja um doador total, que nunca pensa em reter ou segurar coisa alguma, é a única prece possível. Dar é uma prece. Dar é amar. E aqueles que podem dar sempre terão mais para dar.

---

**Nona manhã**  
18 de maio de 1974.

---

Renda-se e eu farei o resto.

**Bhagwan,**

**Você disse: nem em milhões e milhões de anos uma tal oportunidade veio a esta terra. E disse também: esta época é como qualquer outra.**

**Você disse: renda-se a uma pedra, e a iluminação acontecerá. E disse também: Para seguir este perigoso caminho, é essencial a orientação de um Mestre verdadeiro.**

**Você disse: Renda-se e eu farei o resto. E disse também: eu não faço nada.**

**Para nós, aqui agora, e para aqueles que lerão estas palavras no Ocidente, seria possível falar algo mais sobre o fenômeno guru-discípulo?**

**E**u contradigo a mim mesmo. E o faço conscientemente. A verdade é tão infinita, tão imensa, que nenhuma afirmação parcial pode contê-la — o oposto deve ser incluído imediatamente. O todo sempre será contraditório, apenas a parte pode ser constante — porque o todo tem de considerar o oposto também. O oposto está presente. Ele existe.

Os filósofos podem ser constantes, porque a compreensão deles é parcial. Eles podem ser simples e claros. Têm os meios para serem lógicos. Eu não posso me permitir isto, porque se eu tentar ser consistente, imediatamente tudo se tornará mentira. O oposto tem de ser incluído, o oposto tem de ser absorvido.

Por exemplo, quando eu digo: Renda-se e eu farei o resto — esta é uma parte. E por que estou dizendo isso? Estou dizendo para que você possa se render totalmente. Se você pode sentir isto e confiar que o restante será feito, sua rendição pode ser completa.

Se você tiver medo, desconfiança, então mesmo após render-se você terá de fazer algo, a rendição não poderá ser completa. Se após render-se você tiver de fazer algo, então precisará segurar a si mesmo, precisará refrear-se – a rendição não poderá ser total. E quando a rendição não é total, não é rendição de modo algum. A rendição só pode ser total. É impossível render-se em partes.

Você não pode dizer: eu me rendo pela metade – porque a metade retida ficará contra a rendição. Ela só pode ser retida dessa forma. Neste caso, a rendição não pode ser total.

É exatamente como um círculo, um círculo geométrico. Ele não pode existir pela metade; é impossível desenhar um meio círculo. Se você o desenhar, não poderá chamá-lo de círculo. Um círculo precisa ser completo. Se for pela metade, então será alguma outra coisa, não será um círculo em absoluto.

A rendição só pode ser completa. Ela também é um círculo espiritual. Você se rende do princípio ao fim. Nada é deixado para trás.

Para auxiliar nesse processo é que digo: Renda-se e o restante será feito por mim. A ênfase em que basta você se render que o resto será feito por mim, é para tornar sua rendição total.

Mas eu sei que se você se render, não haverá necessidade alguma de fazer qualquer coisa — nem mesmo por mim. A rendição, por si

mesma, é o ponto, nada mais é necessário. O próprio fenômeno da rendição é suficiente. Nenhum auxílio é necessário então. Tudo será feito pela própria rendição.

Render-se significa não ser mais. Render-se significa que o ego foi abandonado. Render-se significa que agora o centro foi dispersado — você existe, mas sem um centro. E se não há nenhum centro, não há nada para proteger, os muros caem por si mesmos. Se não há ninguém, toda a sua estrutura de defesa desaparece pouco a pouco, torna-se fútil. Você passa a ser um espaço aberto.

Este espaço aberto fará tudo, essa abertura fará tudo. Deus passará por você sem impedimentos. Deus poderá mover-se através de você, dentro e fora — não haverá ninguém para criar barreiras. Rendido, você se torna aberto para as forças divinas. Tudo acontece espontaneamente.

O problema é render-se. Após a rendição, não há nenhum problema. Portanto, eu não sou necessário para ajudá-lo. Nada é necessário. Eis porque continuo contradizendo a mim mesmo e digo que eu não faço nada. Não há necessidade! A partir desse momento, você poderá olhar para o todo.

Se eu disser que não farei nada, que não posso fazer, que não há necessidade — se eu disser apenas isto — sua rendição será impossível. Você sentirá medo — sozinho, movendo-se no desconhecido, sem ninguém para ajudar, sem ninguém para guiar, e esse homem dizendo: eu não farei nada — como você poderá render-se totalmente? Será difícil.

Se eu disser apenas que farei tudo, sem contradizer isto, não será verdade — porque, na realidade, eu não farei nada. Assim, o que fazer agora? Como expressar esse todo? Existe apenas um meio, contradizer-me constantemente.

## O mestre não existe

O relacionamento entre um guru e um discípulo é um fenômeno muito complexo. De um lado, muito simples — do outro, muito complexo.

Ele é simples porque o relacionamento só existe por parte do

discípulo. Por parte do mestre, não há nenhum relacionamento — porque o mestre não existe. Ele não existe mais. Ele é um ninguém. Você tem a impressão de que ele existe. Esta impressão persistirá, a menos que você se renda. Uma vez que você se rende, uma vez que você se torna um não-ser, de repente, vê que o Mestre nunca esteve presente.

O Mestre é uma ausência. Mas a ausência só pode ser vista quando você também se torna ausente. Só duas ausências se encontram.

Se você estiver presente, continuará fazendo projeções no Mestre, achará que ele também está presente. Isso é uma projeção sua, porque seu ego não pode ver o não-ego. Apenas o similar pode responder ao similar. Seu ego pode ver apenas egos em todo lugar. Este é um modo de proteger seu próprio ser. Sempre que você olha, imediatamente projeta um ego. Portanto, até mesmo o Mestre parece ser alguma pessoa, algum ego.

E você encontrará modos e meios para provar a si mesmo que ele também é um ego. Suas racionalizações podem ser perfeitamente lógicas, mas eu digo que elas são absurdas — porque é impossível ver o fenômeno do não-ego como você está. Rendido, de repente, você verá que o Mestre não está presente.

Se você estiver rendido, neste exato momento, verá esta cadeira vazia. Este homem que está falando com vocês não está presente. Este homem é apenas um vazio. Mas apenas uma ausência é capaz de ver esta ausência.

O relacionamento não pode existir por parte do Mestre. Se existir, ele não é um mestre em absoluto — ele ainda está presente. Não pode guiá-lo, só pode desviá-lo. Seu ensinamento pode ser belo, mas ele o desviará, porque seja lá o que for que faça — e eu digo "seja lá o que for", incondicionalmente — estará errado. A questão não será de que isto está errado e aquilo está certo. Tudo o que vem do ego é errado. Pode ser a virtude, pode ser a não-violência, pode ser amor, mas seja lá o que for que venha do ego está errado. O ego perverte tudo. O ego é o maior perversor.

Se o Mestre o ama e que o ego está presente, seu amor é possessivo. Ele o destruirá, o matará. O relacionamento será venenoso. O relacionamento comum de amor estará presente. Ele não lhe permitirá mover-se para outro Mestre. Ele lutará, criará barreiras a fim de que você

não possa se afastar dele — porque ele depende de você, seu ego depende de você.

O Mestre, quando tem ego, não pode existir sem os seguidores. Os seguidores são necessários para alimentá-lo. Quanto maior a multidão, melhor ele se sentirá. Se todos o deixarem, ele estará simplesmente morto. Seu ego ficará magoado. Assim, aqueles que são chamados de mestres continuam lutando, competindo com outros também chamados mestres. Isso torna-se um mercado. Toda a competição que existe no mercado, aparece.

Se o mestre tem um ego, isto significa que ele não é realmente um Mestre — apenas finge ser. Então sua compaixão existirá apenas em nome da compaixão.

Ele será cruel. O torturará de um tal modo, que você sentirá essa tortura como uma disciplina. Ele o forçará a fazer coisas dolorosas e desnecessárias, mas sentirá prazer com essa dor. Ele a racionalizará. Ele dirá: Jeje! — porque sem jejum você não chegará. E quando você estiver jejuando e se sentindo torturado, ele ficará feliz. Sua compaixão é apenas uma crueldade oculta. Em nome da compaixão ele é um sádico. Torturando, ele sente-se feliz. Olhando para você, vendo que está triste, torturado, deprimido, ele dirá: *Vairagya* foi vencido — você se tornou desapegado.

Quanto mais triste você estiver, mais feliz ele será. Se ele vir um sorriso em seu rosto, imediatamente o condenará. Se sentir que você está feliz, imediatamente achará que alguma coisa está errada — porque como você pode ser feliz neste mundo, neste mundo errado?

Como você pode ser feliz? A vida é miséria. Como você pode estar em êxtase? Então você deve estar desfrutando dos sentidos de algum modo, em algum lugar. Se você parece jovem, novo e vivo, é porque está muito apegado ao corpo.

Ele começará a destruir seu corpo. Ele é um sádico e um sádico muito sutil, mais sutil do que Hitler ou Mussolini — porque eles matavam imediatamente, o assassinato deles era simples. Esse homem também o assassinará, mas a prazo — pouco a pouco, devagarinho. Ande por este país: encontrará muitos que têm estado assassinando os outros.

E lembre-se: ele só poderá matá-lo se também for suicida, do

contrário, não. Se ele desfrutar de boa comida, não poderá forçá-lo a jejuar — impossível. Se ele viver em uma bela casa, não poderá lhe dizer para viver em uma cabana ou em uma choupana.

Portanto, isto é absolutamente lógico: se ele quiser destruí-lo, terá de destruir a si mesmo. Quanto mais ele torturar a si mesmo, mais controle obterá sobre você para torturá-lo. Ele jejuará, destruirá seu corpo. E quanto mais ele destruir o próprio corpo, mais controle terá sobre o seu pescoço. Poderá esmagá-lo completamente, e esmagá-lo com uma boa consciência.

Este é o fenômeno que acontece. Com um mestre errado, com um mestre egoísta, tudo o que acontece acaba sendo errado — sua disciplina torna-se um sadismo, sua própria vida torna-se masoquista, todo seu ser torna-se destrutivo. O ego é destrutivo.

Então o relacionamento pode existir. Com um mestre falso, o relacionamento pode existir, porque por parte do mestre também existe ego, e o ego quer se relacionar. O ego não pode existir sem se relacionar.

Mas se há realmente um mestre, o relacionamento existe apenas por parte do discípulo. Você o ama. Você o obedece. Ele não está preocupado com a sua obediência. Ele não está preocupado com o seu amor. Isto não significa que ele não se interesse. Ele se interessa infinitamente, mas não tem um ser que possa estar relacionado.

Seu cuidado é natural — assim como a água flui para baixo, seu cuidado flui para você. Mesmo que você não esteja presente, seu cuidado continua fluindo.

Se você está aqui comigo ou não está, aqui, eu continuo igual — meu ser continua fluindo do mesmo modo. Quando ninguém está comigo, eu permaneço o mesmo. Quando você está presente, eu sou o mesmo.

Se eu mudasse, então o ego estaria presente, porque o ego existe no relacionamento. Quando você vem, o ego entra, torna-se ativo e vivo. Quando você vai, o ego torna-se preguiçoso, adormecido. Então há uma mudança.

Com você ou sem você, meu vazio permanece o mesmo. O cuidado continua fluindo. O amor continua fluindo. Não há nenhum amante. Eu não posso escolher amar ou não amar. Se eu pudesse escolher, então estaria presente.



O relacionamento existe da sua parte, e continuará a existindo, a menos que você se renda.

## Entrega e iluminação: a mesma porta

Portanto, a rendição é o maior e mais profundo relacionamento – é o fim do relacionamento também. Quando você se rende, chega ao mais profundo relacionamento possível. Mas além desse ponto, o relacionamento desaparece. Ao render-se, você não existe mais — e o Mestre nunca existiu.

Agora, dois espaços vazios não podem mais ser dois. É impossível desenhar uma linha entre dois espaços vazios. Não se pode fazer limites em torno do vazio. Dois vazios tornam-se um, e o relacionamento não pode existir — Porque para o relacionamento são necessários dois.

Portanto, no último momento da rendição — tente compreender isto — no último momento da rendição, a maior relacionamento que é possível existe. O mais profundo, o mais íntimo relacionamento existe — é claro que de sua parte. No momento seguinte, quando você já se rendeu, tudo desaparece. Agora, não há nem Mestre nem discípulo. Agora, tanto o Mestre quanto o discípulo podem rir. Podem dar uma gargalhada. Podem rir estrondosamente a respeito de todo o absurdo que existia justamente a um momento atrás.

O esforço para auxiliar, o esforço para obter o auxílio, a rendição, a luta constante do ego para não se render, todas as explicações, todos os ensinamentos — a coisa toda torna-se absurda. Suas muitas e muitas vidas tornam-se como os sonhos. Então você pode rir, porque poderia ter acordado a qualquer momento. Poderia ter se iluminado, poderia ter saído dos seus sonhos a qualquer momento da vida.

Mas uma vez que você alcançou a iluminação... porque render-se a um dos lados, a iluminação é o outro lado, o outro lado da mesma moeda. A porta é a mesma. Quando você entra, na porta está escrito: Renda-se. Quando já entrou e olha para trás, na porta está escrito: Iluminação. É a mesma porta! De um lado é a entrada, do outro é a saída.

Eis porque há tanta insistência na rendição — *samarpan*.

O relacionamento é muito complexo, porque há apenas um. O outro relator não existe.

Portanto, todos os jogos com o Mestre, na realidade, são seus. Você está jogando: é um jogo de paciência. O outro está simplesmente observando-o jogar. Você mudar as táticas, tenta deste e daquele modo. Procura muitos modos, mas desnecessariamente, porque render-se é o único esforço que ajudará. Tudo o mais é apenas uma preparação para chegar o momento da realização, quando você vê o absurdo total de todos os esforços e simplesmente os abandona.

Muitas técnicas são usadas. Essas técnicas, na verdade, não irão ajudar. Elas só o auxiliam a compreender que você tem de se render. Elas simplesmente provam a futilidade de todo o esforço.

Mas você fica jogando. Continua mudando suas táticas. O ego emprega todos os tipos de estratégia — para o ego é um problema de vida ou morte. Ele o enganará, ele o iludirá continuamente. E o ego é um perfeito racionalista. Ao enganar, ele lhe dá suas razões. É impossível argumentar com ele. E se você tentar, será derrotado.

Daí a supremacia da confiança e da fé. Apenas uma pessoa cheia de fé pode render-se. E só alguém com fé pode chegar ao próprio pico da existência, ao clímax da felicidade.

Um dos mais profundos psicólogos ocidentais deste século foi Abraham Maslow. Durante toda a sua vida ele trabalhou com o fenômeno do apogeu da experiência. Toda sua vida foi devotada ao fenômeno de certas experiências que ele chamou de pico, o supremo, o final — a iluminação de Buda, ou a inconsciência luminosa de Ramakrishna, ou o êxtase de Meera, Boehme, Eckhart — o apogeu, o ponto mais alto que pode acontecer à consciência humana.

Tentando aprofundar-se nesse fenômeno, Maslow percebeu que existem dois tipos de pessoas. Uma, ele chama de apogística, a outra que ele chama de não-apogística. Os apogísticos são aqueles que estão prontos, abertos e receptivos; não-apogísticos são aqueles que estão convencidos de que nenhuma experiência de apogeu é possível.

Nos não-apogísticos ele inclui os cientistas, racionalistas, lógicos, materialistas, empresários, políticos — todos os tipos de pessoas práticas, ou de pessoas chamados práticas; o fim não tem significado

para elas —são orientadas pelos meios. Essas pessoas criam muros ao seu redor e por causa desses muros não podem ter qualquer êxtase. Por não conseguirem ter qualquer êxtase, o ponto de vista original delas é confirmado. Então criam mais muros e isto torna-se um círculo vicioso.

Existem os apogísticos — os poetas, dançarinos, músicos, loucos, aventureiros não-práticos. Estes são os apogísticos. Eles não se preocupam, eles não argumentam com suas mentes. Simplesmente permitem que as coisas aconteçam. E então, mesmo na vida cotidiana, algumas vezes, certos apogeus são alcançados.

Ouvi falar sobre um psicanalista que estava sendo analisado por outro psicanalista. O primeiro psicanalista, o que estava sendo analisado saiu de férias. Do lugar onde estava, telegrafou para o outro, dizendo: Estou me sentindo muito feliz — por quê?

Esse tipo de pessoa não pode aceitar nem a felicidade. Eles perguntam: Por quê? Por que estou me sentindo feliz? Deve haver alguma coisa errada. Eles têm uma noção de que a felicidade é impossível.

O grande psicólogo Freud, disse que a felicidade é impossível para os seres humanos. Ele disse que a própria estrutura da mente humana é tal que a felicidade não é possível — você pode, no máximo, ser toleravelmente infeliz.

Se a atitude for esta — e Freud convenceu a si mesmo, fortaleceu-se com todos os tipos de argumentos — se o conceito, a noção, a idéia, for de que a felicidade é impossível, então você ficará fechado. A felicidade não será possível para você. E por ela não ser possível, seu conceito original será fortalecido; você estava certo. Então há menos possibilidade de felicidade. Seu conceito original é fortalecido e a possibilidade fica menor ainda. Finalmente, um momento virá em que você dirá: ser infeliz é a única possibilidade.

## A lógica é suicida.

**S**e você estiver aberto... e é isto que um discípulo deve ser: um apogístico. E a maior abertura vem com a rendição. Mas o que um apogístico deve ter? Como deve estruturar sua mente para

estar aberto? Deve ter menos razão e mais confiança, menos praticidade e mais aventura, menos prosa e mais poesia. Seja ilógico — do contrário, a felicidade não será para você.

A lógica é o inimigo. A lógica prova que a vida é uma miséria. A lógica prova que não existe nada significativo. A lógica prova que não existe nenhum Deus. A lógica prova que não existe nenhuma possibilidade de êxtase. A lógica prova que a vida é apenas um acidente, e que nesse acidente não há nenhuma possibilidade. Entre o nascimento e a morte, você pode, no máximo, arranjar algum jeito de existir, isto é o suficiente.

A lógica é suicida. Se você for com ela, no final ela lhe dará a chave para sair da vida. No final, ela dirá que o suicídio é o passo mais lógico a ser dado — porque a vida não tem significado. O que você está fazendo aqui? Repetindo a mesma rotina? De manhã saindo de casa, desnecessariamente; porque você levanta todos os dias e nada acontece. Portanto, para que se levantar hoje novamente? Você toma seu desjejum — você tem feito isto sua vida inteira e nada aconteceu. Você lê o jornal, vai para o escritório, volta do escritório, e faz as mesmas coisas sem sentido! Come sua comida, vai dormir, e a manhã chega novamente... um círculo repetitivo, que não leva a lugar algum, que o faz movimentar-se numa trilha. Se você for lógico, sua mente dirá: suicide-se! Por que prolongar todo esse absurdo?

A lógica o leva ao suicídio, a fé o leva para a vida suprema. E a fé é ilógica — não pergunta, não argumenta, simplesmente entra no desconhecido e tenta experimentar. Experimentar é o único argumento para um homem de fé. Ele tenta saborear as coisas, tenta experienciá-las. Sem experimentar, ele não diz nada. Ele não decide — permanece aberto.

Dando um passo, outro passo e mais outro, a fé leva á rendição — porque quanto mais você procura com fé, quanto mais conhece, mais experiência ganha. Sua vida torna-se intensa. Cada passo lhe diz: Vá além, há muito mais escondido além. O além torna-se a meta — Transcenda tudo e vá além. E a vida torna-se uma aventura, uma contínua descoberta do desconhecido. Então mais confiança é criada.

Quando cada passo dado para o desconhecido lhe dá um vislumbre de felicidade, quando cada passo dado na loucura lhe dá uma forma mais alta de êxtase, quando cada passo dado no desconhecido

ajuda-o a compreender que a vida não consiste da mente, que a vida é um fenômeno total, orgânico, todo o seu ser é solicitado e chamado — então, pouco a pouco, seu ser interno é convencido.

E não é uma convicção lógica. É a sua experiência, é experimental, ou você pode dizer que é existencial, não intelectual — é total. E um momento vem no qual você pode se render.

A rendição é a maior risco. Render-se significa por a mente completamente de lado. Render-se significa ficar louco. Eu digo que render-se significa ficar louco, porque todos aqueles que vivem em sua lógica e em sua mente pensarão que você ficou louco. Para mim, não é loucura. Para mim, a loucura, este tipo de loucura, é a único caminho corajoso da vida. Para mim, esta loucura é o salto mais profundo. Para mim, esta loucura é tudo o que um homem é chamado para ser. Mas, para os lógicos, sua confiança parecerá loucura.

Este é um dos fenômenos que terá de penetrá-lo muito profundamente. Todas as grandes religiões nascem em torno de algum louco. Jesus é um louco, um perfeito insano. Buda é um louco! Mas as pessoas que se juntam ao redor não são todas loucas. Muitos vêm que não são apogísticos, que são intelectuais. Eles também são atraídos para Jesus e Buda. O próprio ser de Buda é tão magnético, tão repleto de infinita energia, que eles são atraídos. E suas mentes raciocinam: algo foi obtido por esse homem. Mas eles não são apogísticos, eles são não-apogísticos.

Intelectualmente, ficam atraídos. O próprio fenômeno de um Buda e seu ser torna-se um argumento lógico para eles. Eles ouvem Buda, racionalizam suas palavras, criam metafísicas ao seu redor — então nasce uma religião.

Na base existe um louco, mas na estrutura estão os lógicos. Eles são pessoas contraditórias, absolutamente contraditórias, opostas a Buda. Eles criam a organização. Criam o budismo e as filosofias.

Jesus é um louco, São Paulo não é. Ele é um lógico perfeito. A igreja foi criada por São Paulo, não por Jesus. Todo o cristianismo foi criado por São Paulo, não por Jesus. E esta é uma das coisas perigosas que vem sempre acontecendo. E não há jeito de impedi-la. Está na natureza das coisas.

Se Jesus nascer agora, a igreja o negará imediatamente. A igreja

não aceitará nenhum louco. Seja Eckhart ou Boehme, a igreja os negará — eles são loucos. Ela os expulsará da organização. Eles não serão permitidos, porque poderão se revelar destrutivos. Eles dizem cada coisa, que se as pessoas os ouvirem e acreditarem neles, eles destruirão toda a estrutura, toda a organização.

A religião nasce, na base, com um louco, e então é tomada pelos lógicos que são o oposto. E são eles que criam todas as organizações. Os apogísticos dão à luz, e a criança é adotada pelos não-apogísticos.

Assim, toda religião na sua fonte original é bela — mas depois nunca mais o é. Ela torna-se feia. Na realidade, torna-se anti-religiosa.

## Só após milhares de anos.

**S** seja lá o que for que eu lhe diga, você é um afortunado — isto vem da fonte. É por isso que eu lhe digo que é um afortunado. E acontece apenas uma vez em milhares de anos de você estar junto à fonte.

Não será assim novamente! Mesmo com minhas idéias, não será novamente assim. Cedo ou tarde, os lógicos entrarão, os não-apogísticos virão. Eles estão fadados a vir — já estão no caminho.

Eles sistematizarão tudo, destruirão tudo. E então a oportunidade será perdida. Será uma coisa morta.

Até agora, ela está viva, e você está junto à fonte. Eis porque lhe digo que é afortunado.

Em sua mente, ambas as possibilidades existem — Ser apogístico ou não-apogístico. Se você se permitir ser apogístico, então se renderá. Se preferir ser não-apogístico, então me ouvirá, argumentará, racionalizará e filosofará a respeito. Neste caso, ou você será convencido por mim, ou não será convencido por mim. Se você for convencido, ficará junto a mim. Se não for convencido, irá embora. Mas em ambos os casos perderá. Ficar junto a mim ou ir embora será irrelevante.

Se você estiver procurando ser convencido intelectualmente, perderá. Isto poderá ser feito quando eu morrer. Neste momento, algo mais é possível e pode ser feito — e esse algo é: permita-se ser apogístico, permita que sua alma confie e aventure-se. Não faça

racionalizações consigo mesmo. Dê um salto.

A fonte raramente acontece. E muito poucas pessoas podem ter este benefício. Isto tem sido sempre assim, e sempre será assim. Ao redor de Jesus havia apenas algumas pessoas, ao redor de Buda havia apenas umas poucas pessoas. E então, por séculos, muitos soluçaram e choraram.

Quando Buda estava morrendo, muitos foram chorar e se lamentar. Apenas uns poucos estavam sentados ao redor felizes — Apenas uns poucos. Estes que estavam sentados felizes eram os apogísticos. Eles tornaram-se um com a fonte. Eles tornaram-se um com Buda. O discípulo e o Mestre já haviam desaparecido bem antes. E agora não iria haver nenhuma morte.

Apenas uns poucos — um *Mahakashyap*, um *Sariputra*, estavam sentados silenciosamente, em gozo. Até Ananda, o discípulo chefe de Buda, estava chorando e se lamentando. Buda abriu seus olhos e disse: Por que você está chorando, Ananda? Ananda disse: Por muitos e muitos anos estive com você e perdi a oportunidade — e agora você não viverá mais. O que acontecerá comigo? Você estava aqui e eu não pude alcançá-lo. Agora que não estará mais — O que acontecerá comigo? Quantas vidas terei de perambular?

Mesmo que a fonte esteja disponível para você, é possível que a perca. Poderá perdê-la por não se render. Renda-se, e eu farei o resto.

## Então estarei sorrindo continuamente.

**Bhagwan,**

**Antes de começar a falar, você sorri. Depois que começa a falar, seu sorriso desaparece e você não sorri novamente até ter terminado.**

**Poderia nos falar algo a respeito?**

Isto é relevante, porque falar é uma tortura, é uma atividade inútil. Mas ela tem que ser feita porque não existe outro jeito de trazê-lo para o silêncio que existe em mim. Você não o ouviria — você só consegue ouvir as palavras. Assim, estou

sorrindo quando começo a falar. Mas enquanto eu estou falando é difícil sorrir. É uma tortura tão grande, um esforço tão fútil — para dizer algo que não pode ser dito, para falar sobre algo que não pode ser falado, para continuar o tempo todo apontando com os dedos para a lua que não pode ser apontada. Mas não existe outro jeito. Assim, tenho de continuar. Pouco a pouco, você será capaz de ouvir o não-verbal, o não-dito.

Pouco a pouco, será capaz de ouvir quando eu não estiver falando — então não haverá necessidade ... então, eu estarei sorrindo continuamente.

É por isso que quando paro de falar, sorrio novamente — a tortura não existe mais.



---

**Décima manhã**  
19 de maio de 1974.

---

Você é o caminho.

**Bhagwan,**

Como você sabe, é um velho costume Zen que um monge fique com seu Mestre durante dez anos, antes de sair para pregar o seu próprio ensinamento.

Há uma história Zen sobre um monge que havia completado seus dez anos no mosteiro. Num dia chuvoso, o monge foi visitar seu Mestre, Nan-in. Depois de saudá-lo, Nan-in disse ao monge: "Vejo que deixou seus sapatos no vestíbulo. De que lado do seu guarda-chuva você os deixou?"

O monge hesitou por alguns momentos e compreendeu, através dessa hesitação, que não havia estado no Zen nem um só minuto.

Você nos disse que a vida tem uma pulsação — para dentro e para fora, yin e yang. Devemos manter o esforço para estarmos atentos a todo instante ou podemos também pulsar com a vida, e deixarmos o esforço de lado algumas vezes?

**A** primeira coisa a ser entendida é: a atenção deve acontecer a todo momento. Mas isso só poderá acontecer quando não houver nenhum esforço. Esforçando-se, o contato é sempre perdido. Esforçando-se, você precisa descansar.

O esforço não pode ser contínuo, é impossível. Como é possível esforçar-se constantemente? Você acaba se cansando e tem que descansar. Todo o esforço exige relaxamento.

Portanto, quando a atenção acontece através do esforço, não poderá ser constante, não é um fluxo contínuo. Haverá momentos em que você terá a perder a atenção. Estes momentos de repouso virão por causa do esforço.

A vida pulsa. Move-se sempre para o oposto. Se você esforçar, terá que descansar. E novamente fazer esforços e depois descansar. Mas há uma atenção que vai além da vida: é a atenção transcendental. Nela não há pulsação; não há esforço, ela é espontânea.

O que aconteceu a esse monge, discípulo de Nan-in? O mestre perguntou: "Onde você deixou seus sapatos: à direita ou à esquerda?". O monge hesitou. Percebeu que no momento em que deixou os sapatos não estava atento, caso contrário, saberia onde os havia deixado, à esquerda ou à direita.

Sua consciência ainda não era contínua, o que prova que ainda havia esforço. Ainda precisa lembrar-se, precisa fazer um esforço consciente. Sua atenção ainda era tensa, ele ainda não era consciente. Por isso, às vezes era bem sucedido e outras vezes fracassava.

Nan-in estava apenas perguntando: Agora a sua atenção é natural? Não precisa mais manipulá-la? Não é preciso fazer mais nada com ela? Está presente em tudo o que você faz? Ou você ainda precisa esforçar-se para fazê-la presente?

Se há esforço, a coisa é tensa, e enquanto for tensa, será artificial. E uma atenção artificial, não é, na verdade, uma atenção — ela só existe na periferia, não em você. Quando ela está em você, não há necessidade de nenhum esforço.

O que estou tentando dizer é: O esforço sempre acontece na periferia. Através do esforço, você não pode tocar o centro. Pode fazer alguma coisa na periferia — mudar o seu comportamento, mudar o que

se chama caráter. Na periferia, com esforço, sendo uma pessoa má, poderá tornar-se boa; sendo um pecador, poderá tornar-se virtuoso, poderá até tornar-se um santo — na periferia, com esforço.

Mas o centro nunca é tocado e penetrado através do esforço — porque nenhuma ação pode levá-lo a você. Você já está nele! Não há necessidade de fazer nada. Você tem que ser simplesmente silencioso, espontâneo, e então o centro surge. Ele sai de trás das nuvens. Há um espaço, um intervalo. De repente, você percebe a sua atenção espontânea. **Você está atento.** Não é nada que você tenha feito, não é nada que deva ser feito — a atenção é a sua própria natureza.

Os hindus chamam você *Satchitananda*. Eles usaram três palavras — *sat*, *Chit* e *ananda*. *Sat* significa existencial, o que nunca entra na não-existência. *Sat* significa verdade; o que nunca pode tornar-se falso. *Sat* significa eterno; o que foi, o que é, e o que será. *Chit* significa atenção, consciência. É a sua natureza! Você sempre foi consciente. É consciente e será consciente. Esta consciência não lhe pode ser tirada, pois existe no próprio centro do seu ser, e não na periferia. É você; mas você não está em contato consigo mesmo. E *Ananda* significa graça, êxtase. Não que você tenha que atingir a graça — ela já é você. Você é sempre pleno de graça, e não pode deixar de ser; não existe nenhuma possibilidade. Você não pode mudar isso.

Mas você dirá que isso parece totalmente absurdo, porque nós estamos na miséria. Você está na miséria porque tornou-se obcecado demais pela periferia. Esqueceu-se completamente do centro. Comprometeu-se demais com os outros a ponto de toda a sua atenção estar voltada para eles e ter caído na sombra, na escuridão.

*Satchitananda* você é.

## Aquele momento de hesitação.

**O** Mestre Zen, Nan-in, estava perguntando ao discípulo: Agora você está atento para quem você é? Tem raízes na sua própria natureza? Se o discípulo foi realmente enraizado em sua natureza, o que teria acontecido?

A estória é muito difícil de ser entendida. Não é uma questão de deixar os sapatos à esquerda ou à direita. Isto não é o mais importante na história. Parece ser, mas não é. O mais importante é: quando Nan-in fez a pergunta, o discípulo hesitou. Este é o verdadeiro ponto. E nesse momento de hesitação, o monge não percebeu que estava hesitando. Se tivesse percebido que estava hesitando, poderia ter sido reconhecido. Mas exatamente naquele momento, ele perdeu a atenção.

E você não pode enganar a Nan-in. Se você for vê-lo, poderá lembrar-se disto muito bem — onde foi que deixou os seus sapatos. Não é difícil. E Se Nan-in lhe perguntar: Onde você deixou seus sapatos, à esquerda ou à direita? Imediatamente você responderá: à direita. Mas ainda assim estará perdendo. Este não é o ponto. Isto é apenas um truque.

Nan-in estava distraído a mente só para ver, naquele momento, o que estava acontecendo dentro do outro. No momento exato em que Nan-in perguntou: Onde estão os seus sapatos, à direita ou à esquerda? o discípulo se perdeu. Exatamente naquele momento, ele hesitou — e não percebeu sua hesitação. Começou a pensar. No momento em que perdeu a atenção, Nan-in olhou dentro dele. A pergunta foi só para distrair a mente. Foi apenas um truque.

E o discípulo fracassou. Não podia ser enviado para ensinar aos outros. Ainda não estava pronto. Ainda não estava consciente. E se alguém não está consciente, como pode ensinar aos outros? Tudo o que ensinar será falso.

Existem muitos que ensinam e que ainda não estão conscientes de si mesmos. Podem ser até bons professores, eficientes e criativos, mas isso não é importante. Não vão auxiliar em nada.

Certa vez, eu estava viajando num trem. Um garotinho não conseguia ficar quieto e todos os passageiros do vagão já estavam perturbados. Ele corria a de um lado para outro, derrubando copos, caindo sobre as pessoas, deixando seu pai numa situação cada vez mais embaraçosa. O pai tentou várias vezes fazer com que o garoto parasse, mas o menino não o ouvia. Finalmente, o pai lhe disse: Willy, se você não me ouvir e não parar, vou lhe dar umas palmadas.

O garoto continuou correndo. Foi para o outro lado do vagão e disse: "Está bem, pode me bater; mas depois contarei ao coletor de passagens quantos anos eu realmente tenho".

Um pai como esse não pode ensinar. Não será ouvido nem por uma criança. Um professor que não tem consciência de si mesmo, não pode ser um professor. Não pode ensinar aos outros as coisas que ainda não alcançou.

A consciência é algo como uma doença contagiosa. Quando um Mestre está alerta, consciente, você é contagiado por essa consciência. Às vezes, só por sentar ao seu lado, você se torna consciente — como se as nuvens se afastassem e você pudesse ver o céu. Mesmo por um momento... isto provoca uma profunda mudança na própria qualidade do seu ser.

Mesmo sem qualquer esforço da sua parte, só por estar perto do Mestre que é uma fonte de consciência silenciosa, de repente você está em silêncio — ele o toca... as portas fechadas se abrem. É como se numa noite escura surgisse, de repente, uma luz... e você pudesse ver tudo.

Isto desaparece, porque não pode ser retido por você. Se não foi alcançado por você, será perdido — mas nunca mais você será a mesma pessoa. Terá conhecido algo anteriormente desconhecido. E a partir desse momento, esse conhecimento fará parte de você.

Surgirá então um desejo, uma nova ambição: chegar a isso, fazer com que seja permanente. Mesmo por um instante foi tão cheio de graça, derramou tanta felicidade e tanta alegria em você!

Mas se o mestre, se quem ensina, não estiver consciente de si mesmo, poderá ensinar a respeito da consciência, mas não poderá ensinar a consciência. E ensinar a respeito dela é inútil, é verbal, é teórico. Com ele, você poderá aprender a teoria, mas não o fato.

Por isso, antes que o discípulo sáísse, Nan-in precisava ver dentro dele — e este é um fenômeno muito diferente.

No mundo da educação, o estudante tem que ser examinado — mas é sempre a sua memória que é examinada, nunca ele mesmo. Nan-in não estava examinando a memória do discípulo. Não estava perguntando: Onde deixou seus sapatos, à direita ou à esquerda? Não estava querendo uma memória perfeita, pois onde ele havia deixado os sapatos já era passado. Estava tentando ver dentro do ser do discípulo

exatamente naquele momento. Não examinava a memória, mas tentava olhar dentro da consciência naquele exato momento.

O passado não interessa. O que importa é o presente, a atualidade.

Imaginar o discípulo sentado diante de Nan-in. Nan-in pergunta e o discípulo perde-se no passado. Tenta lembrar-se onde deixou os sapatos. Tenta ver se é capaz de lembrar-se ou não. Tenta pensar se perdeu a sua atenção ou não. E nesse momento, ele se torna uma confusão. Toda a sua consciência fica anuviada. Ele já não está mais aqui. Não está na presença de Nan-in, perdeu-se no passado, perdeu-se nos pensamentos — não está meditativo.

A hesitação, o pensamento, o esforço para tentar — você não pode fugir de Nan-in. Ele vê através de você, vê todas as nuvens, vê que você não está aqui e agora.

Então, você não tem permissão para ensinar. Não pode ser enviado. O que iria ensinar? O que você não aprendeu, não pode ensinar. Pode fingir, e esse fingimento será perigoso. Se você fingir que está consciente e não estiver, esse fingimento será contagioso. Um falso Mestre cria falsos discípulos, e assim as ondas de falsidade vão se espalhando.

O maior pecado que se pode cometer é fingir que se está consciente. Mesmo matar alguém não é um pecado tão grande, porque não se pode matar realmente. Destrói-se apenas o corpo e a alma move-se para outro corpo qualquer. Destrói-se apenas um jogo, e imediatamente outro jogo começa.

Um assassinato não é um pecado tão grande. Mas se você fingir que você está consciente e não estiver, se fingir que você é um Mestre e não for, estará causando um dano imenso, um dano infinito, a tal ponto que nenhum outro pecado poderá ser comparado a este. Outras pessoas serão afetadas por esse fingimento. Começarão também a fingir, e assim a coisa vai se espalhando. É como se você jogasse uma pedra num lago calmo e as ondas comesçassem a se espalhar pela superfície. Uma onda cria outra, uma empurra a outra e assim por diante, até às margens do lago.

E o lago da consciência não tem limites. Quando uma onda é criada, espalha-se para sempre, continua infinitamente. Você não estará

mais aqui, mas o seu fingimento, a sua falsidade permanecerá. E muitos serão iludidos por ela.

Um falso Mestre é o maior pecador que há no mundo. Por isso, Nan-in não permitia que ninguém saísse para ensinar a não ser que estivesse iluminado. Neste caso, a própria luz que brilha em seu interior auxilia aos outros a se iluminarem. O próprio fogo que arde em seu interior aquece os outros. A vida que aconteceu em você faz com que os outros saiam da escuridão.

## Consciência torturada.

**M**As lembre-se: o estado de alerta, a atenção ou a consciência, só podem ser algo contínuo quando não há mais esforço. No princípio, tem que haver esforço; se não como você iria começar? Você se esforçará, tentará ficar atento, tentará de todas as maneiras estar consciente, mas o esforço criará tensão. E quanto mais você se esforçar, maior será a tensão. Acontecerão pequenos vislumbres, mas devido à tensão o êxtase será perdido. Você terá que passar também por este estado, o estado de esforço.

Uma coisa você perceberá mais cedo ou mais tarde: sempre que fizer esforço consciência virá, mas será uma consciência bastante torturada. Será como um pesadelo, será muito pesada, como se houvesse uma pedra sobre a sua cabeça. Não será alegria, uma dança, não será leveza. Mesmo enquanto estiver se esforçando, às vezes, de repente, você ficará consciente — será quando não estiver fazendo esforço. E essa consciência será luminosa, alegre, será uma dança, um êxtase.

Mas isso só acontecerá para aqueles que estão se esforçando. Enquanto você estiver se esforçando, algumas vezes, quando não houver esforço, terá um vislumbre. E então perceberá que através não pode alcançar o supremo — que isto só é possível através do não esforço.

Acontece a muitas pessoas que estão aqui meditando. Eles me dizem que enquanto estão fazendo a meditação de manhã ou à tarde, não acontece muita coisa. Mas de repente, durante a noite ou à tarde, quando estão sentadas, alguma coisa começa a acontecer — e elas não estão fazendo nada.

Acontece. É assim: muitas vezes você se lembra que esqueceu o nome de alguma pessoa, e estava na ponta da língua. Você se esforçou, tentou de todas as maneiras trazê-lo à consciência e não veio. Quanto mais se esforçava, mais se perdia. E você sempre soube o nome da pessoa, sempre se lembrou dela. Devia estar logo ali, em algum canto da memória, mas surgiu uma barreira, algum bloqueio e o nome não veio. Pode ser o nome de um amigo querido!

O esforço acaba tornando-se tão inútil que você desiste. Começa então a ler um jornal, a fumar, sai para uma caminhada ou começa a mexer no jardim. De repente, o nome aparece. De repente, está ali, o amigo está bem ali, você pode até ver seu rosto.

O que aconteceu? Enquanto se esforçava, estava tão tenso que a tensão acabou transformando-se num bloqueio; a própria tensão estreitou a passagem. O nome queria vir, a memória estava batendo na porta, mas a tensão a trancou. É por isso que você sentia que estava na ponta da língua, e estava mesmo!

Mas por estar tenso, por estar tão preocupado, tão ansioso para se lembrar do nome, a sua ansiedade funcionou com um bloqueio. Quando a mente está muito ansiosa, fica fechada.

Tudo o que é belo e verdadeiro só acontece quando você não está ansioso para que aconteça. Tudo o que é bom só acontece quando você não está esperando, não está pedindo, não está exigindo. Aí então, a mente não tem nenhum bloqueio. É por isso que só acontece quando você já se esqueceu.

O esforço é necessário. No início, é uma necessidade; é fútil, mas necessário. Aos poucos você compreende a futilidade.

Quando você tem vislumbres, vislumbres repentinos, e sente que não está fazendo nenhum esforço e que os vislumbres estão sendo derramados sobre você, como dádivas do divino, então pode parar de se esforçar. E parando os esforços, virão cada vez mais dádivas.



## Você não pode atacar o céu.

**N**o Oriente, sempre acreditamos — e acreditamos com razão — que a iluminação não é nada que possa ser adquirido. É como uma graça, é uma dádiva — é *prasad*. É dada por Deus, você não pode arrancá-la de Suas mãos.

É muito difícil para um ocidental entender isto. Nestes últimos séculos, o Ocidente transformou toda a mente humana em algo arrebatador. Você tem arrebatado todas as coisas da natureza. Todos os segredos que a ciência conhece não foram dados, foram arrebatados. Você tem forçado violentamente a natureza a abrir as portas de seus mistérios.

E como tem sido bem sucedido com as coisas materiais, pensa que o mesmo pode acontecer também com o divino. Não pode, é impossível. Você não pode atacar o céu e não pode invadi-lo com baionetas. Não pode forçar o divino a abrir seu coração, porque sempre que estiver forçando, estará fechado — este é o problema. Forçando, você está sempre fechado. E quando você está fechado o divino não pode revelar-se.

Quando não há esforço, e você flutua, vagueia, como uma nuvem branca, sem querer chegar a lugar algum... Quando não há meta, não há esforço. Quando você não quer nada, não há tensão. Quando você se sente feliz como está, quando se sente feliz com o mundo, quando aceita as coisas como elas são — sem querer mudar nada — de repente, você é transportado para uma dimensão de ser diferente. Percebe que as portas sempre estiveram abertas, que nunca se fecharam! Elas não podem fechar-se! O mistério divino sempre esteve perto de você. Nunca se afastou. Não pode estar longe porque você é parte do divino. Onde quer que você vá, o mistério move-se com você...

Não é uma questão de busca ou procura. É uma questão de permanecer em silêncio e permitir. Quando você busca, perde. Porque aquele que busca é sempre violento. Quando você procura as coisas não vêm a você, porque a mente que busca está preocupada demais. Não está disponível. Não está aqui e agora. Está sempre em algum lugar no

futuro: quando a descoberta for feita, quando a pesquisa se completar, quando a busca chegar ao fim. Está sempre em algum lugar no final, jamais aqui. E O divino está aqui — Por isso você nunca o encontra. Quem busca, nunca chega.

Mas isto não significa que você não deva buscar. Você terá que buscar no começo, não há outra maneira. No início, terá que buscar, terá que procurar e fazer todos os esforços. E por esforçar-se tanto e quase enlouquecer de tanto buscar, compreenderá que só acontece quando a mente alcança um estado de não-busca.

Às vezes, você alcança isso durante um repouso. Às vezes, isso desce durante o sono. Às vezes, está presente quando você anda pela rua. Às vezes, olhando o amanhecer, sem estar fazendo nada, num estado de atenção passiva, apenas olhando o nascer do sol... ou a lua refletindo no lago numa noite fria, ou uma flor abrindo suas pétalas... você é apenas uma consciência passiva, só olha... Nada é necessário de sua parte. Quando uma flor se abre, você não precisa fazer nada.

Existem alguns tolos que tentam ajudar e destroem toda a beleza da flor — ela jamais se abrirá realmente. Mesmo que seja forçada a se abrir, será uma flor fechada. O desabrochar não acontecerá, será uma coisa forçada. Qualquer coisa que seja forçada, não floresce nunca.

Você não precisa ajudar o sol a nascer. Há pessoas que pensam que sua ajuda é necessária. Há pessoas que causam grandes danos, danos imensos, por acharem que a ajuda delas é necessária em todos os lugares.

Na vida real, onde quer que a realidade esteja acontecendo, ajuda não há necessidade da ajuda de ninguém. Mas é muito difícil resistir à tentação — porque quando você ajuda, pensa que está fazendo alguma coisa. Quando você faz alguma coisa, cria o ego. E quando não faz nada, o ego não pode existir. O ego desaparece num momento de não-fazer.

Olhando o nascer do sol, olhando uma flor se abrir, olhando a lua refletindo num lago frio — sem fazer coisa alguma — de repente isto desce sobre você. Você descobre que toda a existência está repleta do divino, a sua própria respiração é divina.

Com esforço, alcance o não-esforço. Com a busca, alcance o estado de não-busca. Com a mente, chegue a não-mente.

Existem dois tipos de pessoas. Se eu digo para as pessoas de um tipo: "Faça esforço" — elas fazem, mas não se permitem o não-esforço. Se

digo para outro tipo: só acontecerá através do não-esforço — elas param de se esforçar. Mas ambas estão erradas. Ambas desviaram-se do caminho.

Este é o ritmo da vida: faça esforço para chegar também ao não-esforço. Tencione ao máximo, para que também possa chegar a momentos de consciência não-tensa. Corra o mais rápido possível para, quando se sentar-se, sentar-se realmente. Esforce-se exaustivamente, para, quando descansar, descansar de verdade.

Você pode repousar sem relaxar interiormente. Pode se deitar na grama e a agitação interna continuar. Você apenas se deita mas não repousa. Pode sentar-se como um Buda e por dentro a criança está correndo — a mente está funcionando e trabalhando. Por dentro você quase enlouquece e, por fora senta-se numa postura de Buda. Você pode estar totalmente estático exteriormente, sem movimento, sem atividade, e por dentro o tumulto continuar. Isso não adianta. Esforce-se para que o tumulto cesse. Corra o mais rápido possível. Fique exausto!

Por isso, minha ênfase na Meditação Dinâmica: — É tanto esforço quanto não-esforço. É tanto atividade quanto não-atividade. É uma corrida e em seguida za-zen — apenas se sentar.

## Auxilie sem envenenar.

**N**an-in está olhando dentro do discípulo. Ele transcendeu o esforço? Chegou ao não-esforço? Sua consciência tornou-se algo espontâneo e natural? Não há mais confusão? Ele está claro como um céu azul? Então pode ser um Mestre, tem permissão para sair e ensinar aos outros.

Lembre-se disso sempre que se sentir tentado a ensinar alguém. E se quer dizer alguma coisa para outra pessoa, diga sempre que está falando **sobre**: sobre Deus, sobre consciência. E faça com que o outro perceba que você não alcançou — que ouviu falar. Você ouviu falar coisas tão bonitas que gostaria de compartilhá-las, mas não as alcançou por si mesmo. Assim, você pode auxiliar sem envenenar, sem envenenar o outro.

Lembre-se sempre: se você não souber, não diga que sabe. Não finja nunca, nem mesmo negativamente. Porque você pode simplesmente ficar em silêncio sem dizer que ainda não alcançou. Isto também não é bom, porque pelo seu silêncio o outro pode ter a sensação de que você conhece. Deixe claro que você não sabe, mas conhece pessoas que sabem, já ouviu falar a respeito.

Existem na Índia, dois tipos de escrituras. Uma é chamada *Shruti*, a outra é chamada *Smriti*. *Smriti* significa memória e *shruti* significa aquilo que se ouviu dizer. A literatura *smriti* pertence aos que conheceram por si mesmos. Nela eles relataram suas próprias memórias. Relataram suas próprias experiências. *Shruti* é o segundo tipo de literatura: vem daqueles que tiveram a sorte de estarem próximos aos que o conheceram — são os que ouviram dizer.

Lembre-se sempre disto: se você ouviu dizer, diga então que é algo que você já ouviu dizer, e é tão bonito que só por ouvir, isto tenha se tornado um tesouro para você. Apenas ouvindo, o seu coração foi tocado — e você tem vontade de compartilhar com alguém. Mas que seja só por amizade, você não está sendo um Mestre. Que seja apenas um gesto de amor, que você compartilhe a sua felicidade — sem estar compartilhando a consciência.

A menos que você alcance, que você realize, que ela se torne sua, não tente orientar ninguém. Isto seria uma violência. E quando tiver alcançado, o seu próprio ser se tornará uma orientação.

## Que pergunta!

**E**sse discípulo que estava diante de Nan-in, desde o início deu um passo errado, porque se estivesse pronto, Nan-in o teria chamado. Não cabia a ele decidir: já completei os dez anos e posso sair para ensinar. Isto em si, já estava errado. O Mestre saberia antes mesmo que ele soubesse, porque é claro que o Mestre pode observá-lo melhor do que você mesmo.

E você é seguido pelo Mestre até mesmo à noite durante o seu sono. Ele é como uma sombra, observando constantemente o que acontece, percebe você a sua presença ou não. E você não perceberá

porque é uma coisa muito sutil. Sempre que o discípulo está pronto, o mestre o chama: agora, vá! O discípulo não precisa avisar. E se o discípulo decide avisar que está pronto, isto significa apenas que ele não está, que o ego está presente.

Este discípulo quis ser um mestre. Todo discípulo quer — e o próprio querer torna-se uma barreira. Completaram-se dez anos; ele devia estar fazendo cálculos. Devia ser um rapaz muito ladino, caso contrário, quem se lembraria? E de que serve viver com um Mestre, se você não pode esquecer-se do tempo? Do que mais você vai se esquecer? Para que a pressa?

Esse discípulo não se rendeu. Estava só esperando, calculando. A lógica, a aritmética estavam presentes, assim como uma atitude fixa em relação às coisas. Ele conhecia a história do mosteiro: em dez anos, o discípulo está pronto para sair.

Mas isso depende. Nem todos os discípulos estarão prontos em dez anos, alguns não estarão prontos nem em dez vidas. Outros podem estar prontos em dez segundos. Não é uma coisa mecânica. Depende da qualidade, da intensidade, da consciência do discípulo. Algumas vezes já aconteceu do discípulo está pronto só por um olhar do Mestre. Quando ele está aberto, quando não há barreiras, quando ele entrega, então basta um único momento — Nem isto é necessário. A coisa acontece de modo atemporal.

Mas se você está calculando, pensando: Quando acontecerá? Já esperei o suficiente. Lá se vai um ano, lá se vão dois anos, lá se vão dez lágrimas... eu aqui esperando e nada acontece... Se, por dentro, você está calculando, então você estará perdendo tempo.

Um discípulo deve abandonar a noção de tempo. O tempo pertence ao ego. O tempo pertence à mente. A meditação é atemporal.

Esse discípulo foi ao mestre apenas para anunciar: completaram-se dez anos. Para onde devo ir e onde devo ensinar agora? Já estou pronto — porque dez anos se passaram. Ninguém está pronto desse jeito. Por isso o Mestre teve que fazer a pergunta — só para fazer com que o discípulo parecesse um tolo perante si mesmo.

E os Mestres Zen são pessoas difíceis. São muito diretos, penetrantes, embaraçantes. Que pergunta para se fazer a um grande seguidor que esperava há dez anos! Onde você deixou seus sapatos, à

direita ou à esquerda? Que pergunta é essa e que homem é esse que faz esse tipo de pergunta a um grande seguidor?

Não é absolutamente uma pergunta metafísica. Não se pode encontrar nada mais trivial. Nada mais profano para se perguntar — perguntar sobre os sapatos. Poderia ter perguntado sobre Deus e o discípulo estaria preparado. Poderia ter perguntado sobre o céu e o inferno, e que o discípulo estaria pronto. Ele devia estar abarrotado de todas essas coisas, de todas as respostas. Para isso passou dez anos estudando, lendo. Conhecia todas as escrituras e estava pronto! — o Mestre podia fazer qualquer pergunta.

Ele lembre-se: se você estiver diante de um homem iluminado, ele nunca perguntará aquilo que você pode responder. Não é uma questão de saber a resposta, mas sim de responder com todo o ser.

O mestre fez uma pergunta tão fútil: Onde você deixou seus sapatos? Toda a metafísica todo do discípulo deve ter sido estraçalhada, e ele deve ter pensado: Que homem ...? Eu estou Aqui, pronto, com todas as respostas. Faça qualquer pergunta e eu responderei. Responderei até as que Buda não respondeu. Conheço os livros, conheço as escrituras. Já li tudo. Estudei e memorizei todos os sutras.

Ele estava pronto — e o homem perguntava sobre sapatos! Mas este homem realmente fez uma pergunta que não podia ser respondida, porque você não pode estar pronto para ela de antemão. Ela tem que ser absolutamente imprevisível.

O discípulo hesitou, e a hesitação foi a resposta. A hesitação disse tudo sobre o discípulo: que ele ainda não estava consciente — caso contrário, não teria hesitado. Ele agiria! Se ele tivesse atento teria feito alguma coisa. Teria respondido de uma forma total, mas tornou-se mental, confuso, hesitante e atrapalhado.

A estória é bonita. Quando o Zen chegou ao Ocidente pela primeira vez, as pessoas não podiam acreditar nas coisas que aqueles Mestres faziam e perguntavam — coisas absurdas. Você faz uma pergunta ao Mestre e ele responde. Nenhum Mestre zen lhe dá uma resposta — ele reage.

Um seguidor, um seguidor filosófico, é claro, foi ao mestre Zen, Bokuju, e lhe perguntou: Qual é o caminho? Bokuju olhou para as montanhas e disse: As montanhas são belas.

Que absurdo! Alguém pergunta: Qual é o caminho? E Bokuju responde: As montanhas são belas.

O seguidor, frustrado, retirou-se imediatamente. Então Bokuju deu uma boa gargalhada. Um dos discípulos disse: Mestre, o homem deve ter pensado que você é louco. Bokuju respondeu: Certamente, um de nós está completamente louco. Ou ele enlouqueceu... porque é impossível perguntar sobre o caminho, é preciso trilhá-lo. Conforme você o trilha ele vai sendo descoberto. Não está pronto, por isso não se pode dizer onde está.

Não é como uma rodovia, que já está esperando por você: Venha e viaje! Não há nenhum caminho assim, ou então muitos já teriam chegado a muito tempo. Se o caminho estivesse pronto, todos já o teriam trilhado.

O caminho vai sendo criado pela sua caminhada. Não está ali esperando por você. Ele começa no momento em que você inicia sua viagem. Sai de você, assim como uma teia de aranha. Acontece através de você. Você o cria, e então caminha sobre ele. E quanto mais você caminha, mais o cria.

E lembre-se, o caminho desaparece com você. Ninguém mais pode viajar por ele. Não se pode emprestá-lo. Por isso o mestre diz: Não se pode perguntar, apenas pessoas tolas fazem perguntas assim: qual é o caminho? Você é o caminho!

Então o discípulo perguntou: Eu entendo isso, mas por que você falou sobre as montanhas?

O Mestre disse: Um mestre tem que falar sobre as montanhas, porque a menos que você as cruze não encontrará nenhum caminho. O caminho está além das montanhas, e elas são tão bonitas que ninguém quer cruzá-las. São tão encantadoras, tão hipnotizantes, que todos se perdem nelas — e o caminho está além.

Um Mestre reage. Ele atinge a sua necessidade real. Não está preocupado com as suas perguntas, que podem ser relevantes ou irrelevantes — você é sempre relevante. Ele olha dentro de você. Atinge você. Mas as pessoas intelectuais nunca entendem esse tipo de resposta.

---

**Décima primeira manhã**  
20 de maio de 1974.

---

Você é o ponto de encontro.

**Bhagwan,**

Quando estamos sentados à sua frente, ouvindo suas palavras e sentindo sua presença, tudo parece possível. Mas, quando retornarmos à nossa vida diária, as coisas não ficam tão claras e nos sentimos desligados de você.

Você nos disse que não devemos renunciar ao mundo, mas estar meditativos dentro dele. Disse também que devemos ser espontâneos e loucos. Como podemos integrar esses dois aspectos sem nos alienarmos de nossas famílias, amigos e da sociedade que nos circunda?



**S**e você começar a pensar em termos de duas contradições e em como fazê-las encontrarem-se, estará sempre em dificuldade. Então, tudo será um compromisso — e com um compromisso, ninguém nunca se sente satisfeito. Algo está sempre ausente, deficiente. Se você fizer isto, então algo neste pólo ficará perdido. Se você fizer aquilo, então algo neste pólo ficará perdido. E seja lá o que for que você perca, continuará pairando na mente. E nunca lhe permitirá ser feliz. Portanto, a primeira coisa é: nunca pense em termos de compromisso. Se você pensar em termos de contradições e em como fazê-las unirem-se, acabará pensando em termos de compromisso. Assim, o que posso lhe sugerir?

A primeira coisa é: esteja sempre integrado por dentro, e não pense em qualquer integração exterior — porque você é o ponto de encontro. Sozinho, sente-se silenciosamente. Na vida, você tem que estar ativo, envolvido. O silêncio e o envolvimento são contraditórios, mas ambos encontram-se em você. Você é o silencioso e o envolvido.

Se estiver integrado, seu silêncio e seu envolvimento estarão integrados. Estar sozinho, e estar com sua mulher, seu marido ou seus amigos, são duas coisas contraditórias, mas você está em ambas. Se estiver integrado, estará feliz sozinho. Se estiver integrado, estará feliz com outros. A felicidade será a sua qualidade. A felicidade não depende de estar sozinho ou de estar com os outros. Se dependesse, então haveria problemas.

Se você sentir que é feliz apenas quando está só, sua felicidade dependerá da solidão e haverá dificuldades. A solidão será uma necessidade. Então, quando estiver com os outros, se sentirá infeliz e começará a pensar em como fazer com que esses dois pólos opostos se encontrem. O problema surge quando você depende da solidão para ser feliz. Não seja dependente.

Seja feliz na solidão. Deixe que a felicidade seja a sua qualidade. E quando sair da solidão para o envolvimento, para a comunicação, para o relacionamento, conserve essa qualidade de felicidade que existia na solidão — conserve-a.

No começo será difícil, porque quase sempre se esquecerá. Será difícil por causa do esquecimento, por você não estar constantemente alerta, mas, pouco a pouco, poderá conservar a qualidade. Mesmo

vivendo com alguém, poderá estar tão só quanto estava na solidão. Permaneça uma alma integrada. Quando você não faz nada, sente-se feliz, tranquilo. Essa tranquilidade deve tornar-se uma qualidade sua — e não da inatividade.

Conserve essa qualidade na atividade e não haverá nenhum problema. No começo será difícil, mas o ponto a ser lembrado é que sua felicidade, sua benção, seu êxtase, não devem depender de qualquer condição exterior. Se depender, então vive agora, está sempre dependendo. As pessoas sentem que são felizes quando estão com seus amigos, então ao estarem sós, ficam aborrecidas, miseráveis — alguém é necessário.

Essas pessoas são do tipo extrovertido. O outro tipo é o introvertido. Sempre que está só, sente-se feliz; sempre que está com alguém, fica infeliz. Ambos estão limitados pelo tipo. O tipo é uma barreira. Você deve ficar livre dos tipos. Não deve ser extrovertido, nem introvertido — ou então os dois. Em ambos os casos, você ficará livre do tipo.

Portanto, o que deve ser feito? Nunca se fixe em uma situação, mova-se sempre para o oposto, e conserve a qualidade. Mova-se tanto quanto possível de um oposto ao outro, e conserve a qualidade. Logo você se tornará consciente de que a qualidade pode ser conservada em qualquer lugar.

Então, não poderá ser mandado para o inferno — porque mesmo que seja mandado, conservará sua felicidade lá. E nunca terá medo.

As pessoas religiosas têm medo do inferno, e buscam, anseiam pelo céu. Essas pessoas não são religiosas de modo algum, porque o céu e o inferno são condições exteriores — não são qualidades suas. Essas pessoas mundanas. É isso o que as pessoas mundanas estão fazendo. Elas dizem: Se tal condição for satisfeita, serei feliz. Então a felicidade depende da condição. Se eu tiver um palácio, então serei feliz; Se tiver um muito dinheiro no banco, serei feliz; Se tiver uma belíssima mulher, serei feliz, ou um marido muito bom e amável, então eu serei feliz. Você só é feliz quando algo no exterior é satisfeito. E diz: Se isto não acontecer, serei infeliz.

É assim que um homem sem religião se comporta. E os homens chamados de religiosos também continuam buscando o céu, evitando o inferno. Eles estão fazendo a mesma coisa!

## O jeito

**P**ara você, esta deverá ser a *sadhana* — a disciplina: mover-se para os opostos tanto quanto possível e procurar conservar a integridade interior.

Sentado em silêncio, senta qual é a qualidade interna. Então, vá para a atividade com essa qualidade retida no seu interior. Ela será perdida muitas vezes — não se preocupe. Se conseguir conservá-la pelo menos uma vez no pólo oposto, tornar-se-á mestre nisso. Saberá o jeito de fazer isso.

Então, algumas vezes andará pelas montanhas — elas são lindas. Depois voltará para o mundo — que também é bonito. Se montanhas são belas, porque não as pessoas? Elas também são montanhas por seu próprio direito. Esteja só algumas vezes; outras vezes, esteja com os outros. E se você estiver alerta, não só não haverá nenhuma contradição, como haverá ajuda vinda do oposto.

Se você puder levar a qualidade de ser feliz da solidão para a sociedade, de repente, perceberá um novo fenômeno, um novo acontecimento em seu interior; que a sociedade ajuda-o a ficar só, e a solidão ajuda-o a se relacionar profundamente com as pessoas.

Um homem que nunca viveu na solidão não pode conhecer a beleza do relacionamento — não pode conhecer, eu digo, porque nunca esteve só. Ele nunca foi uma pessoa — como ele pode conhecer a beleza do relacionamento?

E uma pessoa que nunca viveu em sociedade não pode conhecer o êxtase da solidão. Uma pessoa que nasce num lugar solitário, que é criada num lugar solitário, você pensa que ela estar em êxtase? Você pensa que ela tem prazer com a solidão? Ele é simplesmente insensível e estúpida.

Vá para as montanhas, vá aos Himalaias. Existem pessoas vivendo lá — elas vivem lá há milhares de anos, elas nasceram lá —, mas

não sentem tanto quanto você a beleza dos Himalaias. Elas não conseguem desfrutar do silêncio tanto quanto você.

Elas nem percebem que o silêncio existe. Quando chegam às cidades, sentem-se emocionadas — sentem a mesma emoção que você quando vai às montanhas. As pessoas que vivem em Bombaim, Londres ou Nova York, sentem-se emocionadas quando vão aos Himalaias. As pessoas que vivem nos Himalaias, só quando chegam Bombaim, Nova York ou Londres, é quem sentem o quanto o mundo é belo.

Para sentir, o oposto é necessário — ele forma o contraste. O dia é belo, porque a noite existe. A vida tem tanta alegria, porque a morte existe. O amor se torna uma dança interna, porque o ódio existe.

O amor leva-o a um alto pico de consciência — porque pode ser perdido! Não é algo do qual você possa estar seguro. Neste momento, ele está presente e no seguinte não estará. A possibilidade de ausência dá profundidade à presença.

O silêncio torna-se mais silencioso quando no fundo existe barulho. Um avião passou há poucos minutos. É possível olhá-lo de duas maneiras: se você é um homem perturbado interiormente, sentirá que ele é uma perturbação do silêncio, se você estiver integrado interiormente, o barulho do avião tornará mais profundo o silêncio aqui. O barulho torna-se um pano de fundo, que dá cor, forma ao silêncio. Ela dá colorido. Depois que o avião passa, O silêncio é maior do que o que havia antes. Depende de você.

## Ame os seus inimigos

**L**embre-se sempre: não dependa das coisas, das situações, das condições. E poderá mover-se. Não evite o movimento, do contrário ficará paralisado. Todo mundo tem medo de movimento porque é dependente. Você não pode sair das suas montanhas, da sua solidão, para o mundo do mercado, porque sabe que ficará perturbado.

Que tipo de silêncio é esse que pode ser perturbado pelo mercado? Que valor ele tem? Que riqueza possui? Se o mercado pode destruí-lo, se o mundo, o mundo trivial, pode destruí-lo, então seu silêncio é muito impotente. Se seu silêncio for realmente potente, se você o alcançou, nada poderá destruí-lo. Sobre o silêncio, não é muito difícil entender o que estou dizendo. Mas esta é a minha atitude em relação a todas as esferas da vida. Se você for um verdadeiro *brahmachari*, um verdadeiro celibatário, poderá mover-se no sexo que ele não destruirá seu celibato. Isto dificilmente acontecerá. Se o sexo perturba o seu celibato, é porque seu celibato não tinha nenhum valor. A qualidade, você carrega no interior!

Se você estiver realmente vivo, cheio de energia, poderá morrer feliz. Só os fracos morrem infelizes — porque nunca viveram. Eles nunca experimentaram a taça da vida. Sempre estiveram esperando, esperando, esperando, e a vida nunca lhes aconteceu. Eis por que têm pavor da morte.

Aquele que viveu está sempre pronto para morrer. Aquele que realmente viveu está pronto para aceitar a morte a qualquer momento. A palavra "aceitar" não é boa. Seria melhor se nós disséssemos "dar boas-vindas à morte" — recebê-la feliz, alegremente. Neste caso, a morte é uma aventura. Ela é, se você tiver vivido realmente. Então, a morte não é a inimiga, a morte é a amiga. Uma vida profunda aceita a morte, uma vida superficial a evita. E o mesmo acontece em todas as esferas da vida.

Se você conhecer o que é amizade, não sentirá medo dos inimigos. Você não sentirá! Então a inimizade terá sua própria beleza. Ela é um tipo de amizade — no pólo oposto. É um relacionamento amoroso, no pólo oposto. É um envolvimento, é um compromisso. Se você conhecer a amizade, amará o inimigo.

E este é o significado quando Jesus diz: Ame seus inimigos. Não do modo que os cristãos têm interpretado durante todos estes séculos. Você não pode amar seu inimigo! Como pode amar seu inimigo? Mas eu lhe digo: Se você amar os amigos, amará seus inimigos — porque uma vez que conheceu a beleza da amizade, também virá a conhecer a beleza da inimizade. Ela é uma amizade na ordem inversa. E ambas dão, ambas enriquecem sua vida.

Os opostos não são realmente opostos. No fundo, eles têm uma grande harmonia. São partes de um todo. Isto é o que os chineses dizem: yin e yang são parte de um movimento, parte de uma roda — não são dois. Parecem ser dois porque não olhamos profundamente. É por causa dos nossos olhos superficiais, das nossas mentes sem penetração, da consciência superficial, que parecem opostos; do contrário, eles não são.

A vida e morte são amigas. Existem uma através da outra, uma contribui para a outra. Uma não existiria sem a outra. Pode a vida existir sem morte? O homem tem estado sempre sonhando com a destruição da morte. Esta é a atitude da mente, da mente linear, lógica — como destruir a morte. Porque a mente lógica diz: Se não houver morte, haverá vida em abundância — simples lógica! Até mesmo uma criança pode entender a aritmética: se não houver morte, haverá mais vida.

Mas eu lhe digo: Se não houver morte, não haverá vida.

É por isso que a lógica simples é sempre ilusória. Aparentemente ela está certa: se não houver inimizade, o mundo inteiro será amigo. Você está errado. Se não houver inimizade, não haverá possibilidade de amizade. A lógica diz: Se não houver ódio, mais e mais amor estará presente. Então os lógicos têm estado tentando destruir o oposto. Eles não podem destruí-lo — porque a vida é maior do que qualquer lógica. E é uma sorte que eles não possam destruir o oposto — porque não sabem o que estão fazendo. Portanto, não continue acreditando que se o oposto não existir haverá mais vida, haverá mais amor, mais amizade, mais felicidade — não. Não existirá nenhuma possibilidade — porque a própria base terá sido destruída.

A dialética diz outra coisa completamente oposta — e a dialética é mais verdadeira à vida. A dialética diz: Se você quiser mais vida, esteja mais preparado para a morte.

É possível que você não esteja consciente, mas isso acontece. Quando você está dirigindo um carro e consegue mais e mais velocidade, fica envolvido por ela. E vem um ponto no qual a qualquer momento a morte poderá acontecer. Então, você está vivo, a chama da vida fica mais acesa, mais brilhante. Eis por que a velocidade é tão atraente e magnética — é porque ela o aproxima mais da morte. Quando você está mais perto da morte, a vida é maior, cresce em proporção. É por isso que existe tanta

atração pela guerra, as pessoas entram em contato com a morte, a morte está sempre por perto.

Você pode pensar que os soldados ao lutarem no campo sentem-se muito miseráveis. Você está errado, se fosse assim, ninguém lutaria. Eles não são miseráveis. A verdade é exatamente o oposto: quando eles voltam para o mundo comum é que sentem miseráveis. Quando estão no campo, lutando no fronte, não se sentem miseráveis. Toda miséria desaparece. Eles estão tão perto da morte que se sentem vivos pela primeira vez. E quanto mais perto da morte está maior é sua vivacidade. Quando há bombardeio por todo o lado, e granadas estão passando daqui para lá e a qualquer momento eles podem cair mortos, nesse momento eles sentem um êxtase. Estão em contato, num íntimo contato com a vida.

Quando a morte os beija, ela é também um beijo de vida. Eis por que existe tanta atração pela aventura, pela coragem.

Se você for medroso, não ganhará vida. E eu lhe digo que a meditação é a maior coragem, a maior aventura, porque até mesmo num campo de batalha você não está perto da morte. Mesmo que sinta que está perto da morte, essa morte é apenas física. A morte física significa uma morte superficial — da casca, do corpo. Sua casa está perto da morte, mas você não; seu abrigo será destruído, mas você não. Na meditação, você é que será destruído — não apenas abrigo, mas o anfitrião, não só a casa, mas o anfitrião. O ego será destruído. Assim, um guerreiro maior está sempre interessado em meditação.

Eu gostaria de lhes falar sobre um fenômeno que aconteceu na Índia, que aconteceu no Japão, e que acontecerá a qualquer país que der origem a guerreiros.

Todos os grandes meditadores na Índia foram *Kshatriyas* — guerreiros — e não brâmanes. Isto parece estranho. Os brâmanes devem ser os grandes meditadores. Eles escreveram comentários sobre os Upanishads, sobre o Gita, sobre os Vedas. Criaram metafísicas, e são os maiores metafísicos que o mundo já conheceu.

Ninguém, em nenhum lugar do mundo, pode comparar-se aos brâmanes, tanto no que diz a expressão verbal, quanto no que diz a lógica. Eles são muito sutis — mas não são grandes meditadores.

Buda é um grande meditador, ele é um *kshatriya* — um guerreiro. Mahavir é um grande meditador, ele é um *kshatriya* — um guerreiro — não um brâmane. Todos os vinte e quatro *tirthankaras* dos jainistas eram guerreiros. Isto parece estranho — por quê?

No Japão, existiram os samurais, os guerreiros, os maiores guerreiros que o mundo já conheceu. O samurai é o pico, a possibilidade suprema de ser um guerreiro. A todo momento, o samurai está pronto para morrer. Mesmo por coisas triviais, ele está pronto para morrer — você não pode nem imaginar!

Ouvi contar um fato histórico que aconteceu há trezentos anos: Um samurai, um grande guerreiro, estava muito, muito bêbado. De repente, foi chamado pelo rei por algum motivo, então ele foi até lá. Ele tentou ficar sóbrio, mas estava muito bêbado. E se esqueceu de alguns maneirismos triviais: como e quanto se deve curvar diante do rei. Ele curvou-se, é claro, mas não tão exatamente quanto deveria.

Na manhã seguinte, quando ficou sóbrio, imediatamente se matou. *Hara-Kiri* é uma palavra que deve ter ouvido falar. *Hara-kiri* pertence aos samurais, aos guerreiros. No momento em que eles sentem que alguma coisa está errada... basta um maneirismo comum, e o rei não disse nada. O guerreiro era tão grande que o rei não teria mencionado nada, de modo algum — mas ele se matou. No dia seguinte, quando o rei ficou sabendo que o guerreiro havia se matado, chorou.

O guerreiro tinha 300 discípulos. Todos imediatamente se mataram, porque se um mestre cometeu um erro, os discípulos devem segui-lo.

E é surpreendente, inacreditável, que por cem anos isto tenha continuado ininterruptamente, por uma coisa tão pequena — mais discípulos e discípulos de discípulos, porque certa vez um mestre... E nunca se ouviu falar num samurai indo para ao rei bêbado e fazendo alguma coisa errada. Por coisas triviais! A morte parece tão fácil e à mão! Esses samurais criaram o Zen, a maior tradição *Dhyan* do mundo. Esses samurais meditaram profundamente.

Isto é o que eu sinto: a menos que você esteja pronto para morrer, não pode estar pronto para meditar. Guerra e meditação são sinônimos num sentido profundo. Sempre que há possibilidade de destruição do



seu ser, nesse momento sua chama da vida acende-se em sua totalidade. A intensidade total vem a você.

## Os opostos já estão encontrando-se

**O**s opostos já se encontraram. Você não precisa procurar qualquer encontro, qualquer síntese entre eles. Eles já são um encontro, já estão em profunda harmonia. Você não está em uma harmonia, este que é o problema.

Portanto, se estiver saudável e sentir um bem-estar, conserve esse bem-estar na doença. E eu lhe digo que o sentimento de bem-estar não depende da saúde. O sentimento de bem-estar é interno, ele não depende do corpo. Você pode conservá-lo mesmo enquanto está doente.

Ramana Maharshi estava morrendo. Ele tinha câncer, câncer na garganta, e era quase impossível para ele para falar, quase impossível comer qualquer coisa. Mas todos aqueles que o rodearam no seu último dia ficaram surpresos — ele estava tão feliz. Seus olhos estavam repletos de um sutil bem-estar. A condição do corpo era uma ruína, o corpo inteiro era uma ruína — mas Ramana não: ele estava saudável como sempre.

Certa vez, um Mestre estava morrendo. Ele era muito velho, tinha quase cem anos. Os discípulos estavam lá — eles não podiam chorar, porque o Mestre estava rindo. Eles não podiam chorar, porque parecia tão absurdo. O homem estava muito feliz, borbulhante de felicidade, exatamente como uma criança — desfrutando de sua última respiração. Eles só puderam chorar quando ele morreu.

E alguém perguntou: por que vocês não choraram quando ele estava vivo? Eles disseram: Isto parecia tão absurdo. Olhando a sua face, seus olhos, era como se ele estivesse indo para uma esfera mais alta do ser, como se a morte fosse uma porta para o divino, como se ele não estivesse morrendo, pelo contrário, como se estivesse renascendo. E ele não era um homem velho, se você olhasse em seus olhos, ele era uma criança — só seu corpo era velho.

O bem-estar pode ser conservado. Mesmo quando você está gravemente doente pode permanecer num bem-estar interior. Você

conhece o outro lado: mesmo quando está perfeitamente saudável continua com o mal-estar. Você conhece isto! — assim, o outro lado pode acontecer: perfeitamente saudável você se sente miserável; perfeitamente jovem e vivo, é como se estivesse no leito da morte, de alguma forma conservando o negócio todo da vida como um fardo, um peso morto no coração.

Você está vivo porque você não pode fazer mais nada. O que você pode fazer? — Você está vivo. Você encontrou a si mesmo vivo, então continua assim. Mas a vida não é um fenômeno extasiante para você, você não está feliz por causa disso, não está celebrando.

Uma bênção tão grande! — estar vivo. Mesmo por um único momento estar vivo e consciente é demais. E uma longa vida é dada, muitas vidas são dadas, e você não se sente agradecido, porque a menos que celebre como pode sentir qualquer gratidão, qualquer reconhecimento?

Mesmo perfeitamente jovem e vivo, você carrega a miséria por dentro. Morrendo, um homem que conhece, conserva o bem-estar. Uma risada vem do seu interior, do próprio âmago do seu ser.

Não tente sintetizar os pólos opostos da vida. Apenas esteja integrado. E quando eu digo apenas esteja integrado, isto significa: Seja lá o que for que sinta na solidão conserve no mercado; Seja lá o que for que sinta em sua meditação, conserve no o amor — porque no amor o outro está presente e na meditação você está só.

Mais cedo ou mais tarde as coisas se assentarão por si mesmas. Você não precisa resolvê-las, simplesmente resolva a si mesmo. Acomode seu ser, e as coisas as coisas se arranjarão por si mesmas — elas sempre se arranjam, sempre o acompanham. Uma vez que você está acomodado, o mundo inteiro está acomodado. Uma vez que você está em harmonia, o mundo inteiro está em harmonia. Uma vez que o acorde interno é encontrado, não há nenhuma discórdia no mundo.

Minha ênfase, minha ênfase total, absoluta, é: Endireite a si mesmo. Não tente encontrar qualquer harmonia nos opostos. Você nunca poderá encontrá-la. E se tentar demais, ficará cada vez mais perturbado — Porque é impossível!

# Tudo parece possível

**O**utra coisa também que você perguntou: que enquanto está comigo, sente-se bem, sente-se em silêncio, sente que tudo é possível. Isto também pode tornar-se uma dependência. Então, quando você não está comigo, as coisas parecem ser mais impossíveis ainda, não parecem estar muito de acordo. Você fica confuso.

Enquanto está comigo, você sente o silêncio porque é menos. Enquanto está comigo, sentado comigo, por momentos você fica sem ego, por instantes, você não está presente — você simplesmente está comigo. A barreira é quebrada. A parede desapareceu. Naquele momento eu estou fluindo em você. Tudo parece possível.

Ao voltar, quando você vai embora de perto de mim, levanta seus muros novamente. Você está presente. As coisas não são tão belas então. Assim, tente apenas entender o que está acontecendo, e conserve esta compreensão quando for para longe de mim.

O que está acontecendo? Quando tudo parece possível, até mesmo a iluminação final parece possível. O que está acontecendo? — você não está mais. Sem você tudo é possível. Com você tudo é impossível. ***Você é o problema.***

Ouvindo-me, você esquece. Se você se esquece, não fica presente — porque o seu estar presente, o ego, é apenas um fenômeno mental. Você tem de criá-lo a todo momento. É exatamente como pedalar uma bicicleta. — você tem que ficar pedalando. Se você parar por um momento, ela parará. Haverá um momento, um pequeno momento, a bicicleta andará alguns metros, e então parará. Se você quiser que a bicicleta continue, terá de continuar pedalando, é um processo contínuo. O movimento da bicicleta não é algo permanente, tem de ser criado a todo momento. O ego tem de ser pedalado a todo momento — e você o está pedalando.

Quando você está aqui, pára de pedalar. Fica mais ligado a mim. Todo seu foco de atenção muda.

É exatamente como um pequeno ciclista. Ele está curioso sobre tudo. Olha para a árvore com papagaios tagarelando, e cai da bicicleta,

porque a atenção se desviou. Ele pára de pedalar, se esquece de que estava na bicicleta e de que tinha de continuar pedalando.

As crianças encontram dificuldades quando começam a andar de bicicleta, apenas por uma razão — porque são muito curiosas a respeito de tudo. E nenhum país dá licença para as crianças dirigirem, apenas porque elas são muito curiosas. Elas se esquecerão. A qualquer momento, sua atenção poderá ir totalmente para outro lugar e elas se esquecerão de que estão dirigindo, de que têm um instrumento perigoso em suas mãos e a vida dos outros está em perigo. Elas não são focadas. A consciência delas flui para todos os lugares.

Quando você está aqui, fica tão concentrado em mim, tão envolvido nisso, que se esquece de pedalar. E por alguns momentos, quando se esquece completamente de si mesmo, o silêncio desce sobre você, uma felicidade nasce, tudo parece possível. Você se torna divino — eis por que tudo parece possível. Para um deus, nada é impossível. Nesse momento você se torna um deus.

Longe de mim, você volta atrás — sua mente começa a pensar, começa a pedalar, e você pedala mais porque precisa compensar. Não pedalou sua bicicleta por alguns momentos, então precisa pedalar mais para compensar. O ego volta com mais intensidade. Você perde o contato com seu ser.

Comigo, o que está realmente acontecendo é que você fica mais em contato com seu ser. O ego não existe. Você está em profundo contato com seu ser; sua fonte interna está disponível para você, fluindo. Não há nenhum bloco de energia. Longe de mim, todos os blocos voltam, os velhos hábitos retornam. E então as coisas não parecem tão boas. E todo o fenômeno de estar comigo parece um sonho. Você não pode acreditar nele. Ele parece um milagre. E você pensa que eu devo ter feito alguma coisa — e não estou fazendo nada. Ninguém pode fazer nada para você. Aconteceu porque você o permitiu.

Quando você for para longe de mim, conserve esse sentimento. Seja o que for que está sentindo aqui, conserve isto, então eu serei cada vez menos necessário. Do contrário, posso me tornar uma droga, e toda manhã, ao acordar, você começará a ansiar por mim. E então se preparará para vir a mim... Haverá uma necessidade profunda — então eu tornarei uma droga! E você ficará cada vez mais dependente de mim.

Este não é o meio de chegar ao *satori*, ao *samadhi* ou à iluminação. Esse não é o caminho.

Se você se tornar dependente de mim, eu serei uma droga, e então serei destrutivo. Mas será você quem terá me convertido em uma droga.

Tudo o que sentir junto a mim, em minha presença, comigo, conserve consigo. É preciso que chegue a um ponto onde comigo ou sem mim você permaneça o mesmo. Então eu serei uma ajuda, não serei uma limitação. Então eu serei uma libertação para você — e eu devo me tornar uma libertação para você. Quando eu digo que devo me tornar uma libertação para você, isso significa que você deve chegar ao ponto de estar liberto de mim também.

Se houver uma constante dependência e você não ficar liberto, Isto não será ajuda — será simplesmente um adiamento das coisas. Um mestre verdadeiro sempre faz com que seus discípulos fiquem livres dele. Esse é o objetivo!

Vinha a mim, vá para longe de mim, mas conserve a sensação consigo. Permaneça o mesmo. Mova-se para os pólos opostos, sempre permanecendo o mesmo — então tudo será possível, porque você é a fonte de todas as energias.

Você tem a fonte da vida inteira dentro de você. Tudo o que está acontecendo na vida está vindo da mesma fonte da qual você veio. Você está relacionado a ela, é um com ela. Se os pássaros podem estar felizes e cantando, você também pode estar, porque a mesma fonte os supre de alegria, e canto. A mesma fonte está à sua disposição, mas, de alguma forma, você criou blocos. Se as árvores estão verdes, tranquilas, despreocupadas, você também pode estar, porque a mesma seiva que vai para as árvores está vindo a você. É possível que tenha se esquecido disso, mas ele está presente. Tudo o que aconteceu na vida, tudo o que está acontecendo ao seu redor, todo esse mistério, é sua herança. — Reivindique-a.

Ela está sendo consumida sem que você reclame — e você continua mendigando. O império está aí, o império continua sendo desperdiçado à espera, e você permanece mendigando. Reivindique!

Este é o modo pelo qual ele pode ser reivindicado: permaneça o mesmo enquanto se move para os opostos. Isto é o que Krishna diz no Gita: Na dor ou no prazer, seja o mesmo; no sucesso ou no fracasso,

permaneça o mesmo. Tudo o que acontecer, deixe que aconteça — e permaneça o mesmo. Esta mesmice lhe dará integridade.

## A renúncia é contra Deus

**O**utra coisa a respeito da qual você perguntou: que eu digo para você a viver no mundo, para não renunciá-lo, e ao mesmo tempo ser completamente louco e extasiado. Parece difícil, porque como você pode viver normalmente no mundo, relacionando-se com as pessoas? Sim, eu lhe disse isso.

Uma coisa: renunciar ao mundo é algo feio para mim, porque isto significa renunciar a um presente que Deus lhe deu. Você não criou a vida. Você não está aqui porque escolheu. É um dom! Renunciar é ir contra Deus. Toda renúncia é contra Deus. É dizer não.

Eis porque aqueles que renunciam tornam-se mais egoístas. No momento em que renunciam, estão dizendo: eu sou mais sábio do que a vida, eu sou mais sábio do que a fonte divina de onde tudo vem. Quando você renuncia, está dizendo: eu escolho. Quando você renunciar, usa o seu arbítrio, e o arbítrio cria ego.

Quando eu digo que não renuncie, estou dizendo: Não seja uma vontade, não seja um árbitro. Seja lá o que for que esteja acontecendo, não está acontecendo por sua causa, portanto quem é você para escolher isto ou aquilo? Deixe acontecer. O que você pode fazer? Deixe acontecer, não fique incomodado por isso.

A renúncia é apenas uma fuga. Por estar ferido, Por estar perturbado, você renuncia. Renuncia à situação — não renunciar à atitude que o feriu.

Não renuncia ao coração que está com tantas mágoas, ao que alguém pode machucar. Não renuncia à mente doente, a qual está sempre pronta a ficar perturbada. Você renuncia ao mundo — o que é mais fácil. Foge para os Himalaias, mas tudo o que estava dentro de você estará contigo. Não vai fará nenhuma diferença. Isto é um engano.

Permaneça integrado. Permaneça silencioso. Permaneça feliz. E permita que o mundo aconteça! Quem é você para renunciar ou não

renunciar? Onde quer que você encontre a si mesmo, esteja lá. Seja íntegro e em silêncio e feliz. Não vá para os Himalaias, crie um Himalaia interior — este é o significado quando digo não renuncie. Não vá para as montanhas, crie esse silêncio por dentro, assim, onde quer que você vá, as montanhas irão com você.

E o relacionamento é bonito, porque ele é um espelho. Mas existem pessoas estúpidas: eles vêem a sua face no espelho, percebem que ela é feia — e destroem o espelho. A lógica é evidente: este espelho está tornando-as feias — então destroem o espelho para se sentirem bonitas.

O relacionamento é um espelho. Sempre que você se relaciona com uma pessoa — uma esposa, um marido, um amigo, um amante, um inimigo — um espelho está presente. A esposa espelha o marido. Você pode ver a si mesmo nele, e se você ver um marido feio, não tente abandonar sua esposa — a feiúra está em você. Abandone essa feiúra! Este espelho é belo, seja agradecido a ele.

Mas as pessoas estúpidas e covardes sempre fogem e renunciam; as pessoas corajosas e sábias sempre vivem em relacionamento — e usam-no como um espelho. Viver com alguém é um constante espelhar ao seu redor. A todo momento o outro o revela, o expõe. Quanto mais próximo o relacionamento, mais claro é o espelho: quanto mais distante a relação, o espelho não é tão límpido.

Eis porque toda renúncia torna-se, na realidade, uma renúncia ao amor. Esposa e marido: esta é a base para a respiração do relacionamento, porque vinte e quatro horas a vivendo com uma pessoa na mesma casa, vinte e quatro horas estando relacionados....

Até mesmo quando uma esposa não está falando, não está dizendo nada a seu marido, ela está espelhando. Até mesmo quando o marido está apenas lendo seu jornal, está espelhando. A maneira como ele segura o seu jornal, a esposa já sabe que o jornal está apenas criando um muro. Ele está escondido atrás dele. Ele pode estar fingindo para si mesmo que está lendo. Pode estar lendo a mesma notícia duas vezes, três vezes. Pode não estar lendo absolutamente, apenas passando as palavras mecanicamente. Mas o jeito como ele está se escondendo atrás do jornal torna-se um espelho. Ele está evitando a esposa, ele está farto da esposa,

não quer que ela esteja ali, não quer olhar para ela, vê-la. Sua presença, a própria presença, é infernal. Ele quer escapar de alguma forma.

Quando você está amando, a linguagem é desnecessária. Os gestos, até mesmo o silêncio, torna-se eloquente.

Um constante espelhar continua, e todo mundo é feio, porque a beleza é algo que acontece aos poucos, quando o seu ser interior é revelado. O ego é sempre feio. Assim, somente quando o ego não existe, a pessoa torna-se bonita. É o ego que é espelhado.

E seja quem for que lembre continuamente de que você é feio torna-se seu inimigo — você quer renunciar. Mas é sábio renunciar ao espelho? É tolice. Mesmo que ninguém o espelhe, você continuará o mesmo. Você pode até crescer mais na mesma direção quando ninguém o faz lembrar-se.

O espelho é belo e bom. Ele ajuda você. E se você ficar alerta, pouco a pouco poderá abandonar o ego. E então, no espelho do outro, a sua beleza será revelada.

Uma vez que você não é nada, apenas uma nuvem branca, então todos os lagos do mundo revelam sua pureza, todos os lagos do mundo revelam seu vôo livre.

## Fique aí onde você está

**P**ortanto, eu digo que há apenas uma coisa a ser renunciada e essa coisa é a renúncia. Nada mais.

Viva onde Deus ou o todo está — se você não gosta da palavra Deus, não há problema, é apenas uma palavra. Use Deus ou o todo — sempre que notar onde o todo o colocou, fique aí. E o todo nunca coloca ninguém na renúncia — nunca. O todo sempre o lança no relacionamento, porque ninguém nasce sozinho, ninguém pode nascer. Pelo menos uma mãe, um pai é necessário, uma sociedade, uma família é necessária. O todo sempre o lança no relacionamento. Eis porque eu digo que renunciar vai contra Deus.

Gurdjieff teve muitos insights. Um deles foi que todas as pessoas religiosas estão contra Deus. Isto é estranho, mas verdadeiro. E eu concordo completamente. Ele está certo. Todas as pessoas religiosas



estão contra Deus — porque elas se colocam como juízes: isto está errado, isto está certo; isto deve ser feito, aquilo não deve ser feito; é preciso sair do mundo. Deus o lançou no mundo e os chamados pregadores religiosos, o ensinaram a renunciar.

Eu não sou desse tipo de homem religioso. Estou a favor de Deus, a favor do todo. Onde quer que ele o leve, vá como uma nuvem, mova-se com Ele, e dê a si mesmo completamente ao todo. A única coisa a ser lembrada é: nos opostos — o silêncio, o equilíbrio, a harmonia, a integridade. Mas você diz: será difícil! Sim, será difícil. Se você estiver em êxtase, numa família patológica, isto será difícil — e toda família é patológica. Será justamente como se você fosse forçado a viver num hospício — será difícil, porque todo mundo está louco aí. Então, o que você pode fazer?

Se você for jogado num hospício, e não estiver louco onde todo mundo está, o que fará? Se você não for realmente louco, agirá como um louco. Esta é a única maneira sábia, assim, ninguém saberá que você é sã, porque se eles vierem a saber, eles criarão problemas. Num hospício, um homem realmente sábio comporta-se mais loucamente do que qualquer louco. Este é o único estado seguro lá.

Portanto, nesta vida onde todos são loucos, o que você pode fazer? Este planeta inteiro é um hospício, um grande hospício, nele todo mundo é patológico, doente, insano, anormal. O que você pode fazer? Represente! Com as pessoas, quando sentir isso, não tente criar problemas desnecessários — apenas represente, e desfrute da representação.

Com as pessoas, aja assim — represente. Consigo mesmo, esteja em êxtase loucamente. O que eu quero dizer? Quero dizer: se alguém morreu na vizinhança, o que você fará? — ficará loucamente em êxtase lá? Então levará uma surra. Chore e lamente-se, represente belamente — porque isto é o que é necessário nessa situação patológica, onde a morte não é aceita, onde a morte é o diabo.

Não crie qualquer dificuldade para ninguém. Se você for sábio, representará — e representará tão bem que ninguém chorará como você. Tenha prazer nisso! — Esta é a sua coisa interna. Faça disso um êxtase! Mas, por fora, para as pessoas que estão ao seu redor, represente bem.

Seja um ator no mundo. Quando você é um ator, não é perturbado, porque então você sabe que isto é apenas representação. A vida toda é um grande psicodrama. Seja um ator nela. E por dentro, permaneça em sua alegria não-egoísta.

---

**Décima segunda manhã**  
21 de maio de 1974.

---

Em tudo o que fizer, seja total.

**Bhagwan,**

**Você nos tem falado a respeito da rendição total ao Mestre, mas com frequência nossas mentes nos mostram mil razões para que não sigamos as instruções literalmente. Dizemos coisas assim: o Mestre não pode saber que a situação mudou; ou então, o Mestre não compreende que as situações práticas no Ocidente são outras.**

**Devemos seguir tudo o que o Mestre diz ao pé da letra, ou existem momentos em que devemos usar nosso próprio discernimento?**

**V**ocê deve seguir absolutamente, ou não seguir de modo algum. Não assuma nenhum compromisso, porque qualquer coisa pela metade não só é inútil como prejudicial. Qualquer coisa pela metade o divide — e isso não é bom. Você deve continuar a ser uma unidade indivisível.

Portanto, ou renda-se totalmente... e então não haverá necessidade de pensar nada a respeito; pois estará seguindo cegamente. Enfatizo a palavra *cegamente* — como se você não tivesse olhos, alguém que os tem o estará guiando. Você permanecerá então uma unidade indivisível. E, integrado, não dividido, você crescerá.

Ou, se você sentir que isto é impossível e que não pode ser feito, então não siga de modo algum. Neste caso, siga a si mesma completamente — e da mesma maneira permanecerá não dividido.

A meta, o objetivo é permanecer integrado. E ambos os caminhos funcionam, o resultado final será o mesmo. Se você puder ficar só, sem um Mestre, se você puder seguir sua própria consciência, onde for que ela o conduza, será a mesma coisa, o resultado será o mesmo. Portanto, depende de você.

Mas a mente sempre diz: Faça as duas coisas. Diz: Siga o Mestre, mas não deixe de pensar — Siga somente aquilo que você achar certo. Assim, o que você estará seguindo? Onde estará a rendição?

Se o juiz é você, e é você quem decide o que deve e o que não deve seguir, onde está a rendição? Onde está a confiança? Neste caso, é melhor seguir a sua própria consciência. Mas não se engane — Pelo menos não deixe que haja engano algum. Do contrário, você continuará seguindo a si mesmo e pensará que está seguindo um Mestre.

Se o fator de decisão é você, se a escolha é sua, se você aceita algumas coisas e rejeita outras, então você está seguindo a si mesmo. Mas pode criar a impressão e enganar a si mesmo que está seguindo um Mestre. Isso não dará em nada. Você não crescerá, porque não pode haver crescimento através do engano,.

E acabará ficando cada vez mais confuso, pois se você decidir o que deve e o que não deve ser feito, se tiver que escolher dentre as orientações de seu Mestre, criará um caos. Seja onde for que seu Mestre o guie, suas orientações são uma unidade orgânica. Cada instrução está relacionada à outra. São um todo compacto. Você não pode descartar umas e seguir outras; porque acabará se transformando num desastre, numa ruína. Mesmo que uma única coisa seja negada, todo o resto será perturbado. Você não sabe o quanto as coisas estão interligadas.

Portanto, a minha sugestão é esta: Permaneça uma unidade indivisível. Decida. Se é você quem decide, então decida: seguirei a mim mesmo — e então não se renda. Não há necessidade!

Isto é o que Krishnamurti está constantemente dizendo há quarenta, ou cinquenta anos: Não siga. As pessoas podem chegar sem terem que seguir alguém, mas o caminho será árduo e muito longo, porque então você não estará pronto para aceitar qualquer ajuda que lhe possa ser dado; nenhuma orientação — a qual é possível, a qual pode evitar muitas dificuldades desnecessárias pelo caminho.

Isto é o que Krishnamurti está dizendo e que ninguém tem feito. Este é o problema da mente. Ela pode aceitar isto: Não siga — não porque tenha entendido, mas porque satisfaz muito ao ego não seguir ninguém. Ninguém quer seguir o outro. No fundo, o ego resiste.

Por isso todos os egoístas se reuniram em torno de Krishnamurti. Estão novamente se enganando. Pensam que não estão seguindo ninguém, porque entenderam o quanto é enganoso seguir, entenderam que o caminho deve ser trilhado solitariamente, entenderam que nenhuma ajuda é possível, que ninguém pode ajudá-lo, ninguém pode guiá-lo. Você tem que seguir sozinho. Eles pensam que entenderam isto, é por isso que não estão seguindo ninguém. Mas a verdade não é essa, eles estão se enganando. Não estão seguindo porque seus egos não permitem.

Mas ainda continuam ouvindo Krishnamurti. Estão juntos há anos e continuam indo lá. Se nenhuma ajuda é possível, por que você continua vendo Krishnamurti? Se ninguém pode guiá-lo, por que continua ouvindo o que ele diz? Isso não faz sentido.

E até mesmo essa atitude, de ter que caminhar sozinho, não é descoberta feita por você — ela lhe foi revelada a por Krishnamurti. No fundo ele tornou-se o seu Mestre e você continua dizendo que não segue ninguém. Isso é um engano.

O mesmo engano pode acontecer do lado inverso. Você vem a mim e pensa que se rendeu. Mas ainda está escolhendo. Se digo algo que lhe serve — isto é, que serve ao seu ego — você segue. Se digo algo que não serve ao seu ego, você começa a racionalizar: Isso não é para mim. Você pensa que se rendeu, mas isso não aconteceu.

As pessoas que estão com Krishnamurti pensam que não estão seguindo ninguém, mas estão. Vocês que estão aqui pensam que estão me seguindo, mas não estão. A mente é sempre enganadora. Onde quer que você vá, ela poderá enganá-lo — portanto, esteja alerta.

## Pare!

**E**u lhe digo: Pode se chegar sem seguir — mas o caminho será muito, muito solitário e muito longo. Tem que ser. Mas pode-se chegar. Não é impossível — alguns chegaram. Eu mesmo cheguei pelo não seguir. Você também pode. Mas lembre-se que não seguir não deve tornar-se uma satisfação do ego — ou então você não chegará nunca.

Ter um Mestre ou não ter um Mestre não é o ponto básico. O ponto básico é o ego, o seu ego. Sem ego, mesmo sem um Mestre, você pode chegar. Com o ego, nem mesmo Buda pode levá-lo. Siga totalmente ou não siga de modo algum, mas seja total. É você quem decide.

Não se deixe enganar pela mente e olhe fundo dentro de você. Tenha consciência do que está fazendo. Se está se rendendo, então renda-se.

Lembro-me de que isto aconteceu certa vez com um grupo na vida de Gurdjieff. Ele trabalhava com alguns discípulos. Era preciso que houvesse rendição absoluta e Gurdjieff instruiu-os de que teriam que seguir tudo o que fosse dito. Ele estava ajudando-os a praticar um determinado exercício, ao qual costumava chamar de "exercício pare". Sempre que dissesse: "Pare!", os discípulos teriam que parar o que estivesse fazendo.

Se você estivesse caminhando, com um pé apenas levantado do chão, e ele dissesse: Pare! , você tinha que parar por ali. Se estivesse conversando e a boca estivesse aberta, e ele dissesse: Pare! , você tinha que parar com a boca aberta. Não podia mudar nada, não foi podia buscar uma postura mais conveniente — pois isso seria um engano. E você não estaria enganando ninguém além de si mesmo.

Um dia de manhã, quando essas pessoas faziam exercício no campo, algumas estavam atravessando um canal quando de repente ele disse: Pare! — e ele estava dentro de uma barraca — as pessoas pararam. Eram quatro. O canal estava seco, não havia água correndo e elas pararam. Mas, de repente, alguém abriu as comportas e a água começou a chegar.

Os quatro começaram a pensar: O que fazer? — Gurdjieff estava dentro da barraca e não sabia que eles estavam no meio do canal, que agora estava começando a se encher de água. Mas esperaram, porque a mente pode esperar por um pouco.

Quando a água chegou pelo pescoço, um deles saltou para fora. Disse: Isto é demais. Gurdjieff não está sabendo. O canal foi enchendo mais. Outros dois saltaram quando a água chegou apenas pelo nariz, porque agora eles poderiam se afogar. E a racionalização era simples e fácil. Você teria feito a mesma coisa — porque eles iam morrer e o Mestre estava dentro da barraca sem saber o que estava acontecendo!

Apenas um permaneceu. A água corria sobre sua cabeça e ele continuava parado. Então Gurdjieff saiu correndo da sua tenda e o tirou do canal — ele estava quase inconsciente. Tiveram que tirar água de dentro do seu corpo. Estava a ponto de morrer. Mas quando abriu os olhos era um outro homem. O velho havia realmente morrido. Aconteceu uma transformação. Ele estava totalmente diferente.

O que aconteceu naquele momento de morte? O discípulo aceitou o Mestre. Rejeitou sua própria mente e suas racionalizações. Rejeitou a sua própria vida. Rejeitou a sua mais profunda necessidade biológica de viver. Rejeitou tudo. Ele disse: Quando o mestre falou Pare!, eu parei. Nada mais podia me mover.

Deve ter sido muito, muito difícil — quase impossível. Mas quando você faz o impossível, é transformado. Morrendo, ele não permitiu que a mente interferisse. A morte estava presente e ele a aceitou — ao invés de aceitar a sua própria mente e seus julgamentos.

Ele nunca mais voltou a ser o mesmo. Ninguém mais encontrou o velho homem. E então os outros compreenderam que haviam perdido uma grande oportunidade. Os outros três que estavam juntos no canal perderam uma grande oportunidade.

Isto é rendição total. Não é uma questão de ser atraente ou não à sua mente, dela dizer sim ou não. Quando você se rende, rende também todas as possibilidades de dizer não. Seja qual for a situação, você não diz não. Rendição é o sim total. É difícil! Eis porque a transformação é tão difícil. Não é fácil. Eis porque o nascimento espiritual não é fácil.

Mas não digo que você não possa alcançar sozinho. Você pode alcançar sozinho, pode chegar com um mestre; pode chegar com um grupo ou chegar individualmente. Todas as possibilidades estão abertas. Eu não sou a favor disto ou daquilo. É você quem deve decidir, mas decida sem se enganar.

## Leste e oeste: apenas superfícies

**E** lembre-se: também não se trata de mente Oriental ou Ocidental. No fundo, a mente é a mesma, todas as diferenças são superficiais. Leste ou oeste, são apenas superfícies; impressões culturais ou raciais, estão apenas na superfície. No fundo, a mente humana é igual. De onde ela vem é irrelevante.

Renda-se ou permaneça absolutamente só, os dois caminhos só devem ser trilhados por pessoas que sejam totais. Sozinho, Buda alcançou a iluminação, seguindo Buda, muitos chegaram à mesma iluminação.

Eu não sou partidário. Eu não digo como Krishnamurti diz: Este é o único caminho. Não digo como Meher Baba diz: Este é o único caminho. E sei muito bem porque eles dizem: Este é o único caminho. É para ajudá-lo — porque quando você percebe que o caminho também pode ser outro, começa a confusão. Você começa a oscilar: às vezes pensa uma coisa, outras vezes pensa outra.

É por isso que mestres dizem: Este é o único caminho — só para evitar confusão em sua mente. Caso contrário, o oposto também o atrairá e você estará sempre mudando o seu ponto de vista. Para torná-lo total é que os Mestres enfatizam uma coisa.



Mas eu digo que ambos são caminhos. Por quê? — Porque aquela ênfase já está velha, e você já ouviu demais: Este é o único caminho. Isto já se tornou um clichê morto. Já não funciona para você.

Costumava funcionar no passado, mas agora não, porque o mundo está tão unificado, que a terra é uma aldeia global, e cada religião é conhecida por todas as demais, todos os caminhos se tornaram conhecidos. Agora a humanidade está familiarizada com todos os caminhos, com todas as possibilidades, com todas as alternativas.

No passado, as pessoas só conheciam um caminho — aquele no qual haviam nascido. Era bom enfatizar que esse era o único caminho — para que suas mentes ficassem confiantes, para que confiassem nele. Mas agora a situação não é a mesma. Um hindu lê o Alcorão. Um cristão vem à Índia em busca de orientação. Um Muçulmano conhece o Gita e os Vedas.

Todos os caminhos são conhecidos. Existe muita confusão e quem disser que o caminho é um só não vai ajudar em nada, porque você já sabe que existem outros. Você sabe que também por outros caminhos muitas pessoas chegaram e estão chegando. Por isso não enfatizo qualquer caminho.

Você pode receber a minha ajuda se render-se, pode recebê-la se não render-se — mas isto tem que estar claro para você. Se escolher o caminho da rendição, então terá que me seguir totalmente. Se escolher que não vai se render, então decida. Eu posso ser um amigo durante a jornada. Não há necessidade de fazer de mim um Mestre. Posso ser apenas um amigo — ou nem mesmo isso.

Você está à procura e encontra alguém absolutamente desconhecido, um estranho, a quem pergunta: Onde está o rio? Qual o caminho leva a ele? E quando ele responde, você agradece e se afasta. Pode ser um estranho. Não é necessário que seja um amigo, porque com um amigo você pode se envolver também. Receba a minha ajuda — ela é incondicional.

Eu não digo: Faça isto, e eu lhe ajudarei. Não digo: Renda-se e terá meu auxílio. Mas isto tenho que dizer: Faça o que você preferir, mas faça totalmente. Se você estiver sendo total, a transformação estará próxima. Se estiver dividido, será quase impossível.

# Este sujeito também não tem barba.

**Bhagwan,**

**Quando Wakuan viu um retrato de Bodhidharma barbudo, comentou: Por que esse sujeito tem barba?**

**Bhagwan, porque você não tem barba?**

**A** tradição Zen é realmente muito bonita. Bodhidharma tinha barba e o discípulo perguntou: Por que este homem não tem barba?

É uma bela pergunta, mas só um discípulo zen pode fazê-la — pois a barba pertence ao corpo, não a Bodhidharma. Ele era imberbe, porque o corpo é apenas uma morada.

Aparentemente a pergunta é absurda, mas muito significativa. E perguntas assim têm sido feitas muitas vezes.

Buda falava sem parar — de manhã, à tarde e à noite, numa aldeia e em outra, andando sempre; falou sem parar durante quarenta anos. Um dia, Sariputta perguntou-lhe: Por que permanece em silêncio? Porque não fala conosco? Patentemente absurdo! Buda riu e disse: Você está certo.

E o homem estava falando — ninguém falou tanto quanto Buda. Mas Sariputta estava certo, porque a fala só acontecia na superfície e Buda permanecia em silêncio.

Um monge Zen, Rinzai, costumava dizer: Este homem, Buda, nunca nasceu, ele nunca andou sobre a terra, nunca morreu — ele é apenas um sonho. Mas ia diariamente ao templo ajoelhar-se diante da estátua de Buda!

Então alguém lhe disse: Rinzai, você está louco! Diariamente você continua insistindo em que esse homem nunca nasceu, nunca morreu e nunca andou sobre a terra, e mesmo assim vai ao templo e ajoelha-se diante de sua estátua.

Rinzai disse: Por ele nunca ter nascido, nunca ter andado sobre a terra e nunca ter morrido, é que eu me ajoelho.

A pessoa insistiu, dizendo: Não podemos segui-lo. Ou você está louco ou nós estamos, mas não podemos entender — o que você quer dizer?

E Rinzai disse: O nascimento desse homem foi apenas um sonho para ele. Caminhar sobre a Terra foi apenas um sonho para ele. Morrer não foi real para ele — foi só o fim de um longo sonho. E esse homem, o centro de seu ser, permaneceu além do nascimento e da morte.

Conta-se que Buda sempre se manteve no sétimo céu. Nunca desceu dele — apenas seu reflexo esteve aqui. E isto é verdade! E também é verdade no que diz respeito a você. Você nunca desceu — é apenas o seu reflexo. Mas você se tornou tão identificado com o seu reflexo que já se esqueceu. Você pensa que desceu. Mas você não pode descer — não há possibilidade de cair do seu ser.

Quando você olha na superfície de um rio, vê o seu reflexo. E torna-se tão identificado com ele que é capaz pensar que você está dentro d'água. E sofrer por isso; sentir-se sufocado, sentir que pode morrer. Mas você está nunca saiu da margem do rio, nunca entrou na água — você não pode!

Por isso digo a você: Não só Buda, ninguém jamais desceu do sétimo céu. Mas as pessoas ficam obcecadas, identificadas com seus reflexos. A isto os hindus chamam de o mundo de *Maya* — o mundo dos reflexos. Nós permanecemos em *Brahma* — permanecemos na realidade suprema — estamos eternamente enraizados nela. Ninguém jamais desce. Mas podemos nos identificar com o reflexo, com o sonho.

Por isso você está certo em me perguntar. Este sujeito também não tem barba. Se você olhar para o meu corpo, não estará olhando para mim. Se você olhar para mim, então entenderá.

A barba não pode crescer por conta própria. Ela só pode crescer no corpo. E esta barba é realmente muito simbólica: a alma está viva, o corpo está meio-morto e meio-vivo, e a barba está quase morta. Os cabelos são a parte morta do corpo. É por isso que você pode cortá-los sem sentir nenhuma dor. Se cortar os dedos, você sentirá dor. Se cortar os cabelos, não sentirá dor alguma. São células mortas do corpo.

Às vezes acontece que nos cemitérios... se você vai a um cemitério muçulmano e desenterra um corpo, mesmo que o homem tenha morrido

sem barba, agora ele terá... As barbas crescem até em corpos mortos, porque estão mortas, são apenas células mortas.

É bom deixar a barba crescer, quando você estiver diante de um espelho poderá ver todas as suas três camadas: o está completamente morto, o meio-morto, meio-vivo, e o absolutamente vivo.

A barba é material, é matéria. O corpo é o encontro da matéria com o espírito. O encontro é sempre difícil, e o corpo é apenas o ponto onde ambos se encontram. Quando eles se afastam, o equilíbrio é perdido, você está morto — a matéria é reabsorvida pela matéria e o espírito é reabsorvido pelo espírito.

Este sujeito também não tem barba.

Então, esta é a questão: Por que Bodhidharma não é matéria? E a resposta é: porque o Espírito não pode ser matéria.

Mas os discípulos Zen perguntam de uma maneira peculiar. Em nenhum outro lugar fazem-se perguntas assim. Não se pode perguntar a um papa cristão: Por que esse sujeito, Jesus, não tem barba? A própria questão será considerada profana: Não se pode ter tanta intimidade com Jesus. Não se pode chamá-lo de "esse sujeito" ou "esse camarada"; não é considerado sagrado, seu comportamento será insultante. Mas não é assim entre os Zen. Eles dizem: Se você ama seu Mestre, pode rir-se dele, se você o ama, não deve haver temor, nem mesmo o temor que se tem por quem é sagrado. Se você o ama, o medo desaparece.

Por isso, quando pela primeira vez os teólogos cristãos tomaram conhecimento da tradição Zen, não podiam acreditar que uma religião pudesse existir, porque os monges Zen estão sempre rindo de Buda. Às vezes usam cada palavras que você não pode acreditar! Eles podiam dizer para Buda: Esse sujeito estúpido! E se você lhes perguntar por que, eles dirão: Sim, ele era um estúpido — porque tentava dizer algo que não pode ser dito e tentava nos transformar, o que também é impossível. Era um estúpido — estava tentando fazer o impossível!

Os Mestres zen usam termos e palavras que nenhuma outra religião usa. E por isso eu digo que nenhuma outra religião é tão religiosa quanto o Zen. O que é que se tem a temer quando se ama realmente? Você pode brincar, pode rir, e um homem iluminado como Buda rirá junto com você — não há nenhum problema. Não se sentirá ferido. E se sentir-se ferido, não será absolutamente iluminado. Nuca

dirá: Não use essa linguagem profana — pois para Buda todas as linguagens são profanas, só o silêncio é sagrado. Portanto, se você disser que ele é um sujeito estúpido ou alguém que despertou, para ele será a mesma coisa.

A linguagem em si, é profana. Somente o silêncio é sagrado. Por isso, qualquer coisa que você diga, dá no mesmo.

## Tudo o que se vê é bufonaria.

**A**quele discípulo, Wakuan, estava perguntando: Por que esse sujeito, Bodhidharma, não tem barba?

Bodhidharma é o primeiro mestre Zen. Bodhidharma criou este fluxo eterno, esse rio eternamente novo que é o Zen.

Bodhidharma foi para a China há quatorze séculos atrás. Quando lá chegou, estava carregando um dos sapatos em sua cabeça. Um sapato estava no pé, e o outro na cabeça. O imperador foi recebê-lo e sentiu-se embaraçado: Que espécie de homem é esse? Esperava há tanto tempo por ele e sempre havia pensando: Um homem sagrado, um grande santo, um sábio, está chegando — e agora ele se comporta como um bufão.

O imperador ficou perturbado, inquieto, e na primeira oportunidade perguntou a Bodhidharma: O que está fazendo? O povo está rindo e ri também de mim porque vim recebê-lo. Isso não é maneira de se comportar. Você devia se comportar como um santo.

Bodhidharma disse: Só aqueles que não são santos comportam-se como santos. Eu sou um santo! Só os que não são santos comportam-se como santos — e é verdade, porque você só se preocupa com o seu comportamento quando ele não é espontâneo.

O imperador disse: Não consigo entender. Carregando esse sapato na cabeça, você mais parece um bufão. Bodhidharma disse: Sim, porque tudo o que pode ser visto é bufonaria. Apenas o invisível... Você parado aqui como um imperador, vestido com esse mato, essa coroa, esse traje especial, é bufonaria. O real não está na periferia. ***Olhe para mim!*** Não olhe para o meu corpo.

Disse ainda: carregar um sapato na cabeça é bastante simbólico. Eu digo que na vida nada é sagrado e nada é profano. Um sapato é tão sagrado quanto sua cabeça. Carrego este sapato como um símbolo.

Conta-se que o imperador ficou impressionado, mas mesmo assim disse: Isto é demais! — eu queria perguntar-lhe uma coisa: O que faço para aquietar minha mente? Sou tão impaciente, tão perturbado, tão inquieto.

Bodhidharma respondeu: Volte às quatro horas da manhã e traga consigo a sua mente. Eu a farei relaxar.

O imperador não conseguia acompanhar. Começou a pensar: O que este homem quer dizer — traga consigo sua mente? Enquanto ele descia os degraus do templo onde Bodhidharma estava hospedado, ouviu-o dizer novamente: Lembre-se, não venha só, ou então a quem irei relaxar? Traga a mente com você. Venha às quatro horas — e sozinho, sem guardas, sem ninguém para acompanhá-lo.

O imperador não conseguiu dormir durante toda a noite. Ficou pensando: Esse homem parece ser meio louco. Quando estiver lá, obviamente minha mente estará comigo. Porque tanta insistência — traga consigo sua mente? Às vezes pensava: Acho melhor não ir, porque, quem pode garantir? Ele pode começar a me bater ou algo assim. E não se pode prever, você não pode acreditar nesse homem.

Mas finalmente decidiu ir, porque o homem era realmente magnético. Tinha algo em seus olhos — um fogo que não pertencia a esta terra. Tinha algo em sua respiração — um silêncio que vinha do além. Então o imperador chegou, como que hipnotizado, e a primeira coisa que Bodhidharma lhe perguntou foi: Muito bem, então você veio. — Onde está sua mente? E ele estava ali sentado com sua equipe.

O imperador disse: Quando vim, minha mente veio comigo. Está dentro de mim — não é uma coisa que carrego.

Assim, Bodhidharma disse: Muito bem, então você pensa que a sua mente está dentro de você. Sente-se, feche os olhos e tente descobrir onde ela está. Aponte-a para mim e eu a consertarei. Meus auxiliares estão aqui. Não se preocupe; eu farei a sua mente silenciar.

O imperador fechou os olhos e tentou olhar; Bodhidharma estava sentado bem à sua frente. Ele tentava, tentava, e o tempo ia passando. Quando o sol começou a nascer sua face estava absolutamente silenciosa.

Então ele abriu os olhos e Bodhidharma lhe perguntou: Conseguiu encontrá-la?

O imperador começou a rir e disse: Você a consertou — porque quanto mais tentava encontrá-la, mais sentia que não ela não existia. Era apenas uma sombra. E só existia porque eu nunca havia penetrado no interior. Ela era apenas a minha ausência. Tornei-me interiormente presente e ela desapareceu.

Esse Bodhidharma é realmente um ser muito raro. Seus discípulos podiam brincar com ele, rir dele. Ele gostava! Uma pessoa iluminada está constantemente rindo. Não é um homem sério como se pensa comumente.

Onde quer que haja seriedade, saiba logo que há algo errado — porque a seriedade faz parte de um ser doente. Nenhuma flor é séria, a menos que esteja doente. Nenhum pássaro é sério, a menos que esteja doente. Nenhuma árvore é séria a menos que tenha algo errado. Sempre que há algo errado a seriedade acontece. A seriedade é uma doença. Quando tudo está bem, o riso surge.

Bodhidharma está constantemente rindo, e sua risada é uma gargalhada, um alvoroço. Seus discípulos costumavam fazer —lhe perguntas que ninguém, exceto ele, podia responder.

E eu lhes digo: Aquele sujeito não tinha barba. E este sujeito aqui também não tem barba.

## O que se pode dizer a ele?

**Goso disse: Quando você encontrar um Mestre Zen pela estrada não pode falar com ele e nem ficar com ele em silêncio. Então, o que você faz?**

**Bhagwan,**

**O que devemos fazer quando encontramos o mestre dos mestres pelo jardim?**

**S**im, é verdade. Quando você encontrar um mestre Zen pela estrada, não pode falar com ele — porque sobre o que pode falará? Seus mundos são tão diferentes. Suas linguagens pertencem a duas dimensões diferentes. Sobre o que você

pode falar com ele? O que pode perguntar? Existe alguma pergunta que realmente valha a pena fazer? Existe alguma pergunta realmente importante?

Ao encontrar um mestre Zen, sobre o que conversará com ele? Tudo o que você pode falar pertence a este mundo — à vida mundana, ao comércio, ao lar, à família. Tudo o que você pode falar, tudo o que você é, é tão fútil.

É verdade. Quando você encontrar um mestre Zen. E você sempre encontra um mestre pela estrada... porque o mestre está sempre em movimento. Você nunca o encontra em nenhum outro lugar. Lembre-se: você sempre encontra o mestre zen pela estrada, porque ele está sempre em movimento. Ele é um rio — nunca pára, nunca estaciona. E você não conseguirá movimentar-se com ele porque o perderá. Ele está sempre andando. Você o encontra sempre pela estrada.

Sobre o que se pode falar com ele? E também não se pode ficar em silêncio, porque para você é quase impossível ficar calado. Você não pode falar, porque o mestre pertence a um mundo diferente. E não pode ficar em silêncio, porque o mundo ao qual você pertence nunca é silencioso. Sua mente está sempre tagarelando. Sua mente é uma constante caixa de ruídos. Consistentes ou inconsistentes, seus pensamentos não param, e não há fim para isso, eles se movem-se em círculo. Você não pode ficar em silêncio e não pode falar. Então o que fazer? Se você começar a conversar, será absurdo. Se quiser ficar em silêncio, não será possível. O melhor é não decidir nada. Pergunte ao mestre o que fazer.

Diga-lhe: Não posso falar porque pertencemos a mundos diferentes. E tudo o que eu perguntar será inútil. Qualquer coisa que você responder, eu não posso questionar. E tudo o que eu perguntar será inútil; nem vale a pena perguntar. Não posso ficar em silêncio porque não sei o que é isso. O silêncio nunca aconteceu a mim; não o conheço. Conheço um tipo de silêncio: o silêncio que acontece entre dois pensamentos, que é apenas um intervalo, o silêncio que existe entre duas palavras.

Nosso silêncio é assim como a paz, que acontece entre duas guerras. Não é realmente paz, é apenas preparação para outra guerra.



Como pode ser a paz isso que une duas guerras? A guerra continua às ocultas, só isso. É uma guerra fria. Jamais é paz. O nosso silêncio é assim.

Por isso, diga-me, Mestre: Não posso silenciar e não posso falar — o que fazer?

Não comece nada por si mesmo, porque tudo o que você fizer será errado. Falar ou silenciar estará errado. Deixe com o mestre, e pergunte-lhe: O que devo fazer? Se ele disser: Fale — então você deve falar. Se ele disser: Fique em silêncio — tente ficar em silêncio. E ele sabe. Só pedirá aquilo que for possível para você.

Só no final ele pedirá o impossível, nunca no início.

Ele pede o impossível no fim, porque então até isso se torna possível. Mas no início, só pedirá o que for possível. Aos poucos, ele o empurrará para o abismo final — onde o impossível acontece.

Se ele disser que fale, então fale. Assim, até mesmo a sua fala será uma ajuda. Mas nessa hora você não estará realmente perguntando, sua será apenas como uma catarse. Você estará trazendo sua mente para fora. Estará expondo sua mente. Estará abrindo-se. Não estará perguntando, mas sim se expondo. Esta exposição será um auxílio. Você estará se livrando de um peso.

E quando um mestre está por perto, você pode ser realmente franco e dizer tudo o que quiser, mesmo que sejam coisas irrelevantes ou inconsistentes, sem se aborrecer consigo mesmo, sem manipular ou controlar as coisas. Quando um mestre está por perto, e você consegue dizer o que vem à sua cabeça totalmente, tudo não passa de tagarelice. Se você não controlar, será como se um louco estivesse falando. Mas quando há um mestre por perto, e você é sincero, honesto e verdadeiro, e expõe sua mente, o mestre penetra em você pela porta dos fundos. Pela porta da frente está saindo a sua mente, pela porta dos fundos, o mestre está entrando.

Por isso, quando estiver perto de mim no jardim, seja sincero e verdadeiro. Não faça perguntas intelectuais. Elas são inúteis. A metafísica é a coisa mais inútil que há. Não faça perguntas metafísicas. Elas não são verdadeiras, não pertencem a você. Você pode ter ouvido falar ou lido sobre elas, mas não fazem parte de você. Faça com que saia o seu absurdo, seja ele qual for. E não tente manipulá-lo. Não tente racionalizá-lo ou dar-lhe um polimento. Deixe que seja o mais cru

possível — porque diante de um mestre, você tem que estar nu. Não deve usar roupas e não deve esconder-se.

Mas isto é expor-se. E se você puder falar com alguém que se expõe e não como quem quer inquirir — apenas abrindo o seu coração, sem pedir nada — então o silêncio virá; porque quando você expõe a sua mente e passa por uma catarse, o silêncio acontece.

É um outro tipo de silêncio — não um silêncio forçado, não um silêncio controlado, não um silêncio para o qual você tenha que se esforçar.

Quando você tiver exposto completamente a sua mente, tiver liberado tudo que há nela, o silêncio virá, descera sobre você e o cobrirá. Este silêncio é o que está além da compreensão, o que está além de você; é o silêncio que pertence ao todo e não ao indivíduo.

Então você poderá fazer as duas coisas. Ao encontrar com um mestre Zen pela estrada, você poderá falar e também ficar em silêncio.

---

**Décima terceira manhã**  
22 de maio de 1974.

---

Deus está à sua procura.

**Bhagwan,**

**Ontem, você nos disse muito claramente que devemos seguir as palavras do Mestre ao pé da letra. Mas não podemos consultá-lo a toda hora.**

**Como poderemos escolher o caminho certo se a mente está sempre procurando o caminho mais fácil?**

**A** verdadeira questão não é como consultar o mestre, mas sim como estar meditativo — porque a parte física do mestre não é o que importa. Se você estiver mais meditativo, poderá consultar o mestre a todo momento. A presença física não é necessária; ela só é significativa porque você não está meditativo.

Porque você está identificado com o seu corpo, é que, em sua mente, o mestre também é identificado pelo corpo. Por pensar que você é um corpo, você também pensa que o mestre é um corpo. O mestre é não um corpo, e quando digo isso, quero dizer que ele não se limita ao tempo, ao espaço.

Não é uma questão de estar na presença dele. Onde quer que você esteja, se estiver meditativo, estará em sua presença. Até mesmo depois de morto, o mestre poderá ser consultado.

Buda é consultado ainda hoje — e as respostas são recebidas. Não que Buda esteja sentado em algum lugar, dando as respostas, mas quando você está em profunda meditação você é Buda. Sua natureza búdica surge e sua natureza búdica é que responde. Agora, Buda não está confinado lugar algum. Isto significa, para aquele que está cego, que ele não pode ser encontrado em nenhum lugar, mas para aquele que pode ver, isto significa que neste momento ele está em todos os lugares.

Você pode estar em contato com seu mestre onde quer que esteja. O caminho não é ir até o mestre, o caminho é ir para dentro. Quanto mais fundo você chegar em si mesmo, mais fundo você penetrará o mestre.

As respostas virão, e você saberá e sentirá que as respostas não foram dadas por sua mente. Haverá uma qualidade totalmente diferente. A qualidade mudará tão absolutamente que não haverá nenhuma dúvida a respeito. Quando sua mente responde, você sente que você está respondendo. Quando a mente não está presente, você simplesmente medita, e a resposta vem como se fosse de outra pessoa, não de você. Você a ouve.

Esse é o mistério do Alcorão. Maomé pensou que o havia ouvido — e ele estava certo. Mas os Maometanos estão errados ao pensarem que Deus estava falando. Maomé estava certo quando pensou que tinha ouvido o Alcorão, mas os Maometanos estão errados ao pensarem que Deus estava falando. Ninguém estava falando.

Mas quando sua mente está silenciosa, a resposta surge das profundezas de seu ser. E ela é tão profunda, tão além do que se chama mente, que você sente que a ouviu. Ela vem a você. Ela lhe é revelada.

Você está sempre identificado com a superfície, e a resposta vem do interior. Você não conhece seu próprio interior — eis porque sente que é Deus que está respondendo, que o mestre quem está respondendo.

De certo modo, você está certo — porque, quando a resposta vem do seu interior, está vindo do mestre.

Os hindus têm dito sempre que seu verdadeiro mestre está dentro de você. E o mestre do lado de fora está apenas tentando trazer seu mestre interior à tona. Tentando fazer seu mestre interior funcionar. Sempre que o seu mestre interior começa a funcionar, o trabalho do mestre exterior está feito. O exterior é apenas um representante do interior.

Eu sou seu interior. Uma vez que seu interior começa a funcionar, eu não sou mais necessário. Quando eu sinto que o seu interior começou a lhe dar respostas, paro de respondê-las. Todas as minhas respostas, na verdade, não dizem respeito às perguntas. Todas as minhas respostas, dizem respeito à criação da resposta no seu interior. Assim, quando o interior começa a falar com você, sua própria consciência se torna seu mestre.

Seja mais meditativo. Seja mais silencioso. Permita que a quietude cada vez mais o penetre.

## A mente é um distúrbio

**O** que deve ser feito? Como ser mais meditativo?

Em certo sentido, nada pode ser feito diretamente, porque seja lá o que for que você faça diretamente, a mente intervirá. Se você tentar ser silencioso, não conseguirá, porque a mente o estará tentando. Sempre que a mente existe, a perturbação existe. A mente é o distúrbio, a mente é o barulho.

Então, se você tentar ser silencioso, a mente estará tentando ser silenciosa. E você criará mais ruído — nesse momento, o barulho estará relacionado ao silêncio. Você tentará, pensará, fará isto e aquilo, e ficará cada vez mais desconfortável.

Nada pode ser feito sobre o silêncio, o silêncio já está aí. É preciso apenas permiti-lo.

É exatamente como a luz do sol: suas janelas estão fechadas — você não pode trazer a luz do sol para dentro da sua casa em pacotes, em

baldes. É impossível fazer isso! Se você tentar, você será tolice — mas muitos estão tentando. Simplesmente abra as janelas, abra as portas. Permita que a brisa sopra. Permita que os raios entrem. Convide e espere.

Você não pode forçar. Sempre que você forçar, as coisas ficam feias. Se um homem força a si mesmo a ser silencioso, seu silêncio é feio, torturado, forçado, artificial, fica apenas na superfície. No fundo, ele continua tumultuado.

Assim, o que deve ser feito? Abra sua mente e aguarde. Olhe para as árvores, olhe para os papagaios tagarelando. Ouça-os — não faça nada. Seja lá o que for que estiver acontecendo ao seu redor, seja apenas uma atenção passiva. A luz sobre a água, o rio fluindo, o barulho, as crianças brincando, rindo, rindo à toa — simplesmente esteja aí, uma presença passiva, aberto, ouvindo, vendo, sem pensar.

Os pássaros estão nas árvores, fazendo barulho, cantando... Apenas ouça. Não pense. Não crie uma segunda série em sua mente sobre o que está acontecendo. — apenas deixe acontecer. E mais cedo ou mais tarde sentirá que a mente desapareceu e um silêncio chegou a você. Ele será realmente sentido descendo sobre você, penetrando por todos os poros do seu corpo, atingindo cada vez mais o seu interior.

No início, será apenas por momentos, porque você está tão acostumado a pensar, tão viciado em pensar — como um homem viciado em álcool ou alguma droga — que terá vislumbres apenas por alguns momentos — e novamente começará a pensar. Começará a pensar sobre esse silêncio que está descendo sobre você. Começará a pensar: Oh, este é o silêncio sobre o qual o mestre sempre falou — e o destruirá. Ou começará a pensar: Este é o silêncio que os Upanishads indicam como a meta a ser alcançada, este é o silêncio sobre o qual os poetas têm falado, o silêncio que ultrapassa o entendimento — e o perderá.

Os poetas entraram, os mestres entraram, os Upanishads vieram... Mas você falhou, você o perdeu. Agora, está novamente perturbado. Agora, não é uma passividade, não é uma atenção. Agora, aqueles pássaros cantando não existem mais para você. Sua mente entrou. Agora, aquelas bonitas árvores desapareceram. O sol não está mais no céu e as nuvens não mais flutuam. Você não está mais aberto, está fechado, suas janelas fecharam-se, suas portas fecharam-se.

O Pensamento, o pensar, é o caminho para fechar a mente. Não pensar, ficar sem nenhum pensamento, é o caminho para abri-lo. Sempre que você não estiver pensando, estará aberto; sempre que estiver pensando, um muro será levantado. Cada pensamento torna-se um tijolo e todo o processo do pensamento torna-se um muro. Então você fica escondido atrás do muro, chorando e se lamentando: porque o sol não está vindo para você? Não é o sol — é você quem está criando muros ao seu redor.

Seja mais meditativo. Sempre que tiver qualquer oportunidade, qualquer espaço, qualquer tempo, permita que as coisas aconteçam ao seu redor. Olhe profundamente, atentamente, mas não seja ativo — porque atividade significa pensamento. Sente-se calmamente, permita que as coisas aconteçam, e tornar-se-á silencioso.

Então, virá a saber que o silêncio não é uma qualidade da mente. A mente não pode ser silenciosa. O silêncio é uma qualidade da sua alma interior, do seu ser interior. Ele está sempre presente, mas por causa da tagarelice, da constante tagarelice da mente, é que você não pode ouvi-lo. Sempre que você fica passivo, sem pensar, torna-se consciente dele. Então, fica desocupado. Nesse momento de desocupação, o estado meditativo acontece.

Portanto, seja qual for a situação — mesmo sentado em um mercado — não pense que o canto dos pássaros é uma necessidade, não é! Porque o zunido de um mercado é tão bonito quanto o zumbido dos pássaros. Mesmo com as pessoas exercendo o seu trabalho, falando, conversando, fazendo barulho por todos os lados, apenas sente-se aí, passivamente.

Lembre-se este passivo palavra — passividade —, e de uma outra — atenção. A atenção passiva é a chave.

Permaneça passivo — Não faça nada, apenas ouça. E ouvir não é um fazer. Não é preciso fazer nada para ouvir alguma coisa — seus ouvidos estão sempre abertos. Para olhar é preciso abrir os olhos — pelo menos isto tem que ser feito. Para ouvir, nem mesmo isso é necessário — os ouvidos estão sempre abertos, você está sempre ouvindo. Não faça nada e ouça.

E não critique, porque com crítica, os pensamentos começam. Uma criança está chorando. Não diga por dentro: por que ela está

chorando? Duas pessoas estão brigando. Não diga por dentro: Por que elas estão brigando? Devo ir lá e fazer alguma coisa para que não briguem? Não, não diga nada. Apenas ouça o que está acontecendo. Apenas esteja com o que está acontecendo — e, de repente, haverá um silêncio.

## Brinquedos de adultos

**E**ste silêncio será totalmente diferente do silêncio que pode ser criado. Você pode criar o silêncio — pode sentar-se em sua casa, fechar as portas, pegar um rosário, uma "mala", e ficar girando suas contas. Um silêncio virá a você, mas esse não será o verdadeiro silêncio. Será assim como o de uma criança que recebeu um brinquedo para se entreter. A criança começa a brincar e fica absorvida pelo brinquedo — então não faz travessuras.

É por isso que os pais usam o brinquedo como truque, para tornar as crianças menos travessas. Elas se sentam num canto e ficam brincando, e os pais podem continuar com seu próprio trabalho sem que a criança fique incomodando o tempo todo. Mas a criança não transcendeu a travessura — sua travessura foi direcionada para o brinquedo, apenas isto. A travessura continua existindo, a criança continua existindo. Mais cedo ou mais tarde, ela ficará farta do brinquedo. Entediada, ela o jogará num canto fora e a travessura voltará.

Os rosários são brinquedos para velhos. Assim como você dá um brinquedo a uma criança, as crianças dão rosários aos velhos — a fim de que eles não fiquem traquinas. Eles sentam-se em um canto e vão girando o rosário. Mas eles também ficam fartos, ficam absorvidos, mas também se aborrecem — por isto, continuam trocando de rosário. Vão a outro mestre e pedem outro mantra, porque o antigo não está mais funcionando. Funcionava no início, eles dizem,.

Muitas pessoas vêm a mim e dizem: Nós estávamos fazendo um mantra; no início, foi útil, mas agora não ajuda mais. Agora, não sentimos nada, tornou-se uma tarefa chata. Fazemos isso como um dever,



mas o amor desapareceu. Se não o fizermos, sentimos que perdemos alguma coisa, se o fizermos, não ganhamos nada.

Isto é o que significa o vício: se você o faz, nada é ganho, se não o faz, sente que perdeu alguma coisa. Isto é o que um fumante sente. Se ele fuma, sabe que não ganha nada. Ele está fazendo algo bobo, uma coisa simplesmente estúpida — aspirando a fumaça e jogando-a fora. Mas isso, também, funciona como um rosário. Você aspira a fumaça, e então a expira. Inspira, expira, inspira, expira — torna-se um rosário; você continua girando contas. Você pode fazer disso um mantra. Quando inalar a fumaça, diga, por exemplo: Ram; quando exalar, diga: Ram. Isto se tornará um rosário!

Qualquer coisa que você possa repetir continuamente torna-se um mantra. Mantra significa repetição de uma certa palavra, de um certo som, de qualquer coisa. Um mantra ajuda a mente a ficar absorvida — é um brinquedo. Por alguns poucos momentos você se sente bem porque a traquinagem parou, e fica tão absorto que a mente não pode funcionar. Este é um silêncio forçado. É patológico, não é bom. Ele é negativo, não é positivo. Este silêncio é como o silêncio que acontece em um cemitério — o silêncio da morte.

Mas o silêncio sobre o qual estou falando é totalmente, qualitativamente diferente. Não é uma distração da travessura, não é uma ocupação forçada, não é um mantra hipnótico. É um silêncio que acontece para você quando está passivo e alerta, sem fazer nada, sem nem mesmo mover o seu rosário — totalmente passivo, mas alerta.

Lembre-se, porque a passividade pode tornar-se sonolenta. Eis porque enfatizo a palavra "alerta", porque você pode estar passivo e cair no sono. O sono não é meditação. Uma qualidade do sono, a passividade estará presente, e uma qualidade do estado desperto também estará presente — a atenção. Relaxando como se estivesse dormindo, esteja alerta como se estivesse acordado.

Uma qualidade do sono que não deve entrar é a inconsciência. Ela não deve estar presente, porque a meditação não pode ser inconsciente. E uma coisa que não deve ser tomada do estado desperto é a ocupação; porque, se você estiver ocupado, a mente estará trabalhando, e você estará enclausurado nos pensamentos.

O estado desperto tem duas propriedades: atenção e ocupação. O sono também tem duas propriedades: passividade e inconsciência. Tome uma propriedade do estado desperto e uma do sono: passividade e atenção — e estará meditando. Se você tomar os outros dois ingredientes restantes ficará louco. Estes dois ingredientes, ocupação e inconsciência, formam a loucura, tornam o homem louco. A passividade e a atenção tornam o homem meditativo, búdico.

Você tem todos os quatro ingredientes. Misture dois e ficará louco. Misture os outros dois e você se tornará meditativo.

## Busque e você perderá

**E** lembre-se sempre disto: eu digo sempre e sempre que o silêncio, essa bênção que o penetra quando você está aberto, não é algo a ser feito por você. É um deixar acontecer. É um acontecimento. Ele vem a você.

As pessoas vêm a mim e dizem: Estamos buscando Deus — como alcançá-lo? E eu lhes digo: Você não pode alcançá-lo, não pode buscá-lo — porque não o conhecem. Como reconhecerão que ele é Deus? Vocês não o conhecem. Como caminharão? Como escolherão o caminho? Vocês não o conhecem.

Como podem decidir se esta é a Sua casa, se esta é a Sua morada? Não, não podem — não podem procurar pelo divino. E não há nenhuma necessidade! Porque o divino está sempre perto de você, dentro de você. Sempre que você O permite, Ele o procura, Ele o encontra.

Deus está à sua procura. Deus sempre esteve à sua procura. Nenhuma busca da sua parte é necessária. Procure, e falhará. Não procure! Simplesmente permaneça passivo e alerta. Assim, quando ele vier, você estará aberto.

Muitas vezes, ele vem e bate à sua porta, mas você está profundamente adormecido — e mesmo quando ouve a batida interpreta-a do seu próprio jeito. Você pensa: É apenas o vento soprando rápido e fortemente. Ou pensa: algum estranho deve ter batido, mas irá embora por si mesmo, não há necessidade de perturbar meu sono.

Suas interpretações são seus inimigos, e vocês são grandes intérpretes. Aconteça o que acontecer, você imediatamente interpreta, sua mente começa a funcionar e explicar, e você muda tudo imediatamente. Troca a cor, dá a ela um significado diferente, que nunca existiu. Projeta a si mesmo nisso. E destroem o acontecimento.

A realidade não precisa de nenhuma interpretação. A verdade não precisa de nenhum pensamento a seu respeito. Ninguém atinge a verdade por meio do pensamento. Eis porque toda filosofia é falsa. Está fadada a ser falsa — nenhuma filosofia pode ser verdadeira. Os filósofos continuam lutando, continuam batalhando para provar que sua filosofia é verdadeira. Nenhuma filosofia pode ser verdadeira — a verdade não precisa de filosofias. Filosofar significa pensar sobre, racionalizar; filosofia significa interpretar o fato.

A religião diz: Tudo o que existe, permita que aconteça. O máximo que você pode fazer é, por favor, não perturbar. Apenas permita que aconteça.

Permaneça alerta e passivo e não terá necessidade alguma de vir a mim — eu irei até você. Muitas vezes eu já o encontrei quando estava silencioso. Então, isto não é uma teoria: muitos de vocês sabem disto por experiência, mas até isto interpretam.

As pessoas vêm a mim e dizem: Esta manhã, meditando, de repente o senti, mas achei que era uma projeção da minha mente. Ou dizem: Ontem à noite, de repente, senti uma presença, fiquei alerta, e então achei que devia ser alguém passando por ali, ou apenas o vento entrando no quarto e agitando os papéis, ou apenas um gato passando.

Portanto, qualquer coisa que eu diga, muitos de vocês já sentiram. Eis porque estou dizendo; se não fosse assim, eu não diria.

Não interprete. Quando sentir a presença, permita que aconteça. Se você permitir que aconteça, ela se materializará cada vez mais. É possível que eu esteja lá, tão real quanto estou aqui, algumas vezes até mais — porque isto depende de você, de quanta realidade você permita que aconteça. E suas perguntas serão respondidas.

Seja mais meditativo e estará mais perto de mim. E quando estiver totalmente meditativo, você estará em mim. Então, não haverá nenhuma diferença.

# Existe apenas uma resposta

**U**ma coisa mais: quanto mais você meditar, menos perguntas fará. As perguntas desaparecerão! Porque pertencem ao estado da mente não-meditativa. Quando você não está meditativo, elas surgem cada vez mais.

Uma pergunta é respondida e mais dez surgem da resposta.

A mente tem uma força enorme para criar perguntas. Ela continua criando perguntas. Você dá uma resposta e a mente salta sobre ela, derruba-a, e cria mais dez perguntas. Se você estiver meditativo, cada vez menos as perguntas estarão presentes.

Isto lhe parecerá paradoxal, mas é verdade, eu tenho que lhe dizer: Quando existem perguntas, não há respostas. Quando não existem perguntas, as respostas estão presentes. A resposta só vem quando você não está questionando. O não-questionamento acontece pela meditação.

E não pense que existem tantas respostas como existem as perguntas. Não, existe apenas uma resposta. As perguntas são milhões — mas a resposta é uma só. As doenças são milhões — a medicina é uma só. Apenas uma, e tudo é resolvido. Mas essa resposta única não pode vir a você, porque você não permite que venha.

Você tem muito medo de permitir que algo aconteça. Isto tem de ser aprendido. Esta é a única disciplina que eu quero que você aprenda: perca seu medo, abandone o seu medo, e permita que as coisas aconteçam.

O rio está fluindo — não o force! Não há necessidade, ele flui por si mesmo. Simplesmente espere na margem e deixe que flua. Se você for suficientemente corajoso, abandonará a si mesmo no rio e fluirá com ele. Não nade, porque nadar significa lutar — apenas flutue.

É claro que então você não poderá seguir nenhuma meta, porque sua meta e a do rio podem não coincidir — Então haverá frustração.

Você pode seguir uma meta se estiver nadando, lutando, então estará nadando contra a corrente — e haverá uma grande luta. Quando você luta, seu ego é fortalecido, você se sente vivo contra o rio. Mas essa vitalidade é momentânea, mais cedo ou mais tarde você estará cansado. Mais cedo ou mais tarde você estará morto, e o rio o levará.

Nas margens do Ganges, os moradores trazem seus mortos e largam-nos no rio. Mas depois de morto, abandoná-lo no rio é inútil — porque morto, você flutuará com o rio, mas então não haverá sentido, porque você não existirá mais. O que estou fazendo é largando-o vivo no Ganges.

Se você puder fluir vivo, consciente, totalmente desperto, tornar-se-á um com o rio. E onde quer que o rio chegue, este será seu destino, sua meta. Na verdade, então você não estará interessado em onde chegará. Cada momento, o próprio fluxo tornar-se-á um êxtase. Cada momento, cada fluxo, a própria vida tornar-se-á a meta — cada momento será a meta. O meio tornar-se-á o fim, o momentâneo tornar-se-á o eterno.

## Meu corpo pode desaparecer a qualquer momento

**S**im, você tem que seguir o mestre totalmente... Haverá momentos em que não poderá consultá-lo fisicamente. E cedo ou tarde, o mestre desaparecerá do corpo. Então, não haverá nenhuma possibilidade de consultá-lo fisicamente. É melhor ficar em sintonia com ele não fisicamente, do contrário, ficará chorando e se lamentando.

Meu corpo pode desaparecer a qualquer momento! Agora, não existe de fato nenhuma necessidade de conservá-lo — ele está sendo conservado por você. Se você não ficar em sintonia com a minha existência não-física, mais cedo ou mais tarde ficará muito deprimido e triste, muita angústia estará presente. E então será muito difícil estar em sintonia comigo não-fisicamente.

Por isto, estou abandonando o contato físico com vocês cada vez mais — apenas para torná-los alertas e conscientes de que têm de estar em sintonia não-fisicamente. E de que podem estar sintonizados. Não é difícil. Seja mais meditativo e começará a acontecer.

# Homem e mulher: meditação e amor

**Bhagwan,**

**Temos algumas perguntas sobre a Energia Feminina.**

**Algumas mulheres dizem que desde que o encontraram, um homem mortal não é mais capaz de satisfazê-las, embora seus desejos físicos continuem. Outras dizem que desde que o encontraram, Sentem-se mais amorosas.**

**Conta-se que Gurdjieff disse que uma mulher não pode alcançar a iluminação a não ser através de um homem.**

**Você poderia nos falar algo sobre a Energia Feminina?**

**S**im, Gurdjieff disse que uma mulher não pode alcançar a iluminação a não ser através de um homem — e ele está certo. Ele está certo, porque a energia feminina difere da energia masculina.

É assim como se alguém dissesse que apenas a mulher pode dar à luz uma criança. Um homem não pode dar à luz uma criança — ele só pode dar origem a uma criança através de uma mulher. A estrutura física da mulher contém um útero — ele só pode ter um filho através da mulher.

E o mesmo acontece, na ordem inversa, com o nascimento espiritual: uma mulher só pode se iluminar através de um homem. A energia espiritual delas também é diferente, assim como a parte física. Por quê? Por que isto é assim?

Lembre-se, esta não é uma questão de igualdade ou desigualdade — é uma questão de diferenças. As mulheres não são inferiores aos homens, porque não podem alcançar diretamente, o homem não são inferiores às mulheres porque não podem dar origem a uma criança diretamente. Eles são diferentes. Não é uma questão de igualdade ou desigualdade, não é uma questão de avaliação. Eles são simplesmente diferentes, e isto é um fato.

Por que é difícil para a mulher alcançar a iluminação diretamente? E por que o homem pode chegar à iluminação diretamente?

Existem dois caminhos, apenas dois, basicamente só dois, que levam à iluminação. Um é a meditação e o outro é o amor. Você pode chamá-los *Gyana Yoga* e *Bhakti Yoga* — o caminho da sabedoria e o caminho da devoção. Os caminhos básicos são apenas dois.

No amor, o outro é necessário; a meditação pode ser feita a sós. O homem pode alcançar pela meditação — eis porque pode atingir diretamente. Ele pode ser só. No fundo, ele é só. A solidão vem naturalmente para o homem. Para uma mulher, estar sozinha é difícil, muito difícil, quase impossível. Todo seu ser é uma urgência profunda de amar, e para amar, o outro é necessário. Como você pode amar se o outro não estiver presente? Mas é possível meditar sem o outro — não há nenhum problema.

A mulher, a energia feminina, alcança o estado meditativo através do amor; e a energia masculina chega ao amor através da meditação. Um Buda torna-se uma grande força amorosa — mas através da meditação.

Quando Buda voltou ao seu palácio, sua esposa estava muito zangada, naturalmente, porque por doze anos ele não havia aparecido. Uma noite, ele simplesmente desapareceu, sem nem mesmo dizer alguma coisa a ela. Enquanto ela estava dormindo, ele fugiu como um covarde.

A esposa de Buda, Yashodhara, teria dado permissão a ele. Ela era uma mulher muito corajosa. Se Buda tivesse pedido, ela teria dado permissão a ele, não haveria nenhum problema, mas Buda não pôde perguntar. Ele tinha medo de que algo pudesse sair errado, ela poderia começar a chorar ou alguma coisa assim. Mas o medo não era por causa dela — no fundo, o medo estava nele mesmo. Ele tinha medo de que fosse difícil para ele abandonar Yashodhara chorando e se lamentando. O medo sempre é da própria pessoa. Seria muito cruel e ele não podia ser tão cruel — era melhor fugir enquanto sua esposa estava dormindo. Assim, ele fugiu, e após doze anos, ele voltou.

Yashodhara fez muitas perguntas. Uma delas foi: Diga-me, seja lá o que for que você tem alcançado lá, não poderia ter alcançado aqui, vivendo comigo? Agora que alcançou, você pode me dizer.

Dizem que Buda permaneceu em silêncio. Mas eu respondo: Buda não poderia ter alcançado — porque um homem que ama profundamente... ele estava profundamente apaixonada por Yashodhara. Era um relacionamento muito íntimo. Se ele não tivesse nenhum

relacionamento com Yashodhara, se ela fosse simplesmente uma esposa hindu, sem nenhum relacionamento amoroso, então Buda poderia ter conseguido, mesmo vivendo com ela. Não haveria realmente nenhum problema. O outro estaria na periferia, não relacionado. Se você não estiver relacionado, o outro não existe – há apenas uma presença física, movendo-se no limite.

Mas Buda estava amando profundamente. E é difícil para um homem alcançar a meditação quando está apaixonado — este é o problema. Muito difícil, porque quando ele está apaixonado, sempre que se senta silenciosamente, a mulher surge em sua mente; todo o seu ser começa a se mover em torno dela. Esse era o medo, foi por isso que Buda fugiu. Ninguém falou sobre isso antes, mas Buda fugiu da sua casa, da sua esposa, do seu filho, porque amava de verdade. Se você ama uma pessoa, pode esquecê-la quando está ocupado, mas quando está desocupado, ela vem imediatamente à memória. E então não há brecha alguma para o divino entrar.

Quando você está ocupado, trabalhando numa loja, ou... quando Buda estava em seu trono, cuidando dos assuntos do reino, tudo estava bem — ele podia esquecer Yashodhara. Mas sempre que não estava ocupado, Yashodhara surgia e a brecha era preenchida por ela, e não sobrava passagem para o divino entrar.

O homem não pode alcançar o divino através do amor. Sua energia é totalmente diferente da energia feminina. Primeiro, ele deve alcançar a meditação, então o amor acontece! Então, não há nenhum problema. Primeiro ele deve chegar ao divino, então a amada também se torna divina.

Depois de doze anos, Buda voltou. Nesse momento, não havia nenhum problema — Deus estava em Yashodhara. Antes, Yashodhara era demais, e o encontro com Deus era difícil. Agora, Deus estava presente, nenhum espaço havia sobrado para Yashodhara.

Exatamente o oposto acontece para uma mulher. Ela não pode meditar, porque todo o seu ser é um impulso para o outro. Ela não pode estar só. Sempre que está só, sente-se na miséria. Assim, se você disser: Estar só é felicidade, estar só é êxtase — uma mulher não poderá entender. Esta ênfase em estar só existiu por todo o mundo, porque quase todos os buscadores são homens — Buda, Mahavir, Jesus, Maomé!



Eles todos estavam na solidão, e só alcançaram na solidão. Eles criaram o ambiente.

Uma mulher, quando só, se sente angustiada. Se há um amante, mesmo em sua mente, ela fica feliz. Se ama alguém, ou é amada por alguém — se o amor existe em torno da mulher, ela o nutre. Ele é um alimento, uma nutrição sutil. Sempre que uma mulher sente que o amor não está presente, simplesmente fica faminta, sufocando; todo o seu ser se contrai. Assim, uma mulher nunca pensará que a solidão pode ser feliz.

A energia feminina criou o caminho do amor e da devoção. Até mesmo um amante divino funciona — não há necessidade de encontrar um amante físico. Krishna funciona para Meera, não há problema — porque para Meera, o outro está existindo. Ele pode não estar lá, Krishna pode ser apenas um mito, mas para Meera ele vive, o outro existe — e Meera fica feliz. Ela pode dançar, pode cantar, e ser alimentada.

A própria idéia, a noção, o sentimento de que o outro existe e o amor acontece, a mulher sente-se realizada. Ela fica feliz, viva. Apenas pelo amor ela chega ao ponto em que o amante e a amada se tornar um. Então, a meditação acontece.

Para a energia feminina, a meditação acontece apenas na imersão mais profunda do amor. Então, ela pode estar só — não há problema, porque nunca mais estará só. O amado fundiu-se — está dentro agora. Meera, Radha ou Teresa, todas elas alcançaram através do amado — Krishna, Jesus. Isto é o que eu sinto: que sempre que um seguidor vem a mim, está interessado em meditação; e sempre que uma seguidora vem a mim, está interessada em amor. Ela pode ficar interessada em meditação, se eu disser que o amor acontecerá através disso. Mas seu desejo profundo é de amor. O amor é Deus para a mulher.

Esta diferença tem de ser entendida, profundamente compreendida, porque tudo depende disso — e Gurdjieff é certo.

A energia feminina amará, e através do amor seu estado meditativo, o *samadhi* florescerá. O *satori* virá, mas nas raízes mais profundas estará o amor — o *satori* vai ser a flor. Para a energia masculina, o *satori* estará nas raízes, o *samadhi* estará nas raízes, a meditação estará nas raízes, e então o amor florescerá. Mas o amor será um florescimento.

# O supremo orgasmo

Quando uma seguidora vem a mim, acaba acontecendo: ela começa a sentir mais amor, mas então, o padrão físico torna-se menos satisfatório. Sempre que há um amor profundo, o padrão físico torna-se insatisfatório, porque o padrão físico pode satisfazer apenas a periferia, não pode preencher o centro.

É por isso que, nos países antigos como a Índia, nunca permitimos o amor — só permitimos os casamentos arranjados. Porque uma vez que o amor é permitido, o padrão físico acaba sendo insatisfatório mais cedo ou mais tarde, e então há frustração.

Atualmente, todo o Ocidente está perturbado. Agora, não há nenhuma satisfação, de modo algum. Uma vez que você permite o amor, o homem comum não pode satisfazê-lo. Ele pode satisfazer o sexo, pode satisfazer o superficial, mas não pode satisfazer o íntimo, o interior. Uma vez que o interior começou a funcionar, uma vez que você mexeu no interior, apenas Deus pode satisfazê-lo — ninguém mais.

Assim, quando as mulheres vêm a mim, o interior delas é chocado. Elas começam a sentir um novo impulso, um novo amor surgindo. Mas então seus maridos, namorados, parceiros, não são mais capazes de satisfazê-las. Agora, só podem ser satisfeitas por uma qualidade de ser muito superior. Isto acaba sendo assim.

Portanto, seu namorado, seu marido, terá que se tornar mais meditativo, terá que criar qualidades mais altas de ser... só assim ele poderá satisfazê-la. Do contrário, a relação será rompida — a ponte não poderá permanecer. Você terá de encontrar um novo amigo. Ou, se for impossível encontrar um novo amigo — como deve ter sido para Meera — então você terá de amar o divino. Terá de esquecer a parte física — agora, ela não é mais para você.

O mesmo acontece com os homens, de uma maneira diferente. Quando eles vêm a mim, tornam-se mais meditativos. Quando se tornam mais meditativos, a ponte entre eles e suas antigas parceiras é rompida, fica abalada. Então, sua namorada ou esposa tem de crescer, do contrário, o relacionamento será arruinado, não poderá ser mantido.

Lembre-se disto, que todos os nossos relacionamentos, os assim chamados relacionamentos, são ajustamentos. Se um muda, o ajustamento é rompido — para melhor ou para pior, este não é o ponto. As pessoas vêm a mim e dizem: Se a meditação traz qualidades superiores, então por que o relacionamento é rompido? Esta não é a questão. A relação foi um ajuste entre duas pessoas como elas eram. Agora, um mudou, o outro tem de crescer junto, caso contrário haverá dificuldades, as coisas tornar-se-ão falsas.

Sempre que um homem vem aqui, torna-se mais meditativo. Quanto mais meditativo ele estiver, mais desejará estar só. A esposa, a namorada ficará perturbada por isto. Se ela não for compreensiva, começará a criar dificuldades — o homem quer estar mais só. Se ela for compreensiva, então não haverá problemas, mas essa compreensão só pode vir a ela se seu amor crescer. Se ela se sentir mais amorosa, poderá permitir que seu amado fique só, solitário, e protegerá a sua solidão. Ela tentará fazer com que ele não seja perturbado — este será o seu amor então.

E se esse homem sentir... se Buda sentir que Yashodhara está protegendo, salvaguardando, vendo, cuidando, para que sua meditação não seja perturbada, para que seu silêncio seja auxiliado, então não terá necessidade de fugir desta Yashodhara. Mas isso só acontecerá se o amor de Yashodhara crescer.

Quando a meditação do homem está crescendo, o amor da mulher deve crescer. Só então eles podem manter-se em paz. Uma harmonia mais alta surge e continua, cada vez mais alta. E um momento virá em que o homem estará totalmente em meditação e a mulher totalmente no amor. Só então o perfeito encontro, o verdadeiro, o supremo orgasmo entre duas pessoas acontecerá. Não físico, não sexual — total! As duas existências encontram-se uma na outra, dissolvem-se.

O amado torna-se a porta, a amada torna-se a porta, e ambos chegam ao um.

Assim, seja quem for que venha a mim, deve vir perfeitamente consciente de que é perigoso estar perto de mim. Seus velhos ajustamentos serão perturbados — e eu não posso ajudar. E não estou aqui para colaborar com seus ajustamentos. Isto é algo para vocês decidirem.

Posso ajudá-los a crescer — crescer em meditação, crescer em amor. Para mim, ambas as palavras significam a mesma coisa, porque ambas chegam ao mesmo fim.

---

**Décima quarta manhã**  
23 de maio de 1974.

---

Ambos são necessários.

**Bhagwan,**

**Você disse que todas as crianças nascem como um Deus, Contudo, meus dois filhos são bastante diferentes desde que nasceram. Um é sereno e muito bonito, mas a outra já parecia perturbada antes mesmo de ser influenciada por qualquer condicionamento. Como devo lidar com esta criança difícil?**

**I**sto levanta uma questão básica. A própria existência em si é divina — de onde vem então o demônio? De onde vem o mal, o imoral, o inaceitável?

O bom está certo, porque nós fizemos dele sinônimo

de Deus — bom significa Deus. Mas de onde vem o mal? Isso tem intrigado a humanidade há séculos. Por mais que voltemos atrás, este problema sempre existiu na mente humana.

A solução lógica, a solução que a mente pode dar, é dividir a existência, criar uma dualidade, é dizer que existe Deus, aquele que é bom, e existe o diabo, o demônio, Belzebu, Satanás, aquele que é ruim.

A mente pensa que o problema está resolvido — tudo o que é mal vem do diabo, e tudo o que é bom vem de Deus. Mas o problema não está resolvido, só foi um pouco afastado. O problema permanece o mesmo. Você o afastou um passo, mas não resolveu nada — então, de onde vem o diabo? Se Deus é o criador, então deve ter criado o diabo em primeiro lugar, bem no princípio — ou, Deus não é o supremo criador.

O demônio sempre existiu como o inimigo, como a força antagonista — então ambos são eternos. Se o demônio não foi criado, não pode ser destruído, de modo que o conflito continuará eternamente. Deus não pode vencer — o demônio estará sempre causando distúrbios.

Isto não é problema para a teologia cristã, ou para a teologia muçulmana ou zoroastriana, porque todas estas três teologias seguiram a solução simples sugerida pela mente. Mas a mente não pode solucionar isto.

Há uma outra possibilidade que não vem da mente e será difícil que a mente a entenda. Essa possibilidade surgiu no Oriente, particularmente na Índia, essa possibilidade é: não há nenhum demônio, não há dualidade básica — só Deus existe, não há nenhuma outra força.

É isto que significa *Advait*, a filosofia não-dual: só Deus existe. Mas nós vemos que o mal existe.

Os hindus dizem que o mal existe na sua interpretação, não em si mesmo. Você o chama de mal, porque não pode compreendê-lo, ou porque está perturbado por ele. É a sua atitude que o faz parecer mal. Não há nenhum mal. O mal não pode existir. Só Deus existe, só o divino existe.

Agora considerarei o seu problema neste contexto: duas crianças nasceram — uma é boa e a outra é má. Por que você chama uma de boa? E por que diz que a outra é má? A realidade é essa mesmo ou é apenas uma interpretação sua?

Qual é a criança boa — e por quê? Se ela é obediente, é boa, se é desobediente, é má. A que o segue é boa, a que resiste é má. Tudo o que você diz, uma delas aceita: Se você disser: Sente-se silenciosamente — ela se senta. Mas a outra tenta desobedecer, tenta rebelar-se — esta é má. Esta é a sua interpretação. Você não está dizendo nada sobre as crianças, está dizendo algo sobre sua mente.

Porque a obediente é a boa? Na verdade, os obedientes nunca são brilhantes, nunca são muito radiantes, geralmente são insípidos. Nenhuma criança obediente tem sido um grande cientista ou um grande religioso, ou um grande poeta — nenhuma criança que seja obediente. Só os desobedientes se tornam grandes inventores, grandes criadores, só os rebeldes transcendem o velho, chegam ao novo e penetram no desconhecido.

Mas para o ego dos pais, o obediente é considerado bom — porque isso ajuda o ego. Quando a criança o segue, seja lá no que for que diga, você se sente bem; quando a criança resiste e nega você, você se sente mal.

Mas uma criança realmente viva será rebelde. Por que deveria segui-lo? Quem é você? E por que ela deveria obedecê-lo? Só porque é o pai? O que você faz para ser um pai? Você é apenas uma passagem — e isto também é bastante inconsciente.

O seu sexo não é um ato consciente — você é empurrado por forças inconscientes para dentro dele. A criança foi só um acidente: não era uma expectativa sua, você nunca esteve conscientemente atento a quem estava convidando para vir. A criança chegou de repente como um estranho. Você assumiu a paternidade, mas não é o pai.

Quando eu digo que você assumiu a paternidade, é uma coisa biológica. Você não era necessário — até uma seringa poderia ter feito isto. Mas você não é o pai porque não está consciente. Não fez um convite, não pediu para que uma alma especial entrasse no ventre de sua esposa, de sua amada. Você não trabalhou para isso.

E quando a criança nasce... o que você faz para isso? Quando diz que a criança deve obedecê-lo, está suficientemente seguro de que sabe a verdade para que ela o siga? Você está suficientemente seguro e certo de que compreendeu alguma coisa que a criança deve seguir?

Você pode forçar a si mesmo sobre a criança porque ela é fraca e você é forte. Esta é a única diferença entre vocês dois. Mas você é tão infantil, tão ignorante — ainda não cresceu, não amadureceu. Sente raiva assim como a criança, Sente ciúmes assim como a criança, e se entretém com os brinquedos exatamente como a criança. — seus brinquedos podem ser diferentes, um pouco maiores, mas só isso. O que é a sua vida? O que você alcançou? Que sabedoria conseguiu para que a criança o siga e diga sim a tudo o que você diz?

Um pai estará consciente disto: não forçará nada sobre a criança. Pelo contrário, permitirá que a criança seja ela mesma, ajudará para que seja ela mesma. Dará liberdade à criança, porque se ele sabe alguma coisa, tem que saber que o interior só cresce através da liberdade. Se ele experimentou qualquer coisa em sua vida, sabe muito bem que a experiência precisa de liberdade — quanto maior a liberdade, mais rica é a experiência. Quanto menor a liberdade... não há possibilidade de experimentar. Se não houver liberdade nenhuma, então você terá experiências emprestadas, imitações, sombras, mas nunca algo real, nunca o autêntico.

Ser pai de uma criança significa dar a ela cada vez mais liberdade, torná-la cada vez mais independente, permitir que se mova no desconhecido — onde você nunca esteve. Ela o transcenderá, estará à sua frente, superará todos os limites que você conheceu. Ela precisa ser auxiliada, mas não forçada, porque se você começar a forçar, estará matando, estará assassinando a criança.

O espírito necessita de liberdade — cresce em liberdade e somente em liberdade. Se você é realmente um pai, sente-se feliz quando a criança é rebelde. Nenhum pai quer matar o espírito da criança.

Mas vocês não são pais. Estão doentes dos seus próprios males. Quando você força uma criança a segui-lo, está simplesmente dizendo que quer dominar alguém. E como você não pode fazer isto no mundo, pelo menos pode dominar, possuir essa pequena criança. Você está sendo um policial para a criança.

Quer satisfazer certos desejos não realizados, através da criança — dominar, ser ditador. Pelo menos pode ser um ditador para a criança, ela é tão fraca, tão jovem e indefesa. E depende tanto de você, que pode



forçá-la a qualquer coisa. Mas, pela força você a estará matando. Não estará fazendo com que ela nasça, estará destruindo-a.

E a criança que obedece parece boa — porque está morta. A que se rebela parece má — porque está viva.

Por termos perdido nossas próprias vidas, somos contra a vida. Por já estarmos mortos, antes que a morte tenha chegado, queremos sempre matar os outros. Sutil são os caminhos. Você pode matar em nome do amor. Você pode matar em nome da compaixão. Você pode matar em nome da manutenção. Encontramos belos nomes — mas no fundo, está sentado o assassino.

## Violência em nome do amor

**C**ompreenda isto, e então não pensará mais nesses termos: que uma criança é boa e a outra é má. Não interprete! Cada pessoa é única, cada ser é diferente. A força divina criativa é tal que nunca se repete.

Portanto, diga somente:, uma criança é diferente da outra. Não diga que uma é boa e a outra é má. Você não sabe o que é bom e o que é ruim. Esta criança é obediente, aquela é desobediente — mas ninguém sabe o que é bom.

E não force. Se esta criança é espontaneamente obediente, então está bem — essa é a sua natureza, ajude-a a crescer. E se a outra é rebelde e desobediente — é a sua natureza, ajude-a a crescer. Permita que uma cresça para ser alguém que diga sim profundamente; e permita que a outra cresça para ser alguém que diga não profundamente. Mas não interprete, porque no momento em que você interpreta, começa a destruir. É a natureza desta dizer sim, e é a natureza da outra dizer não. Ambas são necessárias.

A vida será entediante e insípida se não houver ninguém para dizer não. Se todos dissessem sim, seria absolutamente monótono e estúpido. É necessário alguém que diga não — é o pólo oposto. A obediência terá sentido algum se ninguém for rebelde. Não escolha — simplesmente sinta a diferença e auxilie. E não force a si mesmo sobre ninguém, não seja violento.

Mas todos os pais são violentos, todas as mães são violentas; e você pode ser violento, porque pratica a violência em nome do amor. Ninguém vai criticá-lo se você disser que bate em seu filho porque o ama demais; ama-o tanto que precisa colocá-lo na linha. Você diz que o ama e por isso está tentando colocá-lo na linha — você tem certeza do que está errado e do que está certo? Ninguém tem certeza, ninguém pode ter — pois o fenômeno é tal que uma coisa que é boa neste momento pode ser ruim no momento seguinte; a direção que parece ruim no começo acaba sendo boa no final. A vida é um fluxo — muda a todo momento.

Portanto, o verdadeiro pai ou a verdadeira mãe dará a seus filhos apenas consciência; não moralismos — porque a moral é morta. Você diz: Isso é bom, siga! Mas logo em seguida a coisa torna-se má. E o que se supõe que a criança faça? No momento seguinte sua vida toda estará mudando. Ela está mudando, é uma mudança contínua, e a sua moral é fixa. Se você diz que uma coisa é boa, isso tem que ser seguido. Então você está morto. A vida continua mudando e você permanece rígido em seus moralismos.

É por isso que os religiosos parecem tão idiotas — têm os olhos vazios, superficiais, sem nenhuma profundidade, porque a morte só é possível se você se move com o rio da vida.

O que deveria um pai ou uma mãe dar como presente a seus filhos? Apenas consciência; Fazer com que seus filhos estejam mais alertas. E permitir a liberdade, dizendo: Esteja alerta e mova-se com liberdade. Mesmo que tenha que errar, não tenha medo, porque a vida também aprende com os erros. Também através erros as pessoas tornam-se alertas — por isso não tenha medo. Errar é humano.

E se você errar com atenção só acontecerá uma coisa: não cometerá outra vez o mesmo erro. Uma vez cometido o erro, você o terá experimentado, estará alerta em relação a ele e assim ele desaparecerá. Isto fará com que você se enriqueça e vá adiante, sem sentir medo. Basta lembrar uma coisa, seja lá o que for que você tenha que passar, esteja mais consciente. Se disser sim, diga conscientemente. Se disser não, diga conscientemente.

E não se zangue quando uma criança disser não — quem é você para fixar uma criança? Ela vem através de você, você é apenas uma passagem. Não se torne um ditador — o amor nunca é uma ditadura; e se

you never impose, good and evil will disappear. Then you will love both, your love will be unconditional. And it is like that that the love of God is flowing into the world — unconditionally.

I heard a story... Someone told Junnaid, a Sufi mystic: A man who was very bad came to hear him and you let him get too close. Send him away, he is not a good man.

Junnaid replied: If God is sending him away even though he exists, who am I to do that? If God accepts... I am not superior to Him. God gives life, helps him to stay alive, and this man is still young and new, he will live for a long time, longer than you. So, who am I to decide?

God is pouring out both good and evil. The situation is absolutely clear, crystal clear — for God there is no good or bad. When I say God, I am not referring to someone sitting in some place in the sky. This is an anthropocentric attitude: we imagine God in our own image. There is no one sitting there. God is everywhere, the totality of existence.

A bad man breathes just as much as a good man. A sinner is just as accepted by existence as a saint. Existence does not make any distinction. But, because of dualistic thinking — Christian, Muslim or Zoroastrian — we think in terms of conflict.

Here is a story: There was a city, Sodom, in ancient Israel. The people of that place were very perverse, sexually perverse — they were homosexuals. It is said that God destroyed the city. The whole city was destroyed. A great fire fell on it and everyone was killed.

After many centuries, a holy Hassidic, a Sufi mystic, was consulted: When God destroyed Sodom, should there have been at least some good people in the city — and everyone was killed. The person who was consulted said: We can accept that the bad people were killed because they were bad — but why were the good people?

Look at the cleverness of the mind. The Hassid thought a little and said: He killed the good people so that they would be witnesses that the other people were bad. — It is a cunning trick. It is only to save appearances. The truth is: for God, there are no good or bad.

Quando ele cria, cria a ambos; quando destrói, destrói a ambos — incondicionalmente.

É realmente uma bobagem essa atitude de bom ou mau. Uma pessoa que fuma cigarros torna-se má, pessoa que bebe álcool torna-se má, uma pessoa que se apaixona pela mulher de outro torna-se má. E pensamos que Deus também está lá sentado calculando: Este homem fuma, este homem é um alcoólatra, este outro caiu em adultério, quando eles chegarem aqui, ajustaremos as contas. Isto é uma tolice, Deus não está interessado em coisas tão triviais! É só a nossa mente pequena.

Para a existência, não há nenhuma interpretação e nenhuma divisão. Bem e mal são conceitos humanos, não divinos.

E cada sociedade tem suas próprias concepções de bem e mau: cada época muda e tem conceitos próprios de bom e mau. Não há nenhum absolutismo sobre o bem e o mal. Os dois são relativos — relativos à sociedade, à cultura, a nós mesmos. Deus é absoluto — para ele, não há distinção.

E se você também entrar profundamente na meditação, onde desaparecem os pensamentos, também não haverá distinção — porque o bem e o mal são pensamentos. Quando você está em silêncio, o que é bom e o que é ruim? No momento em que surge idéia: Isso é bom e aquilo é mau, o silêncio é perdido. Na meditação profunda, não há nada — Nem bom, nem mau.

Conta-se que Lao Tzu disse: Uma diferença de cabelo, e o céu e o inferno são postos à parte.

Na mente de um meditador, mesmo que suja uma leve distinção, o mundo inteiro torna-se dividido. Meditação é não-distinção, é nenhuma distinção. Você simplesmente olha, vê o todo e não o divide. Não diz: Isto é feio, aquilo é belo, isto é bom, aquilo é ruim. Não diz nada. Simplesmente está. Não diz nada, não faz qualquer divisão. O não-dual existe.

Na meditação você se torna Deus. As pessoas pensam que ao meditarem verão Deus. Está errado, não há ninguém para se ver. Deus não é um objeto. Na meditação você se torna Deus — porque desaparecem todas as distinções. Na meditação você se unifica com o todo, porque na meditação, você não pode separar-se do todo — todas as divisões caem! Você está tão silencioso que desaparecem todos os

limites. Todos eles são distúrbios. Você está tão silencioso que não há eu e não há tu. Está tão silencioso que todos os limites estão enevoados, desaparecendo... Existe o um, a unidade. É isto que os hindus chamam de *Brahma* — o um, a unidade, a suprema unidade da existência.

É a mente que divide, que faz distinções, diz que isto é isto e aquilo é aquilo. Na meditação existe o estado de ser, indivisível. Quando você está em meditação é Deus. E só em meditação você pode conhecer o amor incondicional.

Se você é um pai, os seus dois filhos serão apenas crianças — estranhos, vindos de um mundo desconhecido, movendo-se numa existência desconhecida, crescendo, amadurecendo. E por amor, você dá a eles, compartilhar com eles a sua vida, as suas experiências — mas nunca força nada. E quando não força, quem então é obediente e quem é desobediente? Quando você não força, como decidir quem é bom e quem é mau?

## Aceite o outro como ele é

**E** por fim chego ao último ponto. Quando você não força, como um pode ser obediente e o outro desobediente? Todo o fenômeno desaparece. Você aceita o outro — o filho, a esposa, o marido, o amigo — como ele é, como um fato. Se pudermos aceitar um ao outro como fato, sem deveres, sem obrigações, sem qualquer bondade ou maldade, neste exato momento a vida tornar-se-á um paraíso.

Nós rejeitamos. Mesmo que aceitemos alguém, aceitamos em parte. Dizemos: os seus olhos são bons, mas todo o resto é só sujeira. Isto é aceitação? Dizemos: Este seu ato é bom, mas todos os outros são maus, não podem ser aceitos. Eu só aceito o que é bom. Isso significa: só aceito aquilo que estiver de acordo comigo.

Vocês não podem saber o quanto estão destruindo uns aos outros, porque sempre que os pais dizem aos filhos: Só aceitamos isto e mais nada; quando uma mulher diz ao marido: só aceito isto em você, e não

aquilo. O que estão fazendo? Criando uma divisão também na mente do outro.

Quando o pai diz: Não faça isso, não aceito aquilo, sinto raiva daquilo outro, quando ele pune a criança, porque ele pensa que ela fez alguma coisa errada — o que está fazendo? Quando ele aprecia a criança, dá a ela um brinquedo, traz flores, doces, e diz: Você fez isto bem, fez uma coisa que eu aprovo — o que está fazendo? Está criando uma divisão na criança. Aos poucos, ela também rejeitará a parte que foi rejeitada pelos pais, e ficará dividida: terá dois eus.

Você já deve ter observado que as crianças pequenas também se punem, também dizem a si mesmas: Bobby, isto não é bom. Você fez uma coisa errada. Começam a rejeitar a parte que foi rejeitada pelos pais. Então a divisão é criada. A parte rejeitada torna-se inconsciente, é a parte reprimida. E a parte aceita torna-se consciente, é a consciência. Então a sua vida toda será um inferno, porque as duas partes estarão sempre lutando. Haverá um tumulto contínuo.

A parte rejeitada não pode ser destruída. É você, ela está aí! Está sempre trabalhando em você — talvez você a tenha colocado no escuro, só isso. Mas quando você põe uma parte sua no escuro ela é reforçada, porque está trabalhando no escuro e não pode ser vista, você não a percebe. Ela se vingará. Sempre que houver um momento de fraqueza e sua parte consciente não estiver tão forte, ele virá á tona. Você pode ser bom durante vinte e três horas, mas por uma hora, quando seu consciente estiver cansado, o inconsciente se afirma.

Portanto, mesmo os santos têm seus momentos de pecador, mesmo os santos têm que abrir mão de suas santidades. Entram em férias — às vezes tem que entrar. Se você encontrar um santo em férias, não fique muito perturbado — todos precisam de férias. Todo mundo se cansa — a menos que seja total. Então não há cansaço porque não há nenhuma outra parte que esteja constantemente lutando, criando problemas, afirmando em si, se vingando.

Por isso, temos duas palavras: santo e sábio. O santo tem sempre o pecador escondido dentro si, o sábio é total. O sábio não entra em férias, porque está sempre em férias. Não há nenhuma parte rejeitada, ele vive totalmente. Move-se como um todo, momento a momento; nunca

rejeita nada. Aceita-se completamente. Mas a rejeição é criada pelos pais, pela sociedade.

Uma criança pequena é sempre um grande descobridor, e é claro que começa por descobrir o seu próprio corpo — que é a existência mais próxima a ela. A criança não pode ir à lua, não pode ir ao Everest, são lugares distantes; um dia talvez vá, mas agora o corpo é o que há de mais próximo. Ela começa a descobri-lo. Toca seu corpo, desfruta de seu corpo.

Veja, observar uma criança pequena tocando os seus pés — ela fica feliz, feliz como você jamais será nem que vá à lua. Ela está descobrindo o seu corpo! Toca os dedos dos pés, sente prazer e os traz até a boca — porque estes são os caminhos de descobrir. Ela prova, cheira, toca.

Mas quando chegam aos seus órgãos sexuais, os pais ficam perturbados. A perturbação está neles e não na criança. Ela não faz qualquer distinção — o dedo do pé ou o órgão sexual são exatamente iguais. Até agora não há divisão em seu corpo. O corpo inteiro está presente: dedos, olhos, nariz, órgãos sexuais, pés, são um fluxo único. Não há nenhuma divisão entre inferior e superior.

Os hindus têm uma divisão; no mundo inteiro, em todas as culturas existem divisões. Os hindus dizem: Nunca toque com a mão direita abaixo do umbigo, porque essa parte é suja. Toque-a com a mão esquerda; toque acima do umbigo com a mão direita. O corpo está dividido, e a divisão penetrou tanto na mente que direito significa bom — dizemos: você é direito — e esquerda significa mau. Assim, quando você quer condenar alguém, basta dizer que ele é um esquerdista, um comunista. A esquerda é má.

Uma criança não sabe o que é direita e o que é esquerda — a criança total, é uma unidade. Não sabe que é inferior e o que é superior — o corpo é um fluxo indivisível.

Ela descobrirá seus órgãos sexuais, e os pais ficarão perturbados. Sempre que uma criança, menino ou menina, toca seu órgão sexual, dizemos imediatamente: Não toque! Tiramos sua mão. A criança leva um choque. Você faz com que ela leve um choque elétrico. E ela não consegue entender o que você está fazendo.

Isto acontece muitas vezes. Você fica martelando dentro da criança que alguma coisa em seu corpo tem que ser rejeitada, que a parte sexual do corpo é má. Psicologicamente, você está criando um complexo. A criança crescerá e jamais conseguirá aceitar seu órgão sexual. E se você não conseguir aceitar o próprio corpo em sua totalidade, terá problemas — porque a criança fará amor, se moverá no ato sexual, mas sentirá culpa... Algo não estará certo. Alguma coisa basicamente errada estará acontecendo. E ela condenará a si mesma.

Fazendo amor, a coisa mais linda que há no mundo, ela fica se condenando e se sentindo culpada. Não pode amar totalmente, não pode mover-se totalmente para dentro do outro, porque não se permite. Metade está se movendo, e metade está sob controle. Isto cria um conflito e o amor torna-se uma miséria.

## Não faça o mesmo com seus filhos

**E** isto acontece em todas as dimensões da vida. Tudo torna-se miserável porque os pais criaram divisões em todas as coisas: isto é bom e aquilo é ruim. É por isso que você é tão miserável — por causa de seus pais, da sociedade. Não faça o mesmo com seus filhos.

Será muito difícil porque você está dividido e gostaria de dividir a criança. É inconsciente! Mas se estiver alerta... Se estiver realmente meditando, ficará alerta. Não crie a mesma esquizofrenia em seus filhos, não divida, não faça separações. Você já sofreu o bastante — não crie o mesmo sofrimento em seus filhos.

Se os ama realmente, não vai os dividir — porque a divisão cria sofrimento. Você auxiliará para que sejam totais, pois a totalidade é sagrada e permite possibilidades de êxtase, abre as portas para o pico da experiência.

Como se pode ajudar uma criança a ser total? Uma coisa: fique alerta para não dividi-la inconscientemente. Não condene nada. Se achar que algo pode ser prejudicial, não diga que é mau — porque se disser



que é prejudicial, estará expondo um fato, mas de disser que é mau, estará atribuindo um valor à coisa.

Os pais têm que dizer muitas coisas aos filhos, porque eles não sabem. Você precisa dizer: Não chegue perto do fogo; mas diga assim: É perigoso. Se você se queimar vai sofrer, mas isso depende de você. É minha experiência que sempre que me queimo, sofro, e estou lhe contando a minha experiência; se você quiser experimentar, tente — É perigoso.

Diga que é prejudicial ou que é benéfico, mas não diga que é bom ou mau. Se você estiver alerta, bom e mau desaparecerão do seu vocabulário — porque com essas palavras você atribui os seus valores às coisas. Diga prejudicial — e mesmo assim permita a liberdade, pois a sua experiência pode não ser a experiência da criança. Ela terá que experimentar por si mesma. Às vezes, mesmo que perigosas, as coisas precisam ser feitas — só então a criança pode crescer. Às vezes, ela precisa cair e se machucar — só então fica sabendo. Ela tem que passar pelas coisas, tem que se machucar e ficar com cicatrizes, esta é a única maneira de crescer.

Se você proteger demais o seu filho, ele não crescerá. Muitas pessoas permanecem infantis, a idade mental delas nunca vai além da infância. Ficam velhas, podem chegar aos setenta anos, mas a idade mental permanece em torno dos sete — porque foram protegidas demais.

Veja as famílias ricas: Os filhos recebem muita proteção e não lhes é permitida qualquer liberdade — de errar, de experimentar, de se desviar, de andar pela rua. Quase sempre há alguém para acompanhá-las — os empregados, o tutor ou a governanta; nunca são deixados sozinhos. Veja o que acontece com eles: quase sempre, as famílias ricas produzem crianças medíocres, estúpidas, bobas. As grandes mentes nunca vieram de famílias ricas — é difícil. Os inovadores nunca vêm delas; os aventureiros nunca vêm delas — não podem vir. As crianças são super-protegidas e não podem crescer.

Para crescer, a desproteção também é necessária; é tão necessária quanto a proteção — ambas são importantes. Olhe para um jardineiro cuidando das plantas: ele as protege, as ajuda, mas assim mesmo dá liberdade para que estejam ao sol, para que estejam na chuva ou nas tempestades. Não as leva para dentro de casa a fim de que fiquem

protegidas dos perigos que sempre existem do lado de fora. Se você levar uma árvore para dentro, ela morrerá. As plantas de estufa são artificiais, e todos nós nos tornamos plantas de estufa por causa de nossos pais super-protetores.

Não proteja as crianças. Não as deixe desenraizadas. Siga-as como uma sombra. Cuide delas, seja carinhoso e crie um equilíbrio — de modo que quando houver muito perigo, você as proteja, mas sempre que sentir que o perigo não é tão grande, permita-o. E permita cada vez mais, à medida que elas crescerem. Quando a criança tornar-se sexualmente madura, dê a ela liberdade total — porque agora a natureza fez dela um homem. Não é mais preciso se preocupar tanto.

Às vezes acontecerão acidentes, mas valerão a pena. Dê uma totalidade à criança. Faça com que ela se contagie com sua consciência. Ame-a, diga-lhe qual é a sua experiência, mas não tente fazer com que ela siga a sua experiência. Não force. Se ela seguir por conta própria, está bem, se não seguir, espere — não há pressa.

É difícil ser um pai ou uma mãe, é a coisa mais difícil do mundo. E as pessoas pensam que é a mais fácil.

Ouvi contar: Uma mulher pegou um táxi para ir do mercado à sua casa, e o motorista era simplesmente louco. Dirigia o carro em ziguezague e a qualquer momento poderia acontecer um acidente. E como corria... a mulher já estava ficando nervosa, quase caindo do banco, dizia muitas vezes: Não vá tão rápido, eu estou com medo. — Mas ele não ouvia. Então ela disse: Ouça! Há doze crianças esperando por mim em casa, se algo acontecer, o que será delas?

O motorista então disse: E é a mim que você diz para estar alerta?

É difícil entender isto. Ele está dizendo: Você trouxe doze crianças ao mundo e não estava alerta — e está me dizendo para que eu fique alerta na direção!

É fácil por muitas crianças no mundo, não há problema nenhum — até os animais fazem isso facilmente. Mas ser mãe é muito difícil, é a coisa mais difícil do mundo. Ser pai é ainda mais difícil — porque ser mãe é natural e ser pai não é tão natural assim. Pai é um fenômeno social. Nós criamos o pai, ele não existe na natureza. Ser pai é ainda mais difícil, porque não existe um instinto natural. E é difícil porque este é o ato mais criativo que há — criar um ser humano.

## Belos faladores do não

**E**steja alerta. Dê mais liberdade. Não faça distinções entre bom e mau; aceite ambos, e faça com que ambos possam crescer. Em breve esta ajuda para que as crianças cresçam tornar-se-á uma profunda meditação para você — você também crescerá com elas. E quando os seus filhos florescerem em alguém que diz sim ou em alguém que diz não... porque também existem belos faladores de não: Nietzsche foi um deles — mas muito belo! O seu gênio para dizer não era um fenômeno tão belo e maravilhoso que o mundo não seria tão rico se não houvessem pessoas como Nietzsche. Ele não podia dizer sim. Sentia dificuldade. Todo o seu ser era não.

Buda é um falador de não. Ele disse: Não há *Brahma*, não há alma, não há mundo. Não se pode encontrar maior falador de não. Ele não deixou sobrar nada. Ele disse: Não há nada. Estava sempre dizendo não, sempre eliminando. É muito difícil encontrar um sim que venha dele — é impossível. Mas que belo ser evoluiu desse não! Esse não deve ter sido total.

Existem os faladores de sim, os devotos — os *bhaktas*: Meera, Chaitanya ou Jesus! Ou Maomé! — estes são os que dizem sim. E existem, é claro, dois tipos de religião: a que se desenvolveu em torno de um falador de não e a que se desenvolveu em torno de um falador de sim. E você também pertence a uma delas. Se é um falador de não, então o budismo será um grande auxílio para você. Se é um falador de sim, o budismo não ajudará absolutamente em nada, será destrutivo. O cristianismo poderá ajudar, assim como o hinduísmo.

As duas coisas são necessárias. Quando digo isto, estou dizendo que sempre existe uma proporção, exatamente como homens e mulheres — Quase sempre é o mesmo número. O mundo está dividido — metade homens e metade mulheres. E é um milagre como a natureza mantém essa proporção. A mesma proporção é mantida em todas as outras dimensões: no mundo, metade diz sim e metade diz não, metade segue o caminho do conhecimento e metade segue o caminho do amor. O amor diz sim. O conhecimento diz não. E esta proporção é sempre mantida pela natureza.

Portanto, se você teve dois filhos, um é alguém que diz sim e o outro é um alguém que diz não, esta é a proporção! É bom que você tenha tido ambos em sua casa. Pode criar uma harmonia a partir disso. Não tente destruir aquele que diz não, não tente empurrar e ajudar apenas o que diz sim. — Crie uma harmonia entre os dois. Essas duas crianças são representativas do mundo inteiro, o yin e yang, os opostos, os pólos. Crie uma harmonia entre elas e sua família será realmente uma família, uma união, uma unidade harmoniosa.

Mas não interprete, não condene, não seja moralista. Seja apenas um pai, uma mãe. — Ame e aceite seus filhos, ajude-os para que sejam eles mesmos. Esta é toda a base do amor: auxiliar para que o outro seja ele mesmo. Se você quiser puxar, manipular, não estará amando, estará sendo destrutivo.

## Amor mais meditação: este é o meu lema.

**Bhagwan,**

**No ocidente, as maiorias de nossos métodos de crescimento tendem a ser orientados por grupos — como os grupos de encontro e os psicodramas.**

**No oriente, embora existam Ashrams onde os seguidores vivem juntos, a ênfase parece ser sobre o indivíduo.**

**Pode nos falar sobre estas duas abordagens?**

**E**xistem dois tipos de métodos de crescimento. Você pode buscar sozinho o seu crescimento espiritual, ou pode trabalhar através de um grupo, por meio de uma escola.

Ambos os tipos sempre existiram, mesmo no Oriente. Os métodos sufis são grupais. Também na Índia, existem os métodos de grupo mas nunca foram tão prevaletentes quanto é no Islamismo ou no Sufismo.

Mas é um fenômeno novo no que diz respeito à quantidade — o Ocidente é totalmente orientado por grupos. Nunca existiram tantos métodos de grupo sendo usados, e tantas pessoas trabalhando através deles, como existem agora no Ocidente.

Assim, de certa maneira podemos dizer que o Oriente ficou com os esforços individuais, e o Ocidente está crescendo atualmente em direção aos métodos grupais. Por que isso acontece? Qual a diferença? E por que esta diferença?

Os métodos de grupo só podem existir se o seu ego chegou a um ponto onde já se tornou difícil suportar seu peso. E quando o ego está tão pesado, que estar só significa estar angustiado, então os métodos de grupo tornam-se importantes — porque num grupo você pode diluir seu ego.

Se o ego não está muito desenvolvido, os métodos individuais podem ajudá-lo. Você pode ir para uma montanha e ficar isolado, ou mesmo viver em um ashram com um mestre e trabalhar sozinho — você faz a sua meditação e os outros fazem a deles. Nunca trabalham juntos.

Na Índia, os Hindus nunca oraram em grupos. A oração em grupo entrou na Índia através dos mulçumanos. Mulçumanos oram em grupo; os hindus sempre oraram sozinhos, mesmo quando iam a um templo, iam sós. É uma relação um-a-um — você e seu Deus.

Isto é possível se o ego não foi auxiliado a crescer até o ponto em que se tornou uma carga. E na Índia, ele nunca foi auxiliado a crescer — desde o início nós fomos contra o ego. Portanto, você cresce no ego, mas o ego permanece vago, embaçado — e você permanece submisso, não é realmente um egoísta. Não há em você um pico penetrante, há um terreno plano. Você é egoísta, porque todo mundo é, mas não um egoísta absoluto. Pensa sempre que isto é errado e está constantemente se empurrando para baixo. Em certas situações você pode ser provocado e seu ego tornar-se um pico — mas normalmente não é um pico, é um terreno plano.

Na Índia, o ego é confundido com a raiva — se alguém o provoca, você fica com raiva, se ninguém o provoca, você não sente raiva. No Ocidente, o ego tornou-se uma substância permanente. Não é como a raiva, mas como a respiração. Não há necessidade de provocá-lo — ele está presente, é um fenômeno constante.

Devido a esse ego, o grupo torna-se uma coisa muito útil. No grupo, trabalhando com o grupo, fundindo-se no grupo, você pode colocar o seu ego de lado mais facilmente.

É por isso que certos fenômenos, não só religiosos como também políticos, só podem existir no Ocidente: o fascismo, por exemplo, só pôde existir, só tornou-se possível, na Alemanha, que é o país mais egoísta do Ocidente, a mais ocidental. Não há nada semelhante ao ego alemão em todo o mundo. É por isso que Hitler foi possível — porque todos eram egoístas demais, todos precisavam diluir-se.

Nos agrupamentos nazistas, com milhares de pessoas marchando — você podia perder a si mesmo, não tinha necessidade de ser você mesmo. Transformava-se na marcha, na banda de música, no som, no Hitler hipnotizante, na personalidade carismática. Todos olhavam para Hitler, toda a massa era como um oceano — e você apenas uma onda. Era possível sentir-se bem, sentir-se fresco, sentir-se jovem e feliz. Esquecer as misérias, a angústia, a solidão, a alienação. Você não estava só. Quando uma massa tão grande está com você e você está com ela, as suas preocupações individuais desaparecem. De repente, há uma abertura — e você se sente leve, como se estivesse voando.

Hitler tornou-se bem sucedido não porque tivesse uma filosofia importante — sua filosofia era absurda, era infantil e imatura — não porque conseguisse convencer o povo alemão de que ele estava certo... não foi este o ponto. É muito difícil convencer os alemães, é uma das coisas mais difíceis que há — porque eles são lógicos, possuem lógica em suas mentes, racionalizam de todas as maneiras. É difícil convencê-los — e serem convencido por Hitler teria sido impossível. Não, ele nunca tentou convencê-los. Criou um fenômeno hipnótico. Isto os convenceu.

A questão não era o que Hitler dizia. A questão era o que os alemães estavam sentindo quando estavam em grupo, em massa. Era uma experiência de descarga tão forte, que valia a pena seguir aquele homem. Tudo o que ele dizia — certo ou errado, lógico, ilógico ou insensato — era bom a seguir. Os alemães estavam cansados deles mesmos, queriam ser absorvidos pela massa. É por isso que o nazismo, o fascismo e todos os tipos de loucuras grupais foram possíveis no Ocidente.

No Oriente, só o Japão pôde seguir, porque o Japão é a contraparte da Alemanha no Oriente. É o país mais ocidental no Oriente. Lá aconteceu o mesmo fenômeno e por isso os japoneses aliaram-se à loucura hitlerista.

## Estou criando uma síntese.

**A** mesma coisa está acontecendo em outros campos — na psicologia e na religião. A meditação em grupo está acontecendo e só ela acontecerá por um longo período de tempo. Quando cem pessoas estão juntas — é surpreendente, particularmente para aqueles que não conhecem a mente ocidental, estes ficarão ainda mais surpresos — só por estarem de mãos dadas, cem pessoas sentadas, dando-se as mãos, em contato umas com as outras, sentem-se jubilosas.

Você não sente júbilo; nenhum indiano sente júbilo. Ele vai dizer: Que bobagem! Uma centena de pessoas de mãos dadas e sentadas em círculo — como pode ser um júbilo? Como se pode alcançar o êxtase? Pode-se, no máximo, sentir a transpiração da mão do outro.

Mas no Ocidente, centenas de pessoas de mãos dadas são sentem-se jubilosas, extasiadas. Por quê? É que por causa do ego tornou-se difícil até mesmo dar as. Mesmo o marido e mulher não estão juntos. A família unida desapareceu — era um fenômeno de grupo. A sociedade desapareceu. Atualmente, no Ocidente, não existe realmente uma sociedade. Você se move sozinho.

Estive lendo umas estatísticas: Na América, cada homem permanece numa cidade apenas por três anos e se muda. Na Índia, uma pessoa vive numa aldeia e lá permanece, não só ela, como toda a sua família permanece lá por milhares de anos. Está profundamente enraizada naquele solo. Relaciona-se com todos — conhece todos e todos a conhecem. Não é uma estranha, não está só. Vive como parte da vila e sempre fez parte dela. Nasceu lá, e lá morrerá.

Na América, as pessoas mudam-se em média a cada três anos. É a civilização mais nômade que já existiu: são errantes — não tem casa, família, cidade ou aldeia, não tem realmente um lar. Como se pode criar raízes em três anos? Onde quer que você vá, será um estranho. Estará rodeado pela massa, mas não estará relacionado com ela. — E desligado, toda a carga torna-se individual.

Sentado em um grupo, em um grupo de encontro ou em um grupo de crescimento, tocando o corpo do outro, você faz parte da

comunidade. Tocando e segurando a mão do outro, apenas deitando-se ao lado do outro ou um sobre o outro, você sente uma unidade — acontece uma exaltação religiosa. Centenas de pessoas dançando, tocando umas nas outras, girando em torno das outras, é uma coisa só.

Eles se fundem. Por alguns momentos o ego é dissolvido — e essa dissolução torna-se uma prece.

Os políticos podem usar isso para fins destrutivos. A religião pode usar para um fenômeno muito criativo — isto pode tornar-se uma meditação.

No Oriente, as pessoas estão demais em comunidade. Por isso, sempre que querem ser religiosas, vão para os Himalaias. A sociedade está muito perto. Elas não estão cansadas de si mesmas, estão cansadas da sociedade. Esta é a diferença.

No Ocidente, você está cansado de si mesmo e quer alguma ponte, como ser comunicativo com a sociedade, com os outros; como criar uma ponte, como mover-se para o outro, para que possa esquecer de si mesmo. No Oriente, as pessoas estão cansadas da sociedade. Viveram com ela por tanto tempo e a sociedade está tão perto delas que não sentem liberdade nenhuma. Por isso, quando alguém quer sentir-se livre, ficar em silêncio, corre para os Himalaias.

No Ocidente, você corre para a sociedade; no Oriente, você corre da sociedade. É por isso que os métodos solitários, os métodos individuais existem no Oriente; e os métodos de grupo existem no Ocidente.

O que estou fazendo? — Meu método é uma síntese. Nos primeiros estágios da Meditação Dinâmica nós fazemos parte do grupo, no último estágio o grupo desaparece — você está sozinho. Estou fazendo isso por uma determinada razão; porque agora Oriente e Ocidente tornaram-se irrelevantes. O Oriente voltou-se para o Ocidente; e o Ocidente voltou-se para o Oriente. No final deste século, não haverá Oriente nem ocidente — o mundo será um só.

Esta divisão geográfica durou muito tempo, e não pode existir mais.

A tecnologia já a dissolveu, ela já está fora de existência, mas por causa da habitual atitude da mente, ela continua. Continua apenas como um fenômeno mental, na realidade não existe mais. No final deste século,



não haverá Oriente nem ocidente — será apenas um mundo. Já está Havendo. Os que podem ver, sabem que já está acontecendo.

Uma síntese será necessária — de modo que haja tanto o individual quanto o grupal. No início, você trabalha num grupo, e no final, tornar-se totalmente você mesmo.

Inicia-se pela sociedade e alcança a si mesmo. Não fuja da comunidade — viva no mundo mas não seja dele. Relacione-se, mas fique só. Ame e medite. Medite e ame.

Seja o que for que tenha acontecido antes, não importa; também não importa o que virá depois. Medite e ame se você for um homem, ame e medite se você for uma mulher — mas não escolha. Meu lema é Amor mais meditação.

---

**Décima quinta manhã**  
24 de maio de 1974.

---

Compartilhe o seu ser.

**Bhagwan,**

**Você nos disse nesta semana que não devemos nos preocupar com os outros. Mas, quase todos nós do ocidente temos amigos e parentes com os quais gostaríamos de compartilhar o que encontramos.**

**O que devemos falar sobre o sannyas? O que devemos falar sobre você? Como podemos explicar o inexplicável?**

**E**xistem coisas que não podem ser ditas. É impossível comunicá-las verbalmente. Mas há uma maneira de comunicá-las — e essa maneira é através do ser. Seja um sannyasin — este é o único modo de dizer aos outros o que é o sannyas.

Se você for um sannyasin, todo o seu ser dirá o que não pode ser dito. Todo o seu modo de vida contará histórias que não pode ser conceituadas.

A linguagem é impotente. Ela não pode expressar o que está vivo, ela só pode expressar coisas mortas. Você poderá dizer algo sobre o sannyas, mas não será verdade. Como você pode dizer algo sobre sannyas? — Ele é um florescimento interior, é uma liberdade interior, é um êxtase interior, uma bênção.

Você pode compartilhá-lo é claro, mas a partilha será através do seu ser, através de seu próprio ser — da sua maneira de andar, de sentar, de olhar, dos seus olhos, do seu corpo — da sua própria respiração. O silêncio que o rodeia, a felicidade que é emitida de todas as suas partes, as suas vibrações, elas dirão e só elas podem dizer.

Seja um sannyasin — este é o único caminho. E o que é o sannyas? É uma libertação da mente. Será difícil compreender o sannyas se você não entender o que é a mente.

A mente é o passado acumulado. Tudo o que você experimentou, tudo o que conheceu, tudo o que você vivenciou é acumulado na memória.

Este passado acumulado é a mente. Portanto, a mente é sempre morta, porque pertence ao passado. A mente é sempre morta — nunca é viva. Sempre que uma coisa morre, torna-se parte da mente. É exatamente como a poeira que cobre um viajante. Você está aqui e agora, e a mente está sempre no passado. A mente é a sua sombra que o segue.

Ser sannyasin é ficar livre do passado, vivendo o momento — sem carregar o passado na cabeça, não sendo sobrecarregado por ele. A cada momento, o passado morre, como se nunca tivesse existido, como se nunca tivesse nascido. Cada momento está vivo e novo. Ponha o passado de lado. Não acumule o pó.

Se você acumular a poeira, ficará mais embotado a cada dia, sua consciência será encoberta, os espelhos do seu ser não será capaz de refletir nada. Quanto mais você viver com o passado, mais o espelho estará encoberto. Ele não refletirá. Você tornar-se-á cada vez menos sensível. Isto é o que tem acontecido.

Sannyas significa rompimento — Olhando para o passado, compreendendo que ele é inútil porque está morto, compreendendo que

ele é inútil, um fardo, você o põe de lado. Então está aqui e agora. — neste exato momento do presente, na plenitude do presente.

Sannyas significa viver fora do tempo: sem ser influenciado pelo passado, nem levado pelo futuro. Nenhum peso do passado e nenhum desejo no futuro. Sannyas é uma não-meta, um não-propósito de vida.

Se alguém disser que o sannyas é um meio para alcançar Deus, estará falando bobagem. Sannyas é um não-almejar coisa alguma. Sannyas é viver de tal forma como se você tivesse chegado a tudo. Não é um desejo — porque não faz diferença se você deseja riqueza, poder, prestígio ou se deseja Deus, *Moksha*. Não faz diferença alguma! O mecanismo básico permanece o mesmo: você deseja.

E sempre que você deseja, o futuro entra. Sempre que o futuro existe, não é nada mais do que uma projeção do passado. Se o futuro existe, não é nada além do que o conhecido modificado. Ele nunca é o desconhecido. Como você pode desejar o desconhecido? Aquilo que você não conhece — como pode você desejá-lo?

Deus não pode ser desejado. Se você desejar, então será alguma outra coisa — porque Deus é o desconhecido, como você pode desejá-lo? Deus é o inexperimentado, como você pode desejá-lo?

Você pode desejar o sexo, pode desejar o poder, pode desejar o ego — porque os conheceu. Você os conheceu durante muitas e muitas vidas. Mas como você pode desejar Deus? Como pode desejar o amor? Como pode desejar êxtase? Você nunca os conheceu, desejá-los é impossível.

Eis porque todas as escrituras e todos os Budas dizem: Deus acontece quando você não está desejando. *Moksha* vem a você, você nunca vai a *moksha*. Você não pode ir, porque não conhece. O Nirvana acontece para você quando não está desejoso.

## O agora está além do tempo.

**S**annyas é um não-desejar, e não desejar significa viver no agora.

E lembre-se: o agora não faz parte do tempo — agora é além do tempo. O tempo só entra quando você pensa em

termos de passado, em termos de futuro. Este momento não faz parte do tempo. Este exato momento não está registrado em seu relógio, porque o relógio está sempre se movendo para o futuro. Ele está sempre se movendo para o futuro — nunca está aqui e agora. Está vindo do passado e entrando no futuro.

O relógio é um representante de sua mente — ele nunca está aqui! No momento em que você diz que está aqui, ele já se moveu. No momento que você vê onde ele está, ele já se tornou passado. Do passado para o futuro, ele está saltando. Se você olhar minuciosamente para o relógio, verá que ele não está se movendo, está saltando. O ponteiro dos minutos parece estar deslizando, porque o salto é muito lento, mas o ponteiro que marca os segundos, você pode ver que está saltando.

Ele salta do passado para o futuro. Nunca está aqui e agora. E assim é a mente.

O agora está além do tempo, é atemporal, ou você pode chamá-lo de eterno. Você nunca o abandona. Ele está sempre presente. Você nunca vai até ele e nunca sai dele — ele está presente.

E se você pode viver de tal forma que toda a sua vida seja circundada pelo agora, você será um sannyasin, você não terá desejos — não desejará nem mesmo Deus.

No momento em que você deseja Deus, faz de Deus uma mercadoria. Então começa a ser explorado pelos sacerdotes, porque eles vendem essa mercadoria. Então você é explorado pelos templos, igrejas e mesquitas — porque essas são as lojas onde essa mercadoria é vendida. Um sannyasin não tem nada a ver com templos e igrejas, porque Deus não é uma mercadoria.

O que acontece quando você não está desejando? Isto não significa que você mata a si mesmo, que reprime a si mesmo; não significa que mata os seus desejos — este ponto tem de ser profundamente entendido, porque isto tem acontecido.

As escrituras, aqueles que a conheceram, dizem: Quando você não tem desejos, o divino acontece para você. Então, a mente salta, assim como um gato salta sobre um rato, e agarra-se ao não-desejar. Ela diz: Está bem, se Deus só pode ser alcançado pelo não-desejar, então desejarei não desejar. Agora, este tornou-se o desejo — e novamente você falhou.

Assim, os sannyasins ficam tentando não desejar, e esse estado sem desejos torna-se o alvo a ser alcançado no futuro.

Portanto, o que você pode fazer? Você pode matar o desejo e pensar que não tem mais desejos. O não-desejar não é a morte do desejo — porque quando o desejo morre, você também morre. Isto parecerá muito sutil e difícil: se não houver nenhum desejo, se você matar todos os desejos, também estará morto. Este não é o caminho para o não-desejar acontecer. Ele não é a morte do desejo — é uma transformação do desejo.

Desejar movendo-se no futuro é um modo de desejar, desejar permanecendo aqui e agora e aproveitando do presente é outro modo de desejar. O segundo modo é o não-desejar, porque ele não está se movendo no futuro.

Um homem que está sem desejos não está morto. Ele está mais vivo do que você, porque seu desejo está concentrado no aqui e agora. Se ele está comendo a sua comida, você não pode nem imaginar como ele está feliz — ao comer sua comida comum, seu pão com manteiga, ele não está apenas jogando as coisas para dentro, porque todo o seu ser está aqui:

Um homem que vive no futuro nunca come bem. Está apenas jogando a comida para dentro. Não está interessado na comida, porque sua mente está preocupada com o futuro. Ele vive na ambição. Não pode comer bem; pode pensar no que comerá amanhã, mas não consegue comer agora. Ele pode imaginar quais tipos de comida e onde comerá amanhã, mas hoje está vago e vazio. E todos os amanhãs, infelizmente, tornam-se hoje — ele perderá toda sua vida.

Enquanto está fazendo amor, ele não sente nada, fica frustrado — fica pensando em outras mulheres que irá conquistar no futuro. E a mesma coisa volta a acontecer com todas as mulheres, com todos os homens — porque o encontro é aqui e agora e a mente sempre está se movendo.

Ele não é capaz de fazer amor. Não é capaz de comer bem. Não é capaz de desfrutar da felicidade que a natureza dá, da felicidade que jorra continuamente ao seu redor. Como no outono, quando as folhas estão caindo de uma árvore em silêncio — a felicidade está jorrando a

cada momento em silêncio, sem fazer qualquer ruído ao seu redor. Tudo é belo, tudo é uma bênção — mas você não está presente.

Assim, um sannyasin não significa um homem que matou seus desejos. Um sannyasin é um homem que trouxe todas as suas forças de desejo para o aqui e agora. Ele vive totalmente. Seja lá o que for que esteja fazendo, fica totalmente absorvido nisso. Nada é deixado para trás. Ele não está dividido. Enquanto come, torna-se o comer. Enquanto faz amor, torna-se o amor. Enquanto caminha, torna-se o caminhar.

Buda disse — e muito poucos entendem o que ele quer dizer — quando você caminha, apenas o caminhar existe, não o caminhante. Quando você fala, só o falar existe, não o locutor. Quando você ouve, só ouvir existe, não o ouvinte. Quando você observa, apenas a observação existe, não o observador.

Assim é um sannyasin. A atividade torna-se tão total que o ator se perde na atividade. Não há ninguém por trás — nenhuma divisão. Você se move de um modo completo, flui na atividade, seja ela qual for. Então o prazer se torna perfeito.

## Vida em abundância.

**A**ssim, um sannyasin, um homem sem desejos, não é um homem com desejos mortos. É um homem cuja força de desejos — todas as energias que pode desejar — gira em torno do momento presente. Seus desejos estão concentrados no aqui e agora. Ele tornou-se um mundo. Tudo caminha de volta para ele. Nada vai para o futuro — porque o futuro é falso, não é existencial.

Se os seus desejos moverem-se no futuro, será como um rio se movendo para um deserto: ele se perderá, nunca chegará ao mar, nunca desfrutará do êxtase de um rio ao encontrar-se com o mar. Quando um rio alcança o oceano, o orgasmo é sentido no rio inteiro, a dança, o êxtase, a bênção. Isso não acontece se um rio vai para o deserto e se perde. Ele evapora, morre. Não chega a nenhuma comunhão com a existência.

Quando o desejo vai para o futuro, o rio do desejo foi para o deserto. O futuro não está em lugar nenhum, está sempre no presente. O futuro é uma criação da mente — é falso, é um sonho. Um sannyasin vive na realidade, não no sonho. Ele desfruta da realidade.

Lembre-se disto: eu insisto sempre e sempre que um sannyasin não é um homem que está contra a vida, na verdade, ele é um homem que está a favor da vida. Um sannyasin não é um homem que matou todo o seu ser e seus desejos e tornou-se uma coisa morta. Ele é vida em abundância, é uma grande fonte de vida.

O que acontece? — Porque isto é sutil — o que acontece? Qual é a diferença?

Você sente fome. Começa a pensar em comida. Nunca sente a fome em sua totalidade, se sentisse, ela teria sua própria beleza. E uma pessoa que não pode sentir fome está quase morta. Quando a fome existe, a fome está no presente, mas você começa a pensar em comida. Quando a comida existe, você começa a pensar em alguma outra comida que irá comprar no dia seguinte.

Um sannyasin, um homem que vive no presente, desfruta da fome quando a fome existe. Ele fica totalmente faminto, torna-se a fome. Cada célula do seu corpo espera pela comida — como se não chovesse a muitos dias e a terra estivesse esperando pelas chuvas. Cada poro reza, espera, convida; o corpo todo espera, convida, desfruta da fome. Então a comida existe. Ele desfruta da comida e a satisfação vem de todo o seu ser, espalha-se por todo o seu corpo, mente e alma. Ele desfruta deste contentamento.

Perguntaram a um mestre zen: O que é meditação? Ele disse: Quando eu estou com fome, estou com fome, e quando estou com sono, durmo.

O questionador não pôde compreender, ele disse: Eu estou perguntando sobre a meditação, não sobre você.

O mestre disse: Isto é tudo o que sabemos a respeito da meditação — quando eu sinto fome, sinto fome. Quando eu como, eu como, e quando sinto sono, eu vou dormir.

Nenhuma luta com a vida, nenhuma resistência — rendendo-se, flutuando, tornando-se uma nuvem branca. Um sannyasin é uma nuvem



branca se movendo no céu azul — curtindo cada momento que Deus dá, desfrutando de cada graça que vem a ele.

Se isso for possível... e isto é possível. Isto aconteceu com muitos, pode acontecer a você. Apenas um profundo entendimento é necessário. Então nenhum *karma* é acumulado. Então você não acumula nada. Você come, ama, faz tudo — mas faz isto tão totalmente que não há nenhum ego para acumular qualquer memória disto. Você nunca diz: Eu fiz isto. Como você pode dizer? Quando o fazer existia, você não estava lá, assim, quem pode dizer: eu fiz isto?

Se você perguntar a um sannyasin: Você estava com fome e recebeu a sua comida? Ele dirá: "Eu não estava com fome e não recebi a comida — a fome existia e a fome recebeu a comida; não houve nenhuma ação de minha parte, eu não estava lá". Se você não existe, se o ator não existe, quem acumulará o karma?

É isto o que Krishna diz a Arjuna: seja o que for que aconteça a você, deixe acontecer. Seja o que for que a situação exija, faça-o, e esqueça quem está fazendo. Não pense: eu estou fazendo, ou melhor, pense: Deus está fazendo através de mim. Esta é uma outra maneira de dizer a mesma coisa: Deus está fazendo através de mim. Eu sou apenas um *nimitta* — um instrumento, uma passagem, um veículo. Eu sou apenas uma flauta, oca por dentro, sem nada de substancial. Nela, Deus vai tocando e trazendo novos acordes, criando novas canções — eu sou apenas uma passagem, uma flauta de bambu.

Um sannyasin é uma flauta de bambu, uma passagem. Ele não existe. Muito acontece à sua volta, muito acontece através dele — mas ele não existe.

Torne-se um sannyasin, porque isto ... isto é lindo!

## O amor sempre compartilha.

**D**eve vir à sua mente que você tem que compartilhar. Você está aqui. Sua mãe está esperando-o em casa — sua esposa, seu marido, seus filhos. E o amor sempre compartilha.

Você voltará. E não terá qualquer coisa visível com você — nem um presente para sua mãe ou sua esposa, nem enfeites ou qualquer coisa deste país — você terá algo invisível.

É impossível falar sobre essa invisibilidade, porque você não levará consigo uma filosofia. Eu não estou lhe dando uma filosofia, não estou lhe dando nenhuma ideologia — eu estou lhe dando um tipo diferente de vida, um modo de ser.

Será difícil dizer a eles. Se eles perguntarem diretamente, será difícil. E não tente dizer nada, porque isto não ajudará em nada — e poderá até criar mais problemas. O melhor é estar aberto para eles a fim de que possam participar. O melhor é estar vulnerável. Esteja com elas — ria, goze, coma, medite, e diga a eles para compartilharem do seu ser, da nova forma de vida que lhe aconteceu. Sua presença, o seu ser que está rindo, desfrutando, tornar-se-á contagioso — ele torna-se! E eles sentirão.

Isto levará tempo. Não será fácil — será difícil. Portanto, antes de ir, esteja preparado. Esteja pronto para compartilhar.

E não será sempre que eles entenderão. No início, haverá incompreensão, a possibilidade maior é de mal-entendido — porque eles nunca pensaram sobre isto. É algo desconhecido. E sempre que o desconhecido bate à porta, a mente sente-se amedrontada por não poder categorizar, por não poder solucionar. Ela fica arruinada, chocada. A mente sempre se sente feliz quando pode categorizar uma coisa, coloca a coisa em um canto e diz: Isto é assim — rotula e... acabou. A mente está sempre feliz quando pode analisar uma coisa — ela divide, corta, olha por dentro, e está acabado.

Mas o sannyas não pode ser categorizado. Ele não é uma categoria. É uma qualidade de ser completamente diferente; não existe nenhuma categoria para ele. Ele não pode ser analisado. Não pode ser dividido em fragmentos — ele não é um mecanismo. É impossível fragmentá-lo, dividi-lo em partes e juntar as partes novamente. Não — ele é uma unidade orgânica. Se você o analisar, ele não existirá mais, você não poderá juntá-lo novamente. É impossível.

O sannyas é uma força viva — orgânica, assim como uma flor. Analise a flor, tire cada pétala, rasgue-a, olhe-a por dentro, fique satisfeito por ter examinado, então tente reunir as partes novamente — a essa altura, a flor já estará acabada. As pétalas estarão mortas e não

poderão ser reunidas nunca mais da mesma maneira, porque a flor era uma unidade orgânica, não um mecanismo.

O sannyas é um florescimento, um florescimento da consciência humana. É como as flores quando surgem nas árvores, mostrando que a árvore chegou a um florescimento. Mais cedo ou mais tarde, as frutas virão. As flores são apenas indicações de que a árvore está pronta para dar frutos. A árvore está pronta, está completa. As flores são o êxtase da árvore antes dela começar a dar frutos, porque os frutos significam a realização. A árvore chegou ao seu pico, ao seu clímax, ela alcançou o auge de sua existência. Ela está feliz, ela desfruta disso — ela não foi feita para ser fútil. Agora, os frutos estão vindo — A árvore está em êxtase e dá flores.

O sannyas é um florescimento, e *Moksha* é o fruto. Sannyas significa que agora seu ser interior, a sua árvore interna, chegou a um ponto onde o salto, a explosão, está para acontecer. Antes do acontecimento, o ser inteiro desfruta disso. Você está completo. Não houve um desperdício. Você esperou durante muitas e muitas vidas — e agora chegou. Uma espera tão longa, tanta paciência... mas ela foi significativa. Agora você alcançou, você chegou. O seu ser inteiro floresce.

Os Hindus escolheram o vermelho, o laranja, o ocre, como a cor do sannyas por causa das flores. Verde e vermelho são as cores básicas da natureza. O verde é a árvore, o vermelho é a flor.

Seu ser chegou a um florescimento. Logo os frutos virão. Logo as sementes estarão chegando. Leve esse florescimento consigo.

E é bom que você pense em como reparti-lo com as pessoas amadas, com os amigos, com a esposa ou marido, com a família: como compartilhar isso? É bonito, é bom, é virtuoso pensar em compartilhar algo tão belo. Mas você só poderá compartilhar se isto tiver acontecido com você. Se tiver apenas me ouvido e pensado sobre as flores, sem florescer, não poderá compartilhar.

Se você levar apenas as minhas palavras, elas não serão flores, porque as palavras não podem ser reais — elas serão flores de plástico. Você poderá levá-las, poderá dá-las a seus amigos, mas não haverá nenhuma fragrância nelas. E elas não dirão o que eu tenho dito a você.

Elas não transmitirão nada. Não haverá nenhuma comunicação através delas. Assim, se você deseja compartilhar o sannyas, a meditação — seja meditativo, torne-se cada vez mais profundamente envolvido neste modo de vida. Sem desejar, e mesmo assim desfrutando de cada desejo que surja. Quando o desejo acontecer, desfrute-o como um presente, como uma graça — mas nunca pergunte por ele, nunca peça por ele, nunca o planeje, nunca pense a respeito. Viva totalmente — e não através do pensamento.

O pensamento é a força corruptora. Ela corrompe tudo e corrompe totalmente, porque o pensamento é esperto — é a esperteza personificada. Quanto mais você pensar, mais esperto ficará. E achará que isto é uma habilidade, achará que isto é inteligência — e não é... porque quando a inteligência existe, o pensamento não é necessário. A inteligência já é o suficiente, o pensamento não é necessário. Você precisa pensar quando a inteligência não existe. Quando a inteligência existe, você responde no próprio momento. Não precisa pensar sobre o que fará no momento seguinte, porque quando ele vier, a inteligência estará presente e responderá.

Um espelho nunca pensa assim: quando um homem à minha frente, o que irei fazer? Ele não tem nenhuma necessidade de pensar! O espelho existe — ele refletirá. Quando a inteligência existe, você nunca pensa sobre o problema seguinte, porque quando o problema surge, você tem inteligência — a inteligência responderá. Você pode contar com ela.

Por não ter inteligência, é que pensamos sobre as coisas. O Pensamento é um substituto. Quanto maior a inteligência, menos pensamentos existem. Quando a inteligência é perfeita, não há nenhum pensamento. Um Buda nunca pensa — não é necessário! Seja o que for que a vida traga para diante dele, ele responde.

Você pensa, porque não pode contar com a sua inteligência; assim tem de planejar com antecipação. Quando chega o momento, você segue o modelo que preparou no passado. Que tipo de vida é essa? Você vive do passado! Eis porque comete tantos erros desnecessariamente, e tudo fica velho e morto — porque você sempre age de acordo com o passado. E a vida continua, nova a cada momento, como um rio, mudando. A mudança nunca pára, mas você parou no passado.

Você carrega um modelo. Sempre que a vida lhe dá um problema, você olha para a sua memória, para o modelo, para o planejamento — e então age de acordo com ele. E perde. A vida é sempre nova. Os modelos são sempre velhos.

A vida é exatamente como as aves voando pelo céu. Elas nunca deixam qualquer vestígio, qualquer caminho. Depois de voarem, o céu continua tão vazio quanto antes. Não é como a terra que quando as pessoas andam criam caminhos através de suas pegadas. A vida é como o céu — nele, nenhum caminho é criado.

## Um Sanyasin é como um pássaro no céu.

**U**m sannyasin é como um pássaro voando pelo céu — sem seguir nenhuma pegada, sem seguir nenhum caminho, porque não existe nenhum caminho. Ele se move a cada momento através de sua inteligência presente, não através da sua memória passada.

Olhe! Nós temos feito exatamente o contrário — temos feito de tudo um planejamento. Até mesmo um marido ao voltar do seu escritório, do seu trabalho, pensa em como deverá encontrar com sua esposa — ele planeja interiormente, fala consigo mesmo. Ele dirá isto, tocará a sua mão desta maneira, lhe dará um longo beijo — Ou alguma coisa assim. Que necessidade existe de planejar isto? Você não tem nenhum amor?

Se não tem amor, então o planejamento é necessário, porque você não pode confiar em si mesmo, é possível que esqueça completamente dela. Se não planejar antecipadamente, poderá chegar em casa e se esquecer completamente de que sua esposa esteve esperando o dia inteiro — preparando sua comida, lavando suas roupas, envolvida apenas com você, com o seu amor. Ela ficou esperando, esperando e esperando e se impacientando. Agora você chegou e nem mesmo olha

para ela. Você se senta em sua cadeira e começa a ler seu jornal, ou liga seu rádio ou TV, como se ela não existe.

Você está com medo — você não pode fazer isso. Então, você planeja. Faz disso um ponto a ser lembrado. Você tem de se lembrar de como se comportar com sua esposa, com sua amada. Que tipo de amor é este que não pode responder sem planejamento? Se o amor existe, não há nenhum pensamento a seu respeito. O mesmo é verdade sobre a inteligência. Se a inteligência existe, não há nenhum pensamento sobre isso. O Pensamento é um substituto.

E o pensamento é muito inteligente e simulado. Ele pode criar a ilusão do real — esta é a sua habilidade. Você pode sorrir sem sorrir. Um sorriso vem aos seus lábios, mas está apenas nos lábios, é apenas um sorriso pintado — não está relacionado com você em absoluto. Não existe nenhuma ponte. Não está borbulhando a partir do centro do seu ser. Não está vindo de você; você apenas o colocou — é uma máscara. O pensamento pode fazer isto, e então, pouco a pouco, você vai se tornando cada vez mais falso. Simular significa criar uma pseudo vida em torno de si.

Um sannyasin é verdadeiro. Se ele sorri, seu sorriso vem de dentro do seu ser. Se ele está com raiva, a raiva vem de dentro do seu ser. Se ele ama, ama com todo o seu ser. Ele não é pseudo, não é falso. Ele é verdadeiro e autêntico. Você pode confiar nele. Se ele ama, ama. Se ele é amigo, é um amigo. Se ele não for, você pode contar com isso — ele não é. Mas não o engana.

Isto é o que significa ser um homem realmente virtuoso — autêntico, confiável. Haja o que houver, ele existe de verdade. Não usa máscaras, não usa expressões falsas. Vive com realidade. E lembre-se: você só pode chegar à verdade se for verdadeiro. Se for falso, nunca poderá chegar ao real. Se você for irreal, então o mundo que você vê será irreal, porque o irreal só pode conectar-se com o irreal. Você é irreal. Eis porque seu mundo é ilusório — *maya*. Quando você é real, o mundo desaparece: torna-se divino, verdadeiro.

A palavra *maya* é bonita. Ela significa aquilo que pode ser medido. *Maya* significa aquilo que pode ser medido. A mente é um fenômeno de medição. Mente vai medindo as coisas, mapeando,

analisando. A mente tenta medir tudo. É por isso que os hindus chamam o mundo de *maya* — aquilo que pode ser medido pela mente.

O que é a sua ciência? — Nada além de medição. Os hindus chamam de ciência *avidya*. Eles não a chamam de conhecimento, mas de anticonhecimento, ela não é um conhecimento verdadeiro — porque o que é real não pode ser medido. É imensurável, é infinito. Não tem começo nem fim. O real é imensurável, o irreal é mensurável. E com a medida vem a lógica, a razão; com o imensurável, a lógica cai, a razão cai.

A mente é muito astuta e esperta — ela criou o mundo da ilusão.

Então, o que é um sannyasin? Ele não é uma mente — pelo contrário, ele é a inocência. É inocente como uma criança — como um recém-nascido — sem nenhum passado, sem nenhuma idéia do futuro. Um sannyasin é um recém-nascido em todos os momentos. Este é o processo: a cada momento ele morre para o passado. Seja lá o que for que tenha passado, ele joga fora, renuncia, porque é uma coisa morta, poeira, não há necessidade de carregar. Ele purifica a si mesmo, seu espelho torna-se novamente virgem. Ele vai limpando o espelho. Esta limpeza é o que eu chamo de meditação.

As pessoas me perguntam: Quando seremos capazes de abandonar a meditação? Você não será capaz de abandoná-la. Ele cairá no dia em que você não existir mais, mas você não será capaz de abandoná-la, porque precisa ser limpadado. Você se suja continuamente; a cada momento a sujeira se acumula — é a natureza da vida. A cada momento você precisa de um banho, de uma limpeza. Quando você não existe mais, então não há problema, porque não há ninguém que possa ficar sujo. Mas você existe — por isso a meditação tem de continuar. Ela é um esforço para você permanecer inocente.

Olhe! Se você é inocente, não há nada de que necessite. Se você puder olhar com os olhos inocentes para o céu, você se tornará o céu. Com a mente, você começar a medir — você diz: Isto é bonito ou não é bonito, ou o céu hoje está nublado, ou o céu amanhã estará melhor, ou o céu de ontem foi mais bonito — você começar a medir.

Mas quando você é inocente, quando não é uma mente, mas apenas um ser olhando para o céu, não há nada para dizer, nada para pensar. O céu existe, e você é igual ao céu — o interior e o exterior se

encontram. Ambos os espaços tornam-se um e não existe nenhum limite. O observador torna-se o observado. É por isso que Krishnamurti continua dizendo: o observador torna-se o observado. O exterior e o interior perdem seus limites, tornam-se um.

Se você olhar para uma árvore com inocência, sem nenhuma medição da mente, o que acontecerá? Não existirão dois, a árvore e você. De alguma forma, a árvore entrará em você e você entrará na árvore. Só então, você virá a saber, o que é uma árvore. Você olha para as estrelas, olha para um rio, olha para uma linha de aves voando no céu azul... Os limites vão se fundindo. Toda diferenciação é perdida, toda distinção é perdida. A Unidade surge.

Ela não é uma unidade imposta pelo pensamento, não é uma unidade filosófica. É uma unidade totalmente diferente. Você não pensa que ela é uma — de repente, você sabe que é uma. Você não diz por dentro: Ela é Uma porque os Upanishads disseram assim, porque os Vedas disseram assim. Ela é uma.

Se os Vedas e os Upanishads estão em sua mente, você não é inocente — você é esperto. A medição é contínua. Você está medindo, usando a mente e o pensamento, comparando. Você é astuto e esperto, não é inteligente, E por mais brilhante que uma mente seja, ela é medíocre. A inteligência é necessária.

Uma criança nasce — ela é inteligente, mas não é esperta. Ela olha para o mundo com olhos claros, sua percepção é absolutamente clara, sem nuvens.

Quando eu digo que a inocência é sannyas, eu quero dizer que a percepção deve ser clara — sem nenhum pensamento para tornar-se obstáculo. Você deve olhar. Deve tornar-se o olhar. Deve observar, mas sem ter nenhum observador por trás, manipulando.

Esta inocência é possível. E só esta inocência transcende o tempo e o espaço. Apenas essa inocência chega ao supremo, à *moksha* — à liberdade absoluta.

Torne-se um sannyasin — um ser inocente, recém-nascido, limpando-se, movendo-se a cada momento no desconhecido. Então, será capaz de compartilhar.



# Inocente você se torna Deus.

**E**u estou sempre dizendo: Todo o processo de formação humana, de cultura, de condicionamento, é exatamente o oposto: ele o ensina a ser esperto e sagaz. Ele ensina a mente, nunca ensina a inocência. Ele ensina a automatização. Esta palavra tem de ser lembrada, todo processo torna-o cada vez mais automático, porque quanto mais automático você for, mais eficiente será.

Você aprende a dirigir: no início é difícil. A dificuldade não está em dirigir, não está no carro ou em qualquer outra coisa — a dificuldade está em você, porque você tem de estar alerta. No começo você tem de estar alerta, o perigo existe. Você tem de estar continuamente consciente do que está fazendo. Tem que prestar atenção ao tráfego, às pessoas que passam, ao mecanismo, às marchas, à direção — a tudo. Você tem que prestar atenção a tantas coisas que sua mente não pode continuar com sua rotina interna tagarelando. Ela tem de estar alerta. Isso cria o problema.

Mais tarde, depois de alguns dias, você se torna automático. Então as mãos vão trabalhando, as pernas vão trabalhando — o carro e você tornam-se um mecanismo só. E a sua mente pode continuar com a sua tagarelice interna, não há problema — sua mente não é necessária.

Isto é o que significa ser automático. Agora, seu corpo é um mecanismo; ele funciona. Você será necessário apenas em certos casos raros. Se estiver para acontecer um acidente, de repente você será necessário. Então seu processo de pensamento terá de parar. De repente, haverá um choque, todo o mecanismo do seu corpo estremecerá e você terá de estar presente. Você terá de estar alerta. Mas estes momentos são raros. Do contrário, você pode continuar: pode fumar, cantar, pode até conversar com alguém, ouvir rádio, ou continuar sua fala, seu diálogo interno — não há necessidade de estar presente.

Você tornou-se um autômato. E com isso ficou mais eficiente. Quando você precisa ficar continuamente consciente, não pode ser muito eficiente, não pode ir muito longe, porque não sabe como ficar consciente. Devido a este fator, por não estarem conscientes, é que as

peças vivem vidas inconscientes. A sociedade aprendeu um truque: tornar todo mundo cada vez mais automático. Toda a escolaridade consiste em fazer de você um autômato. Matemática, linguagem — tudo se torna automático. Você pode fazer isso sem se preocupar com nada. Tornou-se mecânico

Quando eu digo: torne-se se inocente, isto significa: desautomatize-se. Quer dizer: seja lá o que for que faça, faça plenamente consciente. Se você estiver dirigindo um carro, então apenas dirija — torne-se a direção, não faça mais nada, não continue com a fala interna. Torne-se profundamente envolvido e alerta de modo que não haja nenhum motorista — apenas uma direção, plenamente consciente.

Será difícil — eis porque as sociedades não se preocuparam com isso. Apenas os indivíduos podem passar por um caminho tão árduo. Faça tudo conscientemente, aos poucos, a automatização do seu corpo se dissolverá, você se tornará desautomatizado. E então inocência florescerá.

Uma criança é inocente porque nada nela é automático. Ela ainda não aprendeu nada, ainda não foi condicionada. Mais cedo ou mais tarde nós a condicionaremos. Ela aprenderá coisas, então, cada vez mais, a mente existirá e, cada vez menos, ela mesma existirá. Cada vez menos ser e mais mente existirão. Ela será apenas um autômato, um mecanismo — eficiente, bom para trabalhar, para servir a sociedade, mas morto.

Sirva, ajude a sociedade a trabalhar, mas não se torne um autômato. Você já se tornou um autômato, portanto desautomatize a si mesmo. Aos poucos, traga mais e mais consciência para si mesmo — Seja o que for que esteja fazendo, traga mais consciência para isto, porque faça você o que fizer, se estiver menos consciente tornar-se-á automático. Este é o caminho da automatização — ser cada vez menos consciente, fazer as coisas mecanicamente.

Seja cada vez mais consciente, agindo, não como um mecanismo, mas como uma presença. E a inocência florescerá em você. Esta inocência é a melhor coisa que pode acontecer a um ser humano.

Inocente, você é divino. Inocente, você torna-se um deus.